

Santo Antônio Maria Claret

AUTOBIOGRAFIA

Edição para Língua Portuguesa (Brasil)
preparada por
Brás Lorenzetti, cmf
Oswair Chiozini, cmf

Para a Família Claretiana,
herdeira do espírito e missão
de Santo Antônio Maria Claret,
no bicentenário do seu nascimento.

APRESENTAÇÃO

Abrir o coração ao relato da vida de outra pessoa é sempre uma experiência enriquecedora, com frequência apaixonante. Os fatos narrados e as diversas ressonâncias encontradas no coração desta pessoa vão se transformando em mensagens de vida para quem acolhe, com grande respeito, o testemunho que lhe é oferecido gratuitamente.

Antônio Maria Claret escreveu este memorial da sua vida porque lhe pediu alguém que se sentia inspirado por ela e desejava ardentemente que continuasse sendo inspiração para muitos. Custou-lhe aceitar e somente decidiu acatar este pedido porque quem lhe solicitava era o Padre José Xifré, Superior Geral da Congregação de Missionários que ele mesmo tinha fundado. Antônio Maria Claret nos deixou em sua Autobiografia um testemunho vivo daqueles fatos e experiências que marcaram sua vida e orientaram seu incansável trabalho apostólico.

A vida de Claret, como a de todo ser humano, teve seus momentos de luzes e de trevas. A leitura da Autobiografia os irá descobrindo. É importante, no entanto, fazer-se “companheiro de caminho” para poder recolher toda a força do testemunho que nos é oferecido.

É de capital importância descobrir as coordenadas que orientaram sua vida e aparecem, de modos diversos, nas distintas etapas da mesma. A leitura da Autobiografia nos introduzirá na experiência espiritual de um homem que se deixou questionar e guiar pela palavra de Deus, que sentiu com intensidade muito grande o chamado a dedicar sua vida ao anúncio do Evangelho e que soube implicar a muitos outros nessa obra. A Autobiografia nos permite penetrar no interior da pessoa e ver como o Espírito do Senhor vai guiando Claret para novos horizontes de santidade e compromisso apostólico.

A Autobiografia de Santo Antônio Maria Claret tem já várias edições em diversas línguas. São numerosas as pessoas de países e culturas bem diversas que puderam aproximar-se destas páginas nascidas do coração de alguém que viveu apaixonado por Cristo e pelo anúncio do Evangelho. O padre Jesus Bermejo, profundo conhecedor de santo Antônio Maria Claret e a equipe do Centro de Espiritualidade Claretiana, estabelecido em Vic (Espanha), fizeram uma revisão do texto anterior e suas notas que poderão facilitar uma compreensão mais profunda das páginas da Autobiografia. Espero que o contato com o testemunho de Claret toque sua vida e faça crescer o amor por Jesus e o desejo ardente de trabalhar pelo Reino.

Coloco esta edição nas mãos, melhor ainda, no Coração de Maria, por quem Santo Antônio Maria Claret se sentiu tão amado e acompanhado em seu crescimento na fé e em seu compromisso missionário.

Roma, 2 de abril, 2007
Josep Maria Abella, CMF.
Superior Geral dos Missionários Claretianos

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA DA AUTOBIOGRAFIA

“Anda em minha presença e sê perfeito”, disse Deus a Abraão (Gn 17,1).

A leitura da Autobiografia de Santo Antônio Maria Claret deixa-nos a impressão exata de um homem que andou na presença do Senhor. E andou muito, por sinal, percorreu os caminhos da Catalunha, Ilhas Canárias, Cuba, Espanha toda, com um único objetivo: levar a Palavra de Deus a todos que encontrava, em qualquer lugar e situação. A Autobiografia proporciona-nos a possibilidade de conhecer Claret na sua interioridade, ver o espírito que impulsionava sua vida e sua atividade incansável.

Quem foi Claret?

– Um homem simples, descomplicado, às vezes até ingênuo, que sentiu e vivenciou com força as grandes realidades da fé: Deus nosso Pai, o amor, a urgência da evangelização, a salvação necessária e, por conseguinte, a possível perdição.

– Foi um homem prático, que entendia de fábricas e técnicas de tecelagem, mas que aplicou o seu talento empresarial à construção do Reino de Deus. Se pensava em algo que poderia ser útil e eficaz, mas não existia, ele o criava. Foi um desbravador. Deu vida a uma editora de livros, cooperativa, caixa econômica, associação de artistas e intelectuais, congregações religiosas e de leigos consagrados, que hoje formam a Família Claretiana.

– Foi, finalmente, um homem de grande sensibilidade, que considerava a Virgem Maria sua “mestra”, de quem aprendia o amor e a entrega a Deus e aos irmãos e irmãs; via no Coração de Maria uma fornalha acesa, e entendia a evangelização como um inflamar o mundo todo no fogo do divino amor.

Nós claretianos do Brasil, recebemos esta herança como um grande desafio. Desde a sua chegada no país, há mais de cem anos, os missionários percorreram amplas regiões em campanhas de evangelização popular, criaram uma editora, divulgaram a Palavra de Deus através de uma conhecida edição da Bíblia, espalham a devoção ao Coração de Maria por meio de uma revista de ampla divulgação, tem estabelecido escolas e faculdades, auxiliam os bispos na pastoral diocesana e na formação do clero. Aqui no Brasil nasceu uma nova Congregação claretiana feminina, hoje espalhada pelo mundo. Tudo aparece como prosseguimento daquele afã de Claret de trabalhar pelo evangelho “usando todos os meios possíveis”.

Mas o desafio não é apenas quantitativo. A celebração do segundo centenário de Claret é uma ótima ocasião para aprofundar no seu espírito, e para isto a presente edição da Autobiografia, acompanhada das notas dos melhores conhecedores de Claret, deverá ser a referência principal.

Como todos os Fundadores, Claret teve e tem o carisma da comunicação e da partilha, que não se esgota na continuação e crescimento das obras empreendidas pelos seus filhos e filhas. A Igreja brasileira sente hoje a necessidade de contar com o empenho e participação

dos apóstolos leigos na obra missionária. Muitos já se identificam com o carisma de Claret e formaram grupos de Leigos Claretianos, mas acreditamos que muitos mais poderão se sentir estimulados a participar na obra missionária da Igreja pelo testemunho e pela intensidade espiritual de Claret.

Que a leitura da Autobiografia de Santo Antônio Maria Claret faça com que sintamos, com força, como nossa, a expressão de São Paulo que Claret assumiu como lema de sua vida: “O amor de Cristo nos impele”.

São Paulo, 22 de agosto de 2007
Jaime Sánchez Bosch, CMF.
Superior Provincial

AO LEITOR

A leitura da Autobiografia de santo Antônio Maria Claret é um mergulho no tempo; é como aceitar uma carona no trem da história e fazer uma longa viagem ao lado de alguém que vai contando sua vida passo a passo: da infância à idade adulta, das pequenas e grandes alegrias às decepções e aos sofrimentos extremos, da simplicidade a uma projeção de alcance universal no mundo católico. Em companhia de um personagem tão ilustre e de personalidade tão rica, vamos conhecendo mais profundamente seu humanismo, seu espírito empreendedor, seu anseio de homem evangelizador, sua alma inquieta e criativa na busca de soluções para os problemas espirituais e sociais de sua época. Sua ânsia de ver um mundo melhor fez com que, em alguns aspectos, se antecipasse um século em relação aos seus contemporâneos.

A obra que apresentamos ao público de língua portuguesa, especialmente do Brasil, abrange o texto autobiográfico original, introduções e estudos, notas explicativas atualizadas e anexos. Foi a melhor forma de proporcionar um conhecimento abrangente do homem multifacetado que foi Claret.

Queira o santo abençoar este esforço da Família Claretiana no Brasil. Conhecendo melhor sua vida, temos a oportunidade de beber da fonte da espiritualidade claretiana e assim buscar a fidelidade à missão a nós confiada.

Com relação à tradução, houve uma preocupação em manter ao máximo a simplicidade e a coloquialidade da linguagem. Algumas expressões foram atualizadas, outras, no entanto, foram mantidas no seu original, como as citações latinas. A abundância de notas pode ser um valioso auxílio para quem deseja se aprofundar ainda mais na compreensão do texto.

A alegria de dar à luz a Autobiografia de Claret é a mesma de alguém que consegue devolver a vida e a fala a alguém que a havia perdido.

Finalmente, publicar a Autobiografia é a melhor forma de lhe manifestar nosso carinho e prestar-lhe nossa homenagem na celebração dos duzentos anos de seu nascimento.

Brás Lorenzetti, CMF.

INTRODUÇÃO À AUTOBIOGRAFIA

O gênero literário autobiográfico foi freqüente ao longo da história, desde a antigüidade. Muitas pessoas, sobretudo filósofos, pensadores, teólogos, homens de ciência, pessoas pertencentes à nobreza, santos e santas que viveram profundas experiências místicas, quiseram deixar à posteridade um relato mais ou menos amplo e mais ou menos profundo de suas vidas. Pensemos, por exemplo, nas Confissões de Santo Agostinho, na Vida de Santa Teresa de Jesus, em Santo Inácio de Loyola, em Santa Maria Micaela do Santíssimo Sacramento e, é claro, em Santo Antônio Maria Claret. Todos eles tinham muito a dizer sobre suas próprias experiências, deixando transparecer - com freqüência freados pela discrição e pela humildade - só uma parte ínfima das muitas maravilhas que o Senhor se dignou operar em seus humildes servos e servas.

Como se sabe, a autobiografia é o relato, controlado pelo próprio escritor ou escritora, e determinado pelos possíveis destinatários, do conjunto de experiências vividas ao longo da própria vida, desde a infância até um ponto de maturidade que normalmente coincide com a última etapa da existência e que, por isso mesmo, não abrange nem pode abranger toda a existência do personagem.

São Gregório Magno parece fazer alusão de algum modo ao que seria este gênero literário quando escrevia: “Aos olhos dos demais, na parte secreta da mente, estamos como que por detrás da parede do nosso corpo; mas quando desejamos nos manifestar, saímos como que pela porta da língua para mostrar o que somos em nosso interior”. (1)

Não vamos entrar aqui na polêmica surgida nos últimos tempos sobre o que, sobretudo, um grande especialista francês chamou de “o pacto autobiográfico”, que em sua opinião, viria a ser uma decisão própria, calculada e programada, que guia a pena do escritor ao longo do relato da própria vida, para contar tudo e só o que possa redundar em benefício próprio e em própria glória, aproximando-se assim daquilo que acontece com o gênero da novela e distanciando-se do que tenta fazer um biógrafo que, com a maior liberdade e objetividade e bem-documentado, abre uma brecha profunda na alma e na vida íntima do biografado. O perigo do que escreve uma autobiografia está na decisão de pecar por parcialidade e, por isso mesmo por falta de sinceridade. Por isso no leitor se produz, quase que de forma automática, uma suspeita, mais ou menos fundada, que pode acompanhá-lo ao longo da leitura do relato autobiográfico. (2)

Acontece isto também com santo Antônio Maria Claret? Acontece com santo Agostinho e santa Teresa, etc.? Vamos tentar responder ponderadamente mais adiante à primeira pergunta.

À medida que se estuda a história da Igreja no século XIX, a figura de santo Antônio Maria Claret vai adquirindo maior relevo, porque, de um modo ou de outro, está relacionado com os sucessos mais relevantes, com as pessoas de Igreja - membros da hierarquia ou fundadores - e com os movimentos mais característicos do seu século. Por isso vai crescendo também, cada vez mais, o desejo de conhecer sua verdadeira identidade, o secreto da sua personalidade, aparentemente feita de contrastes. E a este desejo se une a felicidade sem igual

de possuir, escrita de seu próprio punho, sua BIOGRAFIA, que com todo direito podemos chamar e costumamos chamar AUTOBIOGRAFIA.

Para quem somente conhece a vida externa de santo Antônio Maria Claret, é uma revelação encontrar na Autobiografia, tão vivamente apresentada, a gênese interna da consciência do seu carisma-missão, da sua vocação para servir na Igreja como evangelizador. A graça que mantinha a vida do grande apóstolo aparece aqui livre e espontaneamente, sem esquemas preconcebidos, sem artifícios.

É este um valor notável e talvez original, na literatura autobiográfica. Não são abundantes os relatos autobiográficos de homens apostólicos, especialmente com o caráter do presente, em que ressalta tão clara e fortemente a razão interior da sua vida de apostolado.

Se por sua ação exterior é modelo do missionário apostólico, não deixa de sê-lo em sua vida íntima, como tipo e intérprete de uma espiritualidade apostólica.

Santo Antônio Maria Claret, como fundador de famílias religiosas na Igreja, como iniciador de movimentos de santificação e apostolado, como promotor de tantas obras de Igreja, recebeu plenitude de graça correspondente à sua missão e ninguém está em condições de interpretar este dom como ele, que recebeu uma luz interior especial e foi o primeiro a percorrer o caminho. Em ambos os aspectos - realização e interpretação - são muito notáveis a vida e a confissão do santo.

Juntamente com esta faceta, que constitui o corpo do relato, há alguns pontos fundamentais. De tudo isto, falaremos nestas notas introdutórias, com as quais queremos ajudar a rápida e adequada compreensão. Oferecemos os dados que julgamos imprescindíveis como guia para que o leitor possa entrar no coração do apóstolo, tão fielmente refletido nas páginas da Autobiografia.

Dados Históricos

Chegaram até nós dados suficientes para reconstruir, em suas linhas gerais, a história externa da Autobiografia, embora fique obscuro algum ponto fundamental e em algum outro gostaríamos de mais explicitação por parte dos transmissores. O ponto sobre o qual mais claramente falam os testemunhos dos contemporâneos - e o mesmo autor já adverte em uma nota prévia - é que Claret escreveu a Autobiografia por mandato do padre José Xifré, seu diretor espiritual e superior-geral da Congregação de Missionários fundada pelo mesmo santo.(3)

Antes deste mandato, houve um outro pedido do padre Paládio Currius, confessor do santo e seu confidente espiritual. Currius ia-se convencendo cada vez mais de que Claret era uma pessoa chave na Igreja do seu tempo, não só pelas obras que realizava, mas pela intensidade de sua vida em Cristo, tanto em níveis ascéticos como de experiência mística, especialmente desde que lhe confiou um conhecimento da sua missão sob os signos apocalípticos da águia e do anjo. Para conhecer mais claramente o assunto, conseguiu que o santo escrevesse um resumo das intervenções do Senhor em sua vida desde a infância até o

atentado de Holguín, em 1856. Este escrito leva o título de Resenha e contém, de um modo ainda muito embrionário, a autobiografia posterior. (4)

O padre Xifré tinha outro motivo. Como superior-geral da Congregação, acreditava que o conhecimento da experiência espiritual do fundador, da sua vocação e sua missão, deveria contribuir muito no esclarecimento da vocação dos missionários, na sua formação e na edificação da Congregação.

Alguma coisa semelhante ao que o padre Jerônimo Nadal dizia sobre a vida de Inácio, que era o fundamento da Companhia e que contá-la era verdadeiramente fundar a Companhia. (5)

Como diretor espiritual e como superior, o padre Xifré pediu-lhe muitas vezes, de palavra e por escrito, que escrevesse o relato da sua vida, sem conseguir que se decidisse a fazê-lo. Mas, já que pelas vias da insistência não conseguiu, resolveu, com a decisão que lhe caracterizava, impor-lhe o mandato explícito de obediência. O santo confessa que não se teria resolvido a escrever, “se não tivesse mandado. Assim, unicamente por obediência o faço e por obediência revelarei coisas que gostaria muito fossem ignoradas”. (6) São várias as testemunhas que no processo de beatificação retificam o fato de que a Autobiografia foi escrita obedecendo a um mandato expresso do seu diretor. (7)

Diante do preceito formal, Claret obedeceu sem titubear, embora nem por isso diminuísse a enorme repugnância que para sua modéstia e humildade supunha ter que revelar coisas tão íntimas e extraordinárias. Para isso diz na carta de 17 de fevereiro de 1862 ao padre Xifré: “Vou cumprir a obediência do senhor, escrevendo aquilo, embora com muita repugnância”. (8)

Não existe somente este testemunho. Seus familiares nos falam da grande fadiga que experimentava o santo em escrever coisas e como eles não poucas vezes intervieram animando-o a continuar a escrever. (9)

Podemos reconstruir a cronologia da composição, graças ao testemunho do padre Paládio Curríus. Ele, que fez com que o santo escrevesse a Resenha, lhe pediu agora que o deixasse copiar, pelas mesmas razões, a “Biografia”. Na cópia, figura o seguinte título: “Biografia do Exmo. e Ilmo. Sr. D. Antônio Maria Claret y Clará, copiada do original que escreveu de próprio punho o mesmo senhor no ano de 1861 e concluiu em maio de 1862 estando em Madri e entregou pessoalmente à Congregação de Missionários Filhos do Coração de Maria”. Ainda são mais precisos os testemunhos que nos trazem as cartas de santo Antônio Maria Claret ao padre Paládio. Diz desde Madri no dia 30 de janeiro de 1862: “Eu vejo o que me diz da “Biografia”; eu deixarei copiar, como também os apontamentos de coisas interiores”. (10). E em carta de 21 de maio do mesmo ano: “Quando tiver oportunidade, enviarei a “Biografia”, pois, já está escrita”. (11)

Mas, se podemos precisar a época em que terminou - 21 de maio de 1862 -, não é tão fácil precisar a data em que começou. A única referência - a de Curríus - fixa o ano de 1861, e nada mais. Verificando a suposição que fez o Curríus de que o mandato de escrevê-la lhe

fora imposto pelo padre Xifré na entrevista que teve com o santo em outubro ou novembro de 1861, podemos concluir que a data aproximada são os últimos meses de dito ano. (12)

Sobre a entrega aos seus missionários de Vic, escrevia o próprio autor ao padre Paládio, com data de 26 de maio de 1862: “Igualmente vai a Biografia, que você terá até 28 de junho, e me deverá devolvê-la para que possa levar a Catalunha no dia 30”. (13). Sabemos, no entanto, por meio da vida do santo, que no verão de 1862 fez uma breve viagem a Catalunha, saindo de Madri no dia 1º de julho e chegando a Vic no dia 4. (14)

Santo Antônio Maria Claret escreveu uma “Continuação” da Biografia, que chega até o ano de 1865. Não sabemos se os capítulos que fazem parte da “Continuação” foram escritos conforme aconteciam os fatos ou se foram escritos todos juntos no verão de 1865. Santo Antônio se retirou da corte por causa do reconhecimento do reino da Itália -15 de julho de 1865 -, permanecendo com seus missionários de Vic até o dia 25 de outubro, data em que partiu para Roma a fim de pedir orientações ao Santo Padre. Naqueles meses teve tempo para escrever a “Continuação”. Desde o capítulo 18, narra fatos acontecidos na Catalunha. A mudança de tipo de papel, já desde o caderno 14, deu motivo ao padre João Postíus supor com fundamento que estes capítulos foram escritos já na casa de Vic. (15). Pôde, pelo menos, escrever estes últimos capítulos e ordenar o resto do material recolhido, pois esta parte foi escrita em folhas soltas, que logo depois foram coladas em um tomo encadernado, diferentemente da Biografia que foi escrita toda seguida em cadernos que o próprio autor enumerou antes de serem encadernados. (16)

Pode ser interessante deter-nos um pouco na consideração da época em que foi escrita a Autobiografia, porque realça bastante seu valor interno. Em não poucas autobiografias se lamenta o fato de que não abranjam a época de maior maturidade do autor. Faltam as experiências mais fundamentais e perde força a interpretação do resto dos fatos, que, à luz daquelas, toma clareza e unidade totalmente novas. Não acontece assim, felizmente, com santo Antônio Maria Claret; as datas da redação da Autobiografia correspondem à plenitude da sua vida. O santo morreu aos sessenta e três anos não completos e começou a escrevê-la aos cinquenta e quatro e a terminou aos cinquenta e oito. Fazia já cinco anos que estava em Madri, abrangendo as três etapas fundamentais do seu apostolado: missionário apostólico, arcebispo de Cuba, confessor real. Era o tempo da plenitude espiritual. Naquela época havia recebido já as maiores graças místicas; havia empreendido as últimas e mais atrevidas iniciativas apostólicas, estava sofrendo as mais refinadas perseguições. Estas circunstâncias lhe davam a oportunidade de interpretar genuinamente o sentido da sua vida interior.

Das demais circunstâncias externas referentes à redação da Autobiografia, convém notar, antes de tudo, a relação que com ela têm vários escritos autobiográficos que serviram ao autor como material prévio para a redação ampla e definitiva. Resenha, ou breve resumo da sua vida, e as Luzes e Graças, breves escritos nos quais consigna comunicações extraordinárias do Senhor. Padre Paládio Curríus nos explica a conexão destes escritos com a Autobiografia. Fidelíssimo compilador de tudo quanto o arcebispo se referia, copiou na íntegra toda a Autobiografia em um caderno particular, junto com estes papéis soltos, aos que acrescentou estas duas Notas:

- Tudo o que está anotado aqui desde a página 217 é copiado dos papeizinhos pessoais que o Exmo. e Ilmo. me facilitava para este fim antes de escrever ele sua

Biografia, que concluiu no mês de maio de 1862. Ditas locuções e conhecimentos mos dizia de palavra e por causa da confiança que tinha em mim, sem eu merecê-la, a meu pedido, os escrevia e mos entregava para que os copiasse, com a obrigação de devolver a ele os originais, e assim o fiz sempre.

- Quando ele escreveu sua Biografia anotou o conteúdo de vários destes papezinhos no capítulo 19 e no último capítulo da terceira parte; alguns foram aumentados, outros omitidos (talvez por terem sido extraviados), e acrescentou os que estão anotados na página 329 (isto é, os favores recebidos do dia 7 de junho de 1860 a 1862).

O código autobiográfico

Relatamos já as circunstâncias externas da composição da Autobiografia. Para completar estes aspectos externos damos uma breve idéia das vicissitudes, descrição do código e algumas questões críticas a ele relacionadas.

O manuscrito constava originariamente de dois tomos, que foram entregues à comunidade de Missionários de Vic em 1862 e 1865 respectivamente. Ali permaneceram no arquivo local, depois de encadernados cuidadosamente, até que, expulsos os missionários pela revolução de setembro de 1868, os levaram consigo à França. Assim consta expressamente numa advertência que o padre Jaime Clotet colocou em papel solto na primeira página. Esta nota leva a data: “Thuir, 1º de fevereiro de 1880”. De volta à Espanha, trouxeram consigo a Autobiografia, fazendo parte do Arquivo Claretiano, que, depois da morte do Fundador, começou a ser formado na casa de Vic a fim de introduzir o processo de beatificação.

A Autobiografia foi salva providencialmente na guerra de 1936, graças ao zelo da sra. Dolores Lletjós, que a guardou cuidadosamente em sua casa e conseguiu escondê-la. Reorganizada a comunidade de Vic, voltou também a Autobiografia para Arquivo Claretiano até o ano de 1954, em que o padre Pedro Schweiger, superior-geral, determinou que fosse trasladada ao Arquivo Geral de Roma, onde atualmente se conserva junto com a maior e mais notável parte dos manuscritos de santo Antônio Maria Claret. Para a sua conservação os manuscritos foram submetidos a um tratamento técnico, e nesta ocasião a Autobiografia foi encadernada em um só volume, consta de 540 páginas numeradas. A Biografia vai até à página 424 e a “Continuação” da página 433 a 540, este é o primeiro dos volumes manuscritos do santo. (17)

No código, falta o capítulo 17 da “Continuação” e a numeração original dos cadernos passa do nº 18 ao 20, e a numeração dos capítulos, do 16 ao 18, o que indica que o autor ou o escreveu ou teve intenção de escrevê-lo. No seu lugar, o padre Clotet colocou um papel com uma nota que diz assim: “O abaixo assinado, superior desta casa-missão de Vic, certifica que a folha correspondente à página 19 e capítulo 17 da “Continuação” da Biografia do senhor arcebispo dom Antônio Maria Claret se perdeu; não sabemos como nem o conteúdo dela. E para que conste, firmo na mesma casa-missão, aos oito de abril de mil oitocentos oitenta e nove”. Jaime Clotet, presbítero superior (Rubricado e carimbado).

A falta deste capítulo deu muito trabalho no processo de beatificação. O padre João Postíus, que estudou longamente este problema, conjectura que este capítulo, seguindo a disposição de matérias dos anos anteriores, deveria corresponder à conta de consciência de 1865.(18) Esta não havia sido feita ainda ou, se havia sido entregue, pôde ter sido extraviada pelo padre Xifré, com quem se dirigia o santo. Quando o padre Paládio Curríus copiou esta parte, passou do capítulo 16 ao 18 sem a menor advertência, o que prova que, quando fez a cópia, o autor não tinha escrito ou não tinha sido entregue.

Esta é a maior dificuldade de crítica interna que oferece o código. No demais, o texto é claríssimo. Nota-se sem dificuldade que as correções são do mesmo autor, podendo ser lidas, muitas vezes, as palavras apagadas. Os acréscimos ou correções de mão estranha - do padre Jaime Clotet, se vêem pela letra - respeitam sempre a frase original e são tão poucas e tão claras, que não oferecem a menor confusão.

Forma literária

Pelas circunstâncias e modo como se escreveu a Autobiografia, sabemos que santo Antônio Maria Claret considerou seu manuscrito um rascunho, que deveria ser corrigido e retocado antes da sua publicação. Isto explica por que o autor não revisou o escrito nem reparou nas repetições e falhas acontecidas pela rapidez com que escreveu o texto e a dificuldade em escrever em castelhano, por ter pregado tanto tempo em catalão.

O estilo da escritura oferece aspectos muito apreciáveis mesmo sob o aspecto literário. A fofosidade com que se expressa é o reflexo do seu temperamento e nos dá a idéia do que devia ser sua oratória, que comovia o público mais reacionário. Outras vezes, sua linguagem se faz contemplativa. Quanto à descrição, há capítulos notáveis pela graça com que relata alguns casos, como os acontecimentos felizes e os detalhes pitorescos com que nos narra sua primeira viagem à França ou suas correrias pelas montanhas de Cuba.

A simplicidade dos seus relatos nos dá uma imagem aproximada do autor, quando o surpreendemos em conversa familiar com seus missionários ou em colóquio íntimo com Deus e até nos momentos mais espontâneos de soltura para consigo mesmo, em que o santo se vai fazendo perguntas e observações com uma ingenuidade e naturalidade inimitáveis.

Valor histórico

O que primeiro buscamos em uma autobiografia é sempre a revelação da intimidade, o secreto da vida de um homem.

Uma pergunta óbvia aparece quanto à veracidade dos fatos narrados ou se há alguma deformação inconsciente ou pretendida. Não foram pequenas as dificuldades que aos historiadores apareceram. Recordamos o caso de santo Agostinho sobre a falta de sinceridade ou deformação histórica que os racionalistas atribuíram às suas Confissões.

Em santo Antônio Maria Claret não existem dificuldades especiais. Sua Autobiografia está muito perto da nossa história. Sobre os dados, aparece algum erro, muito explicável particularmente nas datas, sem que, por outra parte, ofereça dificuldade especial, pois a justificação aparecerá nas notas referentes ao texto. Pode ser muito útil prevenir o leitor para que o modo de apresentar alguns fatos não o leve a uma falsa interpretação da realidade.

O que pode representar um triunfo para a expansão do reino de Cristo, conta-se com certo otimismo; por exemplo, todos se convertiam. Por outro lado, exagera por humildade os próprios defeitos. Os anos da sua juventude durante sua estadia em Barcelona são apresentados como uma época de esfriamento na piedade e de falta de atenção para com as coisas de Deus. No entanto, consta, por não poucas testemunhas dos processos, o heroísmo com que teve que enfrentar as contínuas provocações ao pecado por parte dos seus companheiros de fábrica ou a tentação de buscar na vida um mero triunfo humano, que a ele se oferecia facilmente por suas qualidades e talentos técnicos. Não é por nada que fez coincidir esta época de Barcelona com a noite dos sentidos, apresentada na vida do santo neste tempo com as notas ou critérios que coloca são João da Cruz como características da noite dos sentidos. (19)

Outras vezes, suas normas severas de conduta podem induzir a entender mal suas qualidades pessoais. Seu caráter e temperamento podem aparecer, sobretudo na infância e juventude, como retraído e melancólico por seu gosto pela solidão e pela oração. Testemunhas são concordes em afirmar sua jovialidade, sendo a delícia dos seus companheiros nas horas de trabalho ou nos momentos de descanso. Em algumas ocasiões, aparece com temperamento doce e suave por causa da compaixão, em outras demonstra fogueira, vivacidade natural, como afirmam os que o conheceram.

Estas considerações podem ajudar bastante como critérios parciais, pois abrangem somente uma parte reduzida da sua vida e empreendimentos. Qual é então, em seu conjunto, o valor deste documento para conhecer o santo?

Os silêncios da Autobiografia se explicam nos objetivos com que se propôs o autor, isto é, a ajudar na formação dos missionários; assim cala sucessos historicamente importantes e trata com carinho outros parecidos insignificantes, mas que para ele tinham um valor “significativo” para sua missão ou seu espírito. Por isto, quem quiser ter uma imagem mais global do santo deve enquadrar a Autobiografia em uma vida dele mesmo.

A humildade não está ausente na causa destes silêncios: “Quem conhecia o servo de Deus como eu o conhecia - testemunhou seu confessor padre Carmelo Sala - compreende facilmente, ao ler os mencionados apontamentos, que ele diz menos do que cala, querendo, sem dúvida, deste modo, cumprir o preceito imposto pela obediência, sem diminuir sua profunda humildade”. (20)

Nem seria a Autobiografia documento suficiente para um conhecimento perfeito da vida espiritual do santo. Muito nos revela, mas é bastante o que falta. O caderno de propósitos e notas, Luzes e Graças pode ajudar a preencher as lacunas. No entanto, não se deve esperar encontrar em seus escritos análise muito introspectiva dos seus estados de ânimo; seu modo de ser e seu ardor apostólico não lhe davam sossego nem repouso para isto.

Uma interpretação da sua vida desde seu carisma missionário

O valor que mais caracteriza a Autobiografia de santo Antônio Maria Claret é revelar-nos a visão que ele tinha da sua vida, a interpretação que dela faz desde seu carisma de fundador.

Um fundador não é um organizador ou um legislador. É um homem que viveu uma peculiar experiência do mistério de Cristo, que teve uma peculiar visão profética dos sinais dos tempos e deu uma resposta adequada. É um aspecto característico do carisma de fundador o fato de ter chegado a um esclarecimento não só para si, mas também para seus discípulos, e poder transmiti-lo, de uma maneira convincente e inteligível, à maneira de mensagem, aos que o receberam também, mas sem esta plenitude.

Santo Antônio Maria Claret comunica a seus discípulos sua experiência do Espírito não com elucubrações abstratas, mas na forma direta e existencial de uma autobiografia. Nela, nos descreve como o dom – carisma - deu sentido a todos os seus dons naturais e de graça: batismo, sacerdócio e também o episcopado. Com grande fineza de descrição, nos vai abrindo os diversos momentos da tomada de consciência desta posse e exigência do Espírito. Para os sucessos mais distantes como para os pequenos detalhes, encontra o santo uma ressonância nesta nota fundamental. Analisemos os momentos mais destacados.

Na infância de Claret, a graça antecipou a natureza. Nele, o zelo se adiantou à razão. Diz seu primeiro biógrafo que Antônio foi apóstolo antes de ser homem. (21)

Na primeira infância, teve uma experiência do absoluto de Deus e da fragilidade do homem, da sua infidelidade e, por isso mesmo, da sua infelicidade, tão profunda que lhe tirava o sono e o marcou para toda a vida. (22)

Na juventude, se abriu para a vida com uma visão otimista do mundo da criação e do homem “criador” pela técnica. Experimentou a bondade do trabalho, da amizade, dos valores humanos, mas também da sua limitação e sua periculosidade quando estão a serviço do mal. Diante desse desengano, quis fugir do mundo, mas o Senhor que, ao escolhê-lo o separava do mundo, lhe deixou numa atitude evangélica de distância, mas ia colocá-lo pouco a pouco em uma proximidade apostólica. (23)

Tudo isto foi como um prelúdio necessário. Nesse momento, começou o chamado explícito à evangelização; mas com uma exigência tal – que foi a razão de ser da sua vida –, como o servo, como o Filho, como os apóstolos, através da leitura da Palavra interiorizada como a voz do Senhor em seu coração. (24) A isto, foi acrescentado o exemplo dos santos missionários por suas obras ou por seu zelo (25) e, inclusive, o fenômeno extraordinário de uma visão. (26)

O dia da ordenação de diácono foi para ele um dia de revelação vocacional. A chave foi a figura de santo Estevão - homem do espírito e da Palavra - e as palavras de são Paulo no Pontifical: “Não é vossa luta contra a carne e o sangue, mas contra os espíritos do mal”. Na

perspectiva de luta, o bispo lhe entregava como arma o Evangelho e, pela imposição das mãos, fazia descer sobre ele a força do Espírito e o próprio Espírito, que o ungia para a evangelização e a missão. (27) Tudo estava claro e para sempre. Era obscuro ainda o modo de cumprir a missão e lhe faltava, também, uma formação e uma preparação adequada.

A experiência do sacerdócio paroquial se fez estreita e foi a Roma para ser enviado para as missões. (28). Mas o Senhor converteu esta viagem em uma etapa formativa, a mais decisiva. Concedeu-lhe o dom e a experiência da pobreza evangélica.(29). Ainda em uns poucos meses de noviciado na “Companhia de Jesus”, foram-lhe ensinados vários modos de evangelizar e a experiência de uma vida consagrada em função da missão.(30) Aquele período formativo terminou com as primeiras investidas missionárias até 1841, ano em que deixa a estabilidade paroquial pela itinerância da missão. (31)

No começo da sua vida itinerante pela Catalunha e Canárias, a santa Sé concedeu a Claret o título de missionário apostólico “*ad honorem*”. Ele viu nisto um reconhecimento oficial do seu espírito e não o recebeu como honra, mas como uma definição de seu ser. Enviado, como os apóstolos, aos quatro pontos cardeais até os confins do mundo, ele devia colocar toda sua vida em função da evangelização, do serviço profético da Palavra, renunciando, enquanto dele dependesse, a outras funções do sacerdócio ministerial: o governo e a sacramentalização estável. O qualificativo apostólico o aplicou no sentido da forma de vida: ao modo dos apóstolos, em pobreza, itinerância e fraternidade, sempre sob o envio dos pastores ou do sumo pastor. Pensando nos missionários, interrompe a Autobiografia para comunicar-lhes sua interpretação existencial do ser missionário: vocação, missão, estímulos, meios, virtudes. (32)

No resto da Autobiografia descreve sua fidelidade à sua vocação de missionário apostólico em situações de governo ou de estabilidade. Obrigado, por causa de um serviço à Igreja, a aceitar o episcopado (33) e depois, o ofício de confessor real, (34) viveu aquelas situações como missionário apostólico tanto pela importância que deu à evangelização como pelo estilo de vida pobre e fraterna. Em Cuba, deixou, quanto pôde, os serviços burocráticos para estar livre para a pregação. (35) Em Madri, converteu as viagens reais em missões e ao se encarregar do “El Escorial”, panteão de reis, pensou em seguida em convertê-lo em centro de evangelização, como seminário interdiocesano, colégio universitário e casa-missão e de exercícios de alcance internacional. (36)

Santo Antônio Maria Claret não só descreve o processo de sua assimilação e vivência do dom que o fez fundador, mas também nos transmitiu o conteúdo teológico místico.

A experiência do Espírito originante foi a vivência intensíssima de Cristo evangelizador. (37) Considerou-o e o viveu como o Filho, enviado ao mundo como Mestre e Salvador; como o Filho, preocupado com os desígnios do Pai; servo da vontade salvífica do Pai. O Filho unguido para evangelizar os pobres, o Filho do homem, que não tem onde reclinar a cabeça, que ora, evangeliza, sempre fiel à verdade e ao amor, e, por isso mesmo, colocado como sinal de contradição, perseguido em sua doutrina, em suas obras e em sua pessoa até a morte de cruz. (38)

Neste mesmo mistério de Cristo evangelizador, viveu Claret o mistério de Maria. O Filho do Pai é enviado, feito de mulher pelo Espírito. Para Claret, esta mulher é a Mulher do Gênesis, do Apocalipse, de Caná e do Calvário. É mãe de Cristo missionário, mãe do discípulo, do apóstolo e de todos os missionários em Cristo. Claret se sentia formado no coração da que é mãe por sua caridade, para chegar a ser ele mesmo caridade materna no apostolado, chama que arde e abrasa por onde passa. (39)

O fundador é um dom do Espírito à Igreja e aos homens do seu tempo e do futuro. Por isso, em Claret a experiência do mistério de Cristo não termina numa contemplação intimista ou numa memória sem presente. Ao seu coração, se abriram olhos proféticos para interpretar os sinais de Cristo ressuscitado no tempo. Na infância, predomina a visão escatológica do mundo e dos pecadores. (40) Na juventude, vê na fábrica e na grande cidade uma amostra da humanidade vivente, com suas aspirações de triunfo, suas paixões e suas debilidades. (41) Como missionário popular, vê os pecadores aterrorizados pelo jansenismo. (42) Em Cuba, descobre as conseqüências sociais dos pecados pessoais: o homem explorado pelo homem. (43) Em Madri, percebe os príncipes da maldade que andavam nas trevas, aquelas ideologias que hoje chamamos “humanismo ateu”, e cujas implicações para o futuro só os olhos proféticos descobriam em seu tempo. (44)

A esta visão profética - não meramente sociológica - das urgências do seu tempo respondeu com uma evangelização oportuna nos conteúdos e eficaz nos meios, sendo inovador em muitos deles. (45)

Uma espiritualidade para a missão

Santo Antônio Maria Claret recebeu numa mesma comunicação de graça o carisma e o espírito: a idoneidade objetiva para cumprir a missão e a capacidade subjetiva de assimilar o dom e vivê-lo. O Espírito que o consagrou e o enviou é o mesmo que clamava Abbá! em seu coração, o mesmo que o impelia a seguir Cristo mais de perto e o que o inflamava e o fazia correr, trabalhar e sofrer para a glória do Pai e a salvação dos homens. Claret vivia a missão como continuidade da missão de Cristo; por isso, nele não é algo derivado, algo acrescentado à sua vida espiritual; antes, pelo contrário, a determina profundamente. O modo de agir da graça sobrenatural e a eficácia que se manifestam nele levam quase sempre esta marca do dinamismo apostólico: umas vezes é para ele uma força que o faz correr e gritar, que não o deixa sossegar um momento, mantêm-no em sua atividade sobre-humana, com a qual tudo pode e tudo se faz fácil e ligeiro. Outras vezes, a compara com o fogo: “um fogo tão ardente, que não me deixava estar quieto. Tinha que correr e andar de uma parte a outra pregando continuamente”. (46) Finalmente, é notável a comparação com a força do instinto, que é tão poderoso na natureza: “Mais poderosa e valente é a graça do que a natureza. Pois se uma mãe, pelo amor natural que tem para com seu filho, corre, grita, agarra seu filho e o tira da beira do precipício: eis aqui, pois, o que faz em mim a graça: a caridade me impele, me faz correr de um povoado a outro”. (47)

A vida sobrenatural, que no contemplativo se desenvolve nos dons passivos, age em Claret primariamente nos dons ativos. Por isso santo Antônio Maria Claret foi chamado

místico da ação,(48) não só por causa da presença de Deus na ação, mas porque era movido pelo Espírito de um modo peculiar em sua atividade apostólica.

Não pode haver vida em Cristo sem um encontro pessoal com ele na fé. Claret nos conta como se encontrou com Cristo vivente, primeiro na eucaristia, (49), depois na Palavra; (50) também no próximo e nos acontecimentos; finalmente, em seu coração, como centro de onde lhe vinha a eficácia no apostolado, como fonte e forno de zelo, como morada: a casa de Marta e Maria, do discípulo e do apóstolo. (51)

Podemos continuar também seu processo de transformação desde o seguimento e a imitação, do Evangelho até a plena configuração interior com os sentimentos de Cristo. (52) Claret dedica oito longos capítulos na Autobiografia a descobrir as virtudes do missionário como exigência do seu ministério e como meios de apostolado. Dá muita importância às virtudes de relação, já que o evangelizador se encontra entre o Pai que o envia e os homens a quem é enviado: pela humildade (53) agradecerá a Deus e pela mansidão (54) ao próximo. Destas duas virtudes, fez exame de consciência particular; sobre a primeira, desde estudante até 1861 e sobre a segunda, de 1861 até 1864. Nos sete últimos anos da sua vida o fez sobre o amor de Deus. Reconhece que a virtude mais necessária ao missionário é o amor e procura obtê-lo por todos os meios. (55)

Desde o ponto de vista do testemunho, se fixa principalmente na pobreza (56) e na modéstia, (57) e como condição para todas as virtudes, a mortificação. Cristo nos redimiu principalmente com sua bem-aventurada Paixão; por isso, a configuração com Cristo paciente é necessária ao missionário como ponto alto da sua missão. Neste sentido, a mortificação é mais que uma virtude; é amor de amizade, é testemunho-martírio; é dor que gera vida para que todos os eleitos alcancem a salvação. (58)

Claret não nos oferece uma teoria da oração apostólica; coloca diante dos missionários sua experiência. Claret evangelizador ora porque Cristo evangelizador o fez. (59) Além disso, sua oração é no Filho e, por seu Espírito, clama: Pai. No diálogo com o Pai, encontra o amor e a força para partilhar a obediência daquele que aceitou a vontade de salvação na maior prova de amor. A oração apostólica é oração de discípulo, na qual Claret, aos pés do Mestre, ouvia sua voz na Escritura; (60) é oração profética, que interpreta os desígnios do Pai nas diversas situações. (61). Para Claret, a oração era luta com Deus em favor do povo para obter a conversão de todos ao Evangelho. (62) Na oração, finalmente, sua caridade se convertia em chama de zelo. (63) Temperamentalmente, na oração mental se sentia melhor que na oração metódica discursiva, se sentia mais livre de mente e de coração. Por outra parte, seu dinamismo congênito de tecedor se sentia mais apaziguado. (64) Chama a atenção o muito tempo que dedicava à oração, roubando-o ao sono para não prejudicar a ação apostólica. (65)

A Congregação dos Missionários

Parece que na Autobiografia se deveria falar mais da Congregação de Missionários. Há somente um capítulo para narrar a fundação da Congregação (66) e outro a sugerir uma iniciativa para ter vocações, (67) mas não se fala da sua vida. A resposta poderia ir por esta linha: A Autobiografia fala à Congregação; ela é o interlocutor, a ela se revela o mais profundo do seu ser, aquilo que a manterá em vida. O como concreto desta vida, o fundador

apontou nas Constituições; aqui se fala do princípio inspirador, informador e superador das estruturas. No entanto, se diz o suficiente sobre a natureza do seu ser comunitário e dos princípios de seu equilíbrio vital entre os diversos elementos do seu carisma, cada um dos quais poderia constituir uma razão de vida por si mesmo.

Na Autobiografia aparece claramente que a Congregação de Missionários, embora tenha nascido por causa da necessidade de pregadores, não é uma equipe de pregadores, é um grupo de vida: “Assim começamos e assim continuamos estritamente numa vida perfeitamente comum”. (68) Esta vida comum não era conventual, era plenamente apostólica: “Todos íamos trabalhando no sagrado ministério”. (69) Embora o fundador não tenha podido viver em uma comunidade “clássica” de missionários (Vic, Gracia ou Segóvia), procurou, no entanto, que sua casa de bispo fosse uma verdadeira comunidade de missionários e pediu sempre ter missionários com ele. Neste sentido, a comunidade de Cuba não deixa de ser típica, e o fundador no-la descreve como uma comunidade-missão: “Nossa casa era como uma colméia, em que uns saíam, outros entravam”, (70) segundo as exigências do ministério. Era também uma comunidade fraterna: “Todos nos amávamos igualmente uns aos outros” (71) e este amor era sustentado pela comunidade de vida. Comunidade evangélica pelo estilo de vida, o mais conforme à vida do Senhor com os apóstolos e discípulos na evangelização. Os membros desta comunidade eram “de muito bom gênio, de solidíssima virtude; desprendidos de tudo o que é terreno, nunca jamais falavam nem pensavam em interesses próprios, nem em honras; sua única intenção era a maior glória de Deus e a conversão das almas”. (72) “Todos estavam dispostos ao trabalho e com gosto se ocupavam no que lhes era confiado”. (73) A causa de tanta paz, alegria e harmonia “em tantas pessoas e por tanto tempo” era a presença do Espírito: “Esta é uma graça singular que Deus nos dispensa por sua infinita bondade e misericórdia”. (74) No entanto, esta comunidade punha os meios adequados para corresponder a este dom. Para a missão, disponibilidade e formação permanente. Para a fraternidade, uma certa clausura que fomentasse a intimidade e para a vida evangélica, uma ordenação para a oração e para o trabalho e tempos fortes de conversão.

A publicação da Autobiografia

O conteúdo da Autobiografia esteve ao alcance de todos por meio das Vidas, escrita por Francisco de Asis Aguilar, (75) pelo padre Clotet (76) e outros biógrafos; mas a Autobiografia enquanto tal se considerou um patrimônio espiritual da Congregação, tendo sido composta com o pensamento do autor diretamente colocado nela. Durante quase cem anos, foi considerado documento privado. O caráter de doutrina para os missionários, o tom familiar de muitas reflexões, algumas coisas incorretas por causa da rapidez com que foi escrita, contribuíram para acentuar este caráter. Até 1915, em que se publicou no “Archivo Histórico CMF”, dentro da Congregação a Autobiografia se conhecia por meio de cópias manuais. Em 1951, para comemorar a canonização do fundador, se fez uma edição manual, como livro pessoal para todos os membros da Congregação.

A canonização abria novos horizontes. O papa Pio XII disse que Antônio Maria Claret era santo para todos, seus dons eram para a edificação da Igreja; aqueles que ele havia recebido e vivido com a intensidade própria do seu carisma e sua missão, poderiam ajudar

outros a viverem o que há de comum nestes dons, mas segundo a peculiaridade exigida por sua própria vocação.

O desejo de fazer conhecido o “santo de todos” e de partilhar com todos, especialmente com sacerdotes e apóstolos leigos, a riqueza espiritual encerrada em um documento tão notável, impeliu a Congregação a fazê-lo público.

As primeiras edições (1915, 1951) apresentavam o texto limpo, prescindindo de toda crítica, porque não o pedia a clareza do original. Na edição de 1981 e na presente, continuamos com o mesmo critério. Tratando-se, no entanto, de uma edição para todos, se oferece outra dificuldade: o desejo expresso do santo de que o escrito fosse corrigido e revisado antes de dá-lo ao público, reservando ainda alguns capítulos de casos delicados para os confessores mais experimentados. Assim consta expressamente em uma nota que o padre Jaime Clotet colocou na primeira página do texto: “Advertência. O Exmo. Sr. Arcebispo Claret nos deixou os manuscritos da sua Biografia em rascunho, não para que fossem lidos, nem para que fossem publicados do modo como estão, mas que antes fossem corrigidos na dicção, deixando intacta a substância. Nem foi sua vontade que tudo fosse dito a todos, mas que algumas coisas ficassem reservadas para os Padres mais antigos e prudentes”. (Thuir, 1º de janeiro de 1880. Jaime Clotet, CMF (Rubricado)

Por tratar-se de um rascunho, redigido com grande rapidez e não revisado pelo autor, incorreu em alguns erros e repetições. A tarefa de corrigi-lo, no entanto, não é fácil por se tratar de um documento tão sagrado. Por isso, preferimos apresentá-lo como saiu das mãos do autor, limitando-nos às mínimas correções necessárias para a leitura, advertindo em nota a correção, quando se trata de uma frase.

Quanto aos casos que narra para o esclarecimento dos confessores, foram suprimidos os mais reservados, publicando o resto. Por esta razão, omitimos a publicação da última parte do capítulo 12 e todo o capítulo 15 da “Continuação” da Autobiografia. Indicamos as supressões e em nota remetemos à fonte.

A divisão em parágrafos e sua numeração foram introduzidas na primeira edição da coleção da “Biblioteca de Autores Cristãos”. (77)

Como ler a Autobiografia

Quem quiser lê-la com interesse técnico, histórico ou psicológico tem já sua metodologia de leitura. Nós nos referimos aqui ao leitor que quiser ler para sua edificação; a ele vai dirigido o que segue.

1) Superar a estreiteza. Há mais de um século que foi escrita e mudou a sensibilidade cultural, passando do romantismo ao existencialismo e tecnicismo. Além disso, santo Antônio Maria Claret não é um clássico na língua castelhana; por outro lado, não faz literatura; comunica simplesmente sua vivência com a rapidez de um homem que queria dedicar todo o seu tempo à missão de pregador.

2) Entrar na intenção do autor. O autor é um fundador e escreve sua experiência original e originante. Através do testemunho da sua vida, inicia o leitor na formação e consagração de

escolhido para a missão desde o primeiro chamado até à plenitude. Como fundador, esta ação transformadora teve nele a intensidade daquele que deve ser cabeça e modelo, mas também por ser fundador tem a graça de transmitir, de ser mensagem, princípio de identificação para os que receberam, embora em grau menor, a mesma graça.

3) Sintonizar com o espírito do autor. A Autobiografia está escrita em clima de oração; ou melhor, é uma oração em voz alta. Oração que revela as manifestações do amor do Pai nos acontecimentos da vida. Santo Antônio Maria Claret confere os fatos à luz da palavra do Senhor, especialmente à luz daqueles textos nos quais, por moção do Espírito, descobria as exigências e o sentido da sua vocação. Para que a leitura da Autobiografia sirva de acordo com os fins do autor deve ser feita em oração, no mesmo clima de oração profética e providencial.

4) Em comunhão com a pessoa. Um santo canonizado é um modelo vivente, autenticado pela Igreja. É nosso irmão, amigo e benfeitor. (78) Em se tratando do fundador, une-nos a ele a comunitariedade do dom vocacional e sua presença viva na família de Deus que o Espírito suscitou por seu intermédio para a vida e a missão da Igreja.

A edição do bicentenário

Esta edição, da Autobiografia é apresentada à Congregação e à Família Claretiana, como manual do missionário claretiano, para render homenagem filial a santo Antônio Maria Claret no bicentenário do seu nascimento.

É verdade que não se trata de uma obra totalmente perfeita e definitiva, porque já se sabe que no território dos humanos poucas coisas podem alcançar o caráter de definitivo ou perfeição consumada. Mas também é verdade que colocamos não só amor e carinho filial que nos vincula ao nosso fundador e pai, mas também os cinco sentidos, para que este presente oferecido a Claret seja digno da sua pessoa e da sua obra. Neste serviço, nos guiou em todo momento o desejo de que nosso santo seja cada vez mais amado e mais conhecido e que, através do grande missionário do século XIX, tal como dizia o mesmo Claret, Deus nosso Senhor seja cada dia mais conhecido, amado, servido e louvado por todas as criaturas. (79)

Deus queira que a Autobiografia do nosso santo padre fundador seja para todos os claretianos e claretianas o que foi para as gerações que nos precederam: um “canteiro inesgotável” de vida evangélica e de forte compromisso apostólico. (80)

José Maria Viñas, CMF.
Jesús Bermejo, CMF.

Resumo cronológico da vida de Santo Antônio Maria Claret

A seguinte síntese cronológica oferece uma visão de conjunto da vida e obra de santo Antônio Maria Claret. Com ela será mais fácil enquadrar os fatos autobiográficos, que depois irão adquirindo relevância e significado.

1807

23 de dezembro:

Nasce em Sallent, província de Barcelona e diocese de Vic. É o quinto dos onze filhos de João Claret e Josefa Clara, família de tecelões profundamente religiosa.

25 de dezembro:

Recebe o batismo e os nomes de Antônio, Adjutório e João.

1812-1813

Embora criança, preocupa-se com a eternidade infeliz dos pecadores.

1813-1814

Começa a freqüentar a escola de sua terra natal.

12 de dezembro:

É crismado em Sallent por d. Félix Torres Amat.

1817

Recebe a primeira comunhão. Intenso amor pela Eucaristia. Terna devoção a Nossa Senhora. Faz freqüentes visitas ao santuário da Nossa Senhora de Fusimanha com sua irmã, Rosa.

1819

Primeiros indícios de vocação sacerdotal. Seu pai o coloca como aprendiz na fábrica de tecidos da família.

1825

Muda-se para Barcelona para aperfeiçoar-se na arte têxtil. Consegue fama de tecelão a tal ponto que lhe oferecem a direção de uma indústria, mas ele não aceita.

1827

Livra-se de uma tentação, invocando Nossa Senhora. Um falso amigo lhe rouba grande quantia de dinheiro.

1828

Nossa Senhora salva-o de um afogamento na praia perto da Barcelona. Um dia, durante a missa, ouve as palavras do Senhor: “para que serve ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?”. Estas palavras mudam o rumo da sua vida.

1829

29 de setembro:

Pensa em entrar na Cartuxa, mas segue o conselho do seu pai, inicia os preparativos ao sacerdócio no Seminário de Vic, embora vivendo na casa de padre Fortián Brés.

1830

Decide ingressar na cartuxa de Montealegre, mas logo desiste, ao ser comprovado seu delicado estado de saúde.

1831

Sofre uma forte tentação contra a castidade. Vence-a, invocando Nossa Senhora, que lhe aparece e põe em sua cabeça uma coroa de rosas.

1832

2 de fevereiro:

Recebe a tonsura das mãos de d. Paulo de Jesus Corcuera, bispo de Vic e um benefício em Santa Maria de Sallent.

1833

21 de dezembro:

Recebe as Ordens menores na Igreja de São Felipe Neri.

1834

24 de maio:

Ordenação de subdiácono na mesma celebração em que Jaime Balmes recebe o diaconato.

20 de dezembro:

Ordenação de diácono na Igreja da Apresentação

1835

13 de junho:

É ordenado sacerdote em Solsona por d. Frei João José de Tejada.

21 de junho:

Celebra a primeira missa em Sallent, sua terra natal.

1836-1839

Auxiliar e vigário paroquial na Paróquia de Santa Maria de Sallent.

1839

Setembro:

Empreende viagem a Roma para oferecer-se à Propaganda Fide, com o desejo de que o enviem às missões.

Novembro:

Ingressa no noviciado dos jesuítas.

1840

29 de fevereiro:
Sai do noviciado por enfermidade e regressa à Espanha.

13 de maio:
É nomeado regente da paróquia de Viladrau.

15 de agosto:
Pede exoneração do cargo para dedicar-se às missões populares.

1841

23 de janeiro:
Muda-se para Vic para dedicar-se exclusivamente às missões.

9 de julho:
Recebe de Roma o título de “Missionário Apostólico”

1842

As circunstâncias políticas impedem-lhe de pregar as missões populares.

Junho:
É nomeado vigário de São João de Oló.

1843

Publica o Caminho Reto, o livro de piedade mais lido na Espanha no século XIX.

1º de março:
Começa uma intensa atividade missionária por toda a Catalunha.

1844

Maio:
Célebre missão em Santa Maria do Mar, em Barcelona.

Agosto:
Missões em Montanha, Vallés e La Marina.

1845

5 de março:
Funda em Mataró a Sociedade Espiritual de Maria Santíssima contra a Blasfêmia.

Setembro:
Missões nas dioceses de Solsona, Gerona e Tarragona.

Dezembro:
Começa a funcionar a Pia e Apostólica União de orações e obras boas... sob a proteção do Coração de Maria.

1846

Fevereiro:

Em Tarragona conhece o padre José Caixal, grande colaborador da Livraria Religiosa de Barcelona.

Maio:

Famosa missão em Lérida.

1847

3 de fevereiro:

Funda a Livraria Religiosa com os padres José Caixal e Antônio Palau.

1º de agosto:

Funda em Vic a Arquiconfraria do Coração de Maria com 10.000 associados.

Outubro:

Escreve os Estatutos da Irmandade do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria e amantes da humanidade obra apostólica composta por sacerdotes e leigos, homens e mulheres.

1848

6 de março:

Embarca em Cádiz para as Canárias com o bispo d. Boaventura Codina para missionar naquelas ilhas. A palavra do missionário regenerou totalmente a fé cristã naquelas terras.

1849

Continua suas missões extraordinárias nas Canárias.

Maio: Regressa a Catalunha.

16 de julho:

Funda a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Missionários Claretianos) com os padres Estêvão Sala, Manuel Vilaró, José Xifré, Domingos Fábregas e Jaime Clotet. No retiro inicial, Claret diz profeticamente: “Hoje se começa uma grande obra”.

Agosto:

Funda em Vic a Irmandade da Doutrina Cristã, para ensinar o catecismo nas fábricas, nas ruas e oficinas.

11 de agosto:

Recebe a nomeação de arcebispo de Santiago de Cuba. Pensa ser o episcopado um obstáculo ao seu ideal missionário.

4 de outubro:

Depois de muita consulta, oração, convencido de ser a vontade de Deus, aceita a nomeação.

Publica o Catecismo da Doutrina Cristã e uma coleção de opúsculos.

1850

Dedica-se intensamente à pregação missionária.

6 de outubro:

Recebe a consagração episcopal em Vic. Acrescenta ao seu nome o de “Maria”.

20 de outubro:

Recebe o sacro pálio de arcebispo em Madri.

28 de dezembro: Embarca, com um grupo de missionários, rumo à ilha de Cuba.

1851

16 de fevereiro:

Desembarca em Santiago de Cuba.

18 de fevereiro:

Toma posse na Catedral da Arquidiocese.

2 de abril:

Inicia a primeira visita pastoral.

Junho:

Funda a Irmandade da Instrução da Doutrina Cristã

1852-1853

Dedica-se à reforma do clero, criação de paróquias, missões, propaganda.

1854

15 de fevereiro:

Funda as Caixas de Poupança nas paróquias.

1855

5 de janeiro:

Inicia uma obra social de grande alcance “Casa de Caridade ou Granja Agrícola de Porto Príncipe” (hoje Camagüey). Escreve As delícias do campo.

12 de julho:

Termina de escrever a carta pastoral sobre a Imaculada.

25 de agosto:

Decreto de fundação das Religiosas de Maria Imaculada - Missionárias Claretianas, das quais é fundador junto com a Madre Antônia Paris de São Pedro.

1856

1º de fevereiro:

Sofre um atentado em Holguín, sendo ferido no rosto e num braço.

1857

18 de março:

Recebe a Real Ordem de Isabel II para que regresse a Madri.

12 de abril:
Embarca de regresso à Espanha.

2 de junho:
É nomeado confessor da rainha.

Setembro-dezembro:
Exercícios ao clero, a homens e mulheres e missão em Madri

1858

Fevereiro:
Preside as reuniões das Conferências de São Vicente. Prega missões nos bairros, cárceres, hospitais às crianças de primeira comunhão.

Maio - junho:
Viagem com a rainha por Levante.

Julho:
Viagem por Castela, Leão, Astúrias e Galícia.

1º de novembro:
Funda a Academia de São Miguel, para escritores, artistas e propagandistas e pessoas influentes na sociedade.

1859

28 de março:
É nomeado protetor do hospital madrileno de Montserrat.

Maio:
Viagem pela Catalunha e Valência.

28 de maio:
Preside o primeiro capítulo geral da Congregação dos Missionários, fundada por ele em 1849.

9 de julho:
Consegue a aprovação civil da sua Congregação de Missionários.

5 de agosto:
É nomeado oficialmente presidente do Escorial.

1860

7 de junho:
O Senhor aprova sua obra: O Colegial ou Seminarista Instruído foi livro de formação sacerdotal clássico em todos os seminários da Espanha durante muitos anos.

13 de julho:
Preconizado arcebispo de Trajanópolis.

Setembro-outubro:

Viagem com os reis pelas ilhas Baleares, Catalunha e Aragão.

21 de novembro:

Decreto de louvor da Congregação de Missionários dado pela Sé Apostólica.

1861

Janeiro-março:

Exercícios e missões em Madri.

Julho - agosto:

Viagem por Castela.

26 de agosto:

Na Igreja do Rosário, da Granja, recebe “a grande graça” da conservação das espécies sacramentais.

Outubro:

Começa a escrever sua Autobiografia

1862

Maior:

Termina a redação da Autobiografia.

7-14 de julho:

Preside o segundo capítulo geral da Congregação de Missionários, em Gracia (Barcelona).

Setembro-outubro:

Importante viagem por Andaluzia e Múrcia

1863

Funda a Associação das Mães Católicas.

1864

Julho:

Preside o terceiro capítulo geral da Congregação, em Gracia (Barcelona).

8 de dezembro: Funda as bibliotecas populares e paroquiais.

1865

Janeiro-fevereiro:

Compila as Constituições da Congregação de Missionários.

15 de julho:

Isabel II reconhece o chamado “Reino da Itália”.

20 de julho:
Sai para a Catalunha, onde prega Exercícios aos missionários.

4 de novembro:
Chega a Roma e no dia 7 é recebido pelo Papa Pio IX.

23 de novembro:
Nova audiência com o Papa.

22 de dezembro:
Regressa a Madri e reassume sua missão de confessor da rainha.

1866

27 de janeiro:
Comunicação oficial da aprovação temporal da Congregação pela Santa Sé, outorgada no dia 22 de dezembro de 1865.

Agosto-setembro:
Viagem aos Países Bascos.

Dezembro:
Viagem a Portugal. Recebe a condecoração de cavaleiro da Gran Cruz da Ordem Militar de Nossa Senhora de Villaviciosa.

1867

Maio:
Viagem relâmpago à Extremadura, perto de Portugal.

Junho: Prega um tríduo em Burgos.

Outubro: Prega Exercícios no Escorial.

1868

22 de junho:
Isabel II aceita sua renúncia à presidência do Escorial.

Agosto-setembro:
Viagem a San Sebastián.

30 de setembro:
Juntamente com a rainha, é desterrado pela revolução.

Setembro
A revolução sacrifica o primeiro mártir claretiano, padre Francisco Crusats, em La Selva del Camp.

Outubro:

Reside em Pau (França).

6 de novembro:

Chega a Paris. Mora no colégio das Irmãs de São José.

1869

Março:

Exercícios espirituais para emigrantes espanhóis na Igreja de São Nicolau, de Paris. Funda as Conferências da Sagrada Família.

2 de abril:

Chega a Roma. Hospeda-se no convento mercedário de Santo Adriano.

24 de abril:

Audiência com Pio IX.

8 de dezembro:

Assiste à abertura do Concílio Vaticano I.

Publica a vida de São Pedro Nolasco, com o título *O egoísmo vencido*.

1870

Ocupado nos trabalhos conciliares.

31 de maio:

Pronuncia um discurso no concílio.

23 de julho:

Traslada-se a Prades (França) com os seus missionários.

6 de agosto:

Ao ser perseguido, refugia-se no mosteiro cisterciense de Frontfroide, perto de Narbona (França).

5 de outubro:

Primeiro ataque de embolia cerebral. Vai piorando progressivamente.

24 de outubro:

Morre na paz do Senhor, rodeado por alguns missionários e pelos monges cistercienses.

27 de outubro:

Seus funerais são celebrados com muita simplicidade. Seu corpo é depositado em um túmulo do cemitério do mosteiro, pois as autoridades civis tinham negado a licença para enterrá-lo na igreja. Numa simples lápide são esculpidas as palavras de Gregório VII: *“Amei a justiça e odiei a iniquidade, por isso morro no desterro”*.

1887

Abre-se o processo de sua beatificação em Vic.

1897

Seus restos mortais são trasladados à Igreja das Mercês, em Vic.

1926

Pio XI proclama a heroicidade de suas virtudes.

1934

25 de fevereiro: Beatificação.

1950

7 de maio: Canonização.

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

Aut. – Autobiografia de Santo Antônio Maria Claret. Publicada em SAN ANTONIO MARIA CLARET, Escritos autobiográficos, ed. Preparada por José Maria Viñas e Jesús Bermejo, BAC, Madri, 1981.

BAC – Biblioteca de Autores Cristianos (Madri).

CMF – Cordis Mariae Filius (Filho do Coração de Maria – Missionário Claretiano).

EA – Escritos Autobiográficos, BAC, Madri, 1981.

EC – Epistolário Claretiano. Epistolário de Santo Antônio Maria Claret. Edição preparada e anotada por José Maria Gil, Madri, 1970. 2 Volumes.

HD – História Documentada da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, 1967, de Cristóbal Fernández cmf.

LG Lumen Gentium

LR – Livraria Religiosa, editorial fundado por Santo Antônio Maria Claret em 1848.

MR – Mutuae Relationis.

Mss.Claret – Manuscritos Claretianos: autógrafos de Santo Antônio Maria Claret (volumes 1 a 18).

PAT – Processo Apostólico de Tarragona

PAV – Processo Apostólico de Vic.

PIM – Processo Informativo de Madri

PIT – Processo Informativo de Tarragona.

PIV – Processo Informativo de Vic.

SC – Studia Claretiana. Publicação do Studium Claretianum, Roma-Vic

Orações para a leitura da Autobiografia

Oração Apostólica

Meu Senhor e meu Pai!
Que eu te conheça e te faça conhecido,
que eu te ame e te faça amado,
que eu te sirva e te faça servido,
que eu te louve e faça que todas as criaturas te louvem.
Faze, ó meu Pai, que todos os pecadores se convertam,
todos os justos perseverem na graça
e todos consigam a glória eterna. Amém.

Espírito Missionário

Renova, Senhor, em nossa família claretiana,
o espírito que animou santo Antônio Maria Claret, nosso Pai,
para que, cheios e revigorados por ele,
nos esforcemos em amar o que ele amou
e em levar à prática o que ele nos ensinou.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

J.M.J.

BIOGRAFIA DO ARCEBISPO ANTÔNIO MARIA CLARET

Aviso ao leitor

1. Padre José Xifré, superior dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, 1 por diversas vezes me pediu, oralmente e por escrito, uma biografia de minha insignificante pessoa. Sempre me escusei. Porém, passo a fazê-lo agora unicamente por obediência. E por obediência também revelarei coisas que preferia fossem ignoradas; contudo, seja para a maior glória de Deus e de Maria santíssima, minha doce mãe, 2 e para humilhação deste mísero pecador. 3

Dividirei esta biografia em três partes

2. A primeira, compreende o que ocorreu desde meu nascimento até minha ida a Roma (1807-1839). A segunda, refere-se ao tempo das missões (1840-1850). A terceira, ao que de mais importante aconteceu da sagração de arcebispo em diante (1850-1862).

Primeira parte

Capítulo I

Nascimento e batismo

3. Nasci 4 em Sallent 5, comarca de Manresa, bispado de Vic, província de Barcelona. Meus pais chamavam-se João Claret 6 e Josefa Clará. Casados, honrados e tementes a Deus, muito devotos do Santíssimo Sacramento do Altar e de Maria Santíssima.

4. Fui batizado na pia batismal da paróquia de Santa Maria de Sallent, no dia 25 de dezembro, dia do Natal do Senhor, do ano de 1807. Embora nos livros paroquiais conste 1808, por iniciar a contar o ano seguinte por este dia. Por esta razão meu registro é o primeiro do livro do ano de 1808.

5. Deram-me o nome de Antônio Adjutório João. Meu padrinho, um irmão de minha mãe, que se chamava Antônio Clará, ele quis que me chamasse pelo seu nome de Antônio. Minha madrinha, irmã de meu pai, que se chamava Maria Claret, casada com Adjutório Canudas, me pôs o nome de seu marido. O terceiro nome é João, que é o do meu pai. Depois, por amor à Virgem Santíssima, acrescentei o dulcíssimo nome de Maria 7, porque ela é minha mãe, minha madrinha, minha mestra, minha diretora e meu tudo, depois de Jesus. Assim, meu nome é Antônio Maria Adjutório João Claret e Clará.

6. Somos onze irmãos: seis homens e cinco mulheres, que enumerarei por ordem, citando o ano em que nasceram.

1º Rosa, nascida em 1800, casada, viúva hoje, muito trabalhadeira, honrada e piedosa; foi a que mais me dedicou carinho; 8

2º Mariana, nascida em 1802, morreu aos dois anos;

3º João, nascido em 1804, herdeiro de todos os bens da família; 9

4º Bartolomeu, nascido em 1806, morto aos dois anos;

5º Eu próprio, nascido em 1807 (= 1808);

6º Uma irmã, nascida em 1809, falecida após o nascimento;

7º José, nascido em 1810, casado; teve duas filhas, que se tornaram Irmãs de Caridade ou Terciárias; 10

8º Pedro, nascido em 1813, falecido aos quatro anos;

9º Maria, nascida em 1815, tornou-se Irmã Terciária; 11

10º Francisca, nascida em 1820, falecida aos três anos;

11º Manuel, nascido em 1823, morreu aos treze anos, após os estudos de Humanidades em Vic. 12

Capítulo II

Primeira infância

7. A Providência Divina sempre velou sobre mim de um modo singular, como se verá neste e em outros casos que relatarei. Minha mãe sempre criou sozinha seus filhos, mas a mim não lhe foi possível, porque lhe faltava saúde. Por isso me confiou a uma ama-de-leite da mesma cidade, com a qual permanecia dia e noite 13. O dono da casa fez uma escavação muito profunda, a fim de ampliar a loja. Uma noite em que eu não estava lá, em consequência da escavação, os alicerces cederam, trincaram-se as paredes e a casa desabou. Morreram, soterrados pelos escombros, minha ama-de-leite e seus quatro filhos. E, caso lá me encontrasse, teria tido a mesma sorte dos demais. Bendita seja a Providência de Deus! E quantas graças devo dar a Maria santíssima que, desde pequeno, preservou-me da morte e me livrou de outros apuros. Ó, como sou ingrato!...

8. As primeiras idéias que guardo na memória são de quando tinha uns cinco anos. Quando deitado, em vez de dormir, pois sempre fui de dormir pouco, pensava na eternidade. Pensava: Sempre, sempre, sempre. Imaginava distâncias enormes. A elas juntava outras e mais outras. E, ao ver que não alcançava o fim, me arrepiava e pensava: Os que tiverem a desgraça de ir para a eternidade de sofrimentos será que jamais deixarão de sofrer? Sofrerão sempre? Sim, sempre, sempre terão que sofrer. 14.

9. Tudo isto me causava uma profunda pena, porque eu, por natureza, sou muito compassivo. Essa idéia da eternidade de sofrimentos ficou tão gravada em mim, seja pela ternura que despertou, seja pelas muitas vezes que pensei nela, por isso é o que mais tenho presente. Este mesmo pensamento é o que mais me fez, me faz e me fará trabalhar, enquanto viver, pela conversão dos pecadores, no púlpito, no confessionário, por meio de livros, estampas, folhas avulsas, conversas familiares, etc., etc.

10. Conforme já disse, a razão disso é porque tenho um coração tão terno e compassivo que não posso ver uma desgraça ou uma miséria, que não a socorra; tiro o pão da minha boca para dá-lo ao pobrezinho e até deixo de alimentar-me para tê-lo e dá-lo quando alguém o pede. Tenho escrúpulo de gastar para mim, quando lembro que existem tantas necessidades para remediar. Pois bem, se estas misérias corporais e momentâneas me afetam tanto, imaginem o que produzirá em meu coração o pensar na condenação eterna, não para mim e sim para os demais que voluntariamente vivem em pecado mortal.

11. Eu me digo muitas vezes: A fé nos diz que existe o céu para os bons e inferno para os maus, e que as penas do inferno são eternas; que basta um único pecado mortal para condenar uma alma, pela malícia infinita que tem o pecado mortal, pela ofensa a um Deus infinito. Considerando esses princípios certíssimos, ao ver a facilidade com que se peca, tal como se bebe um copo de água, como se ri ou se diverte; ao ver a multidão de pessoas que estão continuamente em pecado mortal e que assim vão caminhando para a morte e para o inferno, não posso repousar; tenho de correr e gritar, e então digo a mim mesmo:

12. Se eu visse alguém prestes a cair num poço ou numa fogueira, garanto que correria e gritaria para avisá-lo e afastá-lo do perigo. Por que não farei a mesma coisa para evitar que caia no poço e na fogueira do inferno?

13. Não posso compreender como os outros sacerdotes que crêem nas mesmas verdades que eu creio e que todos devem crer, não pregam nem exortam para preservar as pessoas de caírem no inferno. 15

14. E ainda admiro como os leigos, homens e mulheres, que têm fé, não gritam. E digo a mim mesmo: Se uma casa pegar fogo e, por ser noite e por estarem todos dormindo e não virem o perigo, porventura o primeiro que percebesse, não avisaria, não correria pelas ruas, gritando: Fogo! Fogo, em tal casa? Por que então não gritar: fogo do inferno! para acordar a tantos que vivem presos na letargia do pecado, sabendo que, ao despertarem, estarão ardendo no fogo do inferno? 16

15. Essa idéia da eternidade infeliz 17, que muito vivamente começou em mim aos cinco anos, tenho-a sempre presente e, com a ajuda de Deus, jamais a esquecerei; ela é a mola propulsora de meu zelo pela salvação das almas.

16. Com o passar do tempo, a esse estímulo se juntou um outro, que depois explicarei: o de pensar que o pecado não só condena meu próximo, mas que é, acima de tudo, uma ofensa a Deus, que é meu Pai. 18 Ah! Esta idéia me corta o coração e me faz correr como... E me digo: se um pecado é de uma malícia infinita, o impedir um pecado é impedir uma injúria infinita ao meu Deus, ao meu bom Pai.

17. Se um filho tivesse um pai muito bom e visse que, sem motivo, o maltratam, não o defenderia? Se o visse sendo levado ao suplício, não envidaria todos os esforços para libertá-lo? Pois, que devo fazer para honra de meu Pai, que é tão facilmente ofendido e, inocente, levado ao calvário para ser novamente crucificado pelo pecador, como diz São Paulo? Calar não seria um crime? Não se esforçar ao máximo não seria...? Ó meu Deus! Ó meu Pai! Dai-

me força para impedir todos os pecados, pelo menos um, mesmo que por causa disso me façam em pedaços.

Capítulo III

Primeiras inclinações

18. Para maior confusão minha, direi as palavras do autor do Livro da Sabedoria: Era um menino vigoroso, dotado de uma alma excelente (Sb 8,19). Quer dizer: recebi de Deus, por puro ato de sua bondade, uma boa índole. 19

19. Lembro-me que na guerra da independência, que durou do ano 1808 a 1814, o medo que os habitantes de Sallent tinham dos franceses era grande, e com razão, pois estes haviam incendiado a cidade de Manresa e o povoado de Calders, próximo a Sallent. 20 Todos fugiam quando chegava a notícia de que o exército francês estava próximo. As primeiras vezes que fugi, lembro-me que me levavam nos ombros, porém as últimas, tinha quatro ou cinco anos e já andava, dava a mão a meu avô, João Clará, pai de minha mãe, 21 e, como era de noite e tinha a visão fraca, advertia-o dos obstáculos com muita paciência e carinho. O pobre velho ficava muito consolado ao ver que não o deixava nem fugia com os demais irmãos e primos, que nos deixavam sozinhos. E sempre lhe professei muito amor e carinho até sua morte; e não somente a ele, mas a todos os idosos e impossibilitados.

20. Não suportava que alguém zombasse de algum idoso, como é comum acontecer entre os jovens. Lembrava o castigo exemplar de Deus aos que zombavam de Eliseu. 22 Lembro-me que na igreja, sempre que chegava um idoso, se eu estivesse sentado, levantava-me e, com muito gosto, cedia meu lugar; na rua sempre os cumprimentava; quando tinha a oportunidade de conversar com algum deles, era para mim a maior satisfação. Queira Deus que eu tenha aproveitado bem os conselhos que os idosos me davam... 23

21. Ó meu Deus, como sois bom! Como sois rico em misericórdia para comigo! Oh! Se tivésseis dado a outro as graças que a mim destes, este teria correspondido melhor que eu! Piedade, Senhor, pois a partir de agora começarei a ser bom, ajudado por vossa divina graça!

Capítulo IV

Primeira educação

22. Tinha somente seis anos de idade quando meus queridos pais me mandaram à escola. Meu professor de primeiras letras foi o padre Antônio Pascual, 24 homem muito ativo e religioso; nunca me castigou nem repreendeu. Também procurava não lhe dar motivo para isso; eu era sempre pontual, assistia sempre às aulas, levando as lições sempre bem estudadas.

23. Aprendi o catecismo com tanta perfeição que o recitava sempre que queria, do início ao fim, sem nenhum erro. Outros três meninos também o aprenderam; o catequista nos apresentou ao pároco, padre José Amigó, 25 que fez os quatro recitarem o catecismo em dois domingos seguidos. Na igreja, na presença do povo, nós o recitamos sem nenhum erro. Como prêmio deu a cada um de nós um bonito santinho que guardamos com carinho.

24. Depois de ter aprendido bem o catecismo, mandou-me ler Pinton, Compêndio da História Sagrada. 26 Suas passagens me ficaram tão impressas na memória, que depois as contava com tranqüilidade.

25. Meus pais eram muito bons, juntamente com o professor de primeiras letras, trabalharam na minha formação intelectual baseada no amor à verdade, cultivavam também em meu coração a prática da religião e de todas as virtudes. Meu pai, todos os dias, depois do almoço, me fazia ler um livro espiritual e à noite ficávamos um tempo juntos, à mesa; ele sempre nos contava alguma coisa edificante e instrutiva, até a hora de dormir.

26. Tudo que me ensinavam e explicavam meus pais e meu professor eu o entendia perfeitamente, mesmo sendo muito criança; o que não entendia era o diálogo do catecismo, que o recitava muito bem, mas como um papagaio. Contudo, reconheço agora o bom que é sabê-lo de cor. Mais tarde, sem saber como, sem falar daquelas matérias, vinham-me à mente e compreendia as grandes verdades que eu dizia e recitava sem entendê-las, e me dizia: Oba! Isto quer dizer isto e isto! Como era ingênuo e não entendia. Do mesmo modo que os botões das rosas que com o tempo se abrem e, se não há botões, não podem existir rosas, assim são as verdades da religião: se não houver instrução através do catecismo, haverá ignorância completa em matéria de religião, mesmo nos homens que se passam por sábios. Quanto me serviu a instrução do catecismo e os conselhos e ensinamentos dos meus pais e professores...!

27. Um dia, estando sozinho na cidade de Barcelona, como direi oportunamente, ao ver e ouvir coisas más, lembrava-me do que aprendera e dizia: Isso é mau, debes evitá-lo. Deves antes dar crédito a Deus, aos pais e ao professor e não a esses infelizes que não sabem o que dizem nem o que fazem.

28. Meus pais e meu professor me instruíram, não só nas verdades em que devia crer, mas também nas virtudes que devia praticar. Com respeito ao meu próximo, diziam-me que nunca deveria desejar ou pegar o que é de outrem. Quando encontrava algo, faziam-me devolver ao seu dono. Um dia, ao sair da escola, na rua da minha casa, encontrei no chão uma moeda de pouco valor, peguei-a pensando em devolvê-la ao dono e, não vendo ninguém na rua, pensei que tivesse caído de algum balcão da casa em frente; subi à casa, perguntei pela dono da casa e entreguei-lhe a moeda. 27

29. Educaram-me de tal maneira na obediência e resignação que sempre estava contente com o que eles me faziam, dispunham e me davam, tanto no vestir como na alimentação. Não me recordo ter dito alguma vez: Não quero isto, quero aquilo! E estava tão acostumado que, depois quando sacerdote, minha mãe, que sempre me amou muito, me dizia: Antônio, gostas disto? Eu lhe dizia: O que a senhora me dá, sempre eu gosto. - Porém, sempre há coisas que apreciamos mais que outras. - As que a senhora me dá são as de que eu gosto, mais que todas. Assim morreu sem saber o que materialmente me agradava mais. 28

Capítulo V

Trabalho na fábrica

30. Eu era pequeno, quando ainda estava na fase de alfabetização, ocasião em que um inspetor, ao visitar a escola, me perguntou o que gostaria de ser. Respondi-lhe que desejava ser sacerdote. 29 Tendo terminando com perfeição o primário, puseram-me nas aulas de Latim. O professor era um sacerdote muito bom e sábio, chamado João Riera. 30 Com ele aprendi ou decorei nomes, verbos, gêneros e alguma coisa mais. Como as aulas foram encerradas, não pude estudar mais o Latim e fiquei assim.

31. Como meu pai era fabricante de fios e tecidos, colocou-me na fábrica para trabalhar. 31 Obedeci sem dizer uma palavra, sem fazer cara feia e sem manifestar contrariedade. Pus-me a trabalhar o quanto podia, sem ter jamais manifestado preguiça ou má vontade. 32 Fazia tudo da melhor forma que sabia para não causar aborrecimento em nada a meus queridos pais, pois os amava muito e eles também a mim.

32. O sofrimento maior era quando meus pais tinham que repreender algum funcionário que não tinha executado bem o seu trabalho. Estou certo de que sofria muito mais do que o repreendido, pois tenho um coração tão sensível que, ao presenciar o sofrimento de alguém, fico profundamente condoído, mais do que a própria pessoa que sofre.

33. Meu pai fez-me passar por todos os tipos de trabalhos da fábrica de fios e tecidos. Por uma longa temporada, colocou-me, juntamente com outro jovem, para dar a última demão aos trabalhos que os demais faziam. Quando tínhamos de corrigir alguém, dava-me muita pena; contudo, antes observava se havia no trabalho executado, alguma coisa que estivesse bem-feita. Então eu começava por este detalhe e o elogiava, dizendo que tal obra estava bem feita, só que tinha este e aquele defeito, mas que, uma vez corrigidos esses senões, teríamos uma obra perfeita.

34. Eu agia assim sem saber o porquê. Com o tempo, soube que era por uma especial graça e bênção de amabilidade que o Senhor me concedera. Assim os trabalhadores sempre recebiam com humildade a correção e se emendavam. O outro companheiro, melhor que eu, mas que não possuía o mesmo espírito de amabilidade, quando tinha que corrigir, incomodava-se, repreendia-os com aspereza, eles ficavam aborrecidos e às vezes nem sabiam em que haviam de emendar-se. Ali aprendi o quanto convém tratar a todos com amabilidade e agrado, mesmo os mais rudes! E é verdade que se tira melhor vantagem agindo com doçura do que com aspereza e mau humor. 33

35. Ó Deus meu! Como tendes sido bom para comigo! Levei muito tempo até conhecer as muitas e grandes graças que me confiastes. 34 Fui servo inútil, que não fiz crescer o talento a mim confiado. Porém, Senhor, dou-vos minha palavra que trabalharei; tende um pouco de paciência comigo; não me retireis o talento; eu o farei render; dai-me vossa graça e vosso divino amor, e prometo que trabalharei.

Capítulo VI

Primeiras devoções

36. Desde muito pequeno, me senti inclinado à piedade e à religião. Todos os dias de festa e de preceito participava da santa missa e nos demais dias sempre que podia. Comumente, nos

dias festivos participava de duas missas: uma rezada e outra cantada. A esta, ia sempre com meu querido pai. Não me recordo de ter brincado ou conversado na igreja. Antes, pelo contrário, estava sempre bem recolhido, modesto e tão devoto que, comparando meus primeiros anos com os dias de hoje, me envergonho, pois com grande humilhação digo que atualmente não tenho a mesma atenção e o coração tão fervoroso como tinha então...

37. Com que fé participava de todas as celebrações de nossa santa religião! As que mais me agradavam eram as do Santíssimo Sacramento. Nessas, eu participava com uma devoção extraordinária e grande satisfação interior. 35 Além do bom exemplo que em tudo me dava meu querido pai, que era devotíssimo do Santíssimo Sacramento, tive a sorte de que viesse parar em minhas mãos um livro com o título *Finezas de Jesus Sacramentado*. Como gostei dele! Aprendia-o de memória, tamanha a afeição por ele. 36

38. Aos dez anos, deixaram-me comungar. Não consigo explicar o que se passou comigo naquele dia em que tive a imponderável felicidade de receber pela primeira vez, em meu peito, o meu bom Jesus... E, desde então, sempre mais freqüentei os santos sacramentos da penitência e comunhão. Porém, com que fervor, com que devoção e amor! Mais que agora, sim, mais que agora, digo-o com humilhação e vergonha. Agora que tenho mais conhecimentos que então, agora que assimilei uma imensidão de benefícios recebidos desde aqueles primeiros dias, por graça deveria ser um Serafim de amor divino, no entanto sou o que Deus sabe. Quando comparo meus primeiros anos com os dias presentes, me entristeço e choro e confesso que sou um monstro de ingratidão.

39. Além da santa missa, da comunhão freqüente e das celebrações do Santíssimo Sacramento, das quais participava com tanto fervor pela bondade e misericórdia de Deus, assistia também todos os domingos, sem faltar nenhum dia, mesmo que fosse de festa, ao catecismo e à explicação do santo evangelho, ministrado pelo próprio pároco. Esses exercícios terminavam à tarde com a oração do santíssimo rosário.

40. Participava das celebrações de manhã e à tarde. Ao anoitecer, quando já não havia ninguém na igreja, eu para lá voltava e sozinho me entretinha com o Senhor. Com que fé, confiança e amor falava eu com o Senhor, com meu bom Pai! Oferecia-me mil vezes a seu santo serviço, desejava ser sacerdote para consagrar-me dia e noite ao seu ministério. Recordo-me que lhe dizia: Humanamente não vejo nenhuma esperança, porém vós sois tão poderoso que, se quiserdes, arranjareis tudo. Lembro-me de que com toda confiança me abandonei em suas divinas mãos, esperando que ele dispusesse o que deveria ser feito. E assim foi, como direi mais adiante. 37

41. Também veio parar em minhas mãos um pequeno livro chamado *O Bom Dia e a Boa Noite*. 38 Oh! Quão proveitosa me foi a leitura desse livro! Após a leitura de cada pequeno trecho, apertava-o contra o peito, levantava os olhos rasos de lágrimas ao céu e exclamava dizendo: Ó Senhor, que coisas tão boas eu ignorava! Ó Deus meu! Ó Amor meu! Quisera sempre vos ter amado!

42. Ao considerar os grandes benefícios recebidos através da leitura de bons e piedosos livros, razão pela qual procuro distribuir em grande profusão livros desse estilo, esperando que meu próximo, a quem tanto amo, alcance tantos benefícios quanto eu na sua leitura.

Quem me dera que todas as almas conhecessem a bondade de Deus e o quanto nos ama! Ó Deus meu, fazei que todas as criaturas vos conheçam, vos amem e vos sirvam com toda fidelidade e fervor! Ó criaturas todas, amai a Deus, porque é bom, porque é infinita sua misericórdia... 39

Capítulo VII

Primeira devoção a Maria santíssima

43. Já na minha infância e juventude, professava uma cordial devoção a Maria santíssima. Oxalá tivesse agora a devoção de então! Valendo-me da comparação de Rodríguez, 40 sou como aqueles criados velhos das casas dos grandes que quase não servem para nada, considerados como trastes inúteis, conservados na casa mais por compaixão e caridade que pela utilidade de seus serviços. Assim sou eu no serviço da rainha dos céus e da terra: por pura caridade e misericórdia me agüenta e, para que se veja que é verdade, sem exagero, para humilhação minha, direi o que fazia em obséquio a Maria santíssima.

44. Ainda pequeno, deram-me um rosário, que agradei muitíssimo, como se recebesse um grande tesouro. Com ele rezava, junto com as demais crianças da escola. Ao sair das aulas, à tarde, formando duas filas, íamos à igreja próxima, e todos juntos rezávamos uma parte do rosário, dirigida pelo professor. 41

45. Ainda criança, encontrei em minha casa um livro que se intitulava *El Roser*, o Rosário. Nele estavam os mistérios do rosário com desenhos e explicações análogas. 42 Aprendi com aquele livro a rezar o rosário, com seus mistérios, ladainhas e outras orações. Quando o professor tomou conhecimento disto, ficou contentíssimo e colocou-me a seu lado na igreja para que eu dirigisse o rosário. Os demais meninos, ao ver que com isso agradava o professor, o aprenderam também e, a partir daí, íamos alternando por semanas, de modo que todos aprendiam e praticavam esta santíssima devoção que, depois da missa, é a mais proveitosa.

46. Daí por diante, rezava, não só na igreja, mas também em casa todas as noites, conforme dispunham meus pais. Concluída a primeira alfabetização e com trabalho fixo na fabrica, como disse no capítulo quinto, diariamente rezava três partes e também rezavam comigo os demais trabalhadores. Eu dirigia e eles respondiam, enquanto trabalhavam. Rezávamos uma parte às oito, antes do café da manhã, outra antes das doze, hora do almoço, e outra antes das nove da noite, hora do jantar.

47. Além de rezar o rosário nos dias de trabalho, rezava também uma Ave-Maria a cada hora do dia e a oração do *Angelus Domini* (O Anjo do Senhor) em sua devida hora. Nos dias de festa passava mais tempo na igreja do que em casa, porque quase não brincava com as demais crianças. Entretinha-me em casa e, enquanto estava assim, inocentemente entretido em algo, parecia ouvir uma voz; era a Virgem que me chamava para que fosse à igreja, e eu dizia: Já vou, e ia logo.

48. Nunca me cansava de estar na igreja diante de Maria do Rosário. Falava e rezava com tanta confiança com a convicção de que a santíssima virgem me ouvia. 43 Tinha a impressão de que da imagem, diante da qual orava, existia como que um fio de ligação até a original,

que está no céu. Sem ter visto naquela idade o telégrafo elétrico, eu imaginava como se existisse um telégrafo daquela imagem até o céu. Não sei explicar, mas orava com mais atenção, fervor e devoção do que agora.

49. Amiúde, desde pequeno, acompanhado de minha irmã Rosa, que era muito devota, ia visitar um santuário de Maria santíssima, chamado Fusimanha, distante aproximadamente seis quilômetros de minha casa. Difícil explicar a devoção que sentia nesse santuário. Avistando a capela ao longe, antes de lá chegar, sentia-me comovido, meus olhos enchiam-se de lágrimas de ternura. Tomávamos o Rosário e íamos rezando até chegar ao local. Visitei essa devota imagem de Fusimanha sempre que me foi possível, não somente quando criança, mas também como estudante, sacerdote e como arcebispo, antes de ir à minha diocese. 44

50. Meu maior prazer era trabalhar, rezar, ler e pensar em Jesus e em Maria santíssima. Por isso gostava muito de guardar silêncio. Falava muito pouco. Comprazia-me estar sozinho para não ser incomodado nos meus pensamentos. 45 Sempre estava contente e alegre. Viviamos em paz com todos. Jamais briguei, nem tive rixas com ninguém, nem de criança nem como adulto.

51. Enquanto estava muito alegre e ocupado com estes santos pensamentos, eis que, de repente, tive uma tentação das mais terríveis e blasfemas contra Maria santíssima. Foi o maior sofrimento de minha vida. Lutava com todas as forças para livrar-me dela. Preferia estar no inferno para que se afastasse. Não comia, nem dormia, nem podia olhar para sua imagem. Quanto sofrer! Confessava-me, mas como era muito jovem, não sabia explicar-me. O confessor passou a não dar importância alguma ao fato, e eu continuava no mesmo sofrimento. Ó que amargura! A tentação durou até que o Senhor se dignou livrar-me dela. 46

52. Posteriormente, tive outra tentação, esta contra minha mãe, que me amava muito e eu também a ela. Apoderou-se de mim muito ódio, imensa aversão contra ela. Eu, porém, procurava tratá-la com carinho e humildade, para poder vencer semelhante tentação. Lembro-me que ao contar ao diretor espiritual a tentação que sofria e o que fazia para vencê-la e superá-la, perguntou-me: Quem te disse que praticasse essas coisas? Respondi-lhe: Ninguém, senhor. Então me respondeu: É Deus quem te ensina, filho; avante, sê fiel à graça.

53. Diante de mim, meus companheiros não se atreviam a falar palavrões nem manter conversas maliciosas. Certa vez, por acaso, encontrava-me numa reunião de jovens, pois geralmente eu me afastava de tais rodinhas, porque conhecia a linguagem que se usa em tais ambientes. Foi aí que um dos jovens mais velhos me disse: Antônio, afasta-te de nós, pois queremos falar besteiras. Agradei-lhes pelo aviso e fui embora sem jamais voltar a procurá-los.

54. Ó meu Deus! Como tendes sido bom para comigo! Oh! Como tenho correspondido mal às vossas finezas! Se Vós, Deus meu, tivésseis dado essas graças a outro qualquer, teria correspondido muito melhor que eu. Que humilhação, que vergonha, no dia do juízo, quando me disserdes: *Redde rationem villicationis tuae?* (Presta conta de tua administração). 47

55. Ó Maria, minha mãe! Quanta bondade tendes tido para comigo e quão ingrato sou para convosco! Sinto-me confuso e envergonhado: Minha mãe, desejo amar-vos daqui para diante

com todo fervor; e não só eu vos amarei, mas procurarei fazer que todos vos conheçam, vos amem, vos sirvam, vos louvem, rezem o santíssimo rosário, devoção que vos é tão agradável. Ó minha mãe! Ajudai-me na minha debilidade e fraqueza, a fim de cumprir minha resolução.

Capítulo VIII

Mudança para Barcelona

56. Desejoso de progredir nos conhecimentos da arte têxtil, pedi a meu pai que me enviasse para Barcelona. 48 Meu pai concordou, acompanhou-me até lá. Eu mesmo, a exemplo de São Paulo, ganhava com minhas próprias mãos o que necessitava para minha alimentação, vestuário, livros e para pagar os estudos, etc. A primeira coisa que eu fiz foi apresentar uma solicitação à direção da Casa Lonja a fim de ser admitido nas aulas de desenho; consegui e aproveitei bastante. 49 Quem diria, o desenho que aprendia para a arte têxtil, Deus queria que o usasse para a religião! Na verdade, muito me tem servido para ilustrar o catecismo e assuntos místicos.

57. Além do desenho, comecei a estudar gramática castelhana e francesa, orientando todos os estudos para o objetivo de progredir no comércio e na fabricação.

58. De tudo que já estudei e de tudo a que me dediquei durante a vida, nada assimilei tão bem como a arte têxtil. Na casa em que trabalhava, havia livros de amostras que a cada ano eram publicados em Paris e Londres, e adquiridos para estarem atualizados. 50 Deus me dera tanta inteligência nessa arte que, ao analisar uma amostra qualquer, no mesmo instante armava o tear com os traços desejados, conseguindo o mesmíssimo resultado; e mais: se o dono preferisse, fazia outros ainda melhores.

59. No princípio, senti certa dificuldade. Porém, com aplicação dia e noite, tanto em dia de trabalho como em dia de festa, (no que era permitido, como estudar, escrever e desenhar), daí tirei muito proveito. Oxalá me tivesse aplicado assim à virtude. Como seria outra pessoa! Quando depois de muitas tentativas acertava a decomposição e composição da amostra, sentia uma alegria tão grande, tal satisfação que andava pela casa como louco de contente. Tudo isso aprendi sem professor; antes, pelo contrário, ocultavam-me o processo, em vez de me ensinarem o modo de entender as amostras e sua reprodução.

60. Certa vez, perguntei ao gerente da fábrica como se poderia reproduzir a amostra que tínhamos em mãos, se desta ou daquela maneira. Ele pegou o lápis e determinou a composição do tear. Silenciei e lhe disse apenas que não levasse a mal, mas estudaria em casa a amostra e o esquema que traçara. Poucos dias depois, apresentei-lhe o desenho do esquema necessário para realizar a amostra, fazendo-o notar, simultaneamente, que o esquema que ele traçara não teria como resultado a produção da amostra, mas outra coisa que lhe indiquei. O gerente ficou admirado ao ver os desenhos e ao ouvir as razões e explicações. 51

61. Depois desse dia, valorizou-me muito. Levava-me a passeio junto com seus filhos. Realmente, muito me ajudaram sua amizade, suas orientações e seus princípios, pois, além de ser homem bastante instruído, era esposo fiel, bom pai de família, bom cristão, um

monarquista por princípios e convicções. Muito me ajudaram também as lições dadas por esse senhor, pois em Sallent, minha cidade, até o ar se respirava era constitucional. 52

62. Com relação à fabricação, não só saí bastante habilidoso no domínio das amostras, como disse, mas também bastante prático na composição do esquema do tear. Assim, alguns trabalhadores pediam-me o favor de lhes preparar o tear, pois não conseguiam acertá-lo. Eu os atendia com alegria, por isso me respeitavam e me queriam muito bem.

63. A fama da habilidade para a arte têxtil que o Senhor me dera espalhou-se por toda a Barcelona. Daí é que alguns senhores chamaram meu pai e lhe apresentaram o plano de formarmos uma sociedade e instalarmos uma fábrica por nossa conta. Essa idéia agradou muitíssimo a meu pai, pois seria uma oportunidade para desenvolver a fábrica que já possuía. Falou-me das vantagens que disso resultaria e a fortuna que me esperava.

64. Porém, como são inescrutáveis os juízos de Deus! Mesmo estando tão entusiasmado com a fabricação e, mesmo tendo feito muito progresso, não consegui decidir-me. Sentia interiormente uma repugnância em fixar-me e fazer com que meu pai assumisse compromissos. Disse-lhe que me parecia um tanto cedo para tal empenho, pois eu era muito jovem. Além do mais, sendo de baixa estatura, os trabalhadores não me respeitariam. Respondeu-me que não me preocupasse com isso, pois outro governaria os trabalhadores; eu teria que me ocupar somente da parte diretiva da fabricação... Também me escusei, dizendo que depois veríamos, que no momento não me sentia inclinado. Na verdade isto foi providencial. Francamente, eu nunca me opus aos desígnios de meu pai. Esta foi a primeira vez em que eu não fiz a sua vontade; e foi porque a vontade de Deus queria outra coisa de mim: queria que eu fosse sacerdote e não fabricante, embora nessa época não tivesse idéia clara de tal chamado. 53

65. Nesse momento da minha vida, cumpriu-se em mim aquela passagem do Evangelho na qual os espinhos sufocaram o bom trigo. 54 O contínuo pensar nas máquinas, nos teares e nas composições me deixava tão absorto que não conseguia pensar em outra coisa. Ó meu Deus, quanta paciência tivestes para comigo! Ó virgem Maria, até mesmo de vós havia momentos em que me esquecia! Misericórdia, minha mãe!

Capítulo IX

Motivos para deixar a fabricação.

66. Nos três primeiros anos em que estive em Barcelona, esfriou muito em mim o fervor espiritual que sentia quando estava em minha terra natal. 55 É verdade que recebia os santos sacramentos algumas vezes ao ano, que todos os dias de festa e de preceito participava da missa e diariamente rezava a Maria santíssima o santo rosário e algumas outras devoções; porém não eram tantas nem tão fervorosas como antes. Todo o meu objetivo, todo o meu afã era a arte têxtil. Por mais que o diga, não o salientarei bastante; era um delírio o que eu sentia pela fabricação. E quem haveria de dizer que essa afeição tão extremada era o meio de que Deus se havia de valer para arrancar-me do amor à fabricação?

67. Nos últimos tempos de Barcelona, tal era minha afeição à arte têxtil que, ao participar da santa missa nos dias de festa e preceito, fazia um grande esforço para afastar estes pensamentos. Mesmo sentindo prazer em pensar e falar sobre a fabricação, não queria que isso acontecesse durante a missa e demais devoções. Procurava afastar os pensamentos, prometia a mim mesmo que depois me ocuparia disso e que no momento queria pensar na oração. Meus esforços eram inúteis. Era como tentar parar de repente uma roda em alta velocidade. Durante a missa, para meu maior tormento, surgiam idéias novas, descobertas, etc. De tal modo que, durante a celebração, tinha mais máquinas na minha cabeça do que santos no altar. 56

68. Em meio a esta barafunda de coisas, enquanto participava da santa missa, lembrei-me de ter lido quando pequeno aquelas palavras do Evangelho: Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vier a prejudicar a sua vida? 57 Esta frase causou-me profunda impressão; foi para mim uma seta que me feriu o coração. Eu pensava e refletia sobre o que haveria de fazer, porém não acertava.

69. Encontrei-me como Saulo a caminho de Damasco. Faltava-me um Ananias que me dissesse o que devia fazer. Procurei o irmão Paulo 58 na “Casa de San Felipe Néri”; relatei-lhe minha situação. Ele escutou-me com muita paciência e caridade e disse-me com toda humildade: Meu senhor, sou um simples irmão leigo; não sou eu quem há de aconselhá-lo; eu o acompanharei a um padre bastante sábio e muito virtuoso e ele lhe dirá o que deve fazer. Apresentou-me então ao padre Amigó! Este ouviu-me e louvou minha resolução. Aconselhou-me que estudasse Latim e eu obedeci. 59

70. Despertaram em mim os fervores de piedade e devoção, abri os olhos, e me certifiquei dos perigos corporais e espirituais pelos quais passara. Relatarei brevemente alguns. 60

71. Naquele último verão, a santíssima Virgem preservou-me do afogamento no mar. Como trabalhava muito, no verão passava muito mal. Perdia completamente o apetite. Encontrava algum alívio indo ao mar: lavava os pés, tomava alguns goles de água. Certo dia, fui ao Mar Velho, depois da Barceloneta. Estando na praia, o mar de repente se agitou e uma série de grandes ondas me carregou; sem esperar, estava mar adentro. Fiquei admirado ao ver-me flutuando sobre as ondas, mesmo sem saber nadar. Depois de invocar Maria santíssima, encontrei-me novamente na praia, sem que em minha boca tivesse entrado uma gota de água sequer. Enquanto estava na água sentia a maior serenidade; depois, ao encontrar-me na praia, horripilava-me ao pensar no perigo de que havia escapado por intercessão de Maria santíssima. 61

72. Maria santíssima me livrou também de outro perigo ainda maior, semelhante ao do casto José. Encontrando-me em Barcelona, ia alguma vez visitar um conterrâneo meu. Não falava com ninguém da casa a não ser com ele. Ao chegar, dirigia-me ao seu quarto e conversava unicamente com ele. Porém, viam-me sempre entrar e sair. Eu era então juvenzinho e, se bem é verdade que eu mesmo ganhava minha roupa, gostava de vestir, não digo com luxo, mas sim com bastante elegância, talvez demasiada. Será que Deus me pedirá conta disso no dia do juízo? Um dia, fui à mesma casa e perguntei pelo amigo. A dona da casa, que era uma senhora jovem, disse-me que o esperasse, pois estava para chegar. Esperei um pouco e logo percebi a paixão daquela senhora, que se manifestou com palavras e ações. Eu, depois de

invocar Maria santíssima, e lutando com todas as minhas forças, escapei de seus braços, saí correndo da casa sem nunca mais voltar e sem dizer a ninguém o que havia ocorrido, a fim de não prejudicar sua honra. 62

73. Deus dava-me todos esses golpes para me despertar e livrar-me de todos os perigos do mundo; porém foi preciso ainda um outro mais forte. Aconteceu o seguinte: Um jovem de minha idade convidou-me para que abríssimos um negócio em sociedade. Concordei com a proposta. Iniciamos com investimentos na loteria. 63 Tínhamos bastante sorte. Como eu estava sempre tão ocupado, podia apenas ser o depositário. Ele adquiria os bilhetes e eu os guardava. No dia do sorteio eu lhe entregava os bilhetes e ele me dizia quanto havíamos ganhado. E como tínhamos muitos bilhetes, em cada jogada, ganhávamos somas consideráveis. Separávamos o que era necessário para comprar mais bilhetes e o restante era colocado a juros nas mãos de comerciantes, as eis por cento, com os recibos correspondentes. Eu guardava os recibos. Tudo o mais corria por conta do meu companheiro.

74. Já eram muitos os recibos e a soma era considerável. E eis que, certo dia, veio dizer-me que um de nossos bilhetes fora premiado com 24.000 duros, mas que, quando ia fazer a cobrança, perdera o bilhete. E falava a verdade ao dizer que o havia perdido, pois o colocara no jogo e o perdera. E não só perdeu aquele bilhete, mas também foi ao meu quarto, na minha ausência, arrombou o meu cofre e levou consigo todos os recibos da sociedade, que estavam ali guardados. Além disso, carregou todo o meu dinheiro particular. Levou também consigo os livros e a roupa, e penhorou tudo numa loja de objetos usados. Perdeu tudo no jogo. Finalmente, desejoso de se ressarcir, não tendo mais o que jogar, desesperado, foi a uma casa na qual tinha entrada, levou as jóias de uma senhora e as vendeu. Foi ao jogo e também perdeu.

75. Entretanto, a senhora achou falta de suas jóias e pensou que aquele fulano as havia roubado. Denunciou à autoridade policial. Prenderam o ladrão, que confessou seu delito; foi condenado a dois anos de prisão. É impossível explicar o golpe que me deu este contratempo, não por ter perdido os bens, apesar de muitos, mas pela perda da honra. Pensava: Que dirão as pessoas? Vão pensar que tu eras cúmplice dos seus jogos e roubos. Ai! Um companheiro teu na cadeia, na prisão! Era tanta confusão e vergonha que mal me atrevia sair à rua. Parecia que todos os olhares se voltavam para mim, falavam de mim e se referiam a mim.

76. Ó meu Deus! Como fostes bom e admirável para comigo!... De que meios tão estranhos vos valestes para me arrancar do mundo!... Que bebida amarga usastes para livrar-me da Babilônia! E a vós, minha mãe, como poderei agradecer-vos por me terdes preservado da morte, tirando-me do mar? Se naquele lance me tivesse afogado, como naturalmente teria acontecido, onde me encontraria agora? Vós o sabeis, ó minha mãe! Sim, no inferno me encontraria, e em lugar muito profundo, por minha ingratidão. Assim como Davi, devo exclamar: *Misericórdia tua magna est super me, et eruiisti animam meam ex inferno inferiori*: Vossa misericórdia foi grande para comigo, arrancastes minha alma das profundezas da região dos mortos. 64

Capítulo X

Fuga para a Cartuxa de Montealegre

77. Desiludido, enfasiado e entediado do mundo, pensei em deixá-lo e fugir para uma solidão, tornar-me cartuxo. E, com este objetivo e finalidade, realizava meus estudos. Considerei que faltaria ao meu dever se não comunicasse essa atitude ao meu pai. Conteí a ele meu propósito na primeira ocasião que tive, em uma das muitas vezes que ia a Barcelona por questões comerciais. Ele sentiu muito quando lhe disse que queria abandonar a arte têxtil. Fez-me ver as esperanças lisonjeiras que tinha a meu respeito e sobre a fabricação; o grande negócio que ambos podíamos montar. E seu sofrimento tornou-se ainda maior quando lhe disse que desejava tornar-me monge cartuxo. 65

78. Como ele era um bom cristão, disse-me: Não quero tirar sua vocação; Deus me livre disso. Pense muito bem, encomende-se a Deus e consulte seu diretor espiritual e, se ele disser que esta é a vontade de Deus, eu a acato e aceito, por mais que sinta em meu coração. Contudo, se for possível, em vez de se tornar monge, seja sacerdote secular, eu gostaria mais. Contudo, faça-se a vontade de Deus.

79. Dediquei-me ao estudo da gramática latina com toda a aplicação possível. O primeiro professor foi padre Tomás, sacerdote com um bom Latim. Aos dois meses de aula, teve um ataque apoplético; perdeu a fala e morreu em poucas horas. Mais um desengano. Depois tive Francisco Mas y Artigas, 66 que me acompanhou até à minha saída de Barcelona para Vic, para começar Filosofia, e foi desta maneira:

80. Meu irmão mais velho, João, já estava casado com Maria Casajuana, filha de Maurício Casajuana, que era encarregado de cobrar o tributo de algumas propriedades e domínios do bispo de Vic em Sallent, sendo, por isso mesmo, muito admirado por ele e a quem freqüentemente visitava. Numa dessas visitas, falou-lhe a meu respeito. Não sei o que ele lhe teria dito, pois o bispo manifestou desejo de me ver.

81. Pediram-me que passasse por Vic. Eu não queria ir, por recear que me atrapalhassem o pensamento de entrar para a Cartuxa, meu grande desejo. Comuniquei-o a meu professor, e ele me disse: Eu o acompanharei até um padre de “San Felipe Néri”, padre Cantí, homem muito sábio, prudente e experiente, e ele dirá o que se há de fazer. Apresentamo-nos e, após ter ouvido todas as razões para não ir, disse-me: Vá, e se o senhor bispo entender que é vontade de Deus que entre para a cartuxa, longe de opor-se, com certeza, ainda o protegerá.

82. Calei-me e obedeci. Depois de quatro anos, saí de Barcelona. Nesse período de tempo esfriou bastante meu fervor, inflando-me demasiadamente de vaidade, elogios e aplausos, principalmente nos três primeiros anos. Oh! Quanto o sinto e choro amargamente! Porém, o Senhor já teve o cuidado de humilhar-me e confundir-me. Bendito seja por tanta bondade e misericórdia que me tem dispensado.

Capítulo XI

Mudança de Barcelona para Vic

83. Nos primeiros dias de setembro de 1829, saí de Barcelona e, apedido de meus pais, fui a Sallent. Para agradá-los, fiquei em companhia deles até o dia de São Miguel, dia 29, saindo

logo após a santa missa. Foi uma viagem muito triste, devido à chuva que nos acompanhou quase todo o tempo. À noite, completamente calados, chegamos a Vic. 67

84. No dia seguinte fomos visitar o bispo dom Paulo de Jesus Corcuera. 68 Recebeu-nos muito bem. E, a fim de ter mais tempo para estudar e poder dedicar-me mais às minhas devoções particulares, colocaram-me ao lado do padre Fortián Bres, mordomo do palácio e sacerdote boníssimo, que me estimava muito. 69 Estive com ele durante toda minha permanência em Vic e, depois, sempre que ia a Vic hospedava-me em sua casa. Ele foi meu padrinho quando na catedral de Vic fui consagrado Arcebispo de Cuba.

85. Já nos primeiros dias de minha estadia em Vic, pedi que me indicassem um sacerdote para fazer uma confissão geral. Indicaram-me o padre Pedro Bach, de “San Felipe Néri”. 70 Com ele, fiz a confissão geral de toda a minha vida. Depois, continuei me confessando com ele, a cada semana, e me orientava muito bem. É digno de nota como Deus se valeu de três padres da “Casa de San Felipe Neri” para me aconselhar e orientar nos três momentos mais críticos de minha vida espiritual: o irmão Paulo e os padres Antônio Amigó, Cantí e Pedro Bach.

86. Desde que cheguei a Vic, confessava e comungava semanalmente. Depois de algum tempo, o diretor pediu que eu confessasse duas vezes e comungasse quatro vezes por semana. 71 Cada dia, ajudava a missa celebrada pelo padre Fortián Bres. Fazia meia hora de oração mental diariamente e, por mais que chovesse, visitava o Santíssimo Sacramento nas Quarenta Horas e a imagem de Nossa Senhora do Rosário na igreja dos padres dominicanos da mesma cidade. Mesmo que as ruas estivessem cobertas de neve, nunca omiti as visitas ao Santíssimo Sacramento e à virgem Maria. 72

87. Todos os dias, à mesa, líamos a vida do santo do dia. Com a aprovação do diretor espiritual, em três dias da semana (segunda, quarta e sexta-feira) aplicava-me a disciplina e na terça, quinta e sábado, o cilício. 73 Com estas práticas de devoção, retomei todo meu fervor religioso sem descuidar dos estudos, aos quais me aplicava o máximo que podia, sempre com a mais pura e reta intenção. 74

88. No decorrer do primeiro ano de filosofia, em meio aos estudos e práticas de piedade, jamais esqueci de minha almejada Cartuxa e, além do mais, tinha sempre à vista, na mesa de estudo, uma estampa de são Bruno. Muitas vezes, quando me ia confessar, falava ao meu diretor do desejo que ainda alimentava de entrar na Cartuxa. Por esse desejo, o diretor chegou a crer que Deus me chamava para ingressar nela. Escreveu ao padre prior. Ficou decidido que, ao terminar o curso daquele ano, eu seria encaminhado para a Cartuxa. Com efeito, o diretor entregou-me duas cartas, uma ao prior e uma a um outro religioso conhecido meu que lá residia.

89. Eu, muito contente, empreendi a viagem a Barcelona e depois a Badalona e Montealegre. 75 Pouco antes de chegar a Barcelona, desencadeou-se uma tempestade tão grande que metia medo. Por ter estudado muito naquele ano, tinha o peito enfraquecido. E, para proteger-nos da forte chuva que caía, pusemo-nos a correr. Abatido pela fadiga de tanto correr, e com o mormaço que se levantava da terra seca e quente, me deu forte asfixia, o que me fez pensar: Talvez Deus não queira que vás à Cartuxa! Esta idéia me alarmou muito. O certo é que não

tive força para empreender o restante da viagem e acabei indo para Vic. Comuniquei o fato ao meu diretor espiritual e ele se calou; não disse nem bem nem mal, e o caso ficou assim.

76

90. Dos meus desejos de ser cartuxo só o diretor espiritual estava ciente; os demais o ignoravam completamente. Naqueles dias, havia em Sallent um benefício vacante pretendido por um sacerdote que não era natural da população local, ainda que vivesse nela e, infelizmente, não era o desejável. 77 Quando o vigário-geral viu a solicitação, falou ao bispo da inconveniência de conceder-lhe o benefício, a fim de impedir sua entrada na comunidade. Ofereceram-no a mim por ser filho do lugar e por isso deveria ser preferido. Obtive a graça. No dia 2 de fevereiro de 1831, 78 recebi, no mesmo dia, do bispo a tonsura e do vigário-geral a colação. No dia seguinte, fui a Sallent para tomar posse do referido benefício. A partir desse, dia vesti os hábitos talaes e comecei a rezar o ofício divino.

91. Por ocasião das festas do Natal, Semana Santa e nas férias, ficava em Sallent por causa do benefício; o resto do ano ficava em Vic, por causa dos estudos. Já falei das práticas de devoção que fazia em particular. Além dessas práticas, mensalmente me chamavam para uma comunhão geral da Academia de Santo Tomás, da qual participavam todos os estudantes. 79 Além disso, o bispo havia determinado na igreja do Colégio da Congregação da Imaculada Conceição e de São Luís Gonzaga, que todos os seminaristas internos e externos, recebessem a tonsura e se algum outro aluno quisesse entrar, devia solicitar diretamente ao bispo. Os congregados comungavam todo terceiro domingo de cada mês. O próprio bispo celebrava a missa na igreja do seminário. No mesmo dia, à tarde, fazia uma palestra.

92. Anualmente, por ocasião da Quaresma, na mesma igreja do colégio ou seminário, fazíamos o retiro espiritual que durava oito dias, de um domingo a outro. O bispo participava de todos os atos. Lembro-me de que num dos sermões dizia: Se alguém perguntar por que o bispo dedica tanto tempo aos estudantes, a resposta será: Sei o que faço! Ah! Se conseguir que os estudantes sejam bons, depois serão bons sacerdotes e bons párocos. Que sossego terei então!... Muito convém que os estudantes se nutram da piedade enquanto estudam; do contrário, tornam-se soberbos, que é o pior que pode acontecer, pois a soberba é a origem do pecado. É preferível que saibam um pouco menos, mas que sejam piedosos, do que saber muito, mas com pouca ou nenhuma piedade, porque aí se inflam com o vento da vaidade.

93. Depois do primeiro ano de filosofia, já não pensei mais em ser monge cartuxo e reconheci que aquela vocação foi passageira. O Senhor levava-me mais longe para afastar-me das coisas do mundo e, assim, desprendido de todas elas, ficasse no estado clerical, como o próprio Senhor me deu a entender depois. 80.

94. Durante a época de estudos, entrei na Congregação do *Laus perennis* (Louvor perene) do Sagrado Coração de Jesus. Minha hora de louvor é em junho, no dia de Santo Antônio, das quatro às cinco da tarde. Ingressei nela por meio do padre Ildefonso Valiente, 81 reitor do Colégio de Manresa, que me fez o convite em uma visita à minha casa. Na mesma cidade, estou alistado na associação do Rosário perpétuo, com hora para oração no dia de São Pedro, 29 de junho, das treze às catorze horas. 82 Na cidade de Vic fui alistado na Confraria do Rosário e na Confraria do Carmo. Alistei-me também e professei na Congregação das Dores.

83

95. Quando cursava o segundo ano de filosofia em Vic, aconteceu-me o seguinte: No inverno tive um resfriado ou constipação. Mandaram-me ficar de repouso. Obedeci. Num daqueles dias em que estava acamado, às dez e meia da manhã, sofri uma tentação terrível. Recorria a Maria santíssima. Invocava o anjo da guarda. Rogava aos santos de meu nome e de minha especial devoção. Esforçava-me por fixar a atenção em objetos diferentes, distrair-me e assim afastar e esquecer a tentação. Persignava-me na fronte a fim de que o Senhor me livrasse dos maus pensamentos. Porém, tudo em vão.

96. Finalmente, virei-me para o outro lado da cama para ver se assim afastaria a tentação. Eis que se apresenta Maria Santíssima, formosa e graciosíssima. Seu vestido era carmesim; o manto azul e, entre seus braços, vi uma enorme grinalda de belíssimas rosas. Em Barcelona eu tinha visto rosas naturais e artificiais muito bonitas, mas não eram como estas. Oh! Como tudo aquilo era belo! Ao mesmo tempo em que estava na cama, como que pasmado, via a mim mesmo como um menino branco formosíssimo, ajoelhado e com as mãos juntas. Eu não perdia de vista a virgem santíssima, em quem tinha fixos meus olhos. Recordo-me muito bem de que tive este pensamento: É mulher e não provoca nenhum mau pensamento; pelo contrário, afastou de mim todos os outros. A santíssima virgem dirigiu-me a palavra e disse: Antônio, se venceres, esta coroa será tua. Eu estava tão preocupado que não conseguia dizer-lhe uma palavra sequer. E vi que a santíssima virgem punha em minha cabeça a coroa de rosas que tinha em sua mão direita (além da grinalda, também de rosas, entre seus braços e no lado direito). Naquela criança, via-me coroado de rosas. Nem depois disto disse palavra alguma.

97. Vi também um grupo de santos que estavam à sua direita, em atitude de oração. Não os conheci. Só um me pareceu ser santo Estêvão. Acreditei então, e ainda agora me convenço disso, que aqueles santos eram meus protetores, que rogavam e intercediam por mim para que eu não caísse em tentação. 84 Depois, à minha esquerda, vi uma multidão de demônios, que se puseram em enfileirados, como soldados em retirada após ter travado uma batalha, e eu dizia a mim mesmo: Que multidão e como são temíveis! Diante de tudo isto, eu estava como que surpreendido, nem sabia mais o que me estava acontecendo. E logo que tudo isso passou, fiquei livre da tentação e com tamanha alegria, que não sabia o que se passara comigo.

98. Tenho certeza de que não estava dormindo, nem estava em estado febril, nem outra coisa que me pudesse causar uma ilusão semelhante. Isto me fez acreditar que foi uma visão real e uma especial graça de Maria, pois a partir daquele momento fiquei livre da tentação e, por muitos anos, estive livre de qualquer tentação contra a castidade e, se depois tive alguma, foi tão insignificante que nem merece o nome de tentação. Glória a Maria! Vitória de Maria!...

85

Capítulo XII

Ordenação Sacerdotal

99. O Bispo somente ordenava os seminaristas que faziam carreira completa e que estivessem bem adiantados nos estudos. Em geral era assim. Quando os candidatos concluíam o quarto

ano de Teologia, depois de dez dias de retiro espiritual, recebiam as quatro Ordens Menores. Terminado o quinto ano, recebiam a ordem do subdiaconato, depois de terem feito vinte dias de retiro espiritual. Concluído o sexto ano de Teologia, após trinta dias de retiro espiritual, recebiam o diaconato e, finalmente, ao terminarem o sétimo ano, após quarenta dias de retiro, recebiam o presbiterado.

100. Embora continuasse vigente o costume, comigo aconteceu de forma diferente: o bispo quis ordenar-me antes, ou porque precisava de alguém para rezar missas, ou porque já tinha a idade suficiente. Foi assim: 86 Concluído o primeiro ano de Teologia e iniciado já o segundo, recebi as Ordens Menores, nas têmporas de santo Tomás de Aquino, no ano de 1833. 87 Nas têmporas da Santíssima Trindade de 1834, concedeu-me o subdiaconato; na mesma cerimônia em que Jaime Balmes recebeu o diaconato. Ele era o primeiro dos diáconos, e eu o primeiro dos subdiáconos. Ele cantou o evangelho, e eu, a epístola. Ele e eu íamos lado a lado do sacerdote que presidia, encerrando a procissão no dia da ordenação. 88

101. Nas têmporas de santo Tomás, no mesmo ano de 1834, recebi o diaconato. Na hora da ordenação, quando o bispo pronunciou aquelas palavras do pontifical, tomadas do apóstolo São Paulo: Nossa luta não é somente contra seres de carne e sangue, mas também contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal espalhadas no ar”, 89 então o Senhor me revelou claramente o significado daqueles demônios que vi na tentação, mencionada no capítulo anterior. 90

102. No dia 13 de junho de 1835, fui ordenado presbítero pelo bispo de Solsona, pois o de Vic estava enfermo e da mesma enfermidade veio a falecer no dia cinco de julho. 91 Antes da ordenação, fiz os quarenta dias de retiro espiritual. 92 Nunca tinha feito um retiro com tanto sofrimento e tentação. 93 Mas certamente em nenhuma outra vez obtive tantas e maiores graças como no dia 21 de junho, festa de São Luís Gonzaga, patrono da Congregação, 94 em que cantei minha primeira missa. Minha ordenação foi no dia de santo Antônio, meu patrono.

103. Cantei a primeira missa na minha terra natal, para grande satisfação de meus parentes e de todo o povo. E como em todas as férias e feriados estudava teologia moral, do mesmo modo que sabia o catecismo, também conhecia a disciplina de Teologia Moral, 95 assim foi que prestei exame no dia de São Tiago e obtive licença para pregar e confessar. No dia 2 de agosto, dia da Porciúncula, iniciei meu ministério de confessor, atendi confissões seis horas seguidas, das cinco às onze da manhã. O meu primeiro sermão foi no mês de setembro (no mesmo ano da ordenação), na festa principal da minha cidade. Naquela ocasião, fiz um panegírico do padroeiro local 96 e, no dia seguinte, fiz outro sermão nas intenções dos falecidos da cidade, com admiração de todos os meus conterrâneos.

104. Ao terminar todas essas funções em minha terra natal, voltei para Vic, a fim de continuar minha carreira e concluí-la. No entanto, por causa da guerra civil, 97 os estudantes não podiam se reunir no seminário, e por isso tinham que estudar em particular. Naquela oportunidade, como também o Vigário-geral 98 não tivesse nenhum sacerdote para mandar como vigário paroquial ao meu povoado, quis insistentemente que eu fosse, e que lá estudasse em particular os anos que faltavam para concluir a carreira, como teria feito em Vic. 99 Acedi

por obediência, até completar os estudos, como se conclui pelo certificado que me forneceu o seminário de Vic, cujo teor é o seguinte:

105. O abaixo-assinado, Secretário do Seminário Conciliar da cidade de Vic. Certifico que o Sr. Antônio Claret, natural de Sallent, desta diocese, cursou três anos de filosofia, neste Seminário e foi aprovado. No primeiro, estudou Lógica, Ontologia e elementos de Matemática, de 1829 a 1830; no segundo ano, estudou Física geral e especial, de 1830 a 1831; e, no terceiro, Metafísica e Ética, no curso particular de 1832. Ficou também habilitado neste mesmo seminário, em quatro anos de disciplinas teológicas nos anos escolares de 1832 a 1836. Está, também, habilitado no referido Seminário, em três anos de teologia moral, nos anos de 1836 a 1839. Tudo conforme os livros de matrícula e de habilitações arquivadas nesta secretaria a meu encargo e aos quais me refiro. Dou testemunho da verdade e, a pedido do interessado, firmo e carimbo o presente. Vic, 27 de agosto de 1839. Padre Augustin Alier, secretário.

Capítulo XIII

Vigário paroquial

106. Fixo na paróquia de Santa Maria de Sallent, 100 além de estudar todos os dias, ocupava-me com as coisas do ministério. Juntamente como pároco, repartíamos as pregações, alternadamente, em todos os domingos de Advento, Quaresma, Corpus Christi e demais solenidades, nas quais pregávamos do púlpito na missa cantada. Nos outros dias festivos, a pregação era à tarde, logo depois de ter ensinado o catecismo. Após dois anos como coadjutor, o superior quis que eu fosse vigário paroquial. O que antes exercia a função retirara-se por causas políticas, assim fiquei só no ministério. 101

107. O projeto pessoal de vida que seguia era o seguinte: 102 Todos os anos, fazia os santos exercícios espirituais de dez dias, prática que segui sempre, desde que entrei no seminário. Confessava-me de oito em oito dias. Jejuava às sextas e sábados. Três dias por semana impunha-me a disciplina, a saber: às segundas, quartas e sextas. E noutros três dias, que eram terças, quintas e sábados aplicava-me o cilício.

108. Todos os dias, antes de sair do meu quarto, fazia oração mental em particular, pois me levantava muito cedo, e à noite rezava juntamente com minha irmã Maria, hoje terciária 103 e, com o empregado, homem já idoso. Nós éramos as três únicas pessoas da casa paroquial. Além da oração mental, rezávamos também o Rosário.

109. Em todos os domingos e festas pregava e ensinava o catecismo, conforme disposição do Concílio de Trento. 104 Nos domingos do Advento, Quaresma, e solenidades, pregava na missa. Nos demais domingos do ano, sem deixar um sequer, pregava à tarde, depois de ensinar o catecismo. Além do catecismo na igreja aos domingos, no tempo da Quaresma ensinava-o diariamente, nos seguintes horários: para meninas, das catorze às quinze horas, na igreja e, para os meninos, das dezenove às vinte horas, na casa paroquial.

110. Diariamente celebrava a missa bem cedo. Logo em seguida ia ao confessionário e daí não me levantava enquanto houvesse gente para confessar. Diariamente, ao entardecer, dava

uma volta pelas ruas da cidade, principalmente pelas ruas onde houvesse enfermos, visitava-os, desde que recebiam o Viático até morrerem ou ficarem sãos. 105

111. Nunca fazia visitas particulares, nem aos meus parentes, que por sinal eram muitos. Amava e servia a todos igualmente, fossem ricos ou pobres, parentes ou estranhos, conterrâneos ou estrangeiros, sendo que estes últimos eram muitos por causa da guerra. De dia e de noite, no Inverno e no Verão, sempre estava pronto para servi-los. Saía com muita freqüência para visitas aos moradores do campo. Trabalhava o máximo que podia. As pessoas correspondiam, aproveitavam o máximo e me amavam muitíssimo. 106 Sempre tive provas de amor, mas de modo especial quando resolvi ausentar-me para ir às missões estrangeiras, como de fato fui a Roma para ingressar na Congregação de Propaganda Fide, como direi na segunda parte. 107

112. Ó meu Deus, quão bom tendes sido para comigo e quão suavemente me haveis levado pelos caminhos que me tínheis traçado! Como a vida de pároco não era minha aspiração, sentia um grande desejo de deixá-la para ir às missões salvar almas, mesmo que tivesse de passar por mil tribulações e sofrer a morte. 108

Segunda parte

MISSÕES

Capítulo I

Vocação missionária

113. Passado o desejo de ser cartuxo, que Deus me tinha dado para me arrancar do mundo, pensei, não só em santificar minha alma, mas também meditava constantemente no que faria e como faria para salvar a alma do meu próximo. Efetivamente, rogava a Jesus e a Maria e me oferecia continuamente para ter êxito neste objetivo. As vidas dos santos, que todos os dias líamos durante as refeições, as leituras espirituais que eu fazia em particular, tudo me ajudava para isto. 1 No entanto, o que mais me movia e estimulava era a leitura da santa Bíblia, à qual sempre fui muito afeiçoado. 2

114. Havia passagens que me causavam tão forte impressão, que o que estava lendo parecia dirigido diretamente a mim. 3 Essas passagens eram muitas, principalmente as seguintes: Tu, que eu trouxe dos confins da terra, e que fiz vir do fim do mundo, e a quem eu disse: “Tu és meu servo, eu te escolhi, e não te rejeitei” (Isaías 41,9). Eu te trouxe dos confins da terra e te chamei de lugares longínquos. (Com estas palavras, conhecia como o Senhor me chamou sem mérito nenhum de parte de minha pátria, de meus pais e nem minha). A ti eu disse: Tu és meu Servo, eu te escolhi e não te rejeitei.

115. Nada temas, porque estou contigo, não lances olhares desesperados, pois eu sou teu Deus; eu te fortaleço e venho em teu socorro, eu te amparo com minha destra vitoriosa (v. 10). Aqui percebi como o Senhor me livrou maravilhosamente de todos os apuros aos quais me referi na primeira parte, e dos meios de que se serviu para isso.

116. Sabia dos grandes inimigos que teria e das terríveis e espantosas perseguições que se levantariam contra mim; porém, o Senhor me dizia: Vão ficar envergonhados e confusos todos aqueles que se revoltaram contra ti; serão aniquilados e destruídos aqueles que te contradizem (v. 11). Pois eu, o Senhor, teu Deus, eu te seguro pela mão e te digo: Nada temas, eu venho em teu auxílio (v. 13).

117. Vou fazer de ti um trenó triturador, novinho, eriçado de pontas: calcarás e esmagarás as montanhas, picarás miúdo as colinas (v. 15). Com estas palavras o Senhor me dava a conhecer o efeito que haviam de causar a pregação e a missão que ele mesmo me confiava. As montanhas quer dizer os soberbos, os racionalistas, etc., etc., e com o nome: “colinas” quer que entenda os que vivem na luxúria, pelos precipícios por onde todos os pecadores passam. E eu os censurarei e convencerei, e por isso me disse: Tu as joeirarás e o vento as carregará; o turbilhão as espalhará; entretanto, graças ao Senhor, te alegrarás e te gloriarás no Santo de Israel (v. 16).

118. O Senhor me fez conhecer que não só tinha de pregar aos pecadores, mas também catequizar, pregar aos simples dos campos e aldeias, etc., etc. E por isso me disse aquelas palavras: Os infelizes que buscam água e não a encontram e cuja língua está ressequida pela sede, eu, o Senhor, os atenderei, eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. Sobre os planaltos desnudos, farei correr água, e brotar fontes no fundo dos vales. Transformarei o deserto em lagos, e a terra árida em fontes (Is 41,17-18). E, de um modo muito particular, Deus nosso Senhor me fez entender aquelas palavras: *Spiritus Domini super me et evangelizare pauperibus misit me Dominus et sanare contritos corde.* (O Espírito do Senhor repousa sobre mim, e me enviou para evangelizar os pobres e curar os corações contritos). 4

119. O mesmo me acontecia ao ler o profeta Ezequiel, particularmente o capítulo terceiro. Com estas palavras: Filho do homem, estabeleço-te como sentinela na casa de Israel. Logo que escutares um oráculo saindo de minha boca, tu lho transmitirás de minha parte. Se digo ao malévolo que ele vai morrer, e tu não o prevines e não lhe falas a fim de o pôr de sobreaviso devido ao seu péssimo proceder, de modo que ele possa viver, ele há de perecer por causa de seu delito, mas é a ti que pedirei conta do seu sangue. Contudo, se depois de advertido por ti, não se corrigir da malícia e perversidade, ele perecerá por causa de seu pecado, enquanto tu hás de salvar a tua vida (3,17-19).

120. Em muitas partes da Sagrada Escritura, sentia a voz do Senhor que me chamava para que saísse a pregar. Na oração, ocorria-me o mesmo. Assim foi que decidi deixar a paróquia, ir a Roma e me apresentar à Congregação de Propaganda Fide (Propagação da Fé), – hoje “Congregação para a Evangelização dos Povos” – a fim de que me enviasse a qualquer parte do mundo. 5

Capítulo II

Saída da Espanha (6)

121. Para sair da paróquia, tive de enfrentar muitas e grandes dificuldades, tanto da parte do superior eclesiástico como da população; mas com a ajuda de Deus consegui deixá-la. Dirigi-me a Barcelona com a intenção de tirar passaporte para o estrangeiro e embarcar com destino

a Roma. Mas em Barcelona não quiseram conceder-me o passaporte e tive que voltar. Fui a Olost, onde tinha um irmão, chamado José, fabricante. De lá, me dirigi a Tria de Perafita, onde se encontrava um padre de são Filipe Néri, chamado padre Matavera, homem de muita experiência, ciência e virtude. Consultei-o sobre a viagem: o objetivo e os preparativos para empreendê-la, e as grandes dificuldades por que havia passado. O bom padre escutou-me com muita paciência e caridade e me animou a continuar. Acolhi sua orientação como a um oráculo e, imediatamente empreendi viagem. 7 Com documento de identidade, dirigi-me a Castellar de Nuch, Tosas, Font del Picasó e Ausseja. Este último povoado já pertencente à França. 8

122. Meu itinerário foi Castellar de Nuch, Tosas, Puerto, Font Del Picasó, Ausseja, Aulette,9 Prades, Perpignan, Narbona, Montpellier, Nimes, Marselha, onde embarquei no vapor “Tancrede”; desembarquei em Civitavecchia, chegando finalmente a Roma. 10

123. Agora direi o que aconteceu de mais importante naquela viagem. Saí bem cedo de Olost e fui dormir na paróquia de Castellar de Nuch. O vigário me recebeu muito bem. Deus lhe pague. 11 Rezei e fui descansar. Bem que necessitava de repouso, depois de ter caminhado a pé o dia todo e por lugares bastante desertos. No dia seguinte, bem cedo, celebrei a missa e parti para Tosas. Aqui nos disseram que em Puerto havia ladrões. 12 Demorei-me ali até que nos informaram que já se tinham retirado. Empreendi a subida a Puerto e, pouco antes de passar pelo desfiladeiro onde está a Font del Picasó, surgiu um homem à minha frente e gritou: Alto lá! E apontou-me um fuzil. Aproximou-se de mim, colocou-se ao meu lado e disse-me para acompanhá-lo até ao comandante. Com efeito, levou-me até o senhor que chefiava um grupo de dez homens armados. Ele me fez várias perguntas e lhe respondi com exatidão. Perguntou-me se levava passaporte. Respondi que sim. Apresentei-o e logo o devolveu. Queria saber por que eu não passara por Puigcerdá. Respondi-lhe que para mim dava no mesmo ir por Puigcerdá como por qualquer outro caminho, pois quem está com os documentos de viagem em ordem pode passar por onde desejar. Percebi que ficaram desconsertados.

124. Ao mesmo tempo observei que, num lugar um pouco mais afastado, havia muita gente presa e que, a um dado sinal, se puseram em marcha, enquanto os homens armados conversavam comigo. Finalmente, o comandante disse que me levariam a Puigcerdá e me apresentariam ao governador. Disse-lhes que não tinha por que temer o governador; no caso, eles é que deviam temer, por haver detido quem estava viajando bem documentado, conforme a lei. Postos em fila, começamos a andar rumo a Puigcerdá. Eles andavam depressa e eu caminhava devagar. Vendo que não ligaram para mim, tive este pensamento: Se quisessem me levar, eles me teriam colocado na frente ou no meio da fila. Se me deixaram por último, isto quer dizer que eu posso seguir meu caminho. Desta forma, sem dizer-lhes coisa alguma, virei para trás e me dirigi para a França. Depois de andar alguns passos, o mesmo homem que me prendera olhou para trás e me viu, fez sinal para que eu parasse e pôs-se a correr. Chegando bem próximo, disse em voz baixa: Não diga isto a ninguém. E eu lhe disse: Vão com Deus!

125. Oh! Quantas graças devo dar ao Senhor que me libertou a mim e às pessoas que estavam presas! E, para a maior glória de Deus, devo dizer que poucos dias antes havíamos combinado, eu e um jovem ordenando, que os dois juntos sairíamos para Roma. Chegado o

dia, o jovem não compareceu. Mandou-me dizer que não iria. Fui sozinho, e aconteceu o que acabo de narrar. Alguns dias depois, ao passar por esse mesmo lugar, foi atacado pelos mesmos ladrões. Roubaram-lhe tudo o que possuía. Tiraram-lhe até a camisa, deixando-o nu. Ele mesmo contou-me o ocorrido, quando nos encontramos no porto de Marselha. Quantas graças devo dar a Deus! Bendito sejais, meu Pai, pela grande providência e cuidado que sempre e em toda parte tivestes para comigo!

Capítulo III

Entrada e travessia pela França

126. Naquela mesma tarde, em que Deus nosso Senhor e a santíssima virgem me livraram dos ladrões, por ser sábado, 13 entrei no primeiro povoado da França que se chama Ausseja. Fui muito bem recebido. Como levasse um documento espanhol, ficaram com ele e me deram um passaporte de refugiado. E, com este, empreendi viagem. Passei por uma vila chamada Aulette. Insistiram para que ficasse lá, mas meu desejo era ir para Roma. De Aulette passei a Prades, onde também encontrei pessoas que me receberam com toda a caridade. Daí, me dirigi a Perpignan, onde trocaram meu passaporte, dando-me um outro com que pudesse chegar a Roma. Em Perpignan, a exemplo das outras cidades, fui bem recebido por pessoas que nunca tinha visto nem conhecido. Passei por Montpellier, Nimes e demais povoações e, enquanto caminhava, sozinho e sem cartas de recomendação, em todas as partes encontrava pessoas desconhecidas que pareciam estar me esperando. Bendita seja a providência de Deus por todas as suas criaturas e particularmente por mim!

127. Ao chegar a Marselha, um sujeito acompanhou-me pelo caminho. 14 Levou-me a uma casa na qual passei muito bem durante os cinco dias em que lá permaneci para esperar a embarcação. No dia seguinte, ao sair de casa para uma visita ao cônsul espanhol, e como tinha necessidade de que me visasse o passaporte, ao primeiro que encontrei, perguntei pela rua onde residia o cônsul. Aquele senhor não só me indicou a rua como também, ao me ter visto sozinho, teve a amabilidade de me acompanhar. Apresentou-me e me atenderam muito bem. Voltou comigo e acompanhou-me até a hospedagem. Naqueles cinco dias, pela manhã e à tarde, vinha buscar-me e me acompanhava para visitar as igrejas, cemitério e tudo o que havia de mais precioso naquela cidade em matéria de religião; edifícios e casas profanas nem sequer mencionou.

128. Finalmente chegou a hora do embarque, que foi às treze horas. Um pouco antes, apresentou-se em meu quarto, a todo custo quis carregar minha trouxa. E assim, nós dois sozinhos nos dirigimos ao porto e, em frente ao barco nos despedimos. Naqueles cinco dias em que estive comigo, o indivíduo foi tão educado, amável, atento e preocupado comigo, que parecia que o seu senhor o tinha enviado para que cuidasse de mim com todo o esmero. Parecia mais anjo que homem: tão modesto, alegre, mas ao mesmo tempo, tão sério, religioso e devoto que sem preme levava aos templos, o que, por sinal, muito me satisfazia. Nunca me falou de entrar em nenhum café ou coisa semelhante, nem jamais o vi comer ou beber, porque à hora apropriada ia, deixava-me e logo voltava.

Capítulo IV

No navio para Roma

129. Embarquei às treze horas. 15 Já tinha rezado as Vésperas e as Completas para não me expor a rezar mal, devido às manobras nas primeiras horas de viagem e talvez a possibilidade de não poder rezá-las em caso de enjôo. Ao chegar ao navio, no qual havia muitas pessoas de várias nacionalidades que faziam a mesma travessia, ouvi alguns que falavam castelhano. Tive uma grande alegria e perguntei-lhes: Vocês são espanhóis? Responderam-me afirmativamente e me explicaram que eram religiosos beneditinos que haviam saído de Navarra por causa do que havia feito o general Maroto, 16 e que iam a Roma. Contaram-me o sofrimento e trabalho que haviam passado e a miséria atual em que se achavam. Disseram-me também que no mesmo navio havia outro espanhol, catalão, que estava muito aflito, porque ao passar a fronteira o haviam roubado. Certamente aquele homem era o que prometera vir comigo e tinha-me faltado com a palavra. Avistei-o e ele estava num estado lamentável. Consolei-o como pude. Nessa conversação, passamos a tarde e o início da noite.

130. Como minha viagem a Roma não era a passeio, mas para trabalhar e sofrer por Jesus Cristo, achei que devia procurar o lugar mais humilde, mais pobre e no qual tivesse mais oportunidade de sofrer. Com efeito, comprei uma passagem no convés, na parte da proa, que era o lugar mais pobre e barato da embarcação. Depois de retirar-me sozinho para rezar o rosário e algumas devoções, procurei onde descansar um pouco e não encontrei outro lugar mais apropriado que um monte de cordas enroladas. Lá, me sentei e apoiei a cabeça num canhão de artilharia que estava na bombardeira, numa das laterais do navio.

131. Naquela posição, meditava como Jesus descansava quando estava no barco com seus discípulos. E a meditação foi tão apropriada, que o Senhor quis se assemelhasse também na tempestade. Enquanto descansava, levantou-se uma tempestade tão forte que a água entrava no navio. Eu, sem me mexer e sentado sobre aquele montão de cordas, pus o capote sobre a cabeça, a trouxa com a provisão e o chapéu encostados ao corpo, a cabeça um pouco inclinada para frente, a fim de que escorresse a água das ondas que batiam contra o navio e caíam sobre mim. Assim, ao ouvir o embate de uma onda, inclinava a cabeça, dava as costas e a água caía.

132. Assim passei a noite inteira até o amanhecer, quando, com chegada da chuva, a tempestade amainou. Se antes me havia molhado coma água do mar, agora me molhava com a água doce da chuva. Toda a minha bagagem consistia numa camisa, um par de meias, um lenço, uma navalha para barbear e um pente, o breviário e a santa Bíblia, em tamanho pequeno. Tudo isso levava sempre dentro de uma trouxa. Como não era fornecida comida aos viajantes da segunda classe, era preciso que cada um providenciasse sua provisão. Como eu já sabia disso, antes de embarcar, fiz em Marselha a minha reserva que consistia num pão recheado e um pedaço de queijo. Esta foi toda a minha alimentação nos cinco dias de viagem, de Marselha a Civitavecchia, com as escalas que fizemos e a tempestade que tivemos. 17 A tempestade foi demorada e forte. Caiu muita água e fiquei muito molhado. Tanto o capote quanto a provisão ficaram encharcados. Para me alimentar, não tive outro jeito senão comer o queijo e o pão molhado, e muito salgado; no entanto, como a fome era muita, me pareciam saborosos.

133. No dia seguinte, acalmada a tempestade e passada a chuva, peguei o breviário e rezei as Matinas e as Horas menores. Concluída a oração, aproximou-se de mim um senhor inglês que me disse ser católico e que amava os sacerdotes católicos. Depois de conversarmos um pouco, foi ao seu camarote e, sem demorar muito, vi que retornava com um prato no qual trazia uma porção de moedas. Ao vê-lo vir, pensei: Que farei? Aceitarei ou não esse dinheiro?... E pensei comigo mesmo: Tu não tens necessidade, mas precisam dele esses infelizes espanhóis; desta forma tu aceitarás e repartirás entre eles. Efetivamente assim o fiz. Aceitei aquelas moedas e agradei ao senhor inglês, indo imediatamente repartir entre aqueles infelizes, que no mesmo instante foram à cozinha ou ao restaurante, compraram e comeram do que necessitavam.

134. Outros passageiros também fizeram doações. E eu repartia tudo entre eles, de maneira que não fiquei com nenhum centavo, e nem com nada do que eles compraram para comer. Contentei-me com meu pão molhado com água do mar. Aquele senhor inglês, ao ver-me tão pobre e desprendido, pois os infelizes compravam e comiam com o dinheiro que eu distribuía entre eles, e que eu não comia nada, mostrou-se muito edificado, veio dizer-me que desembarcaria em Liorna, 18 mas que depois, por terra, iria a Roma; e num papel me deu por escrito o seu nome e endereço onde ia viver. Pediu que eu fosse vê-lo e lá me daria do que precisasse.

135. Toda aquela aventura me persuadiu uma vez mais de que, para edificar e mover as pessoas, o melhor e mais eficaz é o exemplo, a pobreza, o desprendimento, o jejum, a mortificação, a abnegação. Este senhor inglês, que andava com luxo asiático, levava dentro do navio o carro, criados, pássaros, cachorros. Aparentemente o meu aspecto deveria provocar o desprezo, porém, ao ver um sacerdote pobre, desprendido, mortificado, ficou de tal modo comovido que ele mesmo não sabia como manifestar o seu apreço. E não somente ele, mas também todos os viajantes, que não eram poucos, todos me manifestaram respeito e veneração. Quem sabe se me tivessem visto na mesa alternando com eles e se me fizesse de rico e garboso, com certeza teriam murmurado e olhado com desprezo, como vi que fizeram com outros. Assim, a virtude é tão necessária ao sacerdote, que até mesmo os maus querem que sejamos bons.

136. Depois de cinco dias de viagem, chegamos a Civitavecchia. De lá, nos dirigimos a Roma, aonde chegamos sem novidades, pela bondade e misericórdia de Deus. 19 Ó meu Pai, quanto sois bom! Quem conseguiria servir-vos com toda a fidelidade e amor! Dai-me continuamente vossa graça para conhecer o que é de vosso agrado. Dai-me força de vontade para viver tudo isso na prática! Ó Senhor e Pai meu, não desejo outra coisa senão conhecer vossa santa vontade para cumpri-la. Não quero outra coisa senão amar-vos com todo fervor e servir-vos com toda a fidelidade. Ó minha mãe, mãe do amor formoso, ajudai-me!

Capítulo V

Chegada a Roma e entrada no Noviciado da Companhia de Jesus

137. Chegamos a Roma aproximadamente às dez horas da manhã. Os religiosos foram a uma das casas de sua Ordem e nos separamos. O clérigo catalão e eu fomos à casa mais próxima de religiosos para perguntar onde encontraríamos clérigos catalães. 20 Aproximamo-nos da

portaria do convento da Traspontina, 21 dos religiosos carmelitas, e perguntamos ao irmão porteiro se naquele convento havia algum religioso espanhol. Respondeu-nos que sim. O superior da comunidade chamava-se Frei Comas, era espanhol catalão. 22 Fomos à sua cela e nos recebeu muito bem. Perguntamos se sabia onde havia catalães clérigos, e ele nos indicou o convento de São Basílio. Teve a caridade e a amabilidade de acompanhar-nos, não obstante distar cerca de uma hora da Traspontina. 23

138. Os clérigos catalães nos receberam muito bem, mesmo sem nos conhecer. Prontamente comecei a cuidar dos meus negócios, segundo o objetivo que me havia proposto nessa viagem. Não levava nada mais do que uma carta de recomendação a dom Vilardell, catalão, bispo do Líbano, 24 recém-consagrado. Ao chegar a Roma, porém, já havia saído para o seu destino. Dirigi-me ao Prefeito da Propaganda Fide. 25 Também havia saído justamente naqueles dias; informaram-me que estaria ausente durante todo o mês de outubro. Passei a crer que tudo isso era providencial, a fim de que tivesse tempo para fazer os exercícios espirituais que todos os anos fazia desde quando era estudante; e nesse ano ainda não os tinha feito por causa da viagem.

139. Dirigi-me a um padre da Casa dos Professos da Companhia de Jesus; 26 esse padre elogiou a idéia de fazer os exercícios, entregou-me o livro dos Exercícios de Santo Inácio, através do qual deveria fazer meu retiro. 27 Deu-me os conselhos que achou necessário se iniciei os exercícios. Nos dias marcados prestava conta de minha vivência espiritual. Nos últimos dias disse-me: Já que Deus nosso Senhor te chama para as missões estrangeiras, melhor seria que entrasses na Companhia de Jesus; por meio dela serias enviado, juntamente com outros, pois andar sozinho é algo muito perigoso. Respondi-lhe que para mim seria muito melhor; mas que posso fazer para ser admitido na Companhia?

140. Jamais sonhara ser admitido na Companhia, em vista da idéia elevada que fazia de seus membros. Considerava-os grandes em virtude e ciência e em ambas as coisas me analisava como sou na verdade: nada mais que um verdadeiro pigmeu. Assim falei ao padre que me dirigia. Mas ele me animou. Pediu que eu escrevesse uma carta ao Superior-Geral que vivia na mesma Casa dos Professos. 28

141. Fiz tudo conforme combinado e, um dia após ter entregado a solicitação, o padre-geral quis ver-me. Fui. Ao chegar ao seu quarto, saía o padre provincial. 29 Falou comigo um bom tempo e me disse: Aquele padre que saiu agora é o padre provincial, que reside em santo André de Montecavallo; vá até ele, diga-lhe que eu te enviei, e o que ele fizer, estará bem feito. Fui logo falar com ele. Recebeu-me muito bem. E no dia 2 de novembro já estava no noviciado... De tal forma queda noite para o dia me tornei jesuíta. 30 Ao contemplar-me vestindo abatina da Companhia, quase não acreditava no que via. Parecia-me um sonho, um encanto.

142. Como fazia pouco tempo que terminara os exercícios, encontrava-me muito fervoroso. Todo meu desejo era buscar a perfeição e, como no noviciado via tantas coisas boas, tudo me chamava a atenção. Tudo me agradava muito e o gravava no coração. De todos, podia aprender algo e o aprendia de fato, auxiliado pela graça de Deus. Eu me confundia muito quando via a todos tão adiantados na virtude e eu tão atrasado. Mais confundido e

envergonhado ainda fiquei na noite antes da festa da Imaculada Conceição, quando era lido o relatório das obras boas praticadas em preparação à festa e em favor de Maria santíssima.

143. A preparação era feita assim: Quando se aproximava uma festa do Senhor, da santíssima virgem ou de um santo especial, cada um, com permissão do diretor espiritual, propunha-se à prática de algum a virtude, segundo a inclinação ou necessidade particular. Cada um fazia seus atos correspondentes e continuava assim, praticando e anotando tudo o que fazia e como fazia. Na véspera da festa, encerrava-se a lista do que cada um havia feito, em forma de carta, e eram colocadas na caixa que havia na porta do quarto do reitor. 31 Recolhidas as listas, organizava-se uma relação em forma de ladainha, que era lida na capela, à noite, com a presença de todos.

144. A lista era encabeçada pelas seguintes palavras: Virtudes que os padres e irmãos desta casa praticaram em homenagem a Maria santíssima e como preparação à festa da Imaculada Conceição. Houve quem, a cada dia, fizesse uma porção de atos de tal virtude dessa ou daquela maneira. E assim ia seguindo o relatório de todos. Quantas virtudes praticadas vi naquela casa santa! Era essa uma das práticas de que mais gostava. Como não aparecia o nome de quem praticava aquela virtude, não havia perigo de vaidade e todos aproveitavam ao saber como a havia praticado para fazer uma coisa parecida em outra ocasião. Quantas vezes dizia a mim mesmo: Como ficaria bem para ti tal virtude! Deves praticá-la. E assim o fazia, ajudado pela graça de Deus.

145. Por regra não há exigência de mortificação. Porém, em nenhuma ordem religiosa são mais praticadas do que na Companhia de Jesus. Algumas são públicas, outras não. Porém, todas são realizadas sob a orientação do diretor espiritual. Às sextas-feiras, todos jejuavam, aos sábados, quase todos. À noite, além da salada, oferecia-se um ovo a cada um, porém, ninguém o comia. As sobremesas eram deixadas pela maioria, ou poucos comiam. Dos pratos restantes, pouco se comia, era deixado de lado o que mais parecesse apetitoso. Todos comiam pouquíssimo diariamente, e os padres mais rigorosos eram sempre os que menos comiam.

146. O diretor espiritual, 32 padre Giovanni Maria Ratti, quase só comia pão e bebia água, menos aos domingos. Ajoelhava-se diante de uma mesa mais baixa, no centro do refeitório. Permanecia assim durante todo o almoço ou jantar da comunidade. Quem visse aquele homem tão venerável ajoelhado diante de uma mesa de pão e água, se envergonharia de estar sentado comendo fartamente!

147. Havia um padre, encarregado da portaria, chamado de “portinero” 33 que, às quartas, sextas, sábados e vigílias das solenidades, passava um caderno no qual cada um colocava o que desejaria fazer. Por exemplo, o padre ou o irmão deseja comer no chão, beijar os pés, permanecer com os braços em cruz durante a bênção da mesa e ação de graças, servir à mesa, lavar os pratos, etc. Tudo era feito em silêncio e da seguinte maneira: quando chegava a hora, o encarregado passava, batia e abria a porta do quarto e ficava do lado de fora; saía o padre à porta, pegava o caderno, escrevia o que desejava praticar e o devolvia; assim passava por todos os quartos. O caderno era apresentado ao reitor e este dizia: Fulano e fulano, sim; os outros não. Retornava o encarregado aos quartos, batia à porta, fazia um gesto com a cabeça indicando a aprovação, ou não, da penitência.

148. Além das mortificações exteriores havia as interiores, como o uso do cilício, correntes finas de braço, de coxas, flagelações, etc., etc.: lavar copos, banheiros, lanternas, candeeiros, lampiões, etc.,etc.; porém, para tudo se precisava de permissão.

149. Havia certas mortificações impostas sem serem solicitadas ou quase despercebidas. Dizei algumas que couberam a mim. Eu nunca fui afeiçoado ao jogo, mesmo assim me faziam jogar todas as quintas-feiras, mandando-nos para um campo. Eu, com toda a simplicidade, supliquei ao reitor que tivesse a bondade de me deixar estudar ou orar, em vez de jogar, mas ele me respondeu energicamente que jogasse e que jogasse bem. Empenhei-me de tal maneira que ganhava todas as partidas.

150. Notei que um sacerdote da casa celebrava missa muito tarde. O fato de ter de ficar tanto tempo em jejum, deixava-o aborrecido, embora não se queixasse. Movido de compaixão, eu disse ao superior que, se o permitisse, poderíamos fazer uma troca, e eu celebraria a missa mais tarde, pois para mim não era problema tomar café mais tarde e para ele seria mais cômodo. Disse-me que depois veria. E o resultado foi que daí por diante, sempre me fizeram celebrar a missa cada vez mais cedo.

151. Como já disse, na viagem que fiz a Roma só levava o breviário de todo o ano e uma Bíblia de letra pequena, para lê-la todos os dias, mesmo em viagem, porque sempre fui muito afeiçoado à leitura da santa Bíblia. Pois bem, quando cheguei ao noviciado, colocaram-me num quarto que tinha todos os livros que me fossem necessários, menos a Bíblia, que eu tanto apreciava. Com a roupa de uso pessoal, levaram também a Bíblia que eu trouxera. Pedi que a devolvessem e me disseram: Está bem. Mas não a vi até que, por motivo de doença, tive de sair do noviciado e então me a devolveram. 34

152. Ao conduzir-me para Roma o Senhor me fez um grande favor: colocou-me, ainda que por pouco tempo, entre aqueles padres e irmãos tão virtuosos. Oxalá tivesse aproveitado! 35 Porém, se não houve proveito para mim, pelo menos muito me serviu para fazer o bem ao próximo. Ali aprendi o modo de pregar os exercícios espirituais de santo Inácio, o método de pregar, catequizar e confessar com grande utilidade e proveito. 36 Ali aprendi ainda outras coisas que, com o passar do tempo, muito me serviram. 37 Bendito sejais, Deus meu, que tão bom e misericordioso haveis sido para comigo! Fazei que vos ame, que vos sirva com todo o fervor e que vos faça amado e servido por todas as criaturas. Ó criaturas todas, amai a Deus, servi a Deus! Provai e vede por experiência quão suave é amar e servir a Deus. Ó meu Deus! Ó bem meu!

Capítulo VI

Orações escritas no Noviciado

153. Como nos recreios não se falava de outra coisa senão de virtudes, da devoção a Maria santíssima e do modo de conquistar almas para o céu, nesses dias acendeu-se em mim tão fortemente a chama do zelo para a maior glória de Deus e salvação dos homens, que estava inteiramente inflamado. A Deus eu me oferecia todo inteiro, sem reservas. Pensava e meditava continuamente no que faria para o bem do próximo e empenhava-me na oração enquanto aguardava a hora do trabalho. Entre outras coisas, escrevi estas duas orações: 38

154. Primeira oração – Ó Maria santíssima, concebida sem pecado original, virgem e mãe do Filho de Deus vivo, rainha e Imperatriz dos céus e da terra! Já que sois mãe de piedade e misericórdia, dignai-vos voltar vossos ternos e compassivos olhos para este infeliz desterrado neste vale de lágrimas, angústias e misérias que, embora infeliz, tem ditosa sorte de ser vosso filho. Ó minha mãe, quanto vos amo! Quanto vos aprecio! Confio plenamente que me concedereis a perseverança em vosso santo serviço e a graça final!

155. Em tempo oportuno, minha mãe, eu vos suplico e vos peço pelo fim de todas as heresias que devoram o rebanho de vosso Filho. Lembrai-vos, piedosíssima virgem, de que tendes poder de acabar com todas elas. Fazei isso por caridade, pelo grande amor que professais a Jesus Cristo, vosso Filho. Olhai para as almas redimidas com o preço infinito do sangue de Jesus, impedi que voltem de novo ao poder do demônio, desprezando vosso Filho e a vós.

156. Eia, pois, minha mãe, o que falta? Desejais, por acaso, um instrumento para remediar tão grande mal? Aqui tendes um; ao mesmo tempo em que se reconhece o mais vil e desprezível, considera-se o mais útil para esse fim; para que resplandeça mais vosso poder e se veja mais visivelmente que sois vós quem operais e não eu. Eia, mãe amorosa, não percamos tempo: aqui me tendes, fazei de mim o que quiserdes, bem sabeis que sou todo vosso. Sei que assim o fareis, por vossa grande bondade, piedade e misericórdia. Rogo-vos pelo amor que tendes ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Amém.

157. Mais uma oração - Ó imaculada virgem e mãe de Deus, rainha e senhora da graça! Dignai-vos, por caridade, lançar um olhar compassivo para este mundo perdido. Reparai como todos abandonaram o caminho ensinado por vosso santíssimo Filho; esqueceram-se de suas santas leis e perverteram-se tanto, que se pode dizer: *Non est qui faciat bonum, non est usque ad unum* (Não há mais ninguém que faça o bem, nem um, nem mesmo um só).³⁹ Extinguiu-se neles a santa virtude da fé, de modo que apenas vegetam. Ah! Extinguiu-se a divina luz, tudo é escuridão e trevas e não sabem por onde andam, e desorientados, andam apressadamente pelo largo caminho que conduz à eterna perdição.

158. E quereis, minha mãe, que eu, sendo um destes infelizes, olhe com indiferença sua fatal ruína? Ah, não! Nem o amor que tenho a Deus nem o amor ao próximo podem tolerar semelhante coisa. Que caridade é a minha se vendo meus irmãos em tantas dificuldades, não os socorrer? ⁴⁰ Que caridade é a minha se sabendo que num caminho há ladrões e assassinos que roubam e matam, e não aviso os que para lá se dirigem? Que caridade é a minha, sabendo que o lobo devora as ovelhas do meu senhor, eu me calo? Que caridade é a minha se fico calado ao ver como roubam as jóias da casa de meu Pai, jóias tão preciosas que custaram o sangue e a vida de um Deus, e ao ver que atearam fogo à casa e à herança de meu amantíssimo Pai?

159. Ah! Não é possível ficar calado, minha mãe, em tais ocasiões; não, não calarei, embora saiba que me farão em pedaços. Não quero ficar calado. Clamarei, gritarei, darei ordens aos céus e à terra, afim de se remediar tão grande mal. Não calarei. E, se de tanto gritar, se enrouquecer ou emudecer minha voz, levantarei as mãos ao céu, arrancarei os cabelos e os golpes no chão com os pés suprirão a falta de palavras.

160. Por isso, minha mãe, começo desde agora a falar e a gritar. Acudo a vós, sim, a vós, que sois mãe de misericórdia, dignai-vos prestar socorro a tão grande necessidade. Não digais que não podeis, porque sei que, na ordem da graça, sois onipotente. Dignai-vos, conceder a todos a graça da conversão, eu vos suplico, porque, sem ela, nada faríamos e, então, enviai-me e vereis como se converterão. Sei que concedereis essa graça a todos os que a pedirem verdadeiramente; porém, se não a pedem, é porque não sabem de sua necessidade e, tão fatal é seu estado, que não conhecem o que lhes convém, o que me move ainda mais à compaixão.

161. Portanto, eu, como primeiro e principal pecador, peço-vos por todos os demais, oferecendo-me como instrumento de sua conversão. Ainda que esteja destituído de qualidades para semelhante missão, não importa, *mitte me*: (envia-me) 41, assim melhor se notará que, *gratia Dei sum id quod sum*: (Pela graça de Deus, sou o que sou). 42 Talvez medireis que eles, como enfermos inconscientes, não queiram escutar quem os quer curar, antes me desprezarão e me perseguirão de morte, não importa, *mitte me*, porque, *cupio esse anathema pro fratribus méis* (Envia-me, porque desejo ser anátema por amor de meus irmãos). 43 Ou ainda direis que não poderei sofrer tantas intempéries como o frio, calor, chuvas, nudez, fome, sede, etc., etc. Não há dúvida de que por mim mesmo nada posso suportar, porém confio em vós e digo: *Omnia possum in ea quae me confortat* (Tudo posso naquela que me conforta).44

162. Ó Maria, minha mãe e minha esperança, consolo de minha alma e objeto de meu amor! Lembrai-vos das muitas graças que vos tenho pedido, e todas mas concedestes. Justamente agora verei esgotado esse manancial perene? Não. Não se ouviu nem se ouvirá jamais que nenhum devoto vosso tenha sido rejeitado por vós. 45 Vede, senhora, tudo que peço se dirige à maior glória de Deus e vossa, e para o bem das pessoas, por isso espero alcançar e alcançarei, e para que o concedais ainda mais rápido, não alegarei méritos meus, porque não tenho senão deméritos; direi, sim, como a filha que sois do eterno Pai, mãe do Filho e esposa do Espírito Santo, é muito bom que zeleis pela honra da santíssima Trindade, da qual é viva imagem a alma do homem e, além disso, essa mesma imagem é banhada com o sangue do Deus humanado.

163. Se Jesus e vós tendes feito tanto por minha alma, agora a abandonareis? É verdade que é merecedora desse abandono. Porém, por caridade vos suplico, não a abandoneis. Peço-vos, pelo que há de mais santo e sagrado no céu e na terra, peço-vos por aquele mesmo que eu, ainda que indigno, hospedo todos os dias na minha casa, falo-lhe como amigo, mando e me obedece, descendo do céu à minha voz. Este é o mesmo Deus que vos preservou da culpa original, que se encarnou em vossas entranhas, que vos encheu de glória no céu e vos fez advogada dos pecadores; e este, não obstante ser Deus, me ouve, me obedece cada dia. Ouvi-me, pois, ao menos esta vez e dignai-vos conceder-me a graça que vos peço. Tenho certeza de que o fareis, porque sois minha mãe, meu alívio, meu consolo, minha fortaleza e meu tudo depois de Jesus. Viva Jesus, viva Maria. Amém.

164. Jaculatória - Ó Jesus e Maria! O amor que vos tenho faz-me desejar a morte para poder estar unido a vós no céu; porém, tão grande é o amor, que me faz pedir longa vida, para ganhar almas para o céu! Ó amor! Ó amor! Ó amor! Estas duas orações, como já disse, as escrevi no Noviciado de Roma. O padre ecônomo viu-as e gostou delas. 46 Tudo seja para a maior glória de Deus e a salvação das almas.

Capítulo VII

Saída de Roma e chegada à Espanha

165. Eu estava muito contente no noviciado, sempre ocupado na catequese, 47 na pregação e nas confissões. Além do mais, todas as sextas-feiras íamos ao hospital de San Giácomo confessar os enfermos, 48 e aos sábados íamos ao cárcere pregar aos presos. Ingressei no noviciado no dia 2 de novembro de 1839, dia de finados, e no dia da festa da purificação de Maria santíssima, 2 de fevereiro de 1840, quatro meses 49 depois de meu ingresso, iniciamos os Exercícios de Santo Inácio com a duração de um mês. Iniciei-os com muitíssimo gosto e com grandes desejos de aproveitar bem deles.

166. Assim ia eu progredindo quando, de repente, fui acometido de uma dor tão forte na perna direita que não podia caminhar. Foi necessário ir à enfermaria. Aplicaram-me os remédios oportunos, o que me aliviou um pouco, mas não totalmente. Eles temiam que eu ficasse paralítico. 50 Ao ver-me nesse estado, disse o padre reitor: O que acontece com você não é natural, pois sempre estava tão contente, alegre, saudável; e agora, de um momento para outro, aparecem essas novidades. Isto me faz pensar que o Senhor quer outra coisa de você. E disse-me: Se achar conveniente, poderá consultar o padre geral (ou o consultaremos), ele que é muito bom e tem tantos conhecimentos de Deus. Respondi que achava muito bom e me apresentei a ele. Escutou-me com muita atenção e, depois de ter ouvido a narrativa dos acontecimentos, disse-me com muita resolução, sem titubear: É vontade de Deus que você volte imediatamente para a Espanha. Não tenha medo, ânimo!

167. Depois desta irrevogável resolução, não tive outro remédio senão voltar para a Espanha. Com o tempo, vim a entender que o superior geral estava inspirado quando me disse aquelas palavras. 51 Em uma de suas cartas que me escreveu dizia: Deus o levou à Companhia, não para que ficasse nela, mas para que aprendesse a ganhar almas para o céu. 52 Em meados de março, saí de Roma em direção à Catalunha. 53 Os padres da Companhia queriam que eu fosse morar na cidade de Manresa, 54 e o padre Fermín de Alcaraz 55 queria que eu fosse a Berga, onde estavam pregando missões, deixando-me, não obstante com inteira liberdade de escolha, segundo as circunstâncias daqueles tempos. Estudei a possibilidade de fixar-me em Olost, depois Vic, mas o meu superior 56 disse-me que não poderia ir a nenhum desses pontos e sim a Viladrau. De fato, no dia 13 de maio nomeou-me auxiliar daquela paróquia. 57 Aí acabei de me restabelecer da enfermidade.

168. Na paróquia de Viladrau havia um pároco residente, idoso e inválido. Havia também, no mesmo povoado, um vigário paroquial. A paróquia ficava por conta do padre vigário. A mim, dava-me o sustento mínimo necessário e eu cuidava da parte espiritual. Em minha ausência, ele se encarregava também de toda a parte espiritual. 58 Isso foi bom para mim, pois foi uma boa oportunidade para começar as missões.

169. Quão admirável é a providência do Senhor por me ter livrado de ira Berga. Estaria comprometido pelo simples fato de ir até lá, pois acidade era também reduto de realistas (que eram a favor do rei). 59 Bendito sejais, meu Deus, porque tudo dispusestes da melhor maneira possível para vossa glória e salvação das almas!

Capítulo VIII

Início das missões e cura de doenças

170. Estabelecido em Viladrau como auxiliar, fazia o melhor possível para o bem espiritual de todos. Aos domingos e festas, explicava o evangelho de manhã na missa paroquial e, à tarde, ensinava o catecismo às crianças e adultos de ambos os sexos. Diariamente visitava os enfermos. E como Viladrau não era um povoado fortificado, continuamente vinham pessoas de diferentes facções partidárias. Os médicos, por serem comumente pessoas de prestígio e destaque, acabavam sendo vítimas de todos os partidos. Conclusão: a população ficou sem nenhum médico. 60

171. E assim tive de fazer de médico corporal e espiritual, tanto pelos conhecimentos que tinha como pelos estudos que fazia nos livros de medicina que arranjei. Quando me apresentavam algum caso duvidoso, pesquisava-o nos livros, e o Senhor de tal modo abençoava os remédios que não morreu nenhum dos que mediquei. Foi assim que começou a correr fama de que eu curava, e vinham enfermos dos mais diversos lugares. 61

172. No dia 15 de agosto de 1840, com a novena da Assunção da Virgem Maria, 62 iniciei as missões na paróquia de Viladrau. Depois preguei outra missão na paróquia de Espinelvas, distante uma hora de Viladrau. Logo depois, passei à paróquia de Seva. Esta já foi mais movimentada. Participou muita gente, muitos se converteram e fizeram confissão geral. Aqui comecei a ter fama de missionário.

173. No mês de novembro, preguei a novena das almas em Igualada e Santa Coloma de Queralt, com grande aceitação. E assim, durante oito meses, saía e voltava a Viladrau. Mas não foi possível continuar por mais tempo, porque, como já disse, enquanto me encontrava no povoado, visitava diariamente todos os doentes e todos se curavam. Morriam somente aqueles que ficavam doentes em minha ausência. Quando eu retornava, seus parentes me procuravam e diziam como Marta e Maria ao Salvador: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus* (Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido). 63 Como não podia ressuscitar os mortos, como Jesus, mortos ficavam. Isto me afligia muito, ao ver as lágrimas daquelas pessoas e ouvir as razões alegadas para que não saísse da paróquia a pregar missões.

174. Todos estes acontecimentos obrigaram-me a pedir ao superior que me exonerasse do cargo de auxiliar e me deixasse livre de paróquias e contasse comigo para pregar onde fosse preciso. E ele atendeu ao meu pedido. Afastei-me de Viladrau com grande sentimento de todo o povo, devido às diversas curas que Deus nosso Senhor operava por mim, pois reconheço que tudo aquilo estava além do natural. 64 Eu não curava os enfermos para ganhar dinheiro ou outra coisa que o valha, pois nada aceitava. Só o fazia por necessidade e por caridade.

175. Na época do verão, crianças adoeciam e, com uma única aplicação do remédio, ficavam boas. Numa madrugada, visitei um jovem de 25 anos, já inconsciente e às portas da morte.

Dei-lhe um simples remédio. Recuperou os sentidos e, dois dias depois, estava completamente curado.

176. Na periferia do povoado de Viladrau, havia uma mulher casada que sofria de dores reumáticas. Sofria tanto que a violência da dor lhe havia encolhido os nervos, de tal forma que a coitada se havia tornado uma bola. Apesar do lastimoso estado, ficou grávida, e o problema maior foi aos nove meses, na hora do parto. Chegara a hora de dar à luz. Eu estava na paróquia de Seva pregando a novena das almas. Como sabiam que eu ia voltar, saíram ao meu encontro. Disseram-me que a mulher estava em trabalho de parto e sem esperança de vida. O vigário paroquial tinha-lhe ministrado os sacramentos da penitência, o viático e a unção dos enfermos. Ela estava realmente à morte. Ela e todos da casa desejavam ver-me. Imediatamente, antes de chegar à casa paroquial, fui visitá-la. Vi seu estado crítico e o remédio que deveria ser aplicado. Porém, convenci o marido de que era necessário ir ao povoado de Taradell buscar um médico cirurgião. Foram procurá-lo com uma carta minha, na qual explicava a situação da mulher. Ao ler a carta, o médico percebeu que o caso era realmente desesperador e se recusou a vir. Diante da resposta negativa, pedi então aos de casa que colhessem certas ervas e as fervessem. O resultado foi que o parto se deu muito bem. E ainda mais, com o tratamento curou-se do reumatismo e ficou boa. Alguns dias depois começou a freqüentar a missa.

177. Ao passar pela rua, vi um rapaz de dezesseis anos, na porta de casa, completamente tolhido e para o qual já não havia remédio. Perguntei à sua mãe o que tinha e quanto tempo estava assim. Ela me respondeu... E eu lhe disse: faça isso e aquilo. Alguns dias depois, estava curado, na igreja, participando da missa.

178. Naquele povoado e arredores, havia muitas jovens de quinze a dezenove anos que sofriam de uma doença chamada “espatlladas” ou de “la naurella”, causada pelo esforço repetido no trabalho de amassar pão, carregar lenha, água e outros serviços pesados. O esforço físico excessivo provoca pequenas fístulas que, ao se romperem, causam um sofrimento horrível. Como não encontram remédio na medicina, procuram certos curandeiros que, com suas charlatanices dizem que curam, mas não é bem assim. Cobram dinheiro, e muito comumente nada fazem e ainda abusam dos enfermos. Sabendo disto, entreguei o problema a Deus nosso Senhor. Ocorreu-me a idéia de que o remédio seria um emplastro e repouso por alguns dias. Com a aplicação, todos, sem exceção, ficavam curados. Porém, para me precaver e como eram conhecidos os expedientes pouco decentes que utilizavam com o pretexto de curar, valia-me do seguinte meio: Havia no povoado uma viúva muito velha e piedosa. Combinei com ela que, quando viesse alguma jovem acompanhada de sua mãe, queixando-se do mal de “espatllada”, que ela mesma fizesse as aplicações dos emplastros. Assim foi feito. Todas as jovens que vinha na mim por causa daquela enfermidade, eu as remetia à viúva, ela lhes aplicava o emplastro e todas ficavam curadas. Assim eu não me comprometia.

179. Aquela povoação fora muito maltratada, por ter sido palco da guerra civil. Havia sido saqueada pelo menos treze vezes. Ataques de surpresa de um lado e de outro, incêndios, mortes, cujas conseqüências eram espanto, tristeza e desgosto. Muitas pessoas vinham pedir consolo, especialmente mulheres, pois sofriam de enfermidades históricas que as faziam

sofrer horrores. Preparei óleo comum com algumas coisas que nele fervia. As pessoas tomavam e se ungiam comesse óleo e todas ficavam curadas.

180. Enquanto permaneci em Viladrau, todos os enfermos do povoado, como também muitos outros vindos de fora, ficaram curados. Como a fama se espalhasse, em todos os lugares aonde ia, apresentavam-me muitos doentes dos mais diversos tipos de enfermidades. Como eram tantos os enfermos e tão diferentes os males e, por outro lado, eu me encontrava tão ocupado em pregar e confessar, achei conveniente não mais indicar remédios físicos. Dizia apenas que os encomendava a Deus, traçava sobre eles o sinal-da-cruz e lhes dizia estas palavras: *Super aegros manus imponent et bene habebunt* (Imporão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados). 65 E diziam que ficavam curados.

181. Estou certo de que ficavam curados pela fé e confiança com que se apresentavam, e Deus nosso Senhor lhes premiava a fé com a saúde corporal e espiritual, porque eu os exortava a que confessassem bem todos os seus pecados, e eles obedeciam. Além do mais, o Senhor agia dessa forma, não por meus méritos, que não os tinha, mas para dar importância à palavra divina que eu lhes pregava, pois como tivesse passado tanto tempo ouvindo maldades, blasfêmias e heresias, Deus nosso Senhor chamava-lhes à atenção com estas coisas corporais. E, na verdade, o povo se reunia em massa, ouvia a divina palavra com grande fervor, fazia confissão geral, na mesma povoação ou em outras, porque muitas vezes era impossível atender a todos aqueles que queriam se confessar.

182. Ó meu Deus, como sois bom! Vós vos servis das doenças do corpo para curar as da alma. Vós vos valeis deste miserável pecador para curar corpos e almas. Evidentemente, via-se então o que dizia o profeta: *Domini est salus* (Do Senhor provém a salvação). 66 Sim, Senhor, vossa é a saúde, e vós a concedeis.

Capítulo IX

Os falsos possessos e a cura dos verdadeiros

183. Uma categoria de doenças mais perturbadora e que exigia mais tempo era a dos possessos e perturbados. 67 No início das missões, apareciam muitos, dizendo estarem possessos, e os parentes me pediam que os exorcizasse. Como era autorizado a fazer o exorcismo, eu o fazia. Porém, de mil, apenas um era, com certeza, possesso; os outros sofriam de manias físicas, morais, que não cabe aqui especificar.

184. Como percebi que perdia tempo com os supostos endemoninhados, em detrimento das confissões e da pregação, concluí: é mais importante tirar os demônios das almas que estão em pecado mortal e não dos corpos, se é que eram possessos. Pensei que aquilo podia ser uma armadilha do próprio demônio e assim resolvi deixar os exorcismos e tomar outro caminho, que a seguir veremos.

185. Quando se me apresentava alguém que se dizia possesso, perguntava-lhe se queria ficar curado... Se realmente desejava ser curado, se acreditava que, fazendo o que lhe ordenasse, ficaria curado... Se me garantisse que sim, pedia-lhe três coisas: primeira, que encarasse tudo

com paciência, que não se irritasse jamais, pois havia observado que alguns sofriam de histeria, resultante de mau gênio ou de raivas reprimidas e, com paciência, podia acalmá-los.

186. Segunda, pedia que não bebessem nem vinho nem outra bebida alcoólica e que isso era necessário para que se expulsasse essa espécie de demônios, pois havia observado que alguns bebiam muito e, para disfarçar seus disparates, punham a culpa nos demônios.

187. Terceira, fazia-os rezar diariamente sete vezes o Pai-nosso e a Ave Maria a Nossa Senhora, em honra às suas sete dores; que fizessem uma confissão geral e que comungassem fervorosamente. Seja como for, o certo é que alguns dias depois vinham contar que estavam libertos e curados. Não digo que não haja possessos. Sim, existem, e conheci alguns, porém muito poucos.

188. No decorrer das missões, tinha encontrado alguns que se haviam convertido mediante a pregação e diziam, com toda a franqueza, que não eram portadores de possessões, nem doenças físicas, mas mania, com a finalidade de chamar a atenção, para serem mimados ou merecerem compaixão, para obterem ajuda e com muitos outros objetivos.

189. Alguém me dizia que fazia tudo com conhecimento e malícia da vontade, mas fazia coisas tão estranhas e extraordinárias, que se admirava de si mesmo, e que, com certeza, o diabo cooperava e o ajudava, não por possessão diabólica, mas por causa da malícia do coração, pois reconhecia que não poderia fazer tudo isso naturalmente.

190. Uma outra pessoa que vivia numa cidade grande disse-me que fingia tão bem estar possessa que com muita frequência exorcizavam-na e que, por um bom tempo de sua mania, enganara a vinte sacerdotes, tidos como os mais sábios, virtuosos e zelosos da cidade.

191. Estes e outros casos que poderia referir de pessoas que, verdadeiramente arrependidas e movidas pela graça, confessavam com humildade e clareza seus feitiços e ficções diabólicas, fizeram-me ter muita cautela nessa matéria, e por isso valia-me grandemente da estratégia mencionada. Ó meu Deus! Quantas graças devo dar-vos por meter feito conhecer os ardis de satanás e das pessoas fingidas! Esse conhecimento é um dom de vossa santa mão. Iluminai-me, Senhor, para que não me engane jamais na orientação das almas. Eu bem sei, Senhor, que vós concedeis com generosidade a sabedoria a quem dela tem necessidade, sem considerar sua indignidade. Porém, às vezes, por nossa soberba e talvez por nossa fraqueza, não a pedimos e então nos privamos dela, mesmo aqueles homens que se arvoram em sábios e grandes teólogos.

Capítulo X

O missionário deve ser enviado pelo bispo

192. Eu procurava que o bispo sempre me enviasse a pregar. Tinha convicção da necessidade que o missionário tem de ser enviado para produzir fruto. 68

193. Em meados de janeiro de 1841, depois de ter sido vigário paroquial de Viladrau durante oito meses, cuidando da paróquia e saindo de tempo em tempo para pregar em diferentes

paróquias, por disposição do bispo, saí finalmente a pregar continuamente onde o bispo me enviasse, sem fixar-me em nenhum lugar. 69 Minha residência era Vic, ainda que ali parasse pouco tempo, daí saía com uma lista de povoações por onde devia pregar. 70

194. Não poucas vezes os bispos de outras dioceses pediam para que fosse pregar missões em suas dioceses. O bispo aprovava e eu ia. Eu tinha por princípio inalterável não ir jamais a nenhuma paróquia ou diocese, se não tivesse a ordem expressa do meu bispo, isto por razões muito fortes: uma, porque assim me conduzia pela virtude da santa obediência, virtude que o Senhor premia a cada momento, pelo muito que lhe agrada. Assim estava ciente de que fazia a vontade de Deus, que era ele que me enviava e não meu capricho e, além disso, via claramente a bênção de Deus pelo fruto que se produzia. Em segundo lugar, a conveniência, porque como me pediam de todas as partes com grande insistência, eu os satisfazia só com estas palavras: se o bispo me mandasse, iria de muito boa vontade. Desta forma me deixavam em paz; entendiam-se com o bispo e ele me enviava. 71

195. Cheguei à conclusão de que o missionário jamais deve ser intrometido. Deve, sim, estar à disposição do bispo e dizer: *Ecce ego, mitte me* (Aqui estou, envia-me); 72 porém, não deve ir enquanto o bispo não o mandar, pois será um mandato do próprio Deus. Todos os profetas do Antigo Testamento foram enviados por Deus. O próprio Jesus Cristo foi enviado por Deus e Jesus enviou seus Apóstolos. *Sicut misit me Pater et ego mitto vos* (Como o Pai me enviou, assim também eu envio avós). 73

196. Nas duas pescas milagrosas, figura das missões, se vê a necessidade da missão, quando e onde pregar para pescar almas. A primeira, narrada por São Lucas, (c. 5), manifesta a necessidade da missão, pois sem ela não se faz nada. Segundo o evangelista, Jesus disse aos apóstolos: Lançai vossas redes para pescar. Simão respondeu: Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos; mas por causa de tua palavra, lançarei a rede. 74 Tendo lançado a rede, apanharam uma quantidade tão grande de peixes que a rede se rompia, por isso fizeram sinal aos companheiros de outro barco para ajudá-los. Vieram logo e encheram os dois barcos de peixes a ponto de quase afundarem. Pedro admirou-se, e Jesus lhe disse: Não te admires nem te espantes; doravante serás pescador de homens. 75 Assim se vê como esta pesca é figura da missão e a necessidade que tinham de ser enviados e quando deviam pregar.

197. A segunda pesca milagrosa foi a que fizeram após a ressurreição de Jesus, como se refere São João (c. 21): Jesus apareceu-lhes como desconhecido, após terem pescado em vão, pois nada tinham pescado. Assim, pois, Jesus perguntou-lhes se tinham alguma coisa para comer; ao que eles responderam: Nada pegamos e nada temos. Disse-lhes Jesus então: Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis. 76 Lançaram a rede e já não podiam tirá-la pela quantidade de peixes que havia. Contaram os peixes, eram cento e cinquenta e três peixes grandes. Nessa segunda pesca, nota-se, não só a necessidade de ser enviado, mas também quando e onde pregar, bem como a retidão que devem ter para pescar almas de grandes pecadores; não só cento e cinquenta e três, mas muitíssimas, porque cem, cinquenta e três são números misteriosos. 77

198. A necessidade de ser enviado, e que o próprio bispo me indicasse o lugar, foi o que Deus me fez conhecer desde o princípio. Mesmo senas povoações às quais me enviava houvesse pessoas más e desmoralizadas, sempre se obtinham grandes frutos, pois era Deus que me

enviava; que dispunha e preparava os lugares. Entendam, portanto, os missionários que sem obediência não devem ir a nenhuma parte, por melhor que seja; porém, com a obediência não temam ir a qualquer povoação ou cidade, por pior que seja, ou pelas perseguições que se levantem. Deus os enviou, ele cuidará de vocês. 78

Capítulo XI

Objetivos ao ser enviado em missão

199. Quando ia a uma povoação, nunca visava motivações terrenas, mas o fazia para a maior glória de Deus e salvação das almas. 79 Não poucas vezes via a necessidade de advertir as pessoas sobre esta verdade; era o argumento que mais convencia os bons e os maus.

200. Vós sabeis que os homens quase sempre agem por alguma destas três finalidades: 1) por interesse ou dinheiro; 2) por prazer; 3) pela honra. Por nenhum desses três motivos estou pregando missão nessa cidade. Não por dinheiro, porque não quero um centavo de ninguém, nem nada levarei. Nem por prazer: que prazer teria fatigando-me todo o dia, desde de manhã, e bem cedo, até à noite? Se algum de vocês, pelo fato de estar esperando sua vez para chegar ao confessionário, deve aguardar três ou quatro horas, se cansa; também eu que fico todas as horas da manhã, todas da tarde e, de noite, em vez de descansar, tenho que pregar, e isto não um dia só, mas dias e dias, semanas, meses e anos. Ah! meus irmãos, pensando bem!...

201. Será, talvez, por honrarias? Não. Tampouco por honrarias. Vós bem sabeis a quantas calúnias se está exposto: haverá quem me elogie, ou quantos não proferirão contra mim toda espécie de insultos, como faziam os judeus contra Jesus, falando mal de sua pessoa, das suas palavras, das obras que fazia, até que, finalmente, o prenderam, açoitaram e lhe tiraram a vida num doloroso e vergonhoso suplício. Digo, porém, com o apóstolo Paulo, que não temo nenhuma destas coisas, nem aprecio mais minha vida que minha alma, contanto que termine a contento minha carreira e cumpra o ministério que recebi de Deus nosso Senhor para pregar o santo Evangelho. 80

202. Não, vo-lo repito, não é por nenhum fim terreno, mas por um fim mais nobre. O fim a que me proponho é que Deus seja conhecido, amado e servido por todos. Quem dera tivesse todos os corações dos homens para com todos eles amar a Deus. Ó meu Deus! As pessoas não vos conhecem! Se conhecessem vossa sabedoria, vossa onipotência, vossa bondade, vossa formosura, todos vossos divinos atributos! Todos seriam Serafins abrasados em vosso divino amor. Isto é o que pretendo: Tornar Deus conhecido para que seja amado e servido por todos.

203. Também me proponho impedir que se cometam pecados e ofensas a Deus. Ah! Aquele Deus que é amado pelos Serafins, servido pelos anjos, temido pelas potestades e adorado pelos principados, pois este Deus é ofendido por um vil verme da terra, o homem! Pasmai, ó céus, por isto! Ah! Se um nobre cavalheiro visse uma dama inocente e virtuosa injuriada e ultrajada, não poderia conter-se, tomaria suas dores e a defenderia. Pois, como não agir vendo Deus ofendido e ultrajado?

204. Se vísseis vosso pai levando pauladas e facadas, não correríeis para defendê-lo? Não seria crime ver com indiferença o pai em tal situação? Não seria eu o maior criminoso se não procurasse impedir os ultrajes feitos pelos homens a Deus, que é meu Pai? Ah, meu Pai! Eu o defenderei, mesmo que me custe a vida. Eu me abraçarei a vós e direi aos pecadores: *Satis est vulnerum, satis est* (Basta de feridas, já basta), como dizia Santo Agostinho. 81 Alto lá, pecadores! Não açoiteis mais meu Pai. Já descarregastes bastantes açoites, muitas chagas haveis aberto. Se não vos quereis deter, açoitai-me a mim, que bem o mereço; porém, não açoiteis nem maltrateis mais a meu Deus e meu Pai, a meu amor. Ó meu amor! Ó amor meu!

205. Igualmente obriga-me a pregar sem parar, ao ver a multidão de almas que caem nos infernos, pois é verdade de fé que todos os que morrem em pecado mortal se condenam. Ah! a cada dia, morrem oitenta mil pessoas (segundo cálculo aproximado de então). Quantas morrerão em pecado e se condenarão! Pois que *talis vita, finis ita* (tal vida, tal morte).

206. Vejo o modo como vivem as pessoas, muitíssimas acomodadas e habitualmente em pecado mortal e não há dia em que não aumente o número de seus delitos. Cometem a iniquidade com a facilidade com se bebe um copo de água; por simples brincadeira e para fazer graça praticam a iniquidade. Esses desafortunados, pelos próprios pés, dirigem-se para o inferno, como diz o profeta Sofonias: *Ambulaverunt ut caeci quia Domino peccaverunt* (Andaram como cegos, porque pecaram contra o Senhor). 82

207. Se vísseis um cego em perigo, prestes a cair num poço, ou num precipício, não o advertiríeis? É o que eu faço e o que em consciência devo fazer: advertir os pecadores para que vejam o precipício do inferno em que vão cair. Ai de mim, se assim não agisse! Eu me sentiria réu de sua condenação! 83

208. Talvez me advertireis que irão insultar-me, que os deixe, que não me meta com eles. Ah!, não, meus irmãos! Não posso abandoná-los; são meus queridos irmãos. Dizei-me: se vós tivésseis um irmão muito querido doente e que, por causa da doença entrasse em delírio, e se por causa da febre alta vos insultasse e vos dissesse todas as ofensas do mundo, vós o abandonaríeis? Estou certo que não. Por isso mesmo, teríeis mais consideração e faríeis todo o possível para que recuperasse a saúde. Este é o caso em que me encontro com os pecadores. Os coitados estão como que em delírio. Por isso mesmo são mais dignos de compaixão. Não posso abandoná-los. Trabalho por eles para que se salvem. Rogo a Deus por eles, dizendo com Jesus Cristo: Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem nem o que dizem. 84

209. Quando vedes um réu caminhando em direção ao suplício, ficais compadecidos. Se o pudésseis libertar, o que não faríeis? Ah! Meus irmãos, quando vejo alguém em pecado mortal e vejo que a cada passo se aproxima do suplício do inferno, vendo-o em tão infeliz estado e tendo eu nas mãos os meios para libertá-lo – que é converter-se a Deus, pedir-lhe perdão e fazer uma boa confissão –, ai de mim se não fizer isso!

210. Quem sabe me direis que o pecador não pensa no inferno, nem mesmo crê que ele exista. Tanto pior. Por ventura julgais que por isso não será condenado? Não, com certeza. Antes, pelo contrário, é o mais claro indício de sua fatal condenação, como diz o Evangelho: *qui non crediderit, condemnabitur* (O que não crê será condenado). 85 No dizer de Bossuet, 86

esta verdade existe independente de sua crença. Mesmo que não creia nem pense no inferno, não deixará, por isso, de ir para lá, se tiver a desgraça de morrer em pecado mortal.

211. Confesso com franqueza que, ao ver os pecadores, não tenho sossego, não posso acomodar-me. Não tenho consolo. Meu coração me leva até eles. Para que entendais o que se passa comigo, valho-me de uma comparação. Se uma mãe, terna e carinhosa, visse seu filho prestes a cair de uma janela muito alta ou em uma fogueira, não correria, não gritaria: Meu filho, meu filho, não vês que vais cair? Não o pegaria e o puxaria para trás se o pudesse alcançar? Ah, meus irmãos! Deveis saber que mais poderosa e valente é a graça que a natureza. Pois seu ma mãe, pelo amor natural que tem a seu filho, corre, grita, segura-o e o tira do precipício, eis o que a graça divina faz em mim.

212. A caridade me impele, 87 faz-me correr de uma povoação a outra, obriga-me a gritar: Meu filho, pecador, olha que vais cair nos infernos! Alto lá! Não dêis mais um passo adiante! Quantas vezes peço a Deus o que pedia santa Catarina de Sena: Dai-me, Senhor, poder colocar-me à porta do inferno para poder deter a quantos se dirigem a ele e dizer a cada um: Aonde vais, infeliz? Volta para trás, faz uma boa confissão, salva tua alma e não venhas aqui para este lugar de perdição eterna! 88

213. Outro motivo, entre os muitos que me impelem a pregar e confessar, é o desejo que tenho de tornar feliz o meu próximo. Que alegria tão grande é devolver a saúde ao enfermo, liberdade ao preso, consolo ao aflito e fazer feliz o desafortunado! Pois tudo isto e muito mais se faz, ao procurar para meu próximo a glória do céu. É preservá-lo de todos os males e fazer com que desfrute de todos os bens e por toda a eternidade. Agora não entendem os mortais, porém, quando estiverem na glória, então conhecerão o bem tão grande que lhes foi oferecido e que felizmente conseguiram. Então, cantarão as eternas misericórdias do Senhor e as pessoas misericordiosas serão abençoadas.

Capítulo XII

Estímulos para pregar missões

214. Além do amor que sempre tive pelos pobres pecadores, o que também me move a trabalhar por sua salvação é o exemplo dos profetas, de Jesus Cristo, dos apóstolos, dos santos e das santas, cujas vidas e histórias tenho lido com freqüência, anotando as passagens mais interessantes, para meu uso, proveito e mais me estimular. Vou referir aqui alguns desses fragmentos: 89

215. O profeta Isaías, filho de Amós, da real família de Davi, profetizava e pregava. Seu objetivo principal era alertar o povo de Jerusalém e demais hebreus para suas infidelidades, anunciando-lhe o castigo de Deus, que viria dos assírios e dos caldeus, como de fato aconteceu. Seu cunhado, o ímpio rei Manassés, matou-o, fazendo serrar seu corpo ao meio.

216. O profeta Jeremias profetizou por 45 anos. Seu principal objetivo foi exortar o povo à penitência, anunciando-lhe os castigos que o Senhor lhe enviaria. Foi levado ao Egito e, em Taphnis, cidade principal, foi morto, apedrejado pelos próprios judeus. Seu distintivo principal: uma terníssima caridade para com o próximo; caridade cheia de compaixão, não

só por seus males espirituais, mas também pelos materiais; caridade que não lhe permitia descanso. E assim, em meio ao tumulto da guerra, em meio à deterioração do reino, que se arruinava a olhos vistos, no cerco de Jerusalém, durante a própria mortandade do povo, trabalhou sempre com muito ardor pelo bem público de seus concidadãos, por cujo motivo recebeu o apelido de Amante de seus irmãos e do povo de Israel.

217. O profeta Ezequiel profetizou e pregou durante vinte anos e teve a glória de morrer como mártir da justiça. Foi morto próximo à Babilônia, pelo príncipe de seu povo, por tê-lo repreendido por causado culto que tributava aos ídolos.

218. O profeta Daniel foi dotado de incríveis dons, como um dos grandes profetas. Não só predisse as coisas do futuro, como o fizeram os demais profetas, mas determinou a época em que haveriam de acontecer. Por inveja, foi lançado à cova dos leões, mas Deus o libertou.

219. O profeta Elias foi homem de fervorosa e eficacíssima oração, de enorme e extraordinário zelo. Foi perseguido de morte, embora não tenha morrido, pois um carro de fogo o arrebatou.

220. O Eclesiástico, ao falar dos doze profetas menores, assim chamados porque os escritos que nos deixaram são curtos, diz que restauraram Jacó e eles se salvaram a si mesmos mediante a virtude da fé. 90

221. O que mais e mais me estimulava era contemplar a maneira como Jesus Cristo se deslocava de uma povoação a outra, pregando em todas as partes, não só nas grandes cidades, mas também nas aldeias, até para uma única mulher, como fez com a samaritana, ainda que estivesse cansado da caminhada, abatido pela sede, numa hora inoportuna, tanto para ele como para a mulher.

222. Desde o princípio fiquei empolgado com o estilo da pregação de Jesus. Que comparações! Que parábolas! Eu me propus imitá-lo nas comparações, metáforas e estilo simples. 91 Mas também, quantas perseguições!... Foi sinal de contradição, perseguido por causa de sua doutrina, de suas obras e de sua pessoa, até lhe tirarem a vida à força de injúrias, de tormentos e de insultos, sofrendo a mais vergonhosa e dolorosa morte que se pode padecer sobre a terra.

223. Sinto-me também muito animado ao ler o que fizeram e o quanto sofreram os Apóstolos. O apóstolo Pedro, no primeiro sermão, converteu três mil homens e, no segundo, cinco mil. 92 Com que zelo e fervor terá pregado! Que direi de Tiago, de João e de todos os demais? Com que solicitude, com que zelo corriam de um reino a outro! Com que zelo pregavam, sem temor nem respeito humano, considerando que antes se deve obedecer a Deus que aos homens. E assim responderam aos escribas e fariseus quando os proibiam pregar. 93 Se os açoitavam, nem por isso se amedrontavam e se abstinham de pregar; ao contrário, sentiam-se felizes e ditosos por terem sido achados dignos de padecer por Jesus Cristo. 94

224. Porém, o que me entusiasma é o zelo do apóstolo Paulo. Como corre de um lugar a outro, levando, como precioso tesouro, a doutrina de Jesus Cristo! Ele prega, escreve, ensina nas sinagogas, nos cárceres e em todos os lugares. Trabalha e faz trabalhar oportuna e

inoportunamente. É açoitado, apedrejado; sofre perseguições de toda espécie, e calúnias, as mais atrozes. Ele, porém, não se espanta, pelo contrário, compraz-se nas tribulações e chega a dizer que não quer gloriar-se a não ser na cruz de Jesus Cristo. 95

225. Animava-me também sobremodo a leitura das vidas e das obras dos santos Padres: santo Inácio, mártir; são Justino, filósofo mártir; santo Irineu, são Clemente, presbítero de Alexandria; Tertuliano, Orígenes, são Cipriano, mártir; santo Eusébio, santo Atanásio, santo Hilário, são Cirilo, santo Efrém, são Basílio, são Gregório Nazianzeno, são Gregório, bispo de Nissa; santo Ambrósio, santo Epifânio, são Jerônimo, são Paulino, são João Crisóstomo, santo Agostinho, são Cirilo de Alexandria, são Próspero, Teodoreto, são Leão o Grande, são Cesário, são Gregório Magno, são João Damasceno, santo Anselmo, são Bernardo.

226. Eu lia freqüentemente a vida dos santos que se distinguiram no zelo pela salvação das almas, e senti que me causaram ótimos benefícios, porque me aplico as palavras de santo Agostinho: *Tu non eris sicut isti et istae?* (Tu não serás, tu não trabalharás para a salvação das almas como trabalharam estes e estas?) 96 As vidas dos santos que mais me movem são os seguintes: são Domingos, são Francisco de Assis, santo Antônio de Pádua, são João Nepomuceno, são Vicente Ferrer, são Bernardino de Sena, santo Tomás de Vilanova, santo Inácio de Loyola, são Filipe Néri, são Francisco Xavier, são Francisco de Borja, são Camilo de Lélis, são Carlos Borromeu, são Francisco Regis, são Vicente de Paulo, são Francisco de Sales.

227. Eu meditava nas vidas e obras desses santos, e nessa meditação acendia-se em mim um fogo tão ardente que me deixava inquieto. Tinha que andar e correr de um lugar a outro, pregando continuamente. Não consigo explicar o que sentia dentro de mim. Não sentia cansaço, não me amedrontavam as calúnias mais atrozes, tampouco temia as perseguições mais violentas. Tudo me era prazeroso, conquanto pudesse ganhar almas para Jesus Cristo, para o céu e evitar que caíssem no inferno.

228. Antes de concluir este capítulo, refiro-me aqui a dois modelos de zelo verdadeiramente apostólico, que sempre me animaram muito. O primeiro é do venerável padre José Diego de Cádiz, e o segundo é do venerável padre mestre Ávila. Do primeiro, lê-se em sua Vida: “O servo de Deus, motivado pelo zelo de ganhar almas para Cristo, consagrou-se durante toda a vida ao ministério apostólico, sem nunca descansar. Empreendia continuamente longas e cansativas viagens, sempre a pé, sem se importar com os incômodos das intempéries na passagem de um lugar a outro; tudo para anunciar a divina palavra e conseguir o fruto desejado. Impunha-se cilícios, disciplinava-se duas vezes ao dia e observava um rigoroso jejum. Seu repouso à noite, depois de um dia fatigante, era colocar-se diante do Santíssimo Sacramento, cuja devoção lhe era tão agradável, a ponto de lhe consagrar o mais terno e apaixonado amor”. 97

229. Da vida do venerável Ávila. 98 Sua equipagem consistia em um jumento para transporte de alfaias, dele e de seus companheiros, contendo o alforje com uma caixa de hóstias para celebrar a santa missa nas capelas, cilícios, rosários, medalhas, estampas, arame e alicates para fazer rosários. Não carregava comida, confiando na divina providência. Raramente comia carne, normalmente comia pão e frutas.

230. Seus sermões, na maioria das ocasiões, duravam duas horas. Era tanta a afluência e a abundância de temas propostos que seria difícil ocupar menos tempo. Pregava com tanta clareza que todos o entendiam e nunca se cansavam de escutá-lo. Procurava sempre, noite e dia, a maior glória de Deus, a transformação dos costumes e a conversão dos pecadores. Para compor seus sermões não buscava muitos livros, não usava muitos conceitos, nem procurava enriquecer o que dizia com argumentos da Escritura, exemplos e outros enfeites. Com um argumento que propunha, abrasava os corações dos ouvintes.

231. Estiveram juntos para pregação, em Granada, o padre Ávila e outro, o mais famoso pregador daquele tempo. Ao saírem do sermão deste último, todos os ouvintes se persignavam admirados por tantas e tão belas coisas, de tão bem faladas e proveitosas; quando, porém, falava o padre mestre Ávila, saíam todos de cabeça baixa, calados, sem que dissessem uma só palavra uns aos outros, recolhidos e compungidos pela simples força da verdade, da virtude e da excelência do pregador. 99

232. A principal finalidade de seus sermões era tirar as almas do infeliz estado da culpa, mostrando a feiúra do pecado, a indignação de Deus e o horroroso castigo preparado para os pecadores impenitentes, e o prêmio oferecido aos verdadeiramente contritos e arrependidos. O Senhor concedia muita eficácia às suas palavras. Diz o padre frei Luís de Granada: Um dia ouvi-o argumentar em um sermão sobre a maldade dos que, por um deleite bestial, não hesitam em ofender a Deus nosso Senhor, alegando para isto aquela citação de Jeremias: *Obstupescite coeli super hoc* (Ó céus, pasmai por causa disto); 100 essa verdade foi pronunciada com tão grande espanto e vivacidade de espírito que me parecia tremerem as paredes da Igreja”.

233. Ó meu Deus e meu Pai! Fazei que eu vos conheça e vos faça conhecido; que eu vos ame e vos faça amado; que eu vos sirva e faça que vos sirvam; que eu vos louve e vos faça louvado por todas as criaturas. Fazei, ó meu Pai, que todos os pecadores se convertam, que todos os justos perseverem na vossa graça e todos nós consigamos a glória eterna. Amém.

Capítulo XIII

Exemplos e estímulos tomados de algumas santas

234. Se os exemplos dos santos me motivavam tanto, conforme disse no capítulo anterior, mais ainda me motivava o exemplo das santas. Oh!que tamanha impressão estes causavam em meu coração! E eu me dizia: Se a mulher assim sente, assim deseja e assim faz para a salvação das almas, que devo fazer eu como sacerdote, mesmo que indigno? Tanto me impressionava a leitura de suas vidas, que às vezes copiava trechos de suas palavras e atos. Aqui quero recordar alguns.

235. Da vida de santa Catarina de Sena 101 – “Tinha singular devoção e amor pelos santos que em vida mais se empenharam e trabalharam pela conversão das almas. Tinha considerável veneração por são Domingos por ter instituído sua Ordem Religiosa em vista do aumento da fé e da salvação das almas. Quando via algum religioso de sua Ordem, notava o lugar onde punha os pés e depois, com toda humildade, beijava as suas pegadas” (Gisbert, p. 9).

236. “Madalena, aos pés de Jesus, escolheu a melhor parte; porém, não o melhor, diz santo Agostinho, porque o melhor é unir as duas partes que são a vida ativa e a vida contemplativa; foi o que fez santa Catarina de Sena” (p. 14). “Olhava o próximo banhado com o sangue precioso de Jesus Cristo. Ao considerar a imensidade de pessoas para as quais a redenção foi um fracasso, chorava e se lamentava com singular ternura, em especial quando estava em êxtase. Ouviam-na rogar pela conversão dos infiéis e repetir esta súplica: Ó Deus eterno, volve os olhos de misericórdia, como bom pastor, para tantas ovelhas perdidas que, mesmo separadas do aprisco de tua Igreja, são tuas, pois as compraste com teu sangue!” (p. 66).

237. “Certo dia, o Senhor fez-lhe ver a felicidade do céu, dizendo-lhe: Observa de quantos bens se privam para sempre os que desrespeitam minha lei para fazer seu gosto. Reconhece que a minha justiça exige dos pecadores impenitentes os mais rigorosos castigos. Repara com que cegueira as pessoas, com uma vida dominada pelas paixões, arriscam um bem que encerra todos os bens... Minha providência colocou a salvação de muitas almas em tuas mãos. Dar-te-ei palavras e inspirarei doutrina às quais não poderá resistir nem contradizer nenhum de teus adversários” (p. 75).

238. “O exercício da pregação é o mais importante bem que Jesus deixou à sua Igreja. É a arma dos doze apóstolos. É este o sagrado ministério, próprio dos bispos que, como pastores, devem apascentar suas ovelhas. Os bispos, porém, podem subdelegá-lo a pessoas que os auxiliem a alimentá-las. Gregório XI mandou-a pregar em sua presença, e na de todo consistório de cardeais e outros príncipes. Falou das coisas celestiais com tal autoridade que a ouviam como estátuas, arrebatados por seu admirável espírito. Pregou diante de sua santidade e cardeais muitas outras vezes e sempre a ouviam com admiração e fruto, venerando nela um novo apóstolo poderoso em obras e palavras. Pregava também ao povo, e como seu coração ardia em fogo de santo zelo, espargia chamas vivas nas palavras que dizia, e eram tantos os pecadores que se enterneciam e mudavam de vida, que levava muitos confessores em sua companhia, e alguns deles com autoridade pontifícia para absolver casos reservados” (p. 174).

239. Vida de santa Rosa de Lima (Ribadeneira, p. 649). 102 – “De quem mais se compadecia era dos que viviam em pecado mortal, porque sabia, com a luz que Deus lhe comunicava, quão miserável era seu estado. Chorava continuamente sua miséria e rogava a Deus que convertesse a todos os pecadores e ainda dizia que padeceria ela sozinha os tormentos do inferno, mesmo sem culpa, para que ninguém se condenasse. Por isso, desejava muito que se pregasse o Evangelho aos infiéis e a penitência aos pecadores. A um confessor seu foi oferecida a possibilidade de ir às missões. Temia a viagem pelos perigos que poderia encontrar. Confiou a dificuldade à santa e ela lhe disse: “Vá, padre, e não tema; vá converter esses infiéis e veja que o maior serviço que os homens podem fazer a Deus é converter as almas e esta é obra própria dos apóstolos. Quer felicidade maior do que batizar, ainda que seja a um indiozinho, e oferecer-lhe a possibilidade de entrar no céu pela porta do batismo?”

240. Convencia todos os dominicanos a que se servissem desse ministério apostólico, dizendo-lhes que o estudo da sagrada Teologia não era mais importante que o espírito de sua profissão de pregadores; antes, a teologia destinava-se a isso como a um fim. Dizia também: Se lhe fosse permitido, pregaria a fé de um reino a outro até converter todos os infiéis, e sairia

pelos caminhos com o crucifixo nas mãos, vestida de cilício, dando gritos, para despertar os pecadores elevá-los à penitência. Tinha decidido adotar um menino órfão, oferecer-lhe estudo, ordená-lo sacerdote, só para enviá-lo a converter infiéis e dar a Cristo um pregador, já que ela não podia pregar.

241. Sentia muito porque os pregadores não procuravam o proveito das almas em seus sermões. A um frade do convento do Rosário, da ordem de São Domingos, que pregava em Lima e com grande aplauso, mas, com linguagem bastante enfeitada, a santa virgem lhe disse um dia com grande modéstia e eficácia: “Padre, olhe que Deus o fez seu pregador, a fim de que converta as almas; não gaste seu talento em flores, que é trabalho inútil; já que é pescador de homens, lance a rede para que caiam os homens, não para conseguir elogios, que é vento e vaidade; lembre-se da conta de tão grande ministério que deve prestar a Deus”. Mas já que não lhe era permitido pregar, procurava, com uma divina eloquência que Deus lhe havia comunicado, convencer as pessoas a amarem as virtudes e afastarem-se dos vícios.

Capítulo XIV

Continuação da mesma matéria

242. Da vida de santa Teresa 103 “Também tentei fazer com que outras pessoas tivessem oração. 104 Eu percebia que elas gostavam de rezar e lhes dizia como meditar, e lhes dava livros”. Vida Cap., VII 13.

243. “Quem pode ver o Senhor coberto de chagas e aflito por perseguições sem que as abrace, ame e deseje? Quem vê algo da glória que ele dá aos que O servem e não reconhece que de nada vale tudo o que se pode fazer e padecer quando esperamos esse prêmio? Quem vê os tormentos que passam os condenados e não considera deleites os sofrimentos daqui nem reconhece o muito que deve ao Senhor por ter sido libertado tantas vezes daquele lugar?” Vida, XXVI. 5

244. “Que glória accidental será, e que contentamento, a dos bem-aventurados que já gozam disso quando virem que, embora tarde, não deixaram de fazer por Deus o que puderam, e nada lhe negaram, dando-lhe de todas as maneiras que puderam, de acordo com as suas forças e o seu estado. E quem mais tiver feito tanto mais receberá! Quão rico ficará quem deixou todas as riquezas por Cristo. Que honrado será quem não quis honra por amor a ele, mas se comprazia em ver-se muito abatido! Quão sábio quem folgou por ver que o tinham por louco, pois o levaram à própria Sabedoria! Quão poucos assim há agora, devido aos nossos pecados! Sim, parece que se acabaram aqueles que as pessoas tinham por loucos ao vê-los realizar façanhas heróicas de verdadeiros amantes de Cristo. Ó mundo, mundo, como tens ganhado honras por haver poucos que te conheçam!” Vida, XXVII. 14.

245. “E, no entanto, pensamos que se serve mais a Deus se se é considerado sábio e discreto! Sem dúvida assim é, a julgar pela moda da discricção. Desse modo, parece-nos pouco edificante não ter muita compostura e dignidade, cada qual em seu estado. Até o frade, o clérigo e a monja têm a impressão de que usar hábitos velhos e remendados é uma novidade, um escândalo para os fracos, ocorrendo o mesmo com o recolhimento e a oração. O mundo está de tal maneira, e estão tão esquecidas as coisas da perfeição e os grandes fervores que

os santos tinham, que não se vê que o pretense escândalo causado por religiosos que mostrem em obras o que dizem com palavras - a pouca importância que se deve dar ao mundo - não contribui tanto para as desventuras desta época quanto o desejo de ser tido por sábio e discreto. Desses pretensos escândalos o Senhor obtém grandes proveitos. E, se uns se escandalizam, outros se arrependem. Quem dera houvesse ao menos um esboço do que Cristo e os seus apóstolos passaram nesta nossa época, que mais do que nunca precisa disso!” Vida, XXVII.15.

246. “Estando um dia em oração, vi-me de repente, sem saber como, no inferno. Entendi que o Senhor queria que eu visse o lugar que os demônios tinham preparado para mim ali e que eu merecera pelos meus pecados. Isso durou muito pouco tempo, mas, mesmo que eu vivesse muitos anos, parece-me impossível esquecer. A entrada me pareceu um longo e estreito túnel, semelhante a um forno muito baixo, escuro e apertado; o solo dava a impressão de conter uma água igual a uma lama muito suja e de odor pestilento, havendo nele muitos répteis daninhos; havia no fundo uma concavidade aberta numa parede, parecida com um armário, onde fui colocada, ficando bastante apertada. Tudo isso é agradável em comparação ao que senti ali. Isto que digo está muito aquém da verdade”. Vida, XXXII.1.

247. “O que senti parece ser impossível de definir de fato e de entender; mas senti um fogo na alma que não sei como explicar. As dores corporais eram tão insuportáveis que mesmo os tantos sofrimentos que tive nesta vida, que foram graves e, segundo os médicos, os maiores que se podem passar aqui (por exemplo, quando se encolheram todos os meus nervos e fiquei parálitica, sem falar de outros tantos padeceres de diversas espécies, alguns, como eu disse, causados pelo demônio), não foram nada em comparação com elas, ainda mais que percebi que elas seriam sem fim, incessantes. Na verdade, em comparação com a agonia da alma, que é um aperto, um afogamento, uma aflição tão intensa, unida a um descontentamento tão desesperado e angustioso, que as palavras não podem descrever, tudo isso é insignificante. Porque dizer que é igual à sensação de que estão sempre arrancando a alma é pouco, pois isso seria equivalente a ter a vida tirada por alguém; nesse caso, no entanto, é a própria alma que se despedaça. Não sei como fazer jus com palavras ao fogo interior e ao desespero que se sobrepõem a gravíssimos tormentos e dores. Eu não via quem os provocava, mas os sentia queimando-me e retalhando. Mesmo assim, tenho a impressão de que aquele fogo e aquele desespero interiores são o pior”. Vida, XXXII. 2.

248. “Quando se está num lugar tão pestilento, sem poder esperar consolo, não se pode ficar sentado nem deitado, nem há lugar para isso, pois me puseram naquela espécie de buraco feito na parede; entre essas paredes, que espantam a visão, somos apertados e ficamos como que sufocados. Não há luz, mas sim trevas escuríssimas. Não entendo como pode ser que, não havendo luz, vê-se tudo que possa causar padecimento. Nessa ocasião, o Senhor não quis que eu visse mais coisas do inferno; mais tarde, tive outra visão de coisas assombrosas sobre o castigo de alguns vícios. Vê-las me mostrou quão espantosas eram, mas, como não sentia o sofrimento, não tive tanto temor. Na visão referida, no entanto, foi vontade do Senhor que eu sentisse verdadeiramente os tormentos e aflições no espírito como se o corpo os estivesse padecendo. Não sei como isso aconteceu, mas bem entendi ser um grande favor e que o Senhor desejava que eu visse com os meus próprios olhos aquilo de que a sua misericórdia me livrara. Porque uma coisa é ouvir dizer ou ter pensado sobre os diferentes tormentos (o que eu fizera poucas vezes, já que pelo temor a minha alma não era levada muito bem), ou

saber pelos livros que os demônios supliciam e infligem outras torturas, e outra é passar por isso. Em uma palavra, saber disso e vivê-lo são tão diferentes quanto o desenho o é da realidade; queimar-se aqui na terra é dor muito leve em comparação com o fogo de lá”. Vida, XXXII. 3.

249. “Fiquei tão abismada, e ainda o estou quando escrevo, apesar deterem passado quase seis anos, que me parece ter o corpo enregelado de medo. A partir de então, não me lembro de ocasiões em que padeça sofrimentos ou dores e não considere um nada tudo o que se pode passar na terra, o que me dá a impressão de que, em parte, nos queixamos sem razão. Por isso, repito ter sido essa uma das maiores graças que o Senhor me concedeu, pois me trouxe grandes proveitos, tanto para que eu perdesse o temor das tribulações e contradições desta vida como para que me esforçasse por padecê-las e dar graças ao Senhor por ter me livrado, como é agora minha convicção, de males tão perpétuos e terríveis”. Vida, XXXII. 4.

250. “Desde então, como eu disse, tudo me parece fácil diante de um momento em que se tenha de sofrer o que lá padecei. Fico aturdida ao pensar que, tendo lido muitas vezes livros onde se explica algo das penas do inferno, eu não as temesse nem as tomasse pelo que são. Onde estava eu? Como podia ter descanso estando num caminho que me conduzia a lugar tão ruim? Bendito sejas, Deus meu, para sempre! E como me tem parecido que me amáveis muito mais do que eu a mim mesma! Quantas vezes, Senhor, me livrastes de cárcere tão tenebroso e quantas eu, contra a vossa vontade, voltava para ele!” Vida, XXXII. 5.

251. “Isso também criou em mim uma grande compaixão pelas muitas almas que se condenam (em especial dos luteranos, que já eram, pelo batismo, membros da Igreja) e intensos ímpetos de salvar almas, pois tenho a impressão de que, para livrar uma só delas de aflições tão graves, eu voluntariamente enfrentaria muitas mortes. Se vemos aqui uma pessoa de quem gostamos de modo especial passar por um grande sofrimento ou dor, a nossa própria natureza nos impele à compaixão e, se a sua aflição for grande, tanto maior será a opressão do nosso coração. Assim sendo, ver uma alma imersa eternamente no sumo sofrimento, quem o pode suportar? Não há coração que veja isso sem compadecer-se, porque, se aqui, sabendo que a vida um dia vai acabar e que de qualquer maneira não é longa a sua duração, ainda assim somos movidos a tanta compaixão, quão maior não será o nosso desassossego diante dessa dor que não se acaba, infligida às tantas almas que o demônio leva consigo a cada dia!”. Vida, XXXII, 6.

252. “Isso também me faz desejar que, numa coisa tão importante, não nos contentemos com fazer menos que tudo o que pudermos; não deixemos nada por fazer, e que o Senhor seja servido de nos dar graças para isso”. Vida, XXXII, 7.

253. “Certa feita, fiquei nesse estado por mais de uma hora, tendo o Senhor me mostrado coisas admiráveis, dando-me a impressão de não se afastar de mim. Ele me disse: Vê filha, o que perdem os que são contra mim; não deixes de lhes dizer isso”. Vida, XXXVIII, 3

254. “Estando uma vez em oração, fui invadida por tamanha felicidade que, sendo indigna de tal bem, comecei a pensar que merecia muito mais estar naquele lugar que eu tinha visto preparado no inferno para mim, porque, como venho dizendo, nunca me sai da memória a sensação que ali tive. Ao considerar isso, senti a alma inflamar-se mais, vindo-me um arroubo

de espírito que não sei descrever. Eu parecia ter o espírito imerso naquela Majestade que de outras vezes percebi. Compreendi nessa Majestade uma verdade que é a plenitude de todas as verdades; mas não sei descrever como, porque nada vi. Disseram-me (não sei quem, mas percebi que era a mesma Verdade): Não é pouco o que faço por ti, sendo uma das coisas em que muito me deves; porque todo mal que vem ao mundo decorre de não se conhecerem as verdades da Escritura com clareza, da qual nem uma vírgula ficará por cumprir. Pareceu-me que eu sempre tinha acreditado nisso e que todos os fiéis o crêem. O Senhor me disse: Ai, filha, quão poucos me amam de verdade! Se me amassem, eu não lhes encobriria meus segredos. Sabes o que é amar-me com verdade? Entender que tudo o que não é agradável a mim é mentira. Verás com clareza isso que agora não entendes pelo fruto que sentirá sem tua alma”. Vida, XL, 1.

255. “Nessa época, chegaram a mim notícias sobre os danos e estragos causados na França pelos luteranos, e sobre o grande crescimento que essa seita experimentava. Isso me deixou muito pesarosa, e eu, como se pudesse fazer alguma coisa ou tivesse alguma importância, chorava como Senhor e lhe suplicava que corrigisse tanto mal. Eu tinha a impressão de que daria mil vidas para salvar uma só alma das muitas que ali se perdiam. E, vendo-me mulher, imperfeita e impossibilitada de trabalhar como gostaria para servir ao Senhor, fui tomada pela ânsia, que ainda está comigo, tendo Deus tantos inimigos e tão poucos amigos, de que estes fossem bons. Decidi-me então a fazer o pouco que posso: seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição e ver que essas poucas irmãs que aqui estão fizessem o mesmo. Depositei a minha confiança na grande bondade do Senhor, que nunca deixa de ajudar a quem se determina, por ele, a abandonar tudo. Eu pensava que sendo elas como eu as via em meus desejos, os meus defeitos não teriam força em meio às suas virtudes, e eu poderia contentar o Senhor em alguma coisa. Assim, ocupadas todas em orar pelos que são defensores da Igreja, pregadores e letrados que a sustentam, ajudaríamos no que pudéssemos a este Senhor meu, tão atribulado por aqueles a quem fez tanto bem. Pode-se dizer que esses traidores querem pregá-lo na cruz outra vez, privando-o de onde reclinar a cabeça”. Caminho de Perfeição, I, 2.

256. “O Redentor meu! Meu coração não pode chegar aqui sem se afligir muito! Que se passa agora com os cristãos? Será que sempre os que mais vos devem mais vos afligem? Aqueles a quem concedeis mais graças, a quem escolheis para vossos amigos, entre os quais andais e com os quais vos comunicais mediante os sacramentos? Não estão satisfeitos com os tormentos que por eles padeceste?” Caminho de Perfeição, I, 3.

257. “É certo, Senhor meu, que nada faz quem agora se afasta do mundo. Sendo vós tratado nele com tão pouco respeito, que esperamos nós? Por acaso merecemos ser tratados melhor? Porventura fizemos mais por eles para que nos tenham amizade? Que é isso? Que mais esperamos nós, que, pela bondade do Senhor, não estamos contaminados por essa sarna pestilenta, se esses inimigos já pertencem ao demônio? Bom castigo obtiveram com suas próprias mãos, tendo merecido, com seus deleites, o fogo eterno. Que eles mesmos escapem dos perigos em que se puseram, embora não deixe de me partir o coração ver como se perdem tantas almas. Mas, para que o mal não seja tão grande, seria bom que não se perdessem mais almas a cada dia”. Caminho de Perfeição, I, 4.

258. “Ó irmãs minhas em Cristo! Ajudai-me a suplicar isso ao Senhor, pois foi com esse fim que ele vos reuniu aqui. Essa é a vossa vocação; esses devem ser os vossos cuidados e os vossos desejos; empregai aqui as vossas lágrimas e para isso dirigi vossos pedidos”. Caminho de Perfeição, I, 5.

Capítulo XV

Continuação

259. Da vida de santa Maria Madalena de Pazzi. 105 “Seria difícil encontrar homem apostólico que tivesse zelo mais ardoroso pela salvação das almas. Interessava-se viva e ternamente pelo bem delas; parecia-lhe não amar suficientemente o Senhor se todos não o amassem também. Vendo os progressos que em nome da fé se fazia no seu tempo nas Índias, dizia que, se pudesse ir pelo mundo todo salvar almas sem prejuízo de sua vocação, suas asas teriam causado inveja aos pássaros do céu. Oh, quem me dera, dizia, poder ir até as Índias e pegar aquelas crianças indianas e instruí-las em nossa fé para que Jesus tomasse conta de suas almas e elas possuíssem a Jesus!”

260. “A seguir, falando de todos os infiéis em geral, dizia: Se eu pudesse, acolheria a todos e os reuniria no grêmio de nossa santa mãe Igreja. Faria com que ela os purificasse de todas as infidelidades e os regenerasse, fazendo deles seus filhos e os guardasse em seu coração amoroso, alimentando-os com o leite de seus santos sacramentos. Como seriam bem nutridos e aleitados por seus peitos! Oh, se eu pudesse fazer isto, com que prazer o faria!”

261. “Reconhecendo o dano que tão dilatadas heresias causavam às almas, dizia: Ah! Seria necessário que nossas almas fossem como rolas, sempre gementes, que continuamente lamentassem a cegueira dos hereges! E contemplando quanto se havia afrouxado a fé dos católicos, exclamava: Derrama-a, ó Verbo, derrama-a viva e ardente no coração dos teus fiéis, reaquecida e acesa na fogueira do teu coração e da caridade infinita, para que fé e obras se conformem! E outras vezes, pedindo a conversão dos pecadores, dizia ao Senhor com palavras de fogo, que não ouvisse a ela, mas aos gemidos de seu divino sangue”.

262. “Desejava que o ardente zelo pela salvação penetrasse em todos os corações, e assim dizia continuamente às religiosas a ela confiadas que sempre rezassem a Deus pelas almas. Peçamos tantas, repetia, quantos forem os nossos passos no convento; peçamos tantas quantas forem nossas palavras pronunciadas na oração diária. Semelhantes ao ardor de seus afetos eram suas obras enquanto o permitia sua condição de religiosa, de modo que o autor de sua biografia encheu catorze capítulos com as provas e argumentos de seu zelo pela salvação das almas: disciplinas, jejuns, vigílias, prolongadas orações, exortações, correções: nada, absolutamente nada omitia; impunha a si própria, durante meses, a mais rígida penitência, por qualquer pecador que se lhe recomendasse”.

263. Sabemos que muitas almas se salvaram pelas orações de santa Teresa do Menino Jesus e de santa Maria Madalena de Pazzi; e muitas outras, ainda hoje, continuam se salvando pelas orações de religiosas boas e fervorosas. Por isso sempre fui inclinado a pregar retiros e afazer práticas espirituais às religiosas (mas não a confessá-las, porque me tomavam muito tempo), a fim de que me encomendassem a Deus. 106 Algumas vezes dizia que elas deviam fazer

como Moisés no monte e eu como Josué 107 no campo de luta: elas orando e eu lutando com a espada da divina palavra. E assim como Josué alcançou a vitória pelas orações de Moisés, eu a espero pelas orações das religiosas. E, para estimulá-las ainda mais, dizia-lhes que depois repartiríamos o mérito. 108

Capítulo XVI

Meios de que me valia para produzir frutos

Primeiro meio:

A oração 109

264. Estimulado a trabalhar para a maior glória de Deus e pela salvação das almas, como venho dizendo, falarei agora dos meios que me servi para alcançar este objetivo, conforme o Senhor me revelou, como sendo os mais apropriados e adequados. O primeiro meio que sempre utilizei e de que sempre me valho é a oração. Acho que este é o melhor meio que se deve usar para obter a conversão dos pecadores, a perseverança dos justos e o alívio das almas do purgatório. Por isso, na meditação, na missa, oração, devoções, jaculatórias que praticava, sempre pedia a Deus e à santíssima virgem estas três coisas.

265. Não somente eu rezava, mas pedia também a outros que rezassem, como as monjas, as Irmãs de Caridade, Terciárias 110 e a todas as pessoas virtuosas e zelosas. 111 Com este objetivo, pedia-lhes que participassem da santa missa e recebessem a sagrada comunhão; que durante a santa missa e depois da comunhão apresentassem ao Pai eterno e a seu Filho santíssimo esses pedidos; que em seu nome e por seus méritos lhe pedissem estas três graças de que falei: a conversão dos pecadores, a perseverança dos justos e o alívio das pobres almas do purgatório. Também lhes dizia que se valessem da visita ao Santíssimo Sacramento e das estações da Via-Sacra. 112

266. Exortava também a que se encomendassem muito a Maria santíssima, rogassem e lhe pedissem o mesmo, que se valessem da devoção ao santíssimo rosário, que sempre pregava e ensinava o modo prático de rezá-lo, e eu mesmo o rezava com todas as pessoas presentes, antes de iniciar o sermão; fazia isto para que as pessoas aprendessem a rezá-lo e também para que, rezando-o todos juntos, alcançassem essas três graças acima mencionadas. 113 Ensinava ainda às pessoas o modo de serem devotas das dores de Maria e que cada dia da semana meditassem uma dor, de modo que assim as sete dores seriam meditadas nos sete dias da semana, uma de cada dia. 114

267. Rogava e fazia com que as pessoas rogassem aos santos do céu, afim de que intercedessem junto a Jesus e a Maria e nos alcançassem estas mesmas graças. Invocava especialmente aqueles santos que, durante sua vida terrena, tinham manifestado maior zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas.

268. Jamais, em ocasião alguma, esquecia-me de invocar o glorioso são Miguel e os anjos da guarda, especialmente o de minha proteção, o do reino, o da província, o do povoado em que pregava e o de cada pessoa em particular. 115

269. Senti visivelmente a proteção dos anjos da guarda. 116 Desejo apresentar aqui, algumas das jaculatórias que rezo diariamente e, ao mesmo tempo, tenho aconselhado a outros que as façam. De resto, têm-me garantido que lhes fazem muito bem: 117 Quem como Deus? Quem como Jesus Cristo? Quem como Maria santíssima, virgem e mãe de Deus? Quem como os anjos do céu? Quem como os santos da glória? Quem como os justos da terra? Viva Jesus! Viva Maria santíssima! Viva a santa lei de Deus! Vivam os santos conselhos evangélicos! Vivam os santos sacramentos da Igreja! Viva o santo sacrifício da Missa! Viva o Santíssimo Sacramento do altar! Viva o santo rosário de Maria! Viva a graça de Deus! Vivam as virtudes cristãs! Vivam as obras de misericórdia! Morram os vícios, culpas e pecados!

270. Oração que rezava no princípio de cada missão. 118 Ó virgem e mãe de Deus, mãe e advogada dos pobres e infelizes pecadores! Bem sabeis que sou vosso filho e ministro, formado por vós mesma na forja de vossa misericórdia e amor. Sou como uma flecha colocada em vossa mão poderosa. Lançai-me, minha mãe, com toda a força de vosso braço contra o ímpio, sacrílego e cruel Acab, casado com a vil Jezabel. 119 Quero dizer, lançai-me contra satanás, príncipe deste mundo, que tem estabelecido aliança com a carne.

271. Para vós, minha mãe, seja a vitória. Vós vencereis. Sim, vós que tendes poder para acabar com todas as heresias, erros e vícios. E eu, confiado em vossa poderosíssima proteção, empreendo a batalha, não só contra a carne e o sangue, mas também contra os príncipes das trevas, como disse o apóstolo Paulo, 120 empunhando o escudo do santíssimo rosário e armado com a espada de dois gumes da palavra divina. 121

272. Vós sois rainha dos anjos. Ordenai-lhes, minha mãe, que venham em meu socorro. Vós bem conheceis a minha fraqueza e as forças de meus inimigos. Vós sois rainha dos santos. Pedi que eles roguem por mim e dizei-lhes que a vitória e o triunfo conseguidos serão para a maior glória de Deus e salvação de seus irmãos. Reprimi, senhora, por vossa humildade, a soberba de Lúcifer e seus sequazes, audaciosos em usurparas almas remidas com o sangue de Jesus, Filho de vossas entranhas virginais. 122

273. Além do mais, proferia o seguinte exorcismo: 123 Satanás com todos os seus seguidores: como ministro que sou de Jesus Cristo e de Maria santíssima, embora indigno, ordeno-te que saias daqui e vás para teu lugar. Ordeno-te em nome do Pai, + que nos criou; em nome do Filho, + que nos livrou de teu domínio, e do Espírito Santo, + que nos consolou e nos santificou. Amém. Ordeno-te também, em nome de Maria santíssima, virgem e mãe de Deus vivo, + que te esmagou a cabeça. Vai-te, satanás; vai-te, soberbo e invejoso; nunca mais impeças a conversão e a salvação das almas.

Capítulo XVII

Outros meios para produzir frutos

Segundo meio: O catecismo às crianças

274. Sempre me lembrava daquele provérbio que diz: “*A Dios rogando y con el mazo dando*”. (A Deus rogando e com o martelo batendo). Assim é que tinha tal cuidado e trabalhava com tal afã, como se tudo dependesse de minha habilidade e, ao mesmo tempo, depositava toda a

minha confiança em Deus, pois dele tudo depende, principalmente quando se trata da conversão de um pecador, que é ação da graça e obra máxima de Deus.

275. O catecismo às crianças – A primeira coisa que procurava era instruir as crianças na doutrina cristã, tanto pelo gosto que sempre tive por esse tipo de ensino, como também porque julgava algo de suma importância pelo fato de o catecismo ser o fundamento da instrução religiosa e moral. 124 Além do mais, porque as crianças têm muito mais facilidade em aprendê-lo e gravá-lo; assim elas se preservam do erro, do vício e da ignorância, e mais facilmente podem ser formadas na virtude por serem mais dóceis que os adultos. Com as crianças só se tem o trabalho de plantar, ao passo que com os adultos é preciso arrancar e depois plantar. 125 Com as crianças há também outra vantagem: com elas se conquistam os adultos e, com os filhos, os pais; pois os filhos são partes do coração dos pais. E ainda mais: dando-lhes uns santinhos como prêmio pelo bom aproveitamento no ensino, os pais e os adultos os lêem por curiosidade e não poucas vezes se convertem, como sei por experiência própria.

276. Uma das coisas que mais me levou a ensinar às crianças é o exemplo de Jesus Cristo e dos santos. Cristo disse certa vez: Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais; porque o Reino de Deus é daqueles que se lhes assemelham. Abraçando-as ele as abençoou, impondo-lhes as mãos (Mc 10, 14.16). Sem dúvida alguma, uma criança preservada na inocência por uma boa educação é, aos olhos de Deus, um tesouro mais precioso do que todos os reinos do mundo.

277. Os apóstolos, doutrinados por Jesus, catequizavam tanto os pequeninos como os adultos, de tal maneira que seus sermões eram declarações dos mistérios da fé. Foram catequistas são Dionísio, são Clemente de Alexandria, homem muito erudito, mestre de Orígenes; o mesmo Orígenes também foi catequista; são João Crisóstomo, santo Agostinho, são Gregório de Nissa. São Jerônimo, ao mesmo tempo em que era consultado de todas as partes como o oráculo do universo, não deixava de ser catequista de crianças, empregando nessa humilde ocupação o resto de seus dias, que tão utilmente havia empregado a serviço da Igreja. Enviai-me vossos filhos, dizia o santo a uma viúva, eu balbuciarei com eles, terei menos glória diante dos homens, porém serei mais glorioso diante de Deus. 126

278. São Gregório Magno foi superior em zelo a São Jerônimo nesse particular, e Roma, capital do mundo de então e o centro da religião, pôde ver com admiração que o grande papa, já bastante doente, destinava todo o tempo que podia à instrução da juventude. Depois de haver dado um manjar sólido aos fortes, se comprazia em dar leite às crianças.

279. O célebre chanceler de Paris, João Gerson entregava-se incansavelmente ao catecismo das crianças. Alguns o criticavam por isto, mas ele lhes respondia dizendo que não podia ocupar-se em coisa melhor do que em apartar essas almas do dragão infernal e em regar essas tenras plantas da horta da Igreja. 127

280. O venerável mestre João de Ávila, apóstolo da Andaluzia, dedicava-se à instrução das crianças. Seus discípulos faziam o mesmo. Ele recomendava-o insistentemente aos professores da escola infantil, dizendo: Conquistada a infância, ganha-se e recupera-se toda a república, porque as crianças passam a ser grandes e a governam. A boa educação, dizia, e

o ensino da doutrina cristã são a fonte e raiz de todos os bens e de toda a felicidade de uma república, ao passo que educar mal a juventude é envenenar as fontes comuns. 128

281. O presbítero Diego de Guzmán, filho do conde de Bailén, discípulo do venerável Ávila, exerceu o papel de mestre do ensino da doutrina cristã por toda a sua vida de 83 anos. Percorreu a Espanha e a Itália com admirável zelo e fruto, com ingentes esforços e sofrimento e, para que a obra prosseguisse após sua morte, fundou em Sevilha uma congregação para o ensino da doutrina cristã às crianças, como ele havia praticado.

282. Dedicaram-se também à instrução da doutrina cristã para crianças: santo Inácio, são Francisco Xavier, são Francisco de Borja, Laínez e Salmerón; enviados ao concílio de Trento, trabalhavam na catequese das crianças por ordem de santo Inácio. São José de Calasanz. O venerável César de Bus fundou uma congregação destinada ao ensino da doutrina cristã: 129 Os Irmãos da Doutrina cristã. 130

283. O padre Inácio Martínez, orador eloqüente e pregador do rei de Portugal, deixou de pregar a fim de dedicar-se exclusivamente à instrução das crianças, por espaço de mais de 17 anos. 131 O padre Edmundo Augerio, pregador apostólico, apelidado de Trombeta do Evangelho, tendo convertido 40.000 hereges na França, dedicou-se de tal modo ao ensino do catecismo que, quando morreu, Deus quis que fosse visto subindo ao céu, acompanhado de um exército de anjos e de crianças. 132 À pergunta feita pelo profeta Isaías: *Ubi est doctor parvulorum?* (Onde está o médico das crianças?) 133 pode-se responder: Está aqui.

284. Em vista, pois, destes e de outros exemplos, que eu conheço e que aqui omito, sentia-me fortemente estimulado à catequese de meninos e meninas. Sempre procurei praticá-la, desde o tempo de estudante, como sacerdote, como auxiliar na paróquia, depois como vigário paroquial, como missionário e mesmo mais tarde como arcebispo. 134

285. Pelo amor que tinha às crianças e, ao mesmo tempo, pelo desejo de que se instruissem na doutrina cristã, escrevi quatro catecismos: um para as criancinhas, desde que começam a falar até aos sete anos; outro para os camponeses; um terceiro, mais extenso, e, finalmente, um catecismo explicado e ilustrado. 135

286. O método usado e o que a experiência me ensinou ser o melhor, está desenvolvido no segundo tomo da obra intitulada: O Colegial ou Seminarista instruído. Seção V, c. IV. 136

Capítulo XVIII

Terceiro meio: Catequese para os adultos

287. O catecismo para os adultos é o meio mais eficaz, conforme constatei. Através dele arrancava-se da ignorância, que por sinal é maior do que se pensa, até mesmo entre aquelas pessoas que ouvem os sermões com freqüência, pois os pregadores supõem o auditório instruído, e exatamente esta é a instrução que falta aos católicos. Além disso, os ouvintes são instruídos nas respectivas obrigações e no modo de cumpri-las. 137

288. Instruía diariamente, menos no primeiro dia, destinado a outro assunto, no exórdio do sermão, antes da Ave Maria; como estava sozinho, tinha de fazer tudo sozinho. O exórdio durava vinte minutos, e a matéria compreendia sempre os mandamentos da lei de Deus, explicados mais longa ou brevemente, conforme os dias que durava a missão. Efetivamente, levava em meu vade-mécum os mandamentos explicados e também algumas folhas soltas para cada mandamento e explicações referentes àquele mandamento. 138 Usava-as conforme os dias que havia de pregar naquela cidade e também segundo os costumes ou vícios que havia de repreender e virtudes que havia de plantar ou fomentar; para isso certificava-me antes e, pelo que me diziam, e pelo que eu mesmo sabia, ia aplicando os remédios.

289. Não obstante estes conhecimentos, eu não abordava de imediato os vícios predominantes; ao contrário, deixava para mais tarde. Esperava ter domínio sobre o auditório e, então sim, ainda que lhes denunciasse os vícios, os ídolos, não se ofendiam, antes, ao contrário, arrependiam-se. Havia observado que no começo vinham muitos, movidos pela novidade, mas prevenidos para ver de que se falava e, se ouviam reprimendas a seus queridos vícios, era como tocar a ferida na carne viva. Irritados, alvoroçavam-se, não voltavam mais, além de falarem mal do missionário, da missão e daqueles que dela participavam.

290. Assim dizia que nesses calamitosos tempos o missionário devia portar-se como o que cozinha caracóis. Coloca-os a cozer na panela com água fria. Com a frescura da água o caracol sai da casca. Como a água vai esquentando imperceptivelmente até ferver, ficam assim mortos e cozidos. Porém se algum imprudente os joga na panela com água fervendo, recolhem-se para dentro da casca e ninguém os pode tirar. Assim procurava proceder com toda classe de vícios e erros, blasfêmias e impiedades. Nos primeiros dias apresentava a virtude e a verdade com cores vivas e atraentes, sem dizer uma palavra sequer contra os vícios e viciados. Desta forma, ao verem que eram tratados com indulgência e benignidade, voltavam mais vezes, e então se lhes falava claramente dos erros a serem corrigidos, todos aceitavam bem, convertiam-se e se confessavam. Encontrei a muitos que iam à missão só por curiosidade, outros por maldade, para ver se me surpreendiam em alguma expressão, mas por fim se convertiam e se confessavam bem.

291. Em 1840, ao iniciar as missões, estando em plena guerra civil entre realistas e constitucionalistas, procurava, então, andar com o máximo cuidado, evitando falar em política, tanto a favor como contra um ou outro partido, principalmente porque pregava à população de todas as facções. 139 E como pregava em povoados de todos os partidos, devia andar com muito cuidado, pois, como já disse, alguns vinham ouvir-me para surpreender-me em alguma expressão, como se diz de Jesus, nosso divino Redentor: *Ut caperent in sermone* (Com a finalidade de surpreendê-lo em alguma palavra). 140 Graças a Deus, nunca puderam me pegar.

292. Naquela época cheia de calamidades, não só se devia ter cuidado, mas também não se podia dar ao trabalho missionário o nome de missão, mas de Novena das Almas, da Virgem do Rosário, do Santíssimo Sacramento, deste ou daquele santo, para não chamar a atenção dos constitucionalistas, que tinham a autoridade e governavam as cidades e povos onde eu pregava. Se o povo afluía em grande número, estendiam-se as funções por mais dias. No primeiro dia era preciso tratar do assunto principal da missão; no segundo dia tratava da

doutrina; assim nos demais dias; no terceiro dia fazia uma breve recapitulação da doutrina que havia tratado no dia anterior, dizendo, por exemplo:

293. Ontem vos falei disto e disto... Resumia assim os pontos principais, por três motivos: 1) Porque assim, escutando novamente o mesmo assunto, embora resumidamente, fixava-se melhor o aprendido, pois, como diz santo Afonso de Ligório, os camponeses têm a cabeça de 'madeira dura' e, para que guardem bem essas coisas, são necessários muitos golpes de repetição. 141 2) Porque, se não estavam presentes no dia anterior, por terem ficado em casa guardando as casas, filhos, etc., etc., escutavam-no e sabiam de que se havia falado e assim sabiam melhor a doutrina do dia anterior. Além disso, se os que tinham estado no sermão anterior tivessem contado mal em casa, assim podiam retificar, pois não poucos entendiam mal as coisas e as referiam ainda pior e, em coisas de doutrina, convém que seja entendida com exatidão. 3) Assim, pois, o resumo servia de introdução ao assunto do dia, tornando-se mais fácil para o pregador e de mais proveito para o auditório do que buscar uma idéia geral e própria para o exórdio.

Capítulo XIX

Quarto meio: os sermões

294. Os pontos doutriniais servem para instruir e os sermões para exercitar a vontade. Os sermões devem ser escolhidos conforme o auditório. Há alguns que santo Afonso de Ligório chama de necessários, como é o caso dos novíssimos, e outros à escolha.

295. Eu regularmente os distribuía assim: O 1º era sobre as almas, a respeito de Maria santíssima, etc., conforme o objetivo da missão. 2º A importância da salvação. 3º A gravidade do pecado mortal. 4º A necessidade da confissão e o modo de fazer a confissão geral. 5º A morte. 6º Juízo. 7º Inferno. 8º Eternidade. 9º Glória. 10º Perseverança.

296. Se a missão se prolongasse, acrescentava, ou intercalava alguns outros, por exemplo, o filho pródigo ou a misericórdia de Deus, a impenitência final, o juízo universal, a morte do justo, a conversão de santo Agostinho, o escândalo, a conversão da Madalena, os danos que o pecado causa ao próprio pecador, o pecado venial, a ocasião próxima, a devoção do rosário, a oração mental, a esmola, a paixão de Cristo, as dores de Maria santíssima, etc.

297. O estilo que me propus desde o princípio foi o do santo Evangelho: simplicidade e clareza. Para isso, valia-me de comparações, semelhanças, exemplos históricos e verdadeiros; o mais era tomado da sagrada Escritura. 142 Havia observado que uma das coisas que mais chamava a atenção de todos, sábios e ignorantes, crentes ou incrédulos, eram as comparações tiradas da natureza.

298. Recordo-me de que no ano de 1841, pregando num Setenário das Dores da Santíssima Virgem num ambiente de pessoas bastante más, nomeio do sermão, disse uma verdade realmente transcendental, provada com a sagrada Escritura. Os ouvintes faziam silêncio profundo, e do silêncio saiu uma voz que proferia uma frase bastante depreciativa: Olha o engodo em que nos metes! 143 Eu fiz como se não tivesse ouvido e disse: Para que fique

mais clara esta verdade importantíssima, valho-me de uma comparação. Expliquei-a, e o mesmo respondeu com voz alta: “Tens razão” 144 e no dia seguinte fez uma confissão geral.

299. Poderia referir este e muitíssimos outros casos que confirmaram a utilidade das comparações tiradas da natureza. Neste particular, Deus nosso Senhor me favoreceu de tal maneira que, ao tratar qualquer assunto, ocorrem-me comparações, sem premeditar e sempre muito oportunas, como se de muito tempo antes as tivesse preparado. Bendito sejas, meu Deus, por me terdes enriquecido com este dom, que é vosso e não meu, pois reconheço que de mim nem uma palavra posso dizer, nem um pensamento bom posso ter! Tudo seja para vossa glória.

300. Sempre tive muito desejo de ler autores de sermões missionários. Li são João Crisóstomo, santo Afonso de Ligório, Siniscalqui, Barcia e o venerável João de Ávila. 145 Da leitura deste último, notei que pregava com tanta claridade que era entendido por todos e nunca se cansavam de ouvi-lo, mesmo que às vezes seus sermões durassem duas horas. Tal era a fluência e o número de idéias que lhe ocorriam que era muito difícil ocupar menos tempo.

301. Diuturnamente não pensava senão na expansão da glória de Deus através da renovação dos costumes e conversão dos pecadores. A finalidade primordial a que dirigia sua pregação era tirar as almas do infeliz estado de culpa, manifestando a feiúra do pecado, a indignação de Deus e o horrendo castigo preparado para os pecadores impenitentes, e o prêmio oferecido aos verdadeiros arrependidos, concedendo-lhe o Senhor tanta eficácia a suas palavras que, segundo Luís de Granada: “Um dia ouvi-o, em um sermão, falar da maldade dos que por luxúria ofendem a Deus nosso Senhor, citando Jeremias: *Obstupescite, coeli, super hoc* (Pasmai, ó céus, por causa disto); 146 a verdade é que o pronunciou com tão grande expressão e espanto que pareciam tremer as paredes da Igreja”. 147

302. Na época em que pregava em Granada o venerável Ávila, pregava também outro pregador, o mais famoso da época. Quando este pregava, as pessoas saíam do sermão admiradas por tantas e tão lindas coisas, proferidas com tanta eloquência. Porém, quando saíam do sermão do venerável Ávila, saíam em silêncio, cabeças baixas, sem um comentário sequer, recolhidos e compungidos pela força da verdade e excelência do pregador. Com uma simples palavra que dizia e um grito que dava, comovia e abrasava os corações e as entranhas dos ouvintes.

303. Quis referir-me aqui ao venerável Ávila, por causa do seu estilo. Adaptei-me muito bem a ele e percebi que era o que dava melhores resultados. Glória seja a Deus nosso Senhor que me fez conhecer os escritos e obra deste grande mestre de pregadores e pai de bons e zelosos sacerdotes!

304. Quando ia a um povoado, não só pregava diariamente os sermões correspondentes à função, mas procurava também pregar aos sacerdotes (a não ser que estivessem em retiro, pois então lhes pregava de manhã cedo e à tarde, cada dia). Pregava também em todos os conventos de contemplativas, das Irmãs da Caridade, das Terciárias, e aos membros das Conferências de São Vicente de Paulo, 148 às senhoras, aos presos, aos meninos e às meninas, aos enfermos. Em suma, não me esquecia de visitar e pregar em nenhuma

instituição de piedade ou beneficência. O tempo que me sobrava, passava-o no confessional, ouvindo confissões pela manhã e à tarde.

305. Bendito sejais vós, meu Deus, por me haverdes dado saúde e força para que eu sustente tão grande e contínuo trabalho! Tenho plena certeza de que sem o auxílio especial do céu seria impossível suportar tão árduo e prolongado trabalho, 149 desde 1840 até 1847, época em que fui às Ilhas Canárias, juntamente com o bispo d. Boaventura Codina, homem cheio de virtudes e zelo. 150 Além de todo trabalho missionário, pregava retiros ao clero, às religiosas, aos leigos, aos meninos e às meninas que se preparavam para a primeira comunhão.

Capítulo XX

Quinto meio: Exercícios Espirituais de Santo Inácio

306. Já comentei em outro lugar 151 que, desde a época de estudante, sempre fiz os exercícios espirituais, através dos escritos de santo Inácio. Em Roma, os fiz por duas vezes, uma vez sozinho, ao chegar, e outra, pertencendo à Companhia de Jesus, antes de sair por causa de uma enfermidade. Os próprios padres o pregaram; foram os que mais me fizeram bem.

307. Quando tive que deixar a Companhia por causa da enfermidade, deram-me um exemplar dos Exercícios de Santo Inácio, explicados pelo padre Diertins. Através dele, sempre pregava a outros. O clero de Vic pediu-me o livro para reimprimi-lo, e foi impresso por Trullás. 152

308. Os Exercícios de Santo Inácio são um meio muito poderoso que sempre utilizei para a conversão dos sacerdotes, que por certo é tarefa mais difícil. Contudo, sempre constatei resultados muito positivos da parte de muitíssimos sacerdotes que verdadeiramente se converteram e não poucos se tornaram zelosos e fervorosos pregadores. Preguei ao clero de Vic, Barcelona, Tarragona, Gerona, Solsona, Canárias, Mataró, Manresa, Pobla-Bagá, Ripoll, Campdevánol, SanLlorens dels Piteus, etc., etc. 153

309. Preguei várias vezes esses exercícios aos leigos, separando homens e mulheres em diversas turmas e, pelo que pude observar, produzem frutos mais sólidos do que a pregação de missões. 154 A esse respeito escrevi um livro intitulado Exercícios de Santo Inácio. Foi muito bem aceito. Os exercícios produziram e produzem maravilhosos efeitos. Quando bem feitos, os pecadores se convertem, os justos se conservam ou se aperfeiçoam na graça. 155 Que tudo seja para a maior glória de Deus. Devo dizer que por este livro sua majestade a rainha faz anualmente os exercícios espirituais e aconselha às camareiras que os façam também através dele. 156

Capítulo XXI

Sexto meio: Livros e folhetos

310. A experiência me ensinou que um dos meios mais poderosos para a propagação do bem é a imprensa, ao mesmo tempo em que é a arma mais poderosa para se propagar o mal, quando dela se abusa. Por meio da imprensa podem-se produzir muitos livros bons e folhetos

para o louvor de Deus. Nem todos querem ou podem ouvir a divina palavra, mas todos podem ler ou ouvir a leitura de um bom livro. Nem todos podem ir à igreja ouvir a palavra divina, porém o livro irá à sua casa. Nem sempre o pregador pode estar pregando, porém o livro sempre estará repetindo a mensagem, sem nunca se cansar, sempre disposto a repetir a mesma coisa, quer seja lido pouco ou muito, lido ou não uma ou mil vezes, não se ofende por isso, permanece o mesmo, sempre se acomoda à vontade do leitor.

311. Sem dúvida, a leitura de bons livros sempre foi considerada de grande utilidade, hoje, porém, é de suma necessidade. Digo isto porque vejo que há como que um delírio para ler e, se as pessoas não têm bons livros, lerão os maus. Os livros são alimento para a alma. Se ao corpo faminto se oferece uma comida sadia, será nutrido, mas se a comida está deteriorada, prejudicará o organismo. O mesmo ocorre com a leitura. Os que lerem livros bons e oportunos, adequados a si e às próprias circunstâncias, se sentirão nutridos e fortalecidos. Porém, se nutridos com livros perniciosos, jornais e folhetos heréticos, verão corrompidas suas crenças e pervertidos seus costumes, extravai-se o pensamento, corrompe-se o coração e, do coração corrompido, saem os males, como disse Jesus, 157 até chegar à negação da verdade primeira e do princípio de toda verdade, que é Deus: *Dixit insipiens in corde suo: non est Deus* (Disse o insensato em seu coração: não há Deus). 158

312. Em nossos dias, há uma dupla necessidade de fazer circular bons livros; estes, porém, devem ser pequenos pelo fato de as pessoas andarem apressadas e com mil e uma coisas para fazer por toda parte e, como a *concupiscentia oculorum et aurium* (concupiscência dos olhos e dos ouvidos) 159 aumentou ao extremo, todos querem ver e ouvir tudo, além de viajar. Assim o livro volumoso não será lido, servirá unicamente para sobrecarregar as estantes das livrarias e as das bibliotecas. Por isso, convencido dessa verdade importantíssima e ajudado pela graça de Deus, publiquei inúmeros livretos e folhas soltas.

313. O primeiro livreto que publiquei contém conselhos ou avisos espirituais, dirigido às religiosas de Vic, a quem acabara de pregar os exercícios espirituais; para que recordassem melhor o que lhes havia pregado, pensei deixar-lhes por escrito o conteúdo. Antes de entregar o escrito a elas, para que cada uma o copiasse, mostrei-o ao querido amigo doutor Jaime Passarell, cônego penitenciário daquela catedral. Ele sugeriu que o imprimisse e assim evitaria às religiosas, o trabalho de copiar e seria utilizado por elas e por outros mais. Aceitei a sua sugestão que tanto respeitava e amava por sua virtude, e o livro foi impresso. E assim foi que veio à luz meu primeiro livro.

314. Percebendo os bons resultados do primeiro livro, decidi escrever o segundo: Avisos às moças. Depois escrevi aos Pais; Às crianças; Aos jovens e outros, como se pode ver no catálogo. 160

315. À medida que ia missionando, percebia as necessidades e, conforme o que via e ouvia, escrevia um livrinho ou um folheto. Se na cidade houvesse o costume de cantar cantos desonestos, fazia imprimir logo um folheto com um cântico espiritual ou moral. Por isso quase todos entre os primeiros folhetos que imprimir eram de cânticos. 161

316. Desde o começo, publiquei um folheto contendo orientações contra as blasfêmias. Naqueles dias em que comeci a pregar era coisa horrorosa a quantidade e a gravidade das

blasfêmias que se ouvia porto da parte. Parecia que os demônios do inferno se haviam disseminado pela terra a fim de provocar os homens a blasfemarem. 162

317. Também a impureza já ultrapassara seus limites e por isso resolvi escrever mais dois folhetos. Como a devoção a Maria santíssima é remédio muito poderoso contra todos os males, escrevi no início do folheto aquela oração que assim se inicia: Ó virgem e Mãe de Deus... que se acha em quase todos os livros e folhetos. 163 Estas duas palavras, virgem e mãe de Deus, coloquei-as porque ao escrevê-las lembrava que, quando estudante, nas férias de verão, li a vida de São Filipe Néri, escrita pelo padre Conciencia, na qual dizia que o santo gostava muito que se juntassem sempre estas duas palavras, e que com elas se honra muito a Maria santíssima e ela se sente obrigada a atender. 164 As demais palavras são uma consagração que se faz a Nossa Senhora.

318. Sentindo eu mesmo os bons resultados que esse folheto estava produzindo, resolvi escrever outros, segundo as necessidades que observava na sociedade e distribuía com profusão, não somente aos adultos, mas também às crianças que se aproximavam para beijar-me a mão e me pediam um santinho, como era costume, e eu procurava levar os bolsos sempre bem abastecidos. Para maior glória de Deus, quero aqui registrar um caso entre os muitos que poderia referir. É o seguinte:

319. Certa tarde, ao passar pela rua de uma das maiores cidades da Espanha, um menino aproximou-se de mim e beijou-me a mão, pedindo-me um santinho; eu lho dei. No dia seguinte, muito cedo, dirigi-me à igreja para a celebração da missa. Costumava ir antes ao confessionário, pois sempre me aguardavam muitas pessoas. Após a missa, fiquei no presbitério em ação de graças. Passado algum tempo, aproximou-se de mim um homem alto, gordo, de bigode e barba grandes, tão encoberto por uma capa de gola grande e peluda, que quase não se via senão o nariz e a fronte: olhos meio fechados, bigode, barba, costeletas encobriam o restante do rosto. Com voz trêmula e rouquenha, pediu-me o favor de atendê-lo em confissão. Disse-lhe que sim, que entrasse na sacristia, e logo iria atendê-lo, assim que concluísse a ação de graças. Embora houvesse outras pessoas esperando ao lado do confessionário, pensei em atendê-lo separadamente, pois por seu aspecto pareceu que assim convinha; de fato assim foi. A sós na sacristia foi atendido.

320. Sentei-me, e ele pôs-se a chorar tão convulsivamente, que eu não sabia o que fazer para consolá-lo. Fiz-lhe várias perguntas para saber a causa. Finalmente, entre lágrimas, suspiros e soluços, ele respondeu: Padre, o senhor passou ontem à tarde pela minha rua e, ao passar pela porta de casa onde moro, um menino saiu para beijar-lhe a mão, fez-lhe um pedido e o senhor deu-lhe um santinho. O menino ficou muito contente e, após tê-lo examinado por um espaço de tempo, deixou-o em cima da mesa e foi para a rua brincar com as outras crianças. Fiquei só em casa e, tocado de curiosidade e para passar o tempo, peguei o santinho e o li. Padre, não posso explicar o que senti naquele momento; cada palavra era como que um dardo que se cravava em meu coração. Resolvi confessar-me e pensei: uma vez que Deus se valeu dele para fazer-te conhecer a verdade, com ele irás confessar-te. Passei a noite chorando e examinando minha consciência. Agora estou aqui para confessar-me. Padre, sou um grande pecador. Tenho cinquenta anos e, desde criança, não me confesso, e chefieei bandos de pessoas más. Padre, haverá perdão para mim? - Sim, senhor, sim! Ânimo, confiança na bondade e misericórdia de Deus. O bom Deus chamou-o para que se salve, e o senhor fez

muito bem em não endurecer o coração e colocar em prática a decisão de fazer uma boa confissão. Confessou-se. Absolveu-o e ficou muito contente e tão alegre que nem conseguia expressar-se.

321. Pois bem, mesmo que os folhetos e santinhos não tivessem produzido senão esta conversão, já me sentiria satisfeito pelo trabalho e pelos gastos com as impressões. Porém, não foi esta a única conversão pela leitura dos folhetos e dos santinhos já publicados.

322. Em Villafranca del Panadés havia quatro criminosos condenados. Há três dias estavam esperando a execução da pena de morte e não queriam confessar-se. Com a leitura de um santinho, começaram a refletir e se confessaram. Receberam o santíssimo Viático e tiveram morte edificante. 165 São muitíssimos os que se converteram pela leitura de um santinho. Ó meu Deus, como sois bom! De tudo tirais proveito para derramar vossa misericórdia sobre os pobres pecadores. Bendito sejais para sempre. Amém!

Capítulo XXII

Sétimo meio: Publicações, diálogos familiares, rosário e objetos religiosos

323. Graças sejam dadas a Deus, pois todos os livrinhos produziram bons resultados. De todos esses livros, os que mais têm convertido almas são: O Caminho Reto e o Catecismo Explicado. 166 Da leitura destes dois livros, encontrei muitas conversões e, mesmo estando na corte, não passa um dia sem que se apresentem pessoas determinadas a mudar de vida por ter lido esse livro. Todos o procuram e não se contentam enquanto não o possuem. Todos, sem distinção de classes, desejam tê-lo. Esse desejo geral me obrigou a fazer uma impressão de luxo para as pessoas mais abastadas. Procuraram-no a rainha, o rei, a infanta, damas do palácio, cavalheiros e toda classe de nobreza. Pode-se dizer que na classe alta não há casa alguma ou palácio em que não se encontre um ou mais exemplares de O caminho reto de luxo e, nas demais classes, outros mais simples. 167

324. Não sei como foi que escrevi tantos e tão diversos livros. Vós o sabeis, meu Deus. Digo mal. Sim, eu sei. Não sou eu que os escrevo. Sois vós, meu Deus que, para realizar tal obra vos servis deste miserável instrumento, pois não teria capacidade, nem talento, nem tempo para realizar tudo isso. Mas vós me proporcionastes tudo, mesmo sem eu compreender como. Bendito sejais, meu Deus! 168

325. A finalidade disso tudo era a maior glória de Deus, a conversão dos pecadores e a salvação das almas. Por isso escrevi em forma de avisos para todas as classes sociais; porém, minha predileção eram as crianças. Para tanto publiquei quatro catecismos, além de livros e folhetos.

326. Outra camada da sociedade que me chamava a atenção era a dos clérigos. Se todos os que seguem a carreira eclesiástica fossem homens com verdadeira vocação, virtude e aplicação ao estudo, que bons sacerdotes seriam todos. Quantas almas se converteriam! Para eles publiquei, em dois volumes, O Colegial ou o Seminarista instruído, obra que agradou a quantos a leram. 169 Tudo seja para a maior honra e glória de Deus.

327. Somos criados para conhecer, amar, servir e louvar a Deus. E para que um clérigo desempenhe todos os seus deveres, precisa saber canto eclesiástico. Com essa finalidade publiquei um caderno bastante resumido e fácil sobre o modo de cantar e louvar a Deus. 170

328. Em qualquer um dos livros publicados não busquei nenhum lucro, senão somente a maior glória de Deus e o bem das almas. Nunca cobre sequer um centavo de direitos autorais daquilo que mandei imprimir, 171 antes ao contrário, dei gratuitamente milhares e milhares de exemplares e até hoje continuo distribuindo e, se Deus quiser, continuarei espalhando esses impressos até à hora da morte, pois tenho plena certeza de que é a melhor esmola que se pode dar hoje em dia. 172

329. A fim de poder dar e vender a um preço o mais barato possível, pensei em fundar uma Imprensa Religiosa, 173 sob a proteção de Maria Santíssima de Montserrat, padroeira da Catalunha e também do glorioso São Miguel. Comuniquei este pensamento a Caixal 174 e a Palau, 175 então cônegos de Tarragona e agora bispos, um de Seo de Urgel e o outro de Barcelona. Atualmente ainda cuidam dela sob a direção direta de um administrador. 176

330. Para ver o que fez e o que está fazendo a Livraria Religiosa basta visitar a editora ou a gráfica e ler o catálogo do que se imprimiu. Ainda assim é difícil conhecer bem, pois algumas obras aí catalogadas tiveram muitas reimpressões. Há obras que já atingiram a trigésima oitava edição; as tiragens são de muitos milhares cada uma. 177

331. Por meio da Livraria Religiosa, o clero e os leigos já adquiriram e estão adquirindo bons livros, os melhores de que se tem conhecimento, e a um preço realmente insignificante. Em nenhuma gráfica espanhola se vendem livros tão baratos, de boa qualidade quanto na Livraria Religiosa. Quanto deveria agradecer a Deus por ter-me inspirado tão grande e proveitosa iniciativa!

332. Agora que me refiro aos livros, também direi do reforço vindo à Livraria Religiosa através da Academia de São Miguel, aprovada pelo sumo pontífice Pio IX, e pelo governo de sua majestade com estatuto real, pertencendo suas majestades ao primeiro dos Coros. A academia é constituída por uma equipe de direção em Madri, que se reúne todos os domingos e procura cumprir o estabelecido no regulamento. Há muitos coros em Madri e nas principais cidades da Espanha e é incalculável o bem que faz. 178

333. Os bons livros e os folhetos sempre produzem bons frutos, porém esses frutos são mais copiosos quando os impressos são distribuídos durante as missões. Ajudam a pregação e confirmam o que se ouviu de viva voz, além de fazerem com que os frutos sejam mais perseverantes. É por isso que nas pregações e missões procuro distribuí-los em grande quantidade. 179

334. Outro meio que faz muito bem é ter conversas familiares. Que bem tão grande produzem! Entre os primeiros membros da Companhia havia um irmão leigo que fazia compras todos os dias e era tão feliz nas conversas com as pessoas com quem negociava, que conseguiu converter mais pessoas do que qualquer um dos missionários. Este fato eu o li era ainda estudante e me agradou tanto que o imitava conforme as circunstâncias. 180

335. Ao se falar da morte ou ao se ouvir o toque dos sinos, aproveitava a oportunidade para falar da fragilidade e da inconstância do nosso ser, como havemos de morrer e da conta que devemos prestar a Deus. Se havia uma tempestade de raios e trovões, pensava no juízo e falava daquele grande dia. Se estivesse ao lado do fogo, falava do fogo do inferno. Uma vez falava com um pároco, ao lado do fogo de sua cozinha. Da conversação que tive com ele, como que por passatempo, comoveu-se tanto que, no dia seguinte, fez comigo uma confissão geral de coisas que nunca se havia atrevido a confessar. Aquela conversa motivou-o ao arrependimento.

336. Quando viajava, não perdia a oportunidade de falar às pessoas que estavam perto de mim, segundo as circunstâncias. Se visse flores, chamava-lhes a atenção e dizia-lhes que, assim como as plantas produzem flores tão formosas e perfumadas, também nós deveríamos produzir virtudes; por exemplo, a rosa ensina a caridade, a açucena, a pureza, a violeta a humildade, e daí por diante. Temos de ser, como disse o apóstolo Paulo, *bonus odor sumus Christi Dei in omni loco* (somos o bom odor de Cristo Deus em todo lugar). 181 Vendo uma árvore frutífera, falava às pessoas de como devemos dar frutos de boas obras, porque, do contrário, seríamos como aquelas duas figueiras de que nos fala o Evangelho. 182 Ao passar perto de um rio, falava-lhes como a água nos lembra que caminhamos rumo à eternidade. Ao ouvir o canto dos pássaros, de uma música, etc., falava-lhes do cântico eterno e novo do céu; e, assim, de outras coisas. Observei que com essas conversas familiares se fazia muitíssimo bem, pois acontecia coisa semelhante àquilo que ocorreu com os discípulos de Emaús; 183 e, além do mais, evitavam-se conversas inúteis e, quem sabe, até murmurações. 184

337. Outro meio muito poderoso do qual me valia para conquistar as almas é o da distribuição de terços, ao mesmo tempo em que ensinava como se devia rezar. Dava medalhas, ensinava como levá-las e beijá-las pela manhã e à noite. Oferecia escapulários, explicando o que significam e como usá-los. 185

338. Muito bom também para estimular a piedade é benzer imagens, medalhas, terços e escapulários. Trazem-nos, assim, no dia marcado para a bênção que fazia desde o púlpito. Isso os entusiasmava e afervorava. Levavam-nos como piedosa recordação das missões e de tudo que nelas fora dito e praticado.

339. Escrevi também um pequeno livro sobre a origem do escapulário azul-celeste; das graças e indulgências que se obtêm, e muitas pessoas o receberam na corte de Madri, especialmente a rainha, o rei, o príncipe e as princesas, as criadas e camareiras. 186

Capítulo XXIII

Virtudes necessárias para se obter frutos

Primeira virtude: A humildade

340. Até aqui falei dos meios mais comuns de que me valia para produzir frutos. Agora tratarei das virtudes conhecidas que deve ter um missionário para produzir frutos. Cícero, quando fala do orador, diz que deve ser instruído em toda arte e ciência: *In omnibus artibus et disciplinis instructus debet esse orator*: (O orador deve ser instruído em todas as artes e disciplinas). 187 Eu digo que o missionário apostólico deve ser exemplo de todas as virtudes.

Deve ser a própria virtude personificada. À imitação de Jesus Cristo, deve começar por fazer e praticar, para depois ensinar. *Coepit facere et docere*: (Fez e ensinou desde o princípio). 188 Com as obras deve poder dizer como o Apóstolo Paulo: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi* (Tornai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo). 189

341. Tenho a convicção de que a aquisição das virtudes necessárias para ser um verdadeiro missionário apostólico, começa pela humildade, fundamento de todas as virtudes. 190 Desde minha entrada no seminário de Vic para cursar filosofia, decidi fazer da virtude da humildade matéria de meu exame particular. Bem que o necessitava, pois em Barcelona, com todos aqueles desenhos, máquinas e demais tolices, ficara com a cabeça cheia de vaidades e, quando alguém me elogiava, meu coração contaminado comprazia-se todo naqueles elogios. Ó meu Deus, perdoai-me, pois me arrependo de verdade! A recordação de minha vaidade faz-me derramar muitas e amargas lágrimas. Porém, vós, meu Deus, me humilhastes, e assim não posso senão dar graças por isso e dizer com o profeta: *Bonum mihi quia humiliasti me*: (Chegou em boa hora a humilhação). 191 Vós, Senhor, me humilhastes, e eu também me humilhava, ajudado com vosso auxílio.

342. Ao iniciar os meus estudos em Vic, sucedia-me algo parecido com o que se passa numa forja, na qual o ferreiro coloca na fornalha uma barra de ferro e quando ela está em brasa retira-a, coloca-a em cima da bigorna e começa a dar golpes com o malho. O ajudante faz o mesmo e os dois vão alternando compassadamente marteladas e vão moldando o ferro até que adquira a forma desejada pelo ferreiro. Vós, meu Senhor e meu mestre, pusestes meu coração na forja dos exercícios espirituais e dos sacramentos, e assim, aquecendo meu coração no fogo de vosso amor e no de Maria santíssima, começastes a dar golpes de humilhações, alternando com meus próprios golpes, desferidos através do exame particular que eu fazia sobre tão necessária virtude. 192

343. Com muita frequência, repetia a prece de santo Agostinho: *Noverim te, noverim me*, 193 e a de São Francisco de Assis: Quem sois vós? Quem sou eu? 194 E como se o Senhor me dissesse: Eu sou o que sou 195 e tu és o que não és. Tu não és nada e ainda menos que nada, pois o nada não pecou, e tu sim. 196

344. Sei clarissimamente que de mim nada tenho senão o pecado. Se sou algo, se tenho algo, tudo recebi de Deus. O ser físico não é meu, é de Deus; ele é meu criador, meu conservador, meu motor, pelo concurso físico. Da mesma forma que um moinho que, por melhor que esteja montado, se não existe a água não se movimenta, assim também sou eu no ser físico e natural.

345. O mesmo digo, e muito mais, relativamente ao espiritual e sobrenatural. Reconheço que não posso invocar o nome de Jesus nem ter um único pensamento bom sem o auxílio de Deus. 197 Sem ele, absolutamente nada posso. Para pesar meu, quantas distrações tenho!

346. Na ordem da graça, assemelho-me a um homem que se lança num poço profundo, mas que sozinho não pode sair. Assim sou eu. Posso pecar, porém não posso me livrar do pecado senão com os auxílios de Deus e os méritos de Cristo. Posso condenar-me, porém não posso salvar-me, a não ser pela misericórdia e bondade de Deus.

347. Cheguei à conclusão de que a virtude da humildade consiste em reconhecer que nada sou, que nada posso senão pecar, que em tudo dependo de Deus: ser, conservação, movimento, graça. Por outro lado, fico muito contente por esta dependência de Deus, pois prefiro contar com ele que somente com minhas possibilidades. Não suceda comigo o que aconteceu a Luzbel. Ele conhecia muito bem que todo seu ser, natural e sobrenatural, estava totalmente dependente de Deus, mas foi soberbo, pois como o conhecimento era meramente especulativo e a vontade descontente, desejou semelhar-se a ele, não pela graça, mas por sua própria virtude.

348. Há muito tempo percebi que o conhecimento de tudo isso é prático; sinto que em nada me hei de gloriar nem envaidecer, porque nada sou, nada tenho, nada valho, nada posso e nada faço. Simplesmente sou como o serrote nas mãos do serrador.

349. Compreendi que não devo sentir desprezo algum por tudo isso, porque, nada sendo, nada mereço. Na prática procuro agir da melhor forma possível, pois em nada devo ensoberbecer-me, como nenhuma ignomínia ou desonra devem entristecer-me.

350. Tenho para mim que a pessoa verdadeiramente humilde deve ser como a pedra. Ainda que esteja colocada no mais alto de um edifício, sempre gravita para baixo. Li muitos autores ascéticos que tratam desta virtude da humildade, a fim de entender bem em que consiste e os meios assinalados para consegui-la. Lia as vidas dos santos que mais se distinguiram nessa virtude para ver como a praticavam, pois eu desejava alcançá-la.

351. Efetivamente propus-me o exame particular sobre esta virtude. Escrevi os propósitos sobre este assunto e os ordenei tal como se encontram no opúsculo chamado La Paloma. 198 Durante quinze anos fiz esse exame particular ao meio-dia e à noite, e ainda não sou humilde. 199 Quando menos esperava, notava em mim algum rebento de vaidade. No mesmo instante, propunha-me podá-lo, por sentir alguma complacência ao conseguir um bom êxito ou por alguma palavra frívola. Por essa atitude, depois tinha que chorar, arrepender-me, confessar-me e fazer penitência.

352. Tinha absoluta certeza de que Deus nosso Senhor queria que eu fosse humilde, e me auxiliava muito para isso, dando-me motivos para humilhar-me. Naqueles primeiros anos de missões era muito perseguido por toda parte e isto na verdade é muito humilhante. Levantavam as mais feias calúnias a meu respeito, diziam até que havia roubado um burro, e outras coisas mais que contavam. No início de uma missão ou função nos povoados, pelo menos até a metade dos dias, era muito caluniado: farsas, mentiras, calúnias de toda espécie diziam a meu respeito. Tinha aí muito sofrimento para oferecer a Deus e, ao mesmo tempo, matéria para exercitar a humildade, a paciência, a mansidão, a caridade e demais virtudes.

353. Tudo isso durava até a metade da missão e era comum em todas as povoações. 200 Da metade da missão em diante, as coisas mudavam completamente. Aí o diabo se valia do expediente oposto. Todos diziam, então, que eu era um santo, para que eu me enchesse de soberba e vaidade. Mas Deus nosso Senhor não descuidava de mim. Naqueles últimos dias da missão em que acudia tanta gente para ouvir as pregações, para confessar-se, comungar e para assistir a todas as demais devoções, naqueles últimos dias em que se viam os copiosíssimos frutos colhidos e em que se ouviam os elogios que todos, bons e maus, de mim

faziam; naqueles dias, pois, o Senhor me permitia uma tamanha tristeza que só posso explicar, dizendo que era a especial providência de Deus que me permitia como um lastro, a fim de que o vento da vaidade não me derrubasse.

354. Bendito sejas, meu Deus, por tanto cuidado para comigo! Quantas vezes teria perdido o fruto de meu trabalho se vós não me tivésseis protegido! Eu, Senhor, teria feito como a galinha que, depois de botar o ovo, fica sem ele, e, mesmo que num ano ponha muitos, acaba ficando sem nenhum, por ter cacarejado. Ah! Meu Deus! Se vós não me tivésseis imposto silêncio, com a vontade que às vezes eu tinha de falar dos sermões, etc., teria cacarejado como a galinha, perdido todo fruto e merecido castigo, porque vós dissestes: *Gloriam meam alteri non dabo* (Não cedo minha glória a nenhum outro). 201 E eu, por ter falado, teria cedido ao demônio da vaidade, por vós castigado e, com justiça, Senhor, por tê-lo referido, não a vós e sim ao diabo, vosso principal inimigo. Contudo, vós sabeis se alguma vez o diabo beliscou algo, não obstante os poderosíssimos auxílios que me dáveis, misericórdia, Senhor!

355. A fim de não me deixar arrastar pela vaidade, procurava ter presente os doze graus da virtude da humildade ditos por São Bento, aceitos e aprovados por Santo Tomás (2-2 q. 161 a.1), e que são os seguintes: 1) Manifestar humildade interior e exterior, isto é, no coração e no corpo, baixando os olhos para a terra, por isso se chama humi-litas; 2) Falar pouco, de conformidade com a razão e em voz baixa; 3) Não rir pronta e facilmente; 4) Ficar calado até ser perguntado; 5) Não fugir das obras normais que fazem todos; 6) Ter-se e reputar-se como o mais vil de todos e, sinceramente, expressar-se assim; 7) Considerar-se indigno e inútil para tudo; 8) Reconhecer os próprios defeitos e confessá-los singelamente; 9) Obedecer prontamente nas coisas duras, e muita paciência nas espinhosas; 10) Obedecer e sujeitar-se aos superiores; 11) Nada fazer por sua própria vontade; 12) Ter Deus e sua santa lei sempre na memória. 202

356. Além da doutrina contida nesses doze graus, procurava imitar a Jesus que a mim e a todos nos diz: Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. 203 E assim contemplava continuamente Jesus no presépio, no trabalho, no calvário. Meditava suas palavras, seus sermões, suas ações, sua maneira de comer, vestir, andar de uma povoação a outra... Com este exemplo me animava e sempre me dizia: Em casos como esse, como é que Jesus se portaria? Procurava imitá-lo com muito gosto e alegria, convicto de que imitava meu Pai, meu mestre e meu Senhor, agradando-o com isto. Ó meu Deus, como sois bom! Estas inspirações santas me eram dadas para que vos imitasse e fosse humilde. Bendito sejas, meu Deus! Se a outro tivésseis concedido as mesmas graças e auxílios que a mim, como este outro seria melhor do que eu! 204

Capítulo XXIV

Segunda virtude: A pobreza 205

357. Vendo que Deus nosso Senhor, sem nenhum mérito meu, mas unicamente por seu beneplácito, me chamava para fazer frente à torrente de corrupção e me escolhia para curar as enfermidades do corpo meio morto e corrompido da sociedade, pensei que devia dedicar-me a estudar e conhecer bem as enfermidades deste corpo social. Efetivamente fiz essa

análise. Dela, concluí que tudo o que há no mundo não passa de amor à riqueza, à honra e ao prazer. Sempre o gênero humano teve inclinação para esta tríplice concupiscência, 206 mas, hoje em dia a sede de bens materiais está secando o coração e as entranhas da sociedade moderna.

358. Vejo que estamos num século em que não só se adora o bezerro de ouro, a exemplo dos hebreus, 207 mas se dedica um culto tão grande ao ouro, que as virtudes mais generosas foram derrubadas dos seus pedestais sagrados. Todos somos imagens de Deus, filhos de Deus, remidos com o sangue de Jesus Cristo e destinados para o céu, no entanto, vejo que estamos em uma época em que o egoísmo faz os homens esquecerem os seus deveres mais sagrados para com seus semelhantes e irmãos.

359. Considerei que para enfrentar este gigante que os mundanos chamam de onipotente, tinha de fazer-lhe frente com a santa virtude da pobreza. Da forma como entendi também, coloquei em prática. Nada tinha, nada queria e tudo recusava. 208 Estava contente com a roupa que levava e a comida que me davam. Levava tudo numa pequena trouxa. Minha bagagem consistia em um livro da Liturgia das Horas do todo o ano, um vade-mécum em que levava os sermões, um par de meias e uma camisa para trocar. E nada mais.

360. Nunca levava dinheiro comigo, nem queria. Certa ocasião levei um susto. Meti a mão no bolso do jaleco e pensei ter encontrado uma moeda. 209 Fiquei espantado, tirei-a do bolso e olhei; para meu consolo vi que não se tratava de uma moeda, mas de uma medalha, que muito tempo antes me haviam dado. Tamanho era o horror que tinha ao dinheiro que foi como se tivesse voltado da morte à vida.

361. Não tinha dinheiro, tampouco dele necessitava. Não precisava para andar a cavalo, de condução ou trem, porque sempre andava a pé, embora tivesse de fazer viagens longas, como direi noutro lugar. Dele não necessitava para comer, pois pedia de esmola aonde chegava. Não necessitava de roupa, nem de calçado, pois nosso Senhor conservava aquelas que tinha, de modo admirável, como aos hebreus no deserto. 210 Sabia claramente que era vontade de Deus que eu não tivesse dinheiro, que nada aceitasse, a não ser a comida necessária nas horas habituais de refeição, sem jamais querer provisão para levar de uma parte a outra.

362. Sentia que este desprendimento causava boa impressão a todos e por isso procurava ser fiel aos propósitos feitos. Para animar-me, meditava assiduamente a doutrina de Cristo, especialmente naquelas palavras que dizem: Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus! 211 - Se queres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres... Depois vem e segue-me! 212 Ninguém pode ser discípulo de Jesus se não renunciar a todas as coisas. 213

363. Sempre considerava que Jesus se tornou pobre, quis nascer, viver e morrer pobremente. Não me esquecia também de Maria santíssima, que sempre quis ser pobre. E tinha presente também que os apóstolos deixaram tudo para seguir a Cristo. Algumas vezes, o Senhor fazia sentir os efeitos da pobreza, porém era por pouco tempo, logo me consolava dando-me o necessário. Nesses momentos, a alegria que eu sentia com a pobreza era maior que a dos ricos no meio de todas as suas riquezas. Os ricos com todas as suas riquezas não desfrutavam do que eu desfruto com minha mui amada pobreza. 214

364. Observei uma coisa que não posso deixar de registrar aqui: quando se é pobre voluntária e não forçosamente, mais se saboreia a doçura da virtude da pobreza e, além do mais, pode-se dizer que Deus auxilia de duas maneiras: ou movendo os corações dos que têm a dar qualquer coisa; ou conservando a vida daquele que assume generosamente a pobreza, mesmo que fique sem comer. De modo particular eu já pude vivenciar essas duas experiências.

365. Citarei alguns casos acontecidos comigo. Certa vez ia de Vic a Campdevánol, a fim de pregar um retiro espiritual a alguns sacerdotes que, com o senhor Cônego Soler, tinham-se reunido naquela paróquia. Era nos últimos dias de julho. Fazia muito calor. 215 Estava com fome e sede e, ao passar em frente ao restaurante de San Quirico de Besora, a dona do estabelecimento convidou-me para comer e beber. Respondi que não tinha dinheiro para pagar. 216 Ela respondeu-me que comesse e bebesse quanto necessitasse que tudo seria oferecido de graça. Eu aceitei.

366. Certo dia, indo de Igualada a Barcelona, passando em frente ao restaurante de Molins del Rey, um pobre teve pena de mim, fez com que entrasse na Pousada e pagou-me um prato de feijão que lhe custou quatro quartos (moeda antiga de cobre de pouco valor); alimentei-me muito bem, chegando com folga a Barcelona, naquela mesma tarde. 217

367. Em outra ocasião, voltando da missão ao povo de Bagá, passei por Badella, Montanha de Santa Maria, Espinalbert, Pla d'en Llonch, até San Lourenzo dels Piteus, sem nada comer durante o dia todo, caminhando sempre pelas mais escabrosas estradas, atravessando riacho se rios bastante caudalosos. Atravessar os rios era o que mais me dava medo. Era-me mais penoso do que não ter o que comer, embora nisso também o Senhor me favorecesse. 218

368. Certa ocasião em que deveria atravessar o rio Besós, bastante caudaloso, quando já ia tirando os sapatos, aproximou-se de mim um menino desconhecido, que me disse: - Não tire os sapatos, que eu o carregarei. - Você me carregar? Você é muito pequeno; nem mesmo pode me suportar nas costas, quanto mais atravessar o rio. - Você verá, respondeu-me o menino, como o carregarei. Realmente, carregou-me, e atravessou o rio sem que me molhasse.

369. Num riacho do outro lado de Manresa, as águas tinham subido tanto que as pedras estavam totalmente cobertas e, para não tirar os sapatos, resolvi passar pelas pedras aos pulos. Ao pular, batendo os sapatos, a água recuava, e, assim, pulando de pedra em pedra, atravessei o riacho, sem me molhar. 219

370. Observei que a santa virtude da pobreza servia, não só para a edificação de muitas pessoas, como também para derrotar o ídolo do ouro, além de auxiliar-me muitíssimo no progresso da humildade e avançar no caminho da perfeição. Além da experiência, procurava fortalecer-me com esta comparação: as virtudes são como as cordas de uma harpa ou de um instrumento de cordas. Entre elas, a pobreza é a mais fina e a mais curta, pois, quanto mais curta, mais agudo é o som. Assim, quanto menores os interesses, vantagens, riquezas da vida, tanto mais alta será a perfeição alcançada. Vemos o exemplo de Cristo que ficou quarenta dias e quarenta noites no deserto sem comer nada. Quando estava com os apóstolos comia pão de cevada e ainda assim às vezes faltava. Andavam tão abnegados que, certa vez,

por colherem e debulharem espigas, em dia de festa, para matar a fome que os afligia, acabaram sendo repreendidos pelos fariseus. 220

371. Além disso, a condição de pobreza abate o orgulho, desterra a soberba, abre caminho à santa humildade, dispõe o coração para receber novas graças e faz progredir de modo admirável na perfeição. Do mesmo modo que os fluidos, quanto mais finos e leves forem, mais depressa sobem, ao passo que os espessos são mais lentos e rasteiros. Ó Salvador meu! Fazei, vos suplico, que vossos ministros conheçam o valor da virtude da pobreza, que a amem e a pratiquem como vós nos haveis ensinado com palavras e obras! Ó que perfeitos seríamos se todos a praticássemos bem! Que frutos tão grandes produziríamos! Quantas almas se salvariam! Ao contrário, porém, não praticando a pobreza, não há salvação. Como Judas, as pessoas se condenam por causada cobiça.

Capítulo XXV

Terceira virtude: A mansidão

372. Depois da humildade e pobreza, a virtude mais necessária a um missionário apostólico é a mansidão. 221 Por isso o próprio Jesus dizia a seus amados discípulos: Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e assim achareis repouso para vossas almas. 222 A humildade é a raiz da árvore, a mansidão é o fruto. Como dizia são Bernardo: 223 “Com a humildade se agrada a Deus e com a mansidão, ao próximo”. No sermão da montanha, Jesus disse: Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra, 224 não só a terra prometida, a pátria dos viventes, que é o céu, mas também os corações humanos.

373. Não há virtude que atraia tanto as pessoas como a mansidão. Um tanque cheio de peixes dá-nos uma idéia desse poder. Se, por exemplo, jogarmos migalhas de pão no tanque, os peixes afluirão de todos os lados até se aproximarem da margem e chegarem perto de nossos pés. Se, porém, em vez de pão lhes atirmos uma pedra, todos eles fogem e se escondem. O mesmo acontece com os homens: se os tratarmos com mansidão, acorrem para ouvir a palavra de Deus e para se confessarem: se forem tratados com aspereza, perturbam-se, não ouvem a palavra de Deus, além de ficarem em suas casas murmurando contra o ministro do Senhor.

374. A mansidão é um sinal de vocação para o ministério de missionário apostólico. Quando Deus escolheu Moisés, concedeu-lhe a graça e a virtude da mansidão. Cristo era a mansidão personificada, tanto que o chamam de Cordeiro de Deus: Será tão manso, diziam os profetas, que não quebrará o caniço rachado, não extinguirá a mecha que ainda fumega. 225 Será perseguido, caluniado e repleto de opróbrios e, como “se não tivesse língua, nada dirá”. 226 Quanta paciência! Quanta mansidão! Trabalhou e sofreu em silêncio e, morrendo na cruz, nos redimiu, ensinando-nos como devemos fazer para salvar as almas, missão que ele mesmo nos confiou. 227

375. Doutrinados pelo divino Mestre, os apóstolos viviam, praticavam e recomendavam a mansidão a todos, especialmente aos sacerdotes. Por exemplo, são Tiago dizia: Quem dentre vós é sábio e inteligente? Mostre com um bom proceder as suas obras repassadas de doçura e de sabedoria. Mas, se tendes no coração um ciúme amargo e gosto pelas contendidas, não

vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que vem do alto, mas é uma sabedoria terrena, humana, diabólica” (Tg 3,13-15).

376. A primeira vez que li estas palavras do santo apóstolo Paulo, fiquei assustado ao ver que ele chama de diabólica a ciência sem doçura, sem mansidão. Jesus, diabólica!... Sim, é diabólica e, tenho por experiência que o zelo amargo é uma perigosa arma a serviço do demônio, daí que o sacerdote que trabalha sem mansidão, serve ao diabo e não a Cristo. Se pregar, afugenta os ouvintes; se for confessar, afasta os penitentes, e, se estes se confessarem, confessarão mal, porque o temor os perturba e os leva a ocultar os pecados. Tenho certeza disso, porque já ouvi muitíssimas confissões gerais de penitentes que em vezes passadas ocultaram os pecados por causa da aspereza dos confessores com quem se confessavam.

377. Certa ocasião, no mês de Maria, muitas pessoas acorriam aos sermões e às confissões. Na mesma capela em que eu atendia confissões, atendia também um sacerdote muito zeloso e sábio. Fora missionário, porém, por causa da idade e da doença, tornara-se tão iracundo e de tão mau gênio que não fazia outra coisa senão repreender os penitentes. Assim, eles ficavam tão envergonhados e confusos que não completavam a confissão. Ficavam tão desconsolados que, para se tranquilizarem, vinham confessar-se comigo. 228

378. Como freqüentemente o mau gênio e a ira ou falta de mansidão acobertam-se com a máscara do zelo, estudei muito detidamente em que consistiam uma e outra coisa, a fim de não passar pelo equívoco em algo tão importante. Concluí que a função do zelo é detestar, desprezar, combater e abater, se é possível, tudo o que é contrário a Deus, à sua vontade e glória e à santificação de seu santo nome, conforme Davi que dizia: *Iniquitatem odio habui et abominatus sum; legem autem tuam dilexi* (Odeio o mal, eu o detesto, mas amo a vossa lei). 229

379. Observei que o verdadeiro zelo nos transforma em pessoas ardentemente zelosas pela pureza das almas, que são esposas de Cristo, conforme os dizeres do apóstolo Paulo aos coríntios: Eu vos consagro um carinho e amor santo, porque vos desposei com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura. 230 Por certo Elieser se teria enchido de zelo se tivesse visto a casta e bela Rebeca correndo risco de ser violada, ele que a levava para esposa do filho de seu Senhor. Sem dúvida, diria a esta santa donzela: Sou zeloso por vós com o mesmo zelo que tenho por meu Senhor, porque vos apresentarei como virgem casta ao filho de meu amo Abraão. Com esta comparação se entenderá melhor o zelo do apóstolo Paulo e dos varões apostólicos. Dizia o mesmo em outra carta: Eu morro todos os dias por vossa glória. 231 Quem está enfermo, que eu não o esteja também? Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de dor? 232

380. Para elucidar esta questão, os santos Padres recorrem à comparação da galinha 233 e dizem: olhem o amor, o cuidado e o zelo que a galinha tem pelos pintinhos. Normalmente é um animal tímido, covarde, medroso, enquanto não cria; porém, quando é mãe, passa a ter um coração de leão: a cabeça sempre erguida, os olhos atentos, olhando para todos os lados, ao menor sinal de perigo para os pintinhos. Não há inimigo que não ataque para defendê-los. Vive em constante cuidado, fazendo-a cacarejar sem parar. É tão grande a força do amor aos seus filhotes, que anda sempre doente e descorada. Que lição tão interessante de zelo nos dais, Senhor, pelo exemplo da galinha!

381. Compreendi que o zelo é um ardor e veemência de amor que precisa ser sabiamente governado. De outra forma violaria os termos da modéstia e da discrição; não porque o amor divino, por veemente que seja, possa ser excessivo em si mesmo, nem pelos movimentos ou inclinações que impõe ao espírito, mas porque o entendimento não escolhe os meios mais aptos ou os ordena mal, tomando caminhos muito ásperos e violentos; e, provocada a cólera, não podendo conter-se nos limites da razão, impele o coração em alguma desordem, fazendo com que o zelo por este meio se manifeste de maneira indiscreta e desregradamente, tornando-o mau e repreensível.

382. Quando Davi enviou o exército de Joab contra seu desleal e rebelde filho Absalão, recomendou-lhe que não o tocasse; porém Joab, estando em batalha, com um furioso desejo de vitória, matou o pobre Absalão com suas próprias mãos. 234 Deus pede ao missionário que combata os vícios, faltas e pecados. Recomenda-lhe, porém, que perdoe o pecador e que apresente a Deus esse filho rebelde, para que se converta, viva em graça e alcance a eterna glória.

383. Ó meu Deus, dai-me um zelo discreto e prudente, a fim de executar todas as coisas *fortiter et suaviter*, 235 com fortaleza, mas ao mesmo tempo suavemente, com mansidão e bons modos! Em tudo espero portar-me com uma santa prudência, lembrando que a prudência é uma virtude que nasce naturalmente com o homem, se cultiva com a instrução, se fortifica com a idade, se elucida na convivência com os sábios e se consuma com a experiência dos acontecimentos.

Capítulo XXVI

***Quarta virtude: A modéstia* 236**

384. Digo a mim mesmo: O missionário é o espetáculo de Deus, dos anjos e dos homens, 237 e, por isso mesmo, deve ser muito prudente e delicado nas suas palavras, obras e atitudes. Foi daí que tomei a resolução de, tanto em casa como fora, falar pouco e pensar bem nas palavras que dizia, visto a facilidade de as tomarem em sentido diferente do que sequer dizer.

385. Propus-me ao falar, não gesticular, pois em alguns lugares é considerado ridículo. Resolvi que, quando tivesse de falar, falaria pouco, breve, de modo calmo e grave, sem entreter-me em tocar o rosto, a barba, a cabeça e, muito menos o nariz, nem fazer trejeitos com a boca, nem falar coisas de zombaria ou de desprezo, nem ridicularizar, pois percebi que isso leva a perder muito a autoridade, o respeito e aveneração. O missionário que, por sua leviandade, pouca mortificação e pouca modéstia, incorre em semelhantes grosserias, dá prova de pouca virtude e manifesta pouca ou nenhuma educação.

386. Reconheci que o missionário devia estar em paz com todos, como disse o apóstolo Paulo. 238 Baseando-me neste princípio, nunca tive desavença com ninguém, pelo contrário, procurava ser benigno com todos e com ninguém fazia brincadeiras. Não gostava de piadas grosseiras nem caçoava de ninguém. Não gostava de rir, embora sempre manifestasse alegria, doçura e benignidade, pois lembrava-me que a Jesus jamais o viram rir, mas chorar sim algumas vezes. Também lembrava daquelas palavras: *Stultus in risu exaltat vocem suam; vir*

autem sapiens vixtacite ridebit (O insensato eleva a voz quando ri, mas o homem sábio sorri discretamente). 239

387. Como se sabe, a modéstia é a virtude que nos ensina a fazer todas as coisas do melhor modo possível e, mais especificamente, tal como as fazia Jesus. Assim, em cada coisa me perguntava e pergunto com as fez Jesus Cristo: com que cuidado, com que pureza e retidão de intenção. Como pregava! Como comia! Como descansava! Como tratava com todas as classes de pessoas! Como orava! E assim em tudo, de tal forma que, com a ajuda do Senhor, me propunha imitá-lo em tudo, a fim de poder dizer, se não com palavras, ao menos com obras, como o Apóstolo: Tornai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo. 240

388. Ó meu Deus, entendi o quanto importa, para produzir fruto, que o missionário, não só seja irrepreensível, mas claramente virtuoso, pois as pessoas valorizam mais o que vêem no missionário do que aquilo que dele ouvem. Por isso, de Jesus, modelo dos missionários, se diz: *Coepit facere et docere* (primeiro fazer, depois ensinar) 241.

389. Vós sabeis, ó meu Deus, que, não obstante meus propósitos e resoluções, as vezes que faltei contra a santa virtude da modéstia! Vós sabeis se acaso alguém se escandalizou por minha inobservância nesta virtude! Perdoai-me, ó meu Deus. Dou minha palavra que, colocando em prática as palavras do apóstolo Paulo, procurarei que minha modéstia seja notória a todos os homens; 242 será a mesma modéstia de Cristo, como tanto exorta o Apóstolo. 243 Meu Jesus, dou-vos a minha palavra: imitarei também o humilde são Francisco de Assis, que pregava com sua modéstia e com seus bons exemplos e convertia as pessoas. Ó Jesus do meu coração, eu vos amo e quisera atrair todos ao vosso santíssimo amor!

Capítulo XXVII

Quinta virtude: A mortificação 244

390. Conheci que não podia ser modesto sem a virtude da mortificação. Procurarei, pois, com todo empenho, ajudado pela graça de Deus, adquiri-la custe o que custar.

391. Assim, antes de mais nada, procurei privar-me de tudo de que gostava, a fim de oferecê-lo a Deus. Sem saber como, senti-me como que obrigado a cumprir o que era apenas um propósito. Colocavam-se diante do entendimento as duas porções, a saber: a que se refere ao meu gosto e a que se refere a Deus. Como, mediante o entendimento, percebia essa incompreensível desigualdade, embora fosse coisa pequena, obrigava-me a seguir o que era do agrado de Deus. Assim, com muito prazer, abstinha-me daquele gosto para dá-lo a Deus. E isto acontece ainda hoje com todas as coisas: com a comida, bebida, descanso, no falar, olhar, ouvir, ir a algum lugar, etc. 245

392. A graça de Deus muito me serviu para que alcançasse êxito na prática da mortificação, tanto no serviço às almas como para bem rezar.

393. Animaram-me, sobretudo, os exemplos de Jesus, de Maria e dos santos, cujas vidas estudei com muita atenção neste particular; e, para meu uso, fiz algumas anotações como as de são Bernardo, de são Pedro de Alcântara. De são Filipe Néri, li que, em Roma, após ter

atendido, por trinta anos, as confissões de uma senhora célebre por sua rara beleza, ainda não a conhecia de vista. 246

394. Posso garantir que das muitas mulheres que se confessaram comigo, conheço-as mais pela voz que pela fisionomia, porque nunca olho para o rosto de uma mulher: ruborizo-me e fico envergonhado. Não que me causem tentações. Não as tenho, graças a Deus. 247 É um certo rubor que eu mesmo não sei explicar. Daí que, naturalmente, quase sem saber como, observo aquele documento tão repetido pelos santos padres que diz: *Sermo rigidus et brevis cum muliere est habendus* (Com mulher deve-se manter conversa séria e breve) 248 *et oculos humi dejectos habe*: e conserva os olhos abaixados, 249 pois não consigo sustentar uma conversação com uma mulher, por melhor que seja. Com palavras breves e sérias, digo-lhe o que convém e imediatamente a libero, sem olhar se é pobre, rica, bonita ou feia.

395. Quando pregava missões pela Catalunha, ficava hospedado nas casas paroquiais e nelas permanecia durante a missão; não me lembro de ter olhado jamais para o rosto de uma mulher, governanta, empregada ou parenta do pároco. Por isso, às vezes, acontecia que, achando-me em Vic, ou em algum outro lugar, alguém que me dissesse: Padre Claret, não me conhece? Eu sou a empregada ou a governanta da casa paroquial em que o Senhor esteve tantos dias pregando missões. Porém, eu não a conhecia, não a olhava e, com os olhos baixos, perguntava-lhe: O senhor pároco está bem?

396. Ainda mais: reconheço que, sem uma graça especial, não seria possível; porém, assim foi. Durante a época em que permaneci em Cuba, seis anos e dois meses, crismei mais de trezentas mil pessoas, mais mulheres que homens, e mais jovens que idosas. Se me perguntarem qual o tipo de fisionomia que têm as mulheres da Ilha, diria que não sei, embora tenha crismado tantas, pois olhava rapidamente a frente, baixava os olhos e, com os olhos fechados as confirmava.

397. Além desse rubor natural que experimento na presença das mulheres, que me impede de fixá-las, há o desejo de produzir frutos nas almas. Lembro-me de ter lido há anos que um pregador muito famoso pregou e deu muito fruto naquele povoado. Depois as pessoas diziam: Ó que santo! E um homem mau respondeu: Poderá ser santo, mas afirmo que gosta das mulheres, porque olhava para elas. Bastou essa observação para neutralizar todo o prestígio do bom pregador naquele povoado e apagar todo o fruto que havia produzido sua pregação. 250

398. Observei igualmente que se faz péssimo conceito do sacerdote que não mortifique a vista. Tenho lido que Jesus Cristo conservava sempre a vista mortificada e modesta e nas vezes que a levantou, os evangelistas consideraram algo extraordinário. 251

399. Também o ouvido sempre procurava mortificá-lo, fugindo das conversas supérfluas e das palavras ociosas. Não tolerava as conversas que feriam a caridade: quando surgisse conversa desse tipo, retirava-me, mudava de assunto ou fazia cara feia. Também não queria saber de conversas relacionadas com comidas, bebidas, riquezas, coisas do mundo, notícias, políticas, evitando desde logo as leituras de jornais. Preferia ler um capítulo da santa Bíblia, pois sei que estou lendo a verdade, ao passo que nos jornais comumente há mentiras e coisas supérfluas. 252

400. Procurava também mortificar-me continuamente na fala. Daquilo que eu disse que não gostava de escutar, tampouco me era agradável falar. Tinha como propósito não comentar sobre o que havia pregado no sermão ou palestra, 253 pois assim como me desgostava que os outros falassem do que havia perorado, pensei que também seria desagradável aos demais se falasse daquelas coisas, por isso, fiz o propósito de jamais comentar; procurava fazê-lo da melhor forma possível e o colocava nas mãos de Deus. Procurava ser grato às pessoas que me exortavam, nunca procurava justificar ou escusar, mas corrigia-me no que fosse possível.

401. Observei que alguns fazem como as galinhas que cacarejam depois de ter botado o ovo e o acabam perdendo. Observei que acontece o mesmo a alguns sacerdotes imprudentes: logo após terem ouvido confissões, pregado um sermão, dado uma palestra, ou feito qualquer boa obra, vão à procura da vaidade, falando com satisfação do quê e como disseram. Como já não gosto disso, penso que também seria desagradável a outros se falasse dessas mesmas coisas. E assim havia feito o propósito de nunca falar dessas coisas.

402. O que absolutamente não aceitava era que falassem de coisas ouvidas em confissão; em primeiro lugar, devido ao perigo de profanar o sigilo sacramental e, depois, pela má impressão que causa às pessoas que ouvem falar dessas coisas. Assim, tinha como propósito nunca falar de coisas nem de pessoas que se confessam, seja de pouco ou muito tempo, se fazem ou não confissão geral; em uma palavra, repugna-me ouvir sacerdotes falarem de pessoas que se confessavam, do que elas confessavam e desde quando não se confessavam. Quando alguém me consultava, não admitia que me dissesse: Encontro-me neste caso, que faço? Respondia sempre que propusessem o caso na terceira pessoa. Por exemplo: Suponhamos que um confessor se encontrasse em uma situação dessa ou daquela natureza, que resolução se deveria tomar?

403. Uma das coisas que o Senhor me fez compreender é a conveniência de que o missionário se mortifique na comida e na bebida. Os italianos dizem: Não se dá crédito aos santos que comem. O povo em geral julga que os missionários são homens mais celestes que terrenos, como as imagens dos santos que não têm necessidade nem de comer nem de beber. Deus nosso Senhor, nesse particular, concedeu-me uma graça muito especial, de poder passar sem comer ou comendo muito pouco.

404. Três razões me levavam a não comer. A primeira era a falta de apetite ou de tempo, sobretudo antes de pregar ou quando havia muita gente para confessar. Em segundo lugar, para não ter o estômago pesado, mormente quando ia viajar. E, finalmente, abstinha-me de comer para edificar, pois observava que todos reparavam. Assim comia muito pouco, pouquíssimo, mesmo às vezes sentindo fome.

405. Quando me ofereciam algo, procurava pegar o menos possível e o inferior. Se chegasse a uma casa paroquial fora de hora, dizia-lhes que não preparassem nada mais que uma sopa e um ovo. Nunca comia carne e nem mesmo agora a como, embora eu goste, pois vejo ser uma abstinência bastante edificante. Digo o mesmo quanto ao tomar vinho. Apesar de gostar, faz bom tempo que não o provo, a não ser para celebrar missa. Aguardente e licorês, jamais os bebo, embora goste deles, pois já os experimentei em outros tempos. Reconheço que a

abstinência de comida e bebida é muito edificante e, hoje em dia, necessária para fazer frente aos excessos que se cometem nas mesas.

406. No dia 4 de setembro de 1859, achava-me em Segóvia. Por volta das quatro e vinte e cinco da manhã, estava eu meditando, disse-me Jesus: Antônio, ensinarás a teus missionários a mortificação na comida e na bebida. Poucos minutos depois, a santíssima Virgem acrescentou: Assim produzirás fruto, Antônio. 254

407. Naqueles dias, em Segóvia, preguei missões para o clero, para as religiosas e para o povo na Catedral. Certo dia, à mesa, disseram-me que o bispo anterior, 255 muito zeloso, tinha pedido a alguns sacerdotes que saíssem em missão, como de fato aconteceu. Após boa caminhada, tiveram fome e sede; como levassem comida e bebida, pararam para comer. Enquanto comiam, chegou a comitiva e pessoas da cidade para recepcioná-los. Por estarem comendo, ficaram tão desprestigiados que não obtiveram fruto algum. Assim me contaram. Nem sei por que motivo isso veio à tona, porém, para mim foi uma confirmação do que me haviam dito Jesus e Maria.

408. Sei que isto é muito edificante para um missionário e ainda agora tiro proveito. No palácio, freqüentemente há convites, antes havia muito mais e, entre os convidados, eu sempre sou um deles. Na medida do possível, procuro esquivar-me; porém, se não posso evitá-los, aceito-os. No entanto, é a ocasião em que como menos. Costumo comer uma concha de sopa e uma fruta, nada mais; vinho também não tomo, só água. Certamente os presentes reparam nesta minha atitude, ficando sumamente edificados.

409. Antes que eu estivesse em Madri, conforme percebi, cometiam-se algumas extravagâncias, e realmente havia motivos para tanto, ao ver a grande quantidade de pratos tão apetitosos, tantas comidas deliciosas, tanto vinho à vontade; tudo convidava ao excesso. Porém, desde que comecei a estar presente, não notei nenhum tipo de exagero; pelo contrário, parece-me que se limitam a tomar apenas do que necessitam, ao verem que eu me abstenho. Freqüentemente, na própria mesa, os que me ladeiam, falam de coisas espirituais e perguntam-me onde poderei atendê-los em confissão. 256

410. A fim de edificar cada vez mais as pessoas, sempre me abstive defumar e de cheirar rapé. Também nunca manifestei nenhuma forma de preferência entre uma e outra coisa. Isto vem de longe. E o Senhor já me cumulou com esta bênção celestial, tanto é que minha querida mãe (I.P.R.) morreu sem saber do que eu mais gostava. Como mamãe me amava muito, para agradar-me, alguma vez perguntava do que eu mais gostava, e eu respondia que gostava do que ela me preparasse e me desse. E ela me respondia: Eu sei disso, mas sempre gostamos mais de umas coisas que de outras. E eu tornava a responder-lhe que as coisas que ela me dava eram das que eu mais gostava. Como todo mundo, há coisas de que gosto mais que outras, isto é natural, porém era tanto o gozo espiritual que sentia em fazer a vontade alheia que sobrepunha o gosto físico particular; assim não faltava com a verdade nas palavras que dizia sobre isto. 257

411. Além de mortificar a vista, o ouvido, a língua, o gosto e o olfato, também procurava fazer alguns atos de mortificação. Por exemplo, às segundas, quartas e sextas-feiras tomava disciplina; às terças, quintas e sábados colocava cilício. Se o lugar era inadequado para a

disciplina, fazia outra coisa equivalente. Por exemplo, rezava com os braços em cruz ou com os dedos debaixo dos joelhos.

412. Sei muito bem que os mundanos, aqueles que não têm o espírito de Jesus Cristo, desprezam e até censuram estas mortificações. Eu, porém, fico com aquilo que ensina são João da Cruz, que diz: “Se alguém afirmar que pode ser perfeito sem a mortificação externa, não lhe deis crédito, nem mesmo que faça milagres para comprovar, pois é pura ilusão”. 258

413. Observo que são Paulo mortificava-se e dizia publicamente: *Castigo corpus meum et in servitatem redigo, ne forte cum aliis praedicaverim ipse reprobus efficiar* (Castigo meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir, eu mesmo a ser excluído depois de ter pregado aos outros). 259 Todos os santos que viveram até aqui, todos agiram assim. Segundo o venerável Rodríguez a santíssima Virgem teria dito a santa Isabel de Hungria que nenhuma graça espiritual vem à alma, regularmente falando, senão por meio da oração e da mortificação do corpo. 260 Há um princípio que diz: *Da mihi sanguinem et dabo tibi spiritum* (Dá-me sangue e eu te darei espírito). 261 Ai daqueles que são inimigos dos açoites e da cruz de Cristo! (Cf. Fl 3, 18).

Capítulo XXVIII

A mortificação (continuação) 262

414. Cheguei à conclusão de que, com um só ato de mortificação, podem-se praticar muitas virtudes, segundo os mais diversos fins a que a pessoa se propõe. Por exemplo: 1. O que mortifica seu corpo com a finalidade de refrear a concupiscência, faz um ato de virtude da temperança. 2. Se o faz com a finalidade de ordenar bem a vida, será um ato de virtude da prudência. 3. Se o faz com a finalidade de reparação por faltas da vida passada, realizará um ato de justiça. 4. Se o faz para vencer as dificuldades da vida espiritual, será um ato de fortaleza. 5. Se o faz com a finalidade de oferecer um sacrifício a Deus, privando-se do que lhe agrada e praticando o que lhe custa e repugna, será um ato da virtude da religião.

415. 6. Se o faz com a finalidade de receber maior luz para conhecer os divinos atributos, será um ato de fé. 7. Se o faz com a finalidade de assegurar sua salvação, será um ato de esperança. 8. Se o faz com a finalidade de ajudar à conversão dos pecadores e em sufrágio das almas do purgatório, será um ato de caridade para com o próximo. 9. Se o faz com a finalidade de ter mais com que socorrer os pobres, será um ato da virtude da misericórdia. 10. Se o faz com a finalidade de agradar mais a Deus, será um ato de amor a Deus. Em cada ato de mortificação, poderei exercitar todas estas dez virtudes, segundo a finalidade a que me proponha.

416. A virtude tem tanto mais mérito, mais brilha e mais arrebatada quanto mais acompanhada de sacrifícios.

417. O homem mesquinho, fraco, pusilânime e covarde nunca faz sacrifício algum, nem é capaz de fazê-lo, pois não resiste a nenhum desejo ou apetite da concupiscência. Concede tudo o que a concupiscência lhe pede, nada nega à sua paixão, porque é um covarde e mesquinho que se deixa vencer e se rende. A exemplo do que acontece numa luta, na qual o

valente vence o covarde, assim é o vício e o viciado, pois este fica vencido e aprisionado pelo vício. Aí está a razão por que a castidade e a continência são tão louvadas, pois fazem com que o homem se abstenha dos prazeres e deleites que a sua natureza e paixão lhe oferecem.

418. Segue-se daí que, quanto maior o prazer de que se abstenha; quanto mais intensa e extensa a dor que tiver de tolerar; quanto maior o respeito humano ou a repugnância que tiver de vencer; ou quantos maiores sacrifícios tiver de fazer, maior será o mérito, por fazer e sofrer tudo por amor à virtude e para a maior glória de Deus.

419. Exteriormente, propus-me a modéstia e o recolhimento e, interiormente, uma contínua e ardente ocupação com Deus, nos trabalhos, na paciência, no silêncio e no sofrimento. Além disso, procuro o cumprimento exato das leis de Deus e da Igreja e as obrigações do meu estado, como Deus manda: fazer o bem a todos, fugir dos pecados, das faltas e imperfeições e praticar as virtudes.

420. Em todos os acontecimentos desagradáveis, dolorosos e humilhantes que me ocorrem, sempre penso que são permitidos por Deus, para meu próprio bem. Portanto, no mesmo instante em que me vêm os momentos desagradáveis, em silêncio e com resignação, dirijo-me à sua santa vontade, lembrando aquilo que o Senhor disse: Não cairá nenhum cabelo da cabeça, se não for da vontade do Pai celestial, que tanto me ama. 263

421. Reconheço que uma hora de sofrimento que o Senhor me permite equivale a trezentos anos de fiel serviço a Deus, tão grande é o seu valor. Ó meu Jesus e meu mestre! O atribulado, perseguido e desamparado de amigos, o crucificado por trabalhos exteriores e por cruzes interiores, o desamparado de consolo espiritual, que cala, sofre e persevera com amor, este é vosso amado e o que vos agrada e a quem mais estimais. 264

422. Por esse motivo é que fiz o propósito de jamais me escusar nem de me defender das calúnias, das censuras e perseguições que lançarem contra mim, pois isso acarretaria perda diante de Deus e dos homens. Estes se valeriam de meus próprios argumentos como armas para se voltarem contra mim.

423. Creio que tudo vem de Deus e que ele me pede esse obséquio: suportar com paciência e por seu amor, os sofrimentos do corpo, da alma e da própria honra. Creio que, ao me calar e sofrer a exemplo de Jesus abandonado na cruz, estarei agindo para a maior glória de Deus.

424. O agir e o sofrer são as grandes provas do amor.

425. Deus se fez homem. Porém, que homem? Como nasce? Como vive? Como morre! *Ego sum vermis, et non homo, et abjectio plebis* (Eu sou um verme, não sou homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe). 265 Jesus é Deus e homem, porém a divindade não ajuda a humanidade em seus sofrimentos e dores, como a alma do justo que está no céu, não ajuda o corpo que apodrece na terra.

426. Deus protegia os mártires de modo todo particular; Jesus, porém, o homem das dores, Deus o abandonou aos seus sofrimentos e penas. O corpo de Jesus era mais delicado que o nosso e, por isso mesmo, mais suscetível de dores e sofrimentos. Quem é capaz de imaginar

o tanto que Jesus sofreu? O sofrimento esteve presente em toda a trajetória de sua vida. Quanto haveria de sofrer por nosso amor! Oh, que sofrimento tão prolongado, tão intenso e extenso!

427. Ó Jesus de minha vida! Pelo que pude constatar, sei que os sofrimentos, as dores e os trabalhos são as características do apostolado. Com vossa graça as abraço, delas me revisto. 266 Meu Senhor e meu Pai, estou pronto para beber este cálice de purificação interior e decididamente disposto a receber este batismo de provações externas. E digo: Longe de mim gloriar-me em outra coisa a não ser em vossa cruz, na qual estais pregado por mim, e eu também quero estar pregado por vós. 267 Assim seja.

Capítulo XXIX

***Virtudes de Jesus que procurarei imitar.* 268**

428. 1. Humildade, obediência, mansidão e caridade: estas virtudes brilham singularmente na cruz e no Santíssimo Sacramento do Altar. Ó meu Jesus, fazei que vos imite!

429. 2. Roupas: Jesus, durante toda a sua vida, teve somente uma túnica, feita por sua mãe e um manto ou capa, 269 mesmo assim, na hora de sua morte despojaram-no, morrendo nu, descalço e sem chapéu nem gorro. 270

430. 3. Alimentação: Pão e água durante os trinta anos de vida oculta. No deserto, após quarenta dias de rigoroso jejum, os anjos levaram-lhe pão e água, como a Elias. 271 Nos anos restantes da sua vida pública, comia o que lhe davam e se conformava. O alimento que tomava com os apóstolos era pão de cevada e peixe assado e, ainda assim, nem sempre, pois tinham que colher espigas em dia de sábado e ainda serem criticados. 272 Na cruz, no momento em que disse ter sede, não lhe deram senão fel e vinagre, aumentando ainda mais o seu tormento. 273

431. 4. Morada: Não possuía. As aves têm seus ninhos, as raposas, suas tocas, Jesus, porém, não tem sequer uma pedra onde reclinar a cabeça. 274 Nasce num presépio; para morrer, uma cruz. Para viver, escolhe o desterro no Egito. Reside em Nazaré e em qualquer outra parte.

432. 5. Viagens: Anda sempre a pé, com exceção daquela vez em que monta num jumento para entrar em Jerusalém, cumprindo as profecias. 275

433. 6. Dinheiro: Não teve. Para pagar o imposto, manda Pedro tirar o necessário da boca de um peixe. 276 Se pessoas piedosas lhe dão alguma esmola, quem a guarda é Judas, o único apóstolo infiel.

434. 7. Durante o dia, pregava e curava, à noite rezava. *Et erat pernoctans in oratione Dei* (e passou toda a noite orando a Deus). 277

435. 8. Jesus era amigo das crianças, dos pobres, dos enfermos e dos pecadores.

436. 9. Não buscava sua própria glória, mas a do Pai celeste. 278 Fazia tudo para cumprir a vontade do Pai e salvar a humanidade, suas queridas ovelhas, e, como bom pastor, deu a vida por elas. 279

437. Ó meu Jesus! Dai-me vossa santíssima graça, a fim que vos imite fielmente na prática de todas as virtudes. Vós bem sabeis que convosco tudo posso e sem vós não consigo, absolutamente nada.

Capítulo XXX

***A virtude do amor a Deus e ao próximo* 280**

438. A virtude mais necessária é o amor. Sim, digo-o e o repetirei mil vezes: a virtude mais necessária ao missionário apostólico é o amor. Deve amar a Deus, a Jesus Cristo, a Maria santíssima e ao próximo. Sem esse amor, suas mais belas qualidades são inúteis, mas, se acompanhadas de grande amor, tudo possui.

439. Para o que prega a divina palavra, o amor é como o fogo em um fuzil. Se um homem atirar uma bala com a mão, pouco estrago faz, mas, se essa mesma bala for arremessada com o fogo da pólvora, mata. Assim é a palavra de Deus. Se for dita naturalmente, sem espírito sobrenatural, pouco bem faz, mas se for dita por um sacerdote cheio do fogo da caridade, do amor a Deus e ao próximo, extirpará vícios, destruirá pecados, converterá pecadores, operará prodígios. Vemos isto em São Pedro, ao sair do cenáculo, ardendo no fogo do amor, que havia recebido do Espírito Santo, e o resultado foi a conversão de oito mil pessoas em dois sermões: três mil no primeiro e cinco mil no segundo. 281

440. O Espírito Santo, aparecendo sob a forma de línguas de fogo pousando sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, dá-nos a entender claramente esta verdade: que o missionário apostólico precisa carregar chamas do fogo divino da caridade na língua e no coração. Certa vez, um jovem sacerdote perguntou ao venerável Ávila o que era preciso para se tornar um bom pregador, e ele respondeu muito oportunamente: Amar muito. 282 A experiência ensina, e a história da Igreja confirma, que os melhores e maiores pregadores foram os que mais fervorosamente souberam amar.

441. Na verdade, o fogo da caridade num ministro do Senhor produz o mesmo efeito que o fogo numa locomotiva de trem, e a máquina em um navio a vapor: arrasta-os com a maior facilidade. 283 Para que serviria toda aquela máquina se não tivesse o fogo e o vapor? Para nada serviria. De que valeria um sacerdote ter feito uma carreira brilhante, ter-se formado em teologia e em direito, se não tem o fogo da caridade? De nada. Para ninguém serviria porque seria uma máquina de trem sem fogo, antes, pelo contrário, talvez pudesse até estorvar. Não serviria nem para ele pessoalmente, como diz São Paulo: Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. 284

442. Estou muito convencido da utilidade e necessidade do amor para ser um bom missionário: empenhei-me em buscar este tesouro escondido, ainda que fosse preciso vender tudo para comprá-lo. Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que os meios mais

adequados para consegui-lo eram os seguintes: 1º Guardando bem os mandamentos da lei de Deus; 2º Praticando os conselhos evangélicos; 3º Correspondendo com fidelidade às inspirações internas; 4º Fazendo bem a meditação. 285

443. 5º Pedindo-o e suplicando-o, contínua e incessantemente, sem jamais desfalecer ou cansar, por mais que tarde em alcançá-lo. 286 Orando a Jesus e a Maria santíssima e pedindo, sobretudo, a nosso Pai que está nos céus (pelos méritos de Jesus e Maria santíssima), certo de que o bom Pai dará o divino Espírito àquele que assim o pede. 287

444. 6º O sexto meio é ter fome e sede deste amor. Assim como aquele que tem fome e sede corporais, sempre pensa em como poderá saciar-se; e pede ajuda a todos os conhecidos; assim também eu procuro, ansiosa e ardentemente, dirigir-me ao Senhor e dizer-lhe de todo o meu coração: Ó meu Senhor, vós sois meu amor! Vós sois minha honra, minha esperança, meu refúgio! Vós sois minha vida, minha glória, meu fim! Ó amor meu! Ó bem-aventurança minha! Ó conservador meu! Ó alegria minha! Ó reformador meu! Meu mestre! Meu Pai! Meu amor!

445. Não busco, Senhor, nem quero saber outra coisa senão vossa santíssima vontade e cumpri-la com toda a perfeição. Não amo senão avós. Em vós, unicamente por vós, e para vós são todas as demais coisas. Sois para mim mais que suficiente. Senhor, vós sois meu Pai, meu amigo, meu irmão, meu esposo, meu tudo. Eu vos amo, meu Pai, fortaleza minha, meu refúgio e meu consolo. Fazei, meu Pai, que vos ame como vós me amais e como quereis que eu vos ame. Ó meu Pai! Bem sei que não vos amo o quanto deveria amar-vos, porém, estou certo de que virá o dia em que vos amarei o quanto desejo amar-vos, porque vós me concedereis o amor que vos peço por Jesus e por Maria. 288

446. Ó Meu Jesus! Peço-vos uma coisa e sei que quereis concedê-la. Sim, meu Jesus, peço-vos amor, grandes chamas desse fogo que fizestes baixar do céu à terra. Vem, fogo divino! Vem, fogo sagrado, incendeia-me, abrasa-me, derrete-me e funde-me para que assumo o molde da vontade de Deus.

447. Ó mãe minha Maria! Mãe do divino amor, não posso pedir outra coisa mais agradável nem mais fácil de conceder que o divino amor, concedei-o, ó minha mãe! Minha mãe, amor! Minha mãe, tenho fome e sede de amor, socorrei-me, saciai-me! Ó Coração de Maria, frágua e instrumento de amor, inflamai-me no amor de Deus e do próximo! 289

448. Ó querido próximo, eu te amo por mil razões. Amo-te porque Deus assim o quer. Amo-te porque Deus me manda que te ame. Amo-te porque Deus te ama. Amo-te porque Deus te criou à sua imagem e te destinou para o céu. Amo-te porque foste redimido pelo sangue de Jesus Cristo. Amo-te pelo muito que Jesus fez e sofreu por ti. E, como prova de meu amor por ti, suportarei por ti todas as dificuldades e trabalhos, até a morte, se for necessário. Amo-te porque Maria santíssima, minha queridíssima mãe, te ama. Amo-te porque és amado pelos anjos e santos do céu. Amo-te e, por este amor, te livrarei dos pecados e das penas do inferno. Amo-te e, por este amor, te instruirei e te mostrarei os males que debes evitar e as virtudes que debes praticar; enfim, te acompanharei nos caminhos das boas obras rumo ao céu.

449. Ouço uma voz que me diz: “O homem necessita de alguém que lhe esclareça quem ele é, que o instrua acerca de seus deveres, que o dirija para a virtude, renove seu coração, que o restabeleça em sua dignidade e em seus direitos; e isto tudo se faz por meio da palavra”. 290 A palavra foi, é, e sempre será a rainha do mundo.

450. A palavra de Deus tirou do nada todas as coisas. A palavra divina de Jesus restaurou todas as coisas. Jesus Cristo disse aos Apóstolos: *Euntes in mundum universum, praedicate evangelium omni creaturae* (Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura). 291 São Paulo disse a seu discípulo Timóteo: *Predica verbum* (Prega a palavra). 292 A sociedade perece porque privou a Igreja de sua palavra, que é palavra de vida, palavra de Deus. As sociedades estão desfalecidas e famintas por não receberem o pão cotidiano da palavra de Deus. Todo propósito de salvação será estéril se não se restaura, em toda a plenitude, a grande palavra católica.

451. O direito de falar e de ensinar as pessoas que a Igreja recebeu do próprio Deus, na pessoa dos apóstolos, foi usurpado por uma turba de jornalistas obscuros e de ignorantíssimos charlatães.

452. O ministério da palavra, sendo, ao mesmo tempo, o mais nobre e invencível de todos, e por ele foi conquistada a terra, está se convertendo, em todas as partes, de ministério de salvação em ministério abominável de ruína. Assim, como nada e ninguém puderam frear seus triunfos nos tempos apostólicos, também nada e ninguém poderão conter, hoje, seus estragos, se não se fizer frente, por meio da pregação dos sacerdotes e mediante a distribuição abundante de bons livros e de outros escritos santos e salutares.

453. Ó Meu Deus! Prometo-vos que o farei. Pegarei, escreverei e farei circular livros bons e folhetos em abundância, a fim de sufocar o mal com a abundância do bem. 293

Capítulo XXXI

Pregação e perseguições

454. Até aqui falei dos meios através dos quais me valia e das virtudes que deveria cultivar para produzir fruto nos povoados aos quais era enviado pelos bispos, já que sem obediência não queria ir a nenhum lugar. Agora falarei dos povoados em que estive e do que fazia nesses lugares. 294 Desde o início de 1840, quando voltei de Roma, até começo de 1848, época em que fui a Madri e ocasião em que me dirigi às Ilhas Canárias em companhia de d. Codina, bispo daquelas ilhas, preguei em Viladrau, Seva, Espinelvas, Artés, Igualada, Santa Coloma de Queralt, Prats del Rey, Calaf, Calldetenas, Vallfogona, Vidrà, San Quirico, Montesquieu, Olot, Olost, Figueras, Bañolas, San Feliu de Guíxols, Lloret, Calella, Malgrat, Arenys de Mar.

455. Preguei também em Arenys de Munt, Mataró, Teyá, Masnou, Badalona, Barcelona, San Nadrés, Granollers, Hospitalet, Villanueva, Manresa, Sampedor, Sallent, Balsareny, Horta, Calders, Moyá, Vic, Gurb, Santa Eulália, San Feliu, Estany, Oló, San Juan de Oló, 295 Pruit, San Feliude Pallarols, Piera, Pobla de Lillet, Bagá, San Jaime de Frontanyá, Solsona, Anglesola, San Lorenzo dels Piteus, Lérida, Tarragona, Torredembarra, Altafulla, Constantí,

La Selva, Valls, Alforja, Falset, Pont de Armentera, Barberá, Montblanch, Vimbodí, Vinaixa, Espluga de Francolí, Cornudella, Prades, Villanueva de Prades e outros e outros... 296

456. Não me deslocava imediatamente de uma povoação a outra. Ao contrário, ia a uma, concluída aquela, ia a outra bem longe, ou porque o pediam a meu superior, o bispo de Vic, ao qual sempre obedecia com espírito de submissão, ou porque o exigiam as circunstâncias daqueles tempos tão turbulentos, em que os ministros da religião e do bem sofriam muitas perseguições.

457. Em cada lugar em que pregava, até a metade da pregação era muito perseguido e caluniado. Mas do meio em diante, todos se convertiam e passavam a me elogiar; e então começavam as perseguições por parte das autoridades, do governo e demais dirigentes. Eis aí, portanto, por que meu bispo me fazia passar de um local a outro bem distante. Deste modo burlava a perseguição que o governo movia contra mim, pois, quando se tomavam providências contra mim em uma província da Catalunha, eu já tinha terminado a missão e passado a outra província; e quando me perseguiam nesta, passava para outra, e assim por diante. Desta forma, o governo que me perseguia a fim de prender-me, jamais conseguiu nada. 297

458. O general Manzano 298 disse-me pessoalmente depois, estando os dois em Cuba, eu como arcebispo e ele como governador da cidade de Santiago, que ele tinha ordem de prender-me, não porque suspeitasse de alguma coisa minha contra o governo, pois todos os governantes sabiam que eu jamais me metia em política, mas porque tinham medo ao ver a multidão de pessoas que de todas as partes se reuniam quando eu pregava; temiam também, devido ao prestígio que eu tinha, que à menor insinuação minha, todos se sublevassem. Por isso buscavam prender-me, porém jamais o conseguiram, seja pela estratégia de mudar para lugares distantes, e também porque Deus nosso Senhor não o quis, e esta é a razão principal. Deus nosso Senhor quis que a palavra fosse anunciada a todos os povos, enquanto o demônio procurava corromper as pessoas por meio de bailes, teatros, exercícios militares, guardas, maus livros, revistas e jornais licenciosos, etc., etc.

459. Aos domingos e dias santos, em muitas povoações, como os homens viviam armados, faziam-nos participar dos exercícios militares. Desta forma não podiam participar da missa e aos demais deveres religiosos, como era seu costume. Impedia-se o bem e fomentava-se toda espécie de males. Por toda parte não se via senão escândalos e horrores e não se ouviam senão blasfêmias e disparates. Parecia que o inferno estava solto.

460. Quanto a mim, durante estes sete anos ia de um lugar a outro. 299 Viajava sozinho e a pé. Levava comigo um mapa da Catalunha, forrado com tecido e dobrado, através do qual me orientava. Media as distâncias e marcava os lugares de pousada. Viajava cinco horas pela manhã e outras cinco à tarde, às vezes debaixo de chuva, outras vezes com neve e, no verão, sob um sol abrasador. Este era o tempo que mais me fazia sofrer. Como andava sempre com batina e capote, o mesmo traje de inverno, no verão sentia calor; além disso, os sapatos e meias de lã provocavam bolhas nos pés, de modo que, às vezes, me faziam andar mancando. A neve também me deu ocasião de exercitar a paciência, especialmente quando nevava muito e cobria tudo e o caminho ficava oculto, por isso ladeava o caminho e, às vezes, caía dos barrancos cheios de neve. 300

461. Como sempre andava a pé, procurava juntar-me aos tropeiros e demais viajantes, a fim de falar-lhes alguma coisa de Deus e instruí-los nas coisas da religião, e com isso percorríamos sem perceber o caminho e nos sentíamos confortados. Certa ocasião ia de Bañolas a Figueras 301 para pregar uma missão. Ao passar por um rio havia uma grande pedra, duas vigas faziam de ponte: uma das margens à pedra e outra, da pedra à outra margem. Atravessava o rio, juntamente com outras pessoas. Ao chegar à pedra no meio do rio, soprava um vento tão forte que deslocou a viga que estava à minha frente e o homem que andava nela. De modo que o homem e a viga caíram na água. Eu fiquei nomeio do rio, em cima da pedra, firmando-me com um pau e resistindo ao embate do vento, até que um homem desconhecido, carregando-me nos ombros, atravessou o rio e me deixou na outra margem. Continuei a viagem, porém sempre com um vento tão forte que, não poucas vezes, me tirava do caminho. Os que viajaram por Ampurdán sabem que por lá sopra um vento tão forte a ponto de transportar de lugar as montanhas de areia de Begú.

462. Não enfrentei somente o frio e o calor, neves e lamas, chuvas eventos, rios e mares como aconteceu no caminho de São Feliu a Tossa, quando tivemos que enfrentar, não somente a correnteza e a tempestade, 302 mas, também os demônios que me perseguiram muitíssimo. Certa ocasião, rolaram uma pedra no caminho por onde eu passava. Outra vez, num domingo à tarde, pregava num lugar chamado Sarreal, com a igreja repleta de gente, quando, de repente, o demônio fez cair do arco principal uma grande pedra que se despedaçou no meio do auditório. No entanto, para admiração e todos, ninguém ficou ferido. 303

463. Às vezes acontecia que, durante a pregação, e muita gente ouvindo-me piedosamente, aparecia satanás sob a figura de um aldeão assustado e punha-se a gritar que a aldeia estava pegando fogo; como já conhecia toda essa trama e vendo que o auditório se alarmava com a notícia, do púlpito, dizia: Calma! Não há fogo nenhum. É uma cilada do inimigo. No entanto, para maior tranqüilidade vossa, que vá alguém ver onde há fogo e, se for verdade, todos nós iremos apagá-lo. Porém, digo-vos que não há fogo. Não passa de uma invenção do diabo para impedir vosso aproveitamento. E era assim mesmo. Quando pregava ao ar livre, ameaçava-nos com tempestades. 304 A mim pessoalmente chegou a provocar enfermidades terríveis e, quando estava ciente de que era obra do inimigo, logo ficava completamente curado, sem necessitar de remédio algum. 305

464. Se a perseguição que o inferno movia contra mim era grande, a proteção do céu era bem maior. Percebia visivelmente a proteção da santíssima Virgem, dos anjos e santos que me guiavam por caminhos desconhecidos, livravam-me de ladrões e assassinos e, sem eu saber, me levavam a porto seguro. Deus lhes pague. Muitas e muitas vezes correu a notícia de que me haviam assassinado, fazendo com que pessoas piedosas me aplicassem sufrágios. Deus lhas pague.

465. Em meio a todas essas vicissitudes, passava de tudo. Alguns momentos bons, outros amargos, a ponto de me tirarem o gosto pela vida; daí minha única preocupação era pensar e falar do céu, e isto me consolava e me animava muito. Habitualmente não recusava os sofrimentos; ao contrário, amava-os e desejava morrer por Jesus Cristo. Não me expunha temerariamente aos perigos, mas gostava que o superior me enviasse a lugares perigosos, a fim de ter a felicidade de morrer mártir por Jesus Cristo.

466. Na província de Tarragona, o governo regional e todo o povo me queriam muito bem; todavia, alguns queriam assassinar-me. O arcebispo 306 sabia disso e, um dia conversando com ele sobre os perigos, eu lhe disse: Excelentíssimo senhor arcebispo, eu não me afasto nem me detenho por isso. Mande-me a qualquer ponto da sua diocese e irei com gosto, mesmo sabendo que no caminho haja duas filas de assassinos com o punhal na mão à minha espera. Não recuarei, caminharei sempre em frente. *Lucrum mori* (Morrer é lucro para mim). 307Esse meu “lucro” é o desejo de morrer assassinado por causa de Jesus Cristo.

467. Todas as minhas aspirações sempre foram morrer num hospital como um pobre ou num patíbulo como mártir, ou assassinado pelos inimigos da sacrossanta religião que felizmente professamos e pregamos. Quisera eu selar, com meu sangue, tanto as virtudes como as verdades que tenho pregado e ensinado. 308

Capítulo XXXII

O que pregava e como pregava

468. Em todos os povoados mencionados no capítulo anterior e em outros que não mencionei, organizei iniciativas religiosas com diferentes nomes. Embora não lhes desse o nome de missões, porque as circunstâncias daqueles tempos não o permitiam, contudo os assuntos eram propriamente de missão: Quaresma, Mês de Maria, Quinzenário do Rosário, Novenário das Almas, Oitavário do Sacramento, Setenário das Dores. Estes eram os nomes que dávamos comumente às funções e, embora o nome fosse de novena, se conviesse, aumentavam-se os dias segundo as necessidades. 309

469. Em cada uma das referidas povoações houve uma ou mais dessas pregações em um ou mais anos, e sempre com grande fruto. Em todas as partes, houve conversões, algumas comuns, outras grandes e extraordinárias. No início, todos vinham para me ouvir, uns com boa vontade, outros por curiosidade e ainda os mal-intencionados, no mínimo para me pegarem em flagrante.

470. Ao iniciar minhas atividades, jamais fazia referências aos vícios e falhas daquela povoação. Sempre lhes falava de Maria Santíssima, do amor de Deus, etc.; desta forma, como os maus e os corruptos percebiam que eu não os maltratava, e que tudo era amor, doçura, caridade, fazia com que eles se interessassem em voltar mais vezes. E, tratando progressivamente dos novíssimos, atingia a todos, sem que se sentissem ofendidos, até que finalmente mudavam totalmente de vida. Desta maneira, nos últimos dias da missão já se podia falar abertamente dos vícios e falhas predominantes. 310

471. Pensava que certa classe de pecadores deve ser pega com o mesmo método de cozinhar caracóis. Colocados na água fresca, que eles gostam, se esticam e saem o mais possível de sua casca. Entretanto, quem os cozinha tem o cuidado de aquecer a água pouco a pouco e os caracóis insensivelmente vão morrendo e cozinhando. Porém, se o que cozinha os caracóis cometesse a imprudência de jogá-los na água quente, eles se recolheriam em sua casca e por nada se poderia tirá-los de lá. Assim acontece com os pecadores. Se no início de uma função se investe com violência, os que estiverem assistindo por curiosidade ou por malícia, ao ouvir

aquela descarga, escondem-se na casca da própria obstinação e malícia e, longe de converterem-se, não farão mais que desacreditar o missionário e ridicularizar quantos estejam dispostos a ouvi-lo e a confessar-se. Porém, ao agir com doçura, delicadeza e amor se deixam atingir muito bem.

472. Entre a multidão de pecadores convertidos, merece especial menção a conversão do senhor Miguel Ribas, homem abastado de Alforja, povoação do arcebispado de Tarragona. 311 Esse senhor tinha uma vida bastante moderada: fazia anualmente retiro espiritual no convento ou no colégio dos Missionários dos Padres de São Francisco de Escornalbou. Nele, vivia um cunhado seu religioso. Os padres, prevendo a aproximação de tempos difíceis para a comunidade, confiaram-lhe os documentos que julgaram convenientes. Ele, porém, usou-os de forma tão inoportuna, que os referidos padres perderam o crédito na praça. E fez seus seguidores que, em pouco tempo, ficaram piores que o mestre.

473. Seu dogma e sua moral consistiam em não obedecer a ninguém. Os filhos não deviam obediência aos pais; as mulheres, a seus maridos; os súditos, a seus superiores. Deviam comungar diariamente, mas sem jejum, etc., etc. O senhor Miguel converteu-se e, tendo resolvido retratar-se, a fez através de escritura pública passada em cartório, na casa do pároco, na presença de onze testemunhas tiradas dentre os homens mais distintos da comunidade, conforme disposição do bispo de Tarragona. 312

474. Por todos os lugares onde ia pregar, não me dirigia somente ao povo em geral, mas também aos sacerdotes, estudantes, religiosos e religiosas, aos doentes dos hospitais, aos encarcerados, e demorava mais ou menos tempo, segundo a oportunidade. Costumava, porém, dedicar-me aos sacerdotes durante uns dez dias, com pregação pela manhã e à tarde, além de pregar-lhe exercícios espirituais.

475. Enquanto ia pregando de uma povoação a outra, tentava encontrar meios para tornar mais duradouros os frutos das missões e dos retiros que pregava. Cheguei à conclusão de que o meio mais eficaz para atingir tal objetivo era distribuir por escrito tudo aquilo que lhes tinha falado. Eis a razão pela qual comecei a escrever livrinhos e folhetos para as mais diversas categorias de pessoas, intitulado-os Avisos aos sacerdotes, aos pais de família, etc., etc.

476. Tanto os opúsculos como os folhetos deram um bom resultado. Para melhor propagá-los resolvi fundar a Livraria Religiosa. Ajudado pela graça de Deus, pela proteção de nossa Senhora de Montserrat, e acompanhado pelos senhores José Caixal e Antônio Palau, então cônegos de Tarragona e atualmente o primeiro é bispo de Urgel e o segundo, de Barcelona. Como naqueles tempos estivesse pregando missões naquela diocese, consultei-os sobre este assunto e eles, como homens sábios e zelosos da maior glória de Deus, ensino e salvação das almas, me ajudaram muitíssimo, de modo que, em dezembro de 1848, encontrando-me nas Ilhas Canárias, já começou a sair a primeira publicação que a Livraria Religiosa imprimiu, o Catecismo Explicado. Até o presente continua produzindo. As obras impressas já formam um grande catálogo. Algumas delas ampliam sua tiragem a cada reimpressão. Um bom exemplo é o livro O caminho reto; a impressão atual é a de número trinta e nove. Que tudo seja para a maior glória de Deus e de Maria santíssima e pela salvação das almas. Amém.

Capítulo XXXIII

Missionário nas Ilhas Canárias 313

477. O mundo sempre procurou criar-me dificuldades e perseguir-me. Mas Deus nosso Senhor cuida de mim e frustra todos os seus planos de iniquidade. Em agosto de 1847, alguns chefes de um certo grupo chamado Matinés ou Os madrugadores, começaram a aparecer em diversos pontos da Catalunha. Os jornais que falavam desses chefes afirmavam que eles nada faziam sem antes consultar Mosén Claret. 314 Diziam isto unicamente para comprometer meu nome e ter um pretexto para prender-me e impedir a pregação; Deus nosso Senhor, porém, conduziu as coisas de uma tal forma que me livrou de suas garras e enviou-me a pregar nas Ilhas Canárias. Os fatos aconteceram da seguinte maneira:

478. Estando de passagem por Manresa, fui pregar às Irmãs de Caridade, residentes no hospital daquela cidade. 315 Lá a superiora me informou que o padre Codina havia sido eleito bispo das Canárias. 316 Ela me perguntou, então: Você gostaria de ir pregar naquelas Ilhas? Respondi-lhe que não tinha gosto nem vontade. Gostava, sim, de ir para onde meu prelado de Vic me enviasse. Portanto, se ele me enviasse para Canárias, iria com tanto gosto como a qualquer outro lugar. 317 E a nossa conversa ficou nisso.

479. A boa irmã, por própria iniciativa, escreveu ao bispo Codina, narrando-lhe minha resposta. Este, por sua vez, escreveu imediatamente ao bispo de Vic, do qual recebi ordens de ficar à disposição do bispo eleito das Canárias. Dom Codina encontrava-se em Madri e daí mesmo, no início de janeiro de 1848, chamou-me e eu fui. Em Madri hospedei-me na casa do padre José Ramírez y Cotes, 318 sacerdote exemplar e muito zeloso. Fiquei naquela casa durante os dias em que se ajeitava a viagem. Assisti à sagração episcopal do bispo eleito, dom Codina. Todos os dias que aí permaneci, ocupei-me em pregar e confessar os pobres enfermos do Hospital Geral. 319

480. De Madri, fomos a Sevilha, Jerez e Cádiz; aí preguei enquanto esperávamos o navio para as Ilhas Canárias. 320 Chegamos a Tenerife no início de fevereiro. 321 Aí aproveitei para fazer uma pregação no domingo e, na segunda-feira, partimos para a Gran Canária. Preguei retiro aos sacerdotes num salão do palácio, enquanto o bispo presidia a todos os atos. Preguei também retiro aos seminaristas e missões em todas as paróquias da Ilha Gran Canária.

481. Com muita freqüência tinha de pregar nas praças, porque as igrejas não comportavam tanta gente vinda das mais diversas povoações para ouvir a santa missão. Quando havia muita gente, eu preferia muito mais pregar nas praças do que nas igrejas, isto por muitas razões que facilmente se explicam.

482. O que me metia em apuros era ouvir as pessoas em confissão geral, como desejavam fazê-la. De fato, pedi ajuda aos demais sacerdotes. Dava-lhes instruções práticas sobre como atender bem e prontamente as pessoas. A fim de evitar confusão e discussão entre os penitentes, mandava-os formar fila à proporção que iam chegando. Em grupos de oito, sendo quatro homens e quatro mulheres, pedia-lhes que fizessem o sinal da cruz, se persignassem e rezassem comigo o Eu pecador...; isto me poupava tempo; do contrário tinha que esperar muito até que fizessem o sinal da cruz e rezassem o que costumavam antes de confessar-se,

só ficava em particular a confissão dos pecados de cada um. Evitava-se assim perda de tempo, tumulto e que as pessoas ficassem muito perto do confessor.

483. Quando terminava a missão, o povo acompanhava-me em massa até me encontrar com o pessoal da outra missão que vinha me receber. Os primeiros despediam-se com lágrimas, os outros me recebiam cheios de alegria. Não vou narrar tudo o que me aconteceu nesses povoados, pois seria interminável. Só quero assinalar um fato para que sirva de exemplo aos missionários. 322

484. Ao terminar as missões na Gran Canária, o bispo quis que eu fosse a outra ilha chamada Lanzarote. 323 Como naquela ilha houvesse pouco clero, 324 mandou que seu irmão, o padre Salvador 325 religioso capuchinho, me acompanhasse e para que me ajudasse ouvir confissões. Do porto da ilha até a capital tínhamos de percorrer umas duas léguas e, como meu companheiro (o padre Salvador) era bastante gordo, disse-me: - Como faremos? Você quer ir a pé ou montado? Eu lhe respondi: - Você sabe que eu nunca monto; ando sempre a pé. - Se você não quer ir montado, tampouco eu quero montar, respondeu-me. Disse-lhe eu, então: - Veja bem, será bastante difícil e custoso para você ir a pé até lá. Eu não posso permitir isso. Se você vai a pé por minha causa, mudo de idéia e assim nós iremos montados.

485. Na ocasião nos trouxeram um grande camelo e nós dois montamos nele. Pouco antes de chegarmos à cidade, apeamos e, logo que chegamos ao povoado, dei início à missão. Depois que terminamos a missão, ao nos despedir do povo, um cavalheiro me perguntou: - Você é aquele missionário que pregou missões na Gran Canária? Respondi-lhe que sim.- Então fique sabendo que por aqui ficaram duvidando se era você, porque o da Gran Canária andava a pé e você chegou montado. Houve até quem chegasse a dizer: Eu não vou ouvi-lo porque não é o missionário da Gran Canária.

486. Deixei as Ilhas Canárias no início do mês de maio de 1849. 326 O bispo quis dar-me um chapéu e capote novo, mas eu não os aceitei. Assim sendo, não tive outro proveito material senão os cinco rasgões no meu capote velho por causa da multidão que se lançava sobre mim quando ia de uma povoação a outra. Naquelas ilhas fiquei durante quinze meses e, ajudado pela graça de Deus, pude trabalhar todos os dias. Comia pouco devido à falta de apetite. Suportei algumas dificuldades, mas alegremente porque estava convicto de que era a vontade de Deus e de Maria Santíssima e que serviriam para a conversão e salvação de tanta gente.

487. Ó meu Deus, quão bom sois! Quão imprevistos são os meios de que vos servis para converter os pecadores! Homens mundanos queriam comprometer-me na Catalunha. Vós vos valestes desse fato e me levastes às Ilhas Canárias. 327 Assim me livrastes das prisões e me levastes àquelas Ilhas, a fim de apascentar as ovelhas de vosso Pai celestial, por quem doastes com satisfação a vida para que vivam na graça. Bendita seja a vossa caridade. Bendita seja vossa grande providência para comigo. Agora e sempre cantarei vossas eternas misericórdias. Amém. 328

Capítulo XXXIV

A Congregação do Imaculado Coração de Maria

488. Cheguei a Barcelona 329 em meados de maio e me dirigi a Vic. Falei com meus amigos, os cônegos Jaime Soler 330 e Jaime Passarell 331 sobre o projeto que tinha de fundar uma congregação de sacerdotes que fosse me se chamassem Filhos do Imaculado Coração de Maria. Ambos acolheram calorosamente a idéia. O cônego Soler, que era reitor do seminário de Vic, ofereceu o seminário e, tão logo os seminaristas entrassem em férias, poderíamos nos reunir no seminário, ocupar seus quartos, enquanto Deus nosso Senhor nos dispusesse outro local. 332

489. Apresentei esse mesmo plano ao bispo de Vic, dom Luciano Casadevall, pelo qual era muito estimado. Ele muito aplaudiu esta minha iniciativa. Aproveitando a oportunidade, resolvemos que durante as férias nos instalaríamos no seminário. Enquanto isso, ele mandaria preparar o Convento das Mercês que o governo pusera à sua disposição. E assim se fez. 333 Com o local das Mercês já à disposição, fui falar com alguns sacerdotes a quem Deus nosso Senhor havia dado o mesmo espírito de que eu me sentia animado. Eram eles: Estêvão Sala, 334 José Xifré, 335 Domingos Fábregas, 336 Manuel Vilaró, 337 Jaime Clotet, 338 Antônio Claret, eu, o mais insignificante de todos. Sim, isso é verdade, pois todos eles são mais instruídos e mais virtuosos do que eu; mesmo assim, porém, sentia-me bastante feliz, considerando-me servidor de todos. 339

490. No dia 16 de julho de 1849, reunidos no seminário, com a aprovação do bispo e do reitor, iniciamos, nós sozinhos, o retiro espiritual, com todo rigor e fervor. 340 Como justamente nesse dia se comemora a festa da Santa Cruz e de Nossa Senhora do Carmo, tomei como tema da primeira prática as palavras do Salmo 22,4: *Virga tua et baculus tuus ipsa me consolata sunt* (Tua vara e teu cajado me consolarão), frisando a devoção e a confiança que devemos ter na Santa Cruz e em Maria santíssima, além de aplicar o salmo a nosso objetivo. 341 Saímos desse retiro muito fervorosos, resolvidos e determinados a perseverar. Graças a Deus e a Maria Santíssima todos perseveraram muito bem. Dois morreram e se acham neste momento na glória celeste gozando de Deus e do prêmio de seus trabalhos apostólicos e intercedendo por seus irmãos. 342

491. Assim iniciamos e assim continuamos vivendo uma vida perfeitamente comum, todos entregues aos trabalhos do sagrado ministério. 343 Ao terminar o retiro que pregara à pequena e nascente comunidade, pediram que, na igreja do seminário, eu pregasse um retiro ao clero da cidade de Vic. No dia 11 de agosto, descendo do púlpito, ao concluir o último ato, disseram-me que o bispo desejava falar comigo. Fui ao palácio episcopal. Quando lá cheguei, entregou-me um decreto real com data de 4 de agosto, nomeando-me arcebispo de Cuba. Tal notícia me deixou como morto. Disse que não aceitava de modo alguma nomeação. Supliquei ao bispo que se dignasse transmitir a decisão dizendo que não aceitaria de maneira nenhuma.

492. Ó meu Deus, bendito sejas, pois vos dignastes escolher vossos humildes servos para se tornarem Filhos do Imaculado Coração de vossa santíssima mãe!

493. Ó mãe, mil vezes bendita! Infinitos louvores vos sejam dados pelas finezas de vosso Imaculado Coração e por nos terdes adotado como vossos filhos! Fazei, minha mãe, que correspondamos a tanta bondade. Que sejamos cada dia mais humildes, mais fervorosos e mais zelosos pela salvação das almas.

494. Digo a mim mesmo: Um filho do Imaculado Coração de Maria é um homem que arde em caridade e abraça por onde passa; que deseja eficazmente e procura por todos os meios inflamar o mundo no fogo do divino amor. Nada o detém. Alegra-se nas privações. Enfrenta os trabalhos. Abraça os sacrifícios. Compraz-se nas calúnias e se alegra nos tormentos. Seu único pensamento é seguir e imitar a Jesus Cristo, no trabalho, no sofrimento, procurando sempre e unicamente a maior glória de Deus e da salvação das almas. 344

Capítulo XXXV

Nomeação e aceitação do Arcebispado de Santiago de Cuba

495. Fiquei atônito com a nomeação para arcebispo. Não quis aceitar, por me considerar indigno e incapaz de tão grande dignidade, por não ter nem a ciência nem as virtudes necessárias para tal. Depois, refletindo melhor, pensei que, mesmo se tivesse ciência e virtude, não devia abandonar a Livraria Religiosa e a Congregação que acabavam de nascer. 345 Assim é que, por todos os meios, rejeitava as instâncias do nuncio apostólico, excelentíssimo senhor Brunelli, 346 e do Ministro de Graça e Justiça, senhor Lourenço Arrazola. 347 Tanto o nuncio como o ministro, vendo baldados todos os seus esforços, recorreram ao bispo de Vic, ao qual obedecia cegamente. Ele ordenou taxativamente que aceitasse. 348

496. Esta ordem fez-me estremecer. De um lado, não me atrevia a aceitar e, por outro, queria obedecer. Pedi que me desse alguns dias para eu refletir, antes de responder, e ele me atendeu. Procurei logo os padres Jaime Soler, Jaime Passarell, Pedro Bach e Estêvão Sala, sacerdotes muito sábios, virtuosos e de minha total confiança. Supliquei que me encomendassem a Deus, pois esperava de sua bondade que até o último dia de retiro, que ia começar, me dissessem o que deveria fazer: obedecer ao bispo ou recusar terminantemente a nomeação. No dia marcado e, depois de terem conversado entre si, vieram a mim e foram unânimes ao me dizer que era vontade de Deus que eu aceitasse a ordem do bispo. Aceitei no dia 4 de outubro, dois meses depois de ter sido eleito.

497. Uma vez aceita a nomeação de minha pobre pessoa, indicada por sua majestade, processaram-se as formalidades de praxe e assim todo o processo foi enviado a Roma. Entrementes, continuei a desempenhar o meu apostolado habitual, pregando retiros ao clero, aos religiosos, religiosas, aos estudantes e leigos. Ainda nessa época, preguei retiro ao clero e missão ao povo de Gerona, falando todos os dias da varanda da Casa Pastors à multidão, que ocupava a praça, as escadarias e o átrio da catedral, ruas imediatas e às demais pessoas que se colocavam nas varandas, janelas e sacadas de todas aquelas casas. 349

498. O Senhor revelou-me, durante esses dias, coisas muito especiais para a sua maior glória e salvação das almas. 350 Fui nomeado; 351 as bulas vieram de Roma a Madri e remetidas a Vic, sob a responsabilidade dos padres Firmin de la Cruz 352 e Andrés Novoa, 353 sacerdotes exemplares. Nesse meio tempo, procurei me preparar, fazendo um retiro espiritual de muitos dias, durante os quais elaborei um plano de vida para o meu governo. 354 Assim preparado e predisposto, recebi a consagração em Vic, como direi na terceira parte, se Deus quiser.

Terceira parte

SAGRAÇÃO EPISCOPAL

Capítulo I

Sagração, viagem, chegada e primeiros trabalhos

499. No dia seis, primeiro domingo do mês de outubro de 1850, dia de são Bruno, fundador dos Cartuxos, a cuja ordem desejava pertencer (1); dia do Santíssimo Rosário, de cuja devoção sempre tive grande inclinação, nesse dia recebi, na catedral de Vic, (2) a sagração episcopal juntamente com d. Jaime Soler, bispo de Teruel. Foi meu bispo consagrante d. Luciano Casadevall, que teve como assistentes d. Domingos Costa y Borrás, bispo de Barcelona, (3) e d. Fulgêncio Lorente, bispo de Gerona. (4)

500. Na terça-feira, dia oito, saí de Vic a Barcelona e Madri onde d. Brunelli, núncio de Sua Santidade, me impôs o pálio no dia 13 do mesmo mês. Apresentei-me a sua majestade e aos ministros do governo e, enquanto despachavam os documentos oficiais, dediquei-me à pregação e a confessar etc. 5 Concluídos meus afazeres, voltei à Catalunha. Cheguei a Igualada no último dia de outubro e ali preguei sobre o tema de todos os santos e, no dia seguinte, fui a Montserrat, onde também preguei. 6 Passei por Manresa onde se fazia o novenário das almas (pelo livro) do padre Mach. 7 À noite preguei e, na manhã seguinte, distribuía sagrada comunhão a muitas pessoas que, sabendo de minha presença, haviam-se preparado para tal oportunidade.

501. À tarde passei por Sallent, minha terra natal. Todos vieram receber-me. À noite preguei de um balcão, na praça, pois não coube todo mundo na igreja. 8 No dia seguinte, pela manhã, celebramos uma missa solene e à tarde saí para Santmartí, passando por nossa Senhora de Fusimanha, à qual dedicava grande devoção desde criança. E ali, nesse santuário, celebrei e preguei sobre a devoção a Maria Santíssima. 9 De lá segui para Artés e, em seguida, para Calders onde preguei pela manhã; depois almoçar em Moyá, ali a pregação foi à noite. No dia seguinte, passei por Collsuspina, onde também preguei; almocei em Vic e, à noite, fiz uma pregação. Saindo de Vic, passei por Barcelona, onde preguei todos os dias em diferentes igrejas e conventos, 10 até o dia 28 de dezembro, data em que embarcamos na fragata La Nueva Teresa Cubana, que tinha como capitão o senhor Manuel Bolívar.

502. Faziam parte de minha comitiva: padre João Lobo, presbítero e provedor, com um jovem chamado Telésforo Hernández; os padres Manuel Vilaró, Antônio Barjau, Lourenço San Martí, Manuel Subirana, Francisco Coca, Felipe Rovira, Paládio Currús, João Pladebella e os leigos Inácio Betriu, Felipe Vila e Gregório Bonet. 11

503. No mesmo navio iam dezoito Irmãs de Caridade, destinadas a Havana e um sacerdote que as acompanhava, chamado Pedro Planas, 12 da Congregação de São Vicente de Paulo, além de alguns outros passageiros.

504. Todos saímos saudáveis e alegres de Barcelona para Cuba. Porém, ao chegar ao Penhasco de Gibraltar, tivemos de esperar o tempo melhorar para a travessia do estreito. Como o mar se agitasse cada vez mais, fomos obrigados a retornar ao porto de Málaga, onde ficamos três dias, esperando que o tempo melhorasse. Durante a estadia, aproveitei o tempo; preguei quinze sermões, na catedral, no seminário, aos estudantes, em casas religiosas, etc.

13

505. Finalmente o tempo melhorou e continuamos a viagem rumo às Ilhas Canárias, onde esperávamos poder visitar aqueles queridos insulares, que por seu lado também nos esperavam. Mas o mar estava tão agitado que foi impossível atracar, para tristeza de ambas as partes.

506. Continuamos a viagem até Cuba, por sinal com suma felicidade e uma tranqüilidade admirável. As acomodações estavam divididas em duas partes. Do mastro-mor até a popa estava eu com todos os meus companheiros, e do mastro-mor até a proa estavam todas as irmãs. Para que houvesse privacidade foi colocada uma divisória para separar uma parte da outra. Pela manhã, todos os dias nós nos levantávamos no mesmo horário 14 e tínhamos meia hora de oração mental em comum. As irmãs faziam o mesmo em seus aposentos. Terminada a oração mental, eu celebrava a santa missa em um altar improvisado, tanto para os meus companheiros e sacerdotes como para as irmãs. Cada qual participava da mesma sem sair de suas repartições. Para isso abriam-se as portas situadas na linha divisória. Todos comungavam, com exceção de um dos sacerdotes, já marcado para celebrar uma segunda missa em ação de graças. Celebravam-se, pois, diariamente no navio, duas missas: uma eu e outra um dos sacerdotes, que se iam revezando.

507. Concluídas estas primeiras devoções, íamos à cobertura e tomávamos chá. Em seguida cada um estudava o que queria. Às oito horas, nos reuníamos novamente e rezávamos em comunidade as Horas menores e, logo após, tínhamos conferência de moral até as dez horas, momento em que íamos almoçar. Depois do almoço descansávamos um pouco e estudávamos até as três; em seguida rezávamos Vésperas, Completas, Matinas e Laudes e depois havia outra conferência até as cinco, depois do que, íamos jantar. 15 Às oito da noite rezávamos o rosário e demais devoções; tínhamos uma conferência de ascética, tomávamos uma xícara de chá e, em seguida, cada um se dirigia para seu camarote. 16

508. Estas eram as atividades de todos os dias úteis. Em dias de festa celebrávamos a segunda missa numa hora mais apropriada para que a tripulação pudesse participar. Nesses dias, à tarde, havia sermão. Os sacerdotes, por turno, a começar por mim, o provedor, etc., fazíamos a pregação.

509. Chegando ao Golfo das Damas, comecei a pregar uma missão no convés do navio. 17 Todos participaram, confessando e comungando no dia da comunhão geral, tanto os passageiros quanto a tripulação, desde o capitão ao último dos marinheiros. Isto colaborou para que ficássemos cada vez mais amigos, de tal forma que todas as vezes que o navio fazia escala em Santiago, os marinheiros vinham-me visitar. No dia 16 de fevereiro de 1851, desembarcamos sem o menor incidente. Fomos muito bem recebidos, com as maiores demonstrações de alegria e boa vontade. E, no dia seguinte à chegada, fizemos a entrada solene na cidade, conforme os costumes e rituais daquela capital. 18

510. Quinze dias depois de nossa chegada, visitamos a imagem de Nossa Senhora da Caridade na cidade de Cobre, situada a vinte e quatro quilômetros da capital, à qual os habitantes da Ilha dedicam muita devoção. Prova é que a capela é muito rica de donativos que continuamente os devotos de toda parte lhe trazem. 19

511. Regressamos novamente a Santiago, capital da diocese, e iniciei a missão que se prolongou até o dia 25 março. Nesse dia houve comunhão geral. É inexplicável o número de pessoas que vieram, tanto aos sermões como à participação na comunhão. Enquanto eu pregava na catedral, o padre Manuel Vilaró pregava na igreja de São Francisco, maior templo da cidade depois da catedral. Nela, no domingo após a festa da Anunciação, distribuí a comunhão. 20

512. Preguei também retiro espiritual a todo o clero, cônegos, párocos, beneficiários etc., fato que se repetiria a cada ano enquanto eu estive naquela Ilha. E para maior comodidade, reunia-os nas principais cidades da diocese. 21

513. Eu e todos os da minha comunidade também fazíamos esse retiro anualmente; antes dos outros e somente nós, fechados no Palácio e guardando um rigoroso silêncio. Nesses dez dias não recebíamos cartas, nem incumbência de trabalho, não se atendia o público e, como todos sabiam disso, deixavam-nos em paz.

514. Concluídas as missões na cidade principal e encerradas as celebrações da Semana Santa e da Páscoa, aproveitei para distribuir os sacerdotes pela Ilha. Enviei os padres Manuel Subirana e Francisco Coca para a cidade do Cobre, e Paládio Curríus e Estêvão Adoain, capuchinho, ao povo de Caney, a doze quilômetros de Santiago. Este religioso capuchinho apresentou-se logo que cheguei e me auxiliou muito, como direi depois. 22 Os demais foram distribuídos desta maneira: o padre João Lobo, na Provedoria, e na minha ausência como vigário-geral; o padre Felipe Rovira no seminário para ensinar gramática latina aos jovens, e o padre João Pladebella para ensinar teologia moral. Os padres Lourenço San Martí e Antônio Barjau mandei-os à cidade de Porto Príncipe para ensinarem o catecismo até a minha chegada.

515. Quanto a mim, fiquei em Santiago. Dei início à vista pastoral, começando pela catedral e, em seguida, pelas demais paróquias; todos os dias administrava o sacramento da confirmação. Como houvesse muita gente para confirmar e, a fim de evitar confusão, mandei imprimir fichas para isso, repartindo nas paróquias, um dia antes, o número exato de pessoas que poderiam ser confirmadas. 23 Na ficha constava o nome do crismando, dos pais e do padrinho. Assim evitava-se confusão e aglomeração de gente. Com mais tranquilidade e sossego os nomes eram copiados nos livros paroquiais. Assim fazia sempre. Nunca houve confusão em todas as confirmações e certamente não devem ter sido menos que trezentas mil nos seis anos e dois meses que estive naquela Ilha.

516. Além da visita pastoral e das crismas, pregava todos os domingos e festas de guarda do ano. Jamais me omiti de tal função, onde quer que me encontrasse na diocese. 24 Nos primeiros dias de junho, saí de Santiago e fui a Caney para encerrar a missão que os padres

Estêvão e Curríus tinham começado e continuado com grande proveito. Crismei a todos e fiz o encerramento da missão. 25

517. Em seguida dirigi-me à cidade do Cobre, onde estavam pregando missões os padres Manuel Subirana e Francisco Coca. Trabalharam muitíssimo naqueles dias e o fruto foi abundante. Basta dizer que quando chegaram lá, não havia mais do que oito casais legitimados. Ao terminar a missão, o número de legitimações matrimoniais foi de quatrocentas. Permaneci ali alguns dias para ministrar o sacramento da crisma e dar uma colaboração à missão e, ao mesmo tempo, dispensar alguns casos de parentesco, pois o Sumo Pontífice me havia facultado a possibilidade de conceder essa dispensa.

Capítulo II

Perseguições na cidade do Cobre: vicissitudes em Porto Príncipe

518. Foi na cidade do Cobre que começaram os desgostos e as perseguições. 26 Na verdade, o demônio não podia olhar com indiferença a multidão de pessoas que cada dia se convertiam ao Senhor. Além disso, Deus devia permitir alguma tribulação ao lado da grande satisfação que sentíamos diante do bom andamento das coisas. O desgosto começou deste modo: encontrando-me naquele povoado, faltavam alguns casamentos para regularizar. Os interessados não haviam conseguido. Eu, nas melhores das intenções, chamei o comandante do povoado e disse-lhe: O senhor que conhece o povo mais que ninguém, diga-me se as pessoas que constam nesta lista e que vivem mal podem ou não realizar um matrimônio feliz, ou se existe algum impedimento de raça, pois eu quero acertar e não quero fazer coisa alguma que com o tempo acarrete tristeza.

519. O comandante vinha diariamente à minha casa e informava-me sobre os pretendentes. O pároco fixava em público os proclamas, conforme as possibilidades de realizá-los. Certo dia apresentou-se um europeu, natural de Cádiz, que vivia ilegitimamente com uma mulata e com a qual tinha nove filhos. Eu não o vi, mas ouvi que falava com meu secretário e dizia com toda insistência que desejava casar-se com aquela mulher para poder cuidar bem dos filhos que tinha com ela e assim criá-los devidamente. O secretário disse-lhe que falaria comigo sobre o caso e pediu-lhe que voltasse outra hora, pois àquela hora não se encontrava o comandante e nós não possuíamos informações a respeito dele. O assunto parou aí.

520. Naquela mesma noite o comandante mandou um ofício ao pároco, dizendo-lhe que soube que ele realizava casamentos de pessoas de classes distintas, aludindo ao mencionado europeu. O pároco veio a mim com o ofício, o que me deixou muito admirado. Chamei o comandante e lhe perguntei como agira daquela maneira, pois a atitude não era contra o pároco e sim contra mim e que aquele ofício não só contrariava a verdade, como também a cortesia. Mostrei-lhe como sempre procedera com a devida consideração, não permitindo que se fizessem proclamas de quem quer que fosse sem antes falar com ele, a fim de evitar choques e aborrecimentos. No entanto, agora vinha ele com essa inexatidão caluniosa. E como no mesmo ofício dizia que daria queixa ao comandante-geral de Cuba, perguntei-lhe se realmente havia dado queixa, a fim de prevenir-me para os primeiros passos; respondeu-me ele, então, com outra falsidade, dizendo que não. Eis que o comandante-geral, sem nada mais saber além do que lhe havia informado o comandante da cidade do Cobre e, mal

aconselhado pelo secretário do governo, começou a fazer as diligências mais furibundas, das quais resultaram muitíssimas contestações e grandes desgostos. 27

521. Não obstante, com a ajuda do Senhor, o fruto que se colhia era muito grande. Enquanto despachava em Cobre, o general Lemery, que ocupava o cargo de comandante-geral do departamento do centro na cidade de Porto Príncipe, 28 escreveu-me encarecendo que fosse, o mais breve possível, até lá, pois convinha apaziguar os ânimos que estavam muito exaltados. Ao mesmo tempo em que o general do centro chamava-me com urgência, o capitão-geral de Havana, José de la Concha, 29 escrevia-me que não fosse, porque eu com meus pedidos de clemência, o impediria de praticar justiça e fazer as punições indispensáveis. Eu lhe respondi, informando-o da insistência do general do centro; então ele aquiesceu que eu fosse para lá.

522. Fui a Porto Príncipe nos últimos dias de julho do mesmo ano. 30 Como todos da cidade estavam, ou contaminados e comprometidos com a Revolução de Narciso López, 31 ou amotinados ao norte contra os europeus, por isso receberam-me com muita prevenção. Iniciei a missão. Muitos vinham ver se eu falaria das revoltas políticas em que estava mergulhada toda a ilha de Cuba e, mais particularmente, a cidade de Porto Príncipe. Observando que eu jamais falava uma palavra de política, nem em público, nem no confessionário, nem em particular, aquilo lhes chamou muitíssimo a atenção e lhes inspirou confiança.

523. Justamente naqueles dias, quatro revolucionários, filhos da mesma cidade, foram surpreendidos pelas tropas com armas nas mãos, e condenados à morte. Tamanha era a confiança que em mim depositavam os réus e seus familiares que me chamaram para que fosse ao cárcere confessá-los. Fui e confessei-os. 32 A confiança em mim depositada foi crescendo muito. Propuseram-me que entrasse em entendimento com o general, a fim de que os envolvidos em armas as deixassem e voltassem dissimuladamente para as suas casas, sem que se lhes dissesse nada e sem que constassem seus nomes. Consegui isso do general, e assim toda aquela sublevação acabou. Desfeita a provisão de armas, munições e dinheiro, a paz voltou a reinar. Após dois anos, os americanos do norte fizeram outra tentativa, mas não encontrou eco como a anterior. Fizeram ainda uma terceira, sem resultado algum.

524. Durante a minha permanência, ocorreram três tentativas contra a Ilha. A primeira foi muito forte e a desfiz completamente com a ajuda do Senhor. A segunda foi menor. 33 A terceira foi nula. 34 Assim, os inimigos da Espanha viam-me com maus olhos. Diziam que o arcebispo de Santiago causava mais prejuízo do que todo o exército, e afirmavam que, enquanto eu estivesse na Ilha, seus planos não poderiam ter resultados. Por causa disso tentaram tirar-me a vida. 35

Capítulo III

Missões em Porto Príncipe, Manzanillo, São Frutuoso e Bayamo

525. Ao chegar a Porto Príncipe, a primeira coisa que fiz foi pregar exercícios espirituais ao clero. Para que as paróquias não ficassem desprovidas, dividi os padres em duas turmas. Aluguei uma casa grande. Na mesma casa em que vivia, reuni vinte na primeira turma e, na segunda, dezenove sacerdotes. Conviviam comigo dia e noite. O tempo foi distribuído com

leituras, meditações, recitação do Ofício divino e reflexões que eu dirigia. Todos fizeram sua confissão geral, escreveram seu plano de vida e tudo se acertou. 36

526. Depois do clero, dirigi-me ao povo. A missão realizou-se em três diferentes pontos para facilitar a participação, pois a cidade tem mais de uma légua de comprimento. Dispus que os padres Lourenço San Martí e Antônio Barjau fizessem a missão na igreja de Nossa Senhora da Caridade, situada em um dos extremos da cidade; na igreja de Sant'Ana, situada no extremo oposto, estava o padre Manuel Vilaró; eu me encarreguei da missão do centro, na igreja de Nossa Senhora das Mercês, a maior da cidade. Essa missão durou dois meses: agosto e setembro. É inexplicável o fruto realizado por Deus. Visitei as seis paróquias da cidade e as outras igrejas.

527. De Porto Príncipe, desloquei-me para Nuevitas, 37 onde pregamos missão em Bagá, São Miguel e São Jerônimo e logo regressamos a Porto Príncipe para as festas do Natal. Cantamos Matinas e a Missa do Galo com toda a solenidade na igreja da Soledade. O padre Antônio Barjau adoeceu de febre amarela. Chegou muito mal, mas recuperou-se perfeitamente, graças a Deus. 38 Continuamos a missionar e crismar até a semana da Paixão. Percorrendo paróquia por paróquia, chegamos a Santiago de Cuba. Realizamos todas as funções da Semana Santa com grande solenidade, ensaiando bem antes com todos os sacerdotes que tomariam parte na consagração dos santos óleos e demais celebrações. 39

528. Nos últimos dias de abril saí de Santiago e fui para a cidade de Manzanillo, juntamente com dois sacerdotes. Os demais seguiam pregando missões em diferentes pontos. Em Manzanillo comecei no mês de maio. 40 Diariamente pregava, com grande afluência de povo. Sem saber como, pregando, escapavam-me da boca palavras que prediziam a ocorrência próxima de grandes terremotos. 41 De Manzanillo passamos à paróquia de São Frutuoso. Em todos os lugares, fazia sempre o mesmo: confessava, pregava, confirmava e ministrava o sacramento do matrimônio. De lá, passamos para a cidade de Bayamo. Iniciei a missão fazendo o mesmo que em outras localidades. Preguei exercícios ao clero. Pregava diariamente, confessava; crismei até o dia 20 de agosto de 1852. Às dez da manhã, estava na capela do Sacramento ou das Dores, quando senti o terremoto, que se foi repetindo todos os dias. 42

Capítulo IV

Os tremores em Santiago de Cuba

529. Horrendos foram os estragos que os tremores de terra causaram em Cuba. Todo o povo se apavorou. O senhor Provedor 43 disse-me que era conveniente que eu fosse a Santiago. 44 Deixei a missão de Bayamo e fui a Santiago. Fiquei espantado ao ver tantas ruínas. Mal se podia transitar pelas ruas devido aos escombros. A catedral estava completamente danificada. Para se ter uma idéia dos abalos que aquele templo sofreu, limito-me a dizer que em cada ângulo do frontispício da catedral há duas torres iguais. Em uma delas está o relógio e na outra, os sinos. As torres têm quatro cantos e no último deles está um vaso como ornato. Pois bem, com as sacudidas, um desses vasos se desprende e entrou por uma das janelas do campanário. Imagine que curva não deve ter descrito aquele vaso para enfiar-se pela janela adentro! O Palácio ficou em ruínas. Com as demais igrejas, aconteceu mais ou menos o

mesmo. Por isso, nas praças ergueram-se capelas onde se celebrava a missa, administravam-se os sacramentos e se pregava. Todas as casas, algumas mais outras menos, sofreram as conseqüências do terremoto.

530. Quem não experimentou o que são os grandes tremores, não pode fazer idéia deles. Não consistem somente na oscilação ou ondulação da terra e deslocamento dos móveis da casa, de um lado para outro. É mais que isso, mais que a experiência dos navegadores no navio em dia de mar agitado. Mas, não é só isso. Há algo mais num terremoto.

531. Observando os camelos e demais quadrúpedes, eles são os primeiros que o pressentem; ficam hirtos, dali não saindo nem mesmo a poder de chicotadas e riscos de esporas. A seguir, observa-se como as aves: galinhas, perus, pombos, periquitos, dão gritos, grasnidos, chilros, sinais de grande espanto. Ouve-se depois um grande estrondo subterrâneo e, logo tudo balança. Ouvem-se os estalos da madeira, portas, paredes; e começam a cair partes dos edifícios; mas o que mais impressiona são as faíscas elétricas em meio a tudo isso. Vê-se nos escritórios que o ímã em contato com o ferro, na hora do tremor, sede compõe completamente.

532. Além disso, cada um sente os efeitos em si mesmo. Todas as pessoas, no momento do estrondo, gritam com voz espantosa e espavorida: Misericórdia! E, por instinto de conservação, põem-se acorrer para algum pátio, praça ou rua, pois ninguém se sente seguro em sua própria casa. Assim que cessa o ruído, todos param, calam-se e se olham como bobos e se lhes assoma uma lágrima nos olhos. É inexplicável o que se passa. Em meio a esta multiplicidade de sobressaltos, presenciamos em Santiago um fato muito grato e surpreendente. Todos os enfermos de casas particulares e hospitais civis e militares, todos enrolados em cobertores, se levantaram, saíram de seus aposentos, como os demais, e disseram que se encontravam curados e que por nada voltariam às suas camas.

533. Restaram muitas ruínas; tivemos que lamentar algumas desgraças pessoais. Um número muito grande de pessoas referiam os prodígios da misericórdia de Deus. Muitos saíram miraculosamente ilesos, embora tivessem sofrido com a destruição de suas casas e elevadas despesas para reconstruí-las. A mim a reparação da catedral custou 24 mil duros; o colégio ou seminário, 7 mil; o palácio, 5 mil. 45

Capítulo V

O cólera na diocese de Cuba

534. Os tremores duraram de 20 de agosto até os últimos dias de dezembro, com breves interrupções. Por outro lado, havia dias em que se sentiam até cinco tremores. Todos os cônegos e demais sacerdotes, em prece e em procissão, fomos à avenida da praia onde foi erguida uma capela de tábuas, coberta com um grande toldo. Pela manhã participavam as autoridades e o povo da cidade. 46

535. Além das ladainhas cantava-se uma missa de intercessão. À tarde, além do rosário e preces, preguei uma missão exortando à penitência, dizendo-lhes que Deus havia feito o mesmo que a mãe faz com um filho dorminhoco: balança a cama para que acorde e se levante

e, se isto não basta, castiga-lhe o corpo. O mesmo faz Deus com os filhos que são pecadores empedernidos. Agora moveu-lhes o catre, a cama, a casa e, se ainda não despertam, passará a castigá-los no corpo com a peste ou o cólera, pois Deus concedeu-me conhecer tudo isto. Alguns ouvintes não aceitaram as minhas palavras e murmuraram contra mim. Mas eis que, passado apenas um mês, manifestou-se o cólera morbo de um modo espantoso. Em certas ruas, no espaço de menos de dois dias, morreram todos os seus moradores. 47

536. Um grande número de pessoas, que não se tinha confessado durante a missão, confessou-se por causa dos tremores e da peste. A verdade é que existem alguns pecadores que são como nogueiras; pois só dão frutos quando seu tronco leva pauladas. Não posso senão bendizer ao Senhor e continuamente dar-lhe graças por ter enviado a peste em hora tão oportuna, pois compreendi de forma evidente e clara que ela era um efeito de sua adorável misericórdia: por causa da peste, muitos se confessaram para morrer e não o haviam feito na missão; outros que na missão se haviam convertido e confessado bem, se teriam outra vez precipitado nos mesmos pecados; assim Deus levou-os naquela peste e estão no céu. Se não fosse pela peste, teriam recaído e morrido em pecado e se teriam condenado. Bendita e louvada seja a bondade e misericórdia de Deus, nosso bom Pai de toda clemência e de toda consolação. 48

537. Durante a peste ou cólera, todo o clero se portou muito bem, dia e noite. Juntamente com todos os sacerdotes estávamos sempre entre os enfermos, socorrendo-os espiritual e corporalmente. Somente um morreu, vítima da caridade, o pároco da cidade do Cobre. Sentia-se já um pouco atacado, mas com a medicação tinha esperanças de se curar. Estava acamado. Avisaram-no para atender a um enfermo, ele respondeu: “Se for, sei perfeitamente que morrerei, porque se agravará o meu mal; mas como aqui não há outro sacerdote, irei. Prefiro morrer a deixar de atender a um enfermo que me chama”. Foi; ao voltar, deitou-se na cama e morreu. 49

Capítulo VI

Viagem a Baracoa, Mayarí e Santiago. Resultado da primeira visita

538. Não obstante os tremores e o cólera, nos dois primeiros anos, visitamos todas as paróquias do arcebispado, pregando missões, tanto eu como meus companheiros. E pregamos em muitas paróquias rurais de grande extensão. Em cada duas ou três léguas fazia-se uma missão em algum barracão de tabaco, que consiste numa grande cobertura. Ali se montava um altar e um púlpito e, com cadeiras, armavam-se confessionários, com grades que levávamos para isso.

539. Naqueles dois primeiros anos choveu muitíssimo. Em uma ocasião choveu durante nove meses sem falhar um só dia. Houve ocasião em que choveu dia e noite sem parar, de modo que tínhamos dificuldade para viajar; mas, apesar disso, eu e meus companheiros não deixávamos de ir, e o povo estava sempre presente, contente e alegre, e, às vezes, nem tínhamos o necessário para a sobrevivência.

540. Lembro-me de que no segundo ano em que nos achávamos naquelas terras, desejei ir por terra à cidade de Baracoa, já que por mar não houve condições. Fui com meus

companheiros. 50 Acompanhou-nos um empregado que levava comida, porque os lugares eram despovoados e as poucas pessoas que por aquela região existiam, tinham abandonado o local por causa do cólera. O bom do empregado ficou para trás, pois o animal não podia caminhar. Chegamos muito tarde da noite a uma casa; nela nada mais encontramos que uma bolacha de soldados, pequena e dura; repartimo-la em quatro pedaços, um para cada sacerdote. 51 No dia seguinte, em jejum, tivemos de percorrer o pior caminho que jamais havia andado em minha vida.

541. Tivemos de passar trinta e cinco vezes o rio chamado Jojó; pelo fato de correr entre duas altas montanhas, quando dá passagem por um lugar, não a dá pelo outro. Depois do rio, tivemos de subir às altas montanhas, chamadas “Cuchillas de Baracoa”, nome perfeitamente adequado, pois têm a forma de lâmina. Por cima do corte ou do ponto mais elevado, passa o caminho. Quando se passa por ele, há trechos que se faz soar um caracol marinho, para que não haja encontro do que vai com o que vem. Caso contrário, o cavalo de um ou do outro teria de rolar para baixo, pois o caminho é tão estreito que o cavalo não tem como dar volta para trás. E são tão altas as montanhas, que se vê o mar dos dois lados da ilha, pois se situam no meio da ilha, além disso, possuem uma extensão de umas quatro léguas. Depois de cruzarmos o rio, em jejum, tivemos de subir por essas montanhas. A descida é tão íngreme, que eu resvalei e caí duas vezes, embora não me tenha machucado muito, graças a Deus. 52

542. Ao meio-dia, chegamos a uma casa de campo, onde pudemos comer e, à tarde, chegamos felizmente à cidade de Baracoa, justamente o ponto da ilha onde o descobridor Colombo pôs os pés ao chegar à terra. Conserva-se ainda a cruz que levantou ao chegar. Havia sessenta anos que nenhum prelado visitava a cidade, e conseqüentemente, não fora ministrado o sacramento da confirmação. 53 Quando cheguei, dois companheiros meus já haviam pregado a missão. Não obstante, preguei todos os dias em que lá permaneci, ministrei o sacramento da crisma a todos, visitei-a; passei depois à paróquia de Guantánamo e também a de Mayarí. Estas duas paróquias foram missionadas pelos meus companheiros e fiz o mesmo que em Baracoa.

543. De Mayarí voltamos para Santiago, a capital, distante quarenta léguas. Como o caminho é ermo, tivemos de levar comida. Saímos segunda-feira santa. Levamos uma sopa de bacalhau com grão-de-bico e batatas, e uma panela de barro. Depois de muito caminhar, decidimos comer. Paramos. Acendemos o fogo e, para proteger-nos do vento, encostamos a um tronco de uma grande árvore de mogno. Todos íamos por lenha. O calor do fogo foi tão intenso que a panela estourou. Procuramos uma palmeira-real, pois naquela mata havia muitas, para dela tirar uma folha chamada “yágua”, (as yáguas são folhas grandes que caem das palmeiras-reais, como peles de carneiro). Numa yágua despejamos a sopa, porque a panela se havia quebrado, devido ao excesso de calor do fogo. Acontece que não tínhamos nem colher nem garfo. Apanhamos então uma cabaça, com a qual tomamos nossa sopa. Tivemos sede e, para beber, apanhamos outra folha de yágua, atamos as pontas, formando assim um recipiente que enchemos de água. Todos bebemos abundantemente. Todos estávamos tão contentes e alegres que era uma maravilha. No dia seguinte chegamos a Santiago para celebraras funções da Semana santa, que sempre celebrei todos os anos.

544. Nos primeiros anos, tivemos os tremores e o cólera, como já disse. Não obstante as dificuldades, eu e meus companheiros realizamos missões em todas as paróquias do

arcebispado. Em todas realizei a visita pastoral, ministrei o sacramento do crisma durante quantos dias fossem necessários para que ninguém ficasse sem o sacramento. 54 Casavam-se ou se separavam os que viviam maritalmente. A todos distribuíamos livros, santinhos, medalhas, terços; e todos ficavam muito contentes e nós também.

545. Durante a primeira visita e missão, tivemos o cuidado de contar o que distribuíamos. Só em livros distribuimos 98.217, que dávamos de graça ou trocávamos por outros considerados nocivos. Foram muitos os livros que destruimos. Além disto, distribuimos 89.500 estampas, 20.663 terços, 8.931 medalhas. Depois da primeira visita já não se anotava o que era distribuído, por ser muitíssimo o que mandava vir da Península, da França e de outros lugares. Tudo era distribuído dentro e fora da diocese. Que tudo seja para a maior glória de Deus e salvação dos homens que Jesus Cristo redimiu.

546. Escrevi muitas circulares durante o tempo em que permaneci à frente da diocese. Não quis escrever nem uma carta pastoral antes de ter visitado primeiro toda a diocese e constatado a realidade, para que as palavras não fossem atiradas ao vento, mas aproveitadas verdadeiramente.

547. A primeira carta pastoral que escrevi e assinei foi no dia 20 de setembro de 1852. Foi dirigida ao clero. Essa mesma carta foi reimpressa 55, com os seguintes acréscimos: 1. Sobre o hábito clerical. 2. Deveres dos vigários episcopais. 3. Deveres dos párocos e demais sacerdotes. 4. Determinações para sacerdotes e coadjutores. 5. Método de vida. 6. Sobre as capelanias. 7. Sobre os matrimônios. 8. Sobre dispensas matrimoniais.

548. Além disso, escrevi sete apêndices: 1. Sobre ornamentos e livros paroquiais; 2. Sobre o cemitério; 3. Sobre formulários; 4. Sobre a elaboração dos orçamentos paroquiais; 5. Sobre as conferências; 6. Sobre a Irmandade da Doutrina Cristã; 7. Sobre a maneira de evitar os escândalos. 56

549. A segunda carta pastoral dirigida ao povo, com data de 25 de março de 1853, recorda o que havíamos ensinado nas missões e na visita pastoral. 57 A terceira foi contra maus livros que um navio havia trazido para a Ilha. 58 A quarta, foi um convite à oração para obter a definição dogmática da Imaculada Conceição de Maria. 59 A quinta, foi por motivo da declaração do dogma da Imaculada Conceição de Maria. Esta carta foi impressa e reimpressa em Cuba, Barcelona e Paris. 60 Tudo seja para maior glória de Deus, de Maria santíssima e para o bem das almas, como tem sido sempre minha intenção.

Capítulo VII

Disposições para o bem da diocese

550. Se é verdade que nos dois primeiros anos foram visitadas e missionadas todas as paróquias da diocese, depois as visitas e missões continuaram. Como manda o sagrado concílio de Trento, que a cada ano ou dois se faça visita, eu em seis anos e dois meses visitei quatro vezes cada paróquia. 61

551. Na minha gestão, revisei e melhorei os vencimentos do clero, tanto da catedral como das paróquias. A cota deles aumentou, a minha diminuiu. Antes o arcebispo de Cuba recebia 30 mil duros e a quarta parte das arrecadações das funções paroquiais, que somava 6 mil. No meu tempo este valor ficou reduzido a 18 mil duros, sem a quarta parte das arrecadações. 62

552. Os vigários recebiam uma mesquinharia. Só como exemplo: os quatro de Santiago recebiam trinta e três duros, mais as ofertas da igreja, das quais tinham que dar a metade ao prelado e ao que era chamado sacristão, que nada fazia. No meu tempo, estabeleceu-se que, nas paróquias menores, os párocos, no começo, receberiam 700 duros, os de meia carreira 1,2 mil, e os de fim de carreira 2 mil. Para os gastos do culto: 200 duros para os iniciantes, 400 para os de meia carreira, e 700 para os de fim de carreira. Também os cônegos tiveram seus ordenados aumentados. Foi reformada uma capela, muito bem provida e montada, com a finalidade de acolher bons músicos e organistas, vindos da Península; nela se realizavam celebrações brilhantes.

553. Tanto os cônegos como os párocos e demais sacerdotes eram convidados a fazer anualmente dez dias de exercícios espirituais. Fiz-lhes vestir sempre o hábito talar. Determinei por um edito; o que faltasse teria uma multa de dez duros. Somente um faltou. Fiz com que comparecesse vestido de leigo e exigi que pagasse a multa e como foi visto em casa suspeita de mulheres, cancelei as licenças e o deixei em reclusão. A um cônego e prebendado que reincidiu na falta depois de ter sido avisado, tirei-lhe parte de suas rendas, segundo disposição do Concílio de Trento. Quando algum sacerdote caía em alguma fragilidade, exigia que fizesse retiro espiritual e, se via que de fato se havia emendado, tirava-o do local e o enviava a outro ponto bem distante, a fim de afastá-lo do perigo.

554. Instituí as Conferências em todos os povoados, três cada semana: uma sobre rubricas e duas sobre moral. Eu sempre as presidia. A primeira de cada mês era uma conferência para o dia de retiro, que consistia num tempo de leitura, oração e pregação.

555. Reestruturei o Seminário Conciliar. Há mais de trinta anos que não se ordenava nenhum seminarista interno. Todos começavam a carreira dizendo que tinham vocação. Instruíam-se às custas dos seminários, no último ano diziam não ter vocação para o sacerdócio e graduavam-se em Direito. Em Santiago existe um exame de advogados formados às custas do seminário, e os poucos párocos vinham de fora. 63

556. Com a ajuda de Deus, a situação mudou completamente. Nomeei como reitor o padre Antônio Barjau, sacerdote dotado de zelo para educar crianças e jovens. Este bom sacerdote, com suas boas maneiras e, tendo ele mesmo boa formação, educava bem os candidatos, religiosa e cientificamente. Deste modo progrediram, tanto nas virtudes como nas ciências. Muitos se ordenaram e outros ainda se preparam.

557. Como necessitava logo de sacerdotes, e o seminário não podia oferecê-los senão após longos anos, recorri ao seguinte recurso: convidei estudantes da Catalunha em final de curso, para que o concluíssem em Santiago, e se ordenavam com o estipêndio de sacristão. Eles colocavam-se à disposição dos párocos e depois tornavam-se candidatos a pároco. Foram ordenados por mim trinta e seis.

558. Juntamente com o provedor, acabamos com muitos e gravíssimos abusos existentes nas capelanias. Estas, que eram de direito devoluto, eu procurava dá-las a bons seminaristas do lugar, que eram internos e davam esperança de que, com o tempo, seriam bons párocos.

559. Aumentei o número de paróquias e determinei que os párocos ensinassem a doutrina cristã e que em todos os domingos fizessem pregação ou leitura ao povo. 64

560. Implantei a Irmandade da Doutrina Cristã e, desde que nos instalamos na Ilha, todos os estudantes tinham de ensinar a doutrina, distribuídos pelas diversas igrejas. Aos domingos fazíamos procissão com as crianças. Parávamos na frente das igrejas. Nos átrios ou nas praças dispunham-se duas mesas, os meninos, de dois em dois, subiam nelas e, em voz alta e clara, se faziam perguntas mutuamente. E o povo que se aglomerava, motivado pela novidade, aprendia a doutrina de que tanto necessitava. 65 Visitava sempre e em todos os povoados as escolas primárias, as escolas de meninos e de meninas e instruía os professores e alunos.

561. Abri um Convento de Monjas do Ensino para a educação das meninas. Adquiri para elas uma casa que custou cerca de doze mil duros. 66

562. Com ajuda do Senhor, cuidei dos pobres. Toda segunda-feira do ano, durante toda a minha permanência na Ilha, reunia todos os pobres da povoação em que me encontrava. Como às vezes são mais pobres de alma que de corpo, dava uma peseta a cada um, depois de eu mesmo lhes ensinar a doutrina cristã. Sempre, após o ensino do catecismo, fazia uma exortação para que participassem dos santos sacramentos da confissão e eucaristia. Muitíssimos se confessavam comigo, porque conheciam o amor que lhes dedicava. Realmente, o Senhor deu-me um amor entranhável pelos pobres. 67

563. Para os pobres, comprei uma fazenda na cidade de Porto Príncipe. Quando saí da Ilha, havia gastado vinte e cinco mil duros de minhas próprias economias. 68 O presbítero Palácio Currús, que recebera do Senhor um dom especial para isso, dirigia a obra de construção da casa. Ele comia e dormia na mesma fazenda, junto com os trabalhadores, a fim de melhor coordenar as atividades.

564. O plano da obra era recolher meninos e meninas pobres, muitas dos quais vivem perambulando pelas ruas a pedir esmola. Ali recebiam comida e roupa, teriam aulas de religião, aprenderiam a ler e escrever, etc., e uma arte ou ofício que quisessem. Uma hora diária era dedicada ao trabalho na fazenda para produção de alimentos e a própria manutenção. Todo o excedente que ganhassem devia ser colocado na caixa de poupança. De modo que, quando saíssem daquela casa, além da instrução e aprendizagem de algum ofício ou arte, receberiam o que tivessem ganhado.

565. A casa era dividida em dois grandes pavilhões: um para as meninas e outro para os meninos; a capela ficava no meio. Nas funções religiosas, os meninos ficavam no centro da capela, e as meninas ocupavam as tribunas ao lado. Assim ficavam completamente separados. A casa tinha dois andares, no primeiro estavam as oficinas e, no segundo, os dormitórios, etc.

566. Na parte da frente do estabelecimento ou casa, no pavilhão dos meninos, haveria um pequeno laboratório de física e química, instrumentos de agricultura e uma biblioteca. Esta

seria aberta ao público duas horas pela manhã e duas à tarde. Três dias por semana, as aulas de agricultura poderiam ser franqueadas por todos que se interessassem. O restante era reservado aos internos.

567. Mandeí cercar e amurar toda a extensão da fazenda. Depois dividi o terreno em quadras diferentes; tanto ao redor como nas linhas divisórias das quadras, mandei plantar árvores nativas e vindas de fora e que lá pudessem aclimatar-se e ser utilizadas, formando uma espécie de jardim botânico; eram identificadas por números registrados num livro em que explicava a natureza de cada uma, sua procedência, sua utilidade, o modo de ser propagada e de ser melhorada, etc., etc. Para tanto, eu pessoalmente, com minhas próprias mãos, plantei mais de 400 laranjeiras que cresciam admiravelmente. Na fazenda haveria um lugar destinado aos animais da Ilha e de fora, cujas raças podiam ser utilizadas e melhoradas. 69

568. Enquanto a obra ia-se desenvolvendo, escrevi um pequeno livro intitulado Delícias do Campo, que contém, em embrião, o projeto da Casa de Beneficência começada. A pequena obra Delícias do Campo, tem sido de grande utilidade na Ilha, pois os donos das fazendas a entregavam aos administradores e pediam que se instruissem por ela. 70 Os generais de Havana e de Santiago, incentivadores da prosperidade no país, eram os que mais divulgaram a obra. O general Vargas, que então vivia em Santiago e atualmente está em Porto Rico, fez nova edição para Porto Rico e Santo Domingo. 71

569. Criei também na diocese a Caixa Econômica, cuja regulamentação e aprovação estão na mesma obra, para auxiliar as necessidades dos pobres, porque percebi que os pobres, quando são bem orientados e se lhes proporciona um modo digno de ganhar a vida, são pessoas honradas e virtuosas; caso contrário, se aviltam. Por isso eu me empenhava por cultivar tanto o espiritual como o corporal. Assim, com a ajuda de Deus, tudo me saiu muito bem. Que tudo seja para a glória de Deus. 72

570. Visitava também os presos dos cárceres, catequizava-os, pregava-lhes a palavra de Deus com muita freqüência. Dava a cada um uma peseta, pois assim me ouviam com prazer e atenção.

571. Com a mesma freqüência, visitava os enfermos pobres do hospital, dava-lhes alguma ajuda, particularmente quando recebiam alta e enquanto se restabeleciam. Eu era o presidente da Junta dos Amigos do País. Nós nos reuníamos no palácio para tratar dos assuntos em prol do desenvolvimento da Ilha. Procurávamos empregos para os rapazes pobres. Cuidávamos para que no cárcere os presos recebessem alfabetização, religião e alguma profissão. No presídio, tínhamos um bom número de oficinas. A experiência nos ensinava que muitos se entregavam ao crime porque não tinham nenhuma profissão nem sabiam como conseguir honestamente a sua subsistência.

572. Facilitei a regulamentação dos matrimônios aos pobres e daqueles que não dispunham dos documentos de batismo, a fim de acabar com os concubinatos. Opus-me aos raptos e aos matrimônios entre parentes. Só os aceitava e dispensava quando não havia outra solução, pois via o resultado mau que produziam semelhantes uniões. 73

Capítulo VIII

Ferimento e cura no atentado 74

573. Encontrava-me em Porto Príncipe, realizando a quarta visita pastoral. Era o quinto ano de minha permanência naquela Ilha. 75 Terminada a visita às paróquias da cidade, dirigi-me a Gibara, passando por Nuevitas que também visitei de passagem. De Gibara, porto do mar, dirigi-me à cidade de Holguín. Havia dias que me sentia muito fervoroso e desejoso de morrer por Jesus Cristo. Não sabia falar de outra coisa a não ser do divino amor, tanto com meus irmãos de comunidade como com os de fora que me visitavam. Tinha fome e sede de sofrer dificuldades e derramar meu sangue por Jesus e Maria. Dizia no púlpito que desejava confirmar com o sangue as verdades que pregava.

574. No dia primeiro de fevereiro de 1856, 76 tendo chegado à cidade de Holguín, iniciei a santa visita pastoral. Sendo véspera da festa da purificação da santíssima virgem Maria, preguei sobre este adorável mistério, fazendo ver aos ouvintes o grande amor que a santíssima virgem nos manifestou ao oferecer seu Filho Santíssimo à paixão e morte por todos nós. As coisas que eu disse e como as disse, não sei. Diziam-me, porém, que nunca fora tão feliz assim. O sermão durou uma hora e meia.

575. Desci do púlpito vibrando de fervor. Terminada a função, saímos da igreja em direção à casa aonde iria dormir. Acompanhavam-me quatro sacerdotes, 77 meu acompanhante Inácio, 78 um sacristão, com uma lanterna para iluminar o caminho, pois a noite estava escura e eram oito e meia da noite. Saíramos da igreja e já estávamos numa rua larga e espaçosa. Nos dois lados da rua havia muita gente, todos me saudavam. Aproximou-se de mim um homem, como que desejando beijar-me o anel. Inesperadamente, porém, estendeu o braço empunhando uma navalha de barbear e desfechou um golpe com toda a sua força. Como, porém, eu estivesse com a cabeça inclinada e, na mão direita um lenço com o qual tapava a boca, em lugar de cortar-me o pescoço, como tencionava, fez-me um corte no rosto, na face esquerda, desde a frente até a orelha, onde começa a barba e, na pressa, agarrou-me e feriu-me o braço direito com o qual tapava a boca. 79

576. Por onde passou a navalha, a carne abriu-se até fender o osso dos maxilares superior e inferior. O sangue escorria por dentro e por fora da boca. Imediatamente, segurei a bochecha para conter o jorro de sangue e, com a mão esquerda, apertava a ferida do braço direito. Felizmente, perto do local havia uma farmácia, e eu disse: Entremos aqui, pois teremos mais à mão os remédios. 80 Como os médicos da cidade e do regimento tinham assistido ao sermão e saíam da igreja com o povo, logo souberam do acontecido, acudiram-me imediatamente. Ficaram espantados ao ver um bispo todo ensangüentado, vestido de capa e peitoral, pois, além de bispo, era amigo e, como tal, me estimavam e me queriam muito bem. Olhando-me, ficaram tão estupefatos que eu tive de animá-los e dizer-lhes o que tinham que fazer; eu mesmo estava tranqüilo e sereno. Os médicos disseram que o sangue saído pelos cortes equivaleria a quatro libras e meia. Devido à forte hemorragia, sofri um pequeno desmaio. Logo tornei a mim, assim que me deram vinagre para cheirar.

577. Feitos os primeiros curativos, levaram-me em uma maca para casa onde estava hospedado. 81 Não sei como explicar o prazer e a alegria que minha alma sentia por ter alcançado o que tanto desejava: derramar o meu sangue por amor de Jesus e de Maria e poder

selar com o sangue das minhas veias as verdades evangélicas. Sentia mais intensa alegria em mim ao pensar que isto era uma amostra daquilo que com o tempo alcançaria: derramar todo o sangue e consumir o sacrifício com a própria morte. Parecia-me que estas feridas eram como que a circuncisão de Jesus e depois, com o tempo, teria a ditosa e incomparável sorte de morrer, ou na cruz em um patíbulo, ferido por um punhal de assassino, ou coisa semelhante.

578. A alegria e gozo duraram todo o tempo em que estive acamado. Alegrava a todos os que me visitavam. 82. Aos poucos essa alegria foi passando, à medida que as feridas cicatrizavam. 83

579. Na cura das feridas, aconteceram três coisas prodigiosas que consignarei aqui brevemente. A primeira foi a cura instantânea de uma fístula, que os médicos me tinham dito que duraria. Com o ferimento romperam-se completamente os ductos das glândulas salivares, de modo que a saliva, líquida como a água, escoava por um orifício no meio da cicatriz da face, próximo à orelha. Os médicos pensavam fazer uma cirurgia dolorosa e pouco vantajosa. Tendo deixado para o dia seguinte, encomendei-me à santíssima virgem Maria e me ofereci e resignei-me à vontade de Deus e, no mesmo instante, fiquei curado. De maneira que, no dia seguinte, quando os médicos viram o prodígio, ficaram assombrados.

580. O segundo prodígio foi que da cicatriz do braço direito apareceu como que uma imagem, em relevo, de Nossa Senhora das Dores, de meio corpo e, além do relevo, tinha cores branca e roxa. Nos primeiros anos podia ser vista perfeitamente, de modo a constituir-se motivo de admiração por parte dos amigos que a viram. Aos poucos, porém, foi se apagando e agora pouco se percebe.

581. O terceiro foi o pensamento de fundar a Academia de São Miguel, ainda nos primeiros dias em que me achava acamado. Logo que me levantei, comecei a desenhar a estampa e a escrever o regulamento, atualmente aprovado pelo governo, com estatuto real, além de elogiado e recomendado pelo sumo pontífice Pio IX.

582. A rainha e o rei foram os primeiros a se filiarem. Depois, muitos aderiram em Madri e nas principais povoações da Espanha, e é incalculável o bem que fazem. Que tudo seja para a maior glória de Deus e o bem das almas. 84

583. O agressor foi detido no ato da agressão. Foi aberto contra ele um processo e o juiz deu sentença de morte. 85 Em meu depoimento, no entanto, disse que como cristão, sacerdote e arcebispo, o perdoava. Logo que o capitão-geral de Havana, José de la Concha, tomou conhecimento, fez uma viagem expressamente para me visitar. Supliquei que lhe fosse dado o indulto e que o tirassem da Ilha para que ninguém o linchasse, como se temia, por ter-me agredido; tal era a dor e a indignação do povo ao ver-me ferido e, ao mesmo tempo, criou-se um sentimento de vingança pelo fato de que no seu país se houvessem ferido o seu bispo.

584. Ofereci-me para pagar-lhe a passagem a fim de que voltasse à sua terra, à Ilha de Tenerife, nas Canárias. Ele se chamava Antônio Pérez. 86 Era o mesmo que no ano anterior havia tirado da prisão, sem conhecê-lo, simplesmente atendendo a um apelo dos seus parentes. Na época supliquei às autoridades que o soltassem, as quais aquiesceram e o

soltaram. No ano seguinte, fez o favor de agredir-me. Digo favor porque tenho na conta de grande favor o que o céu me fez. Disso estou sumamente agradecido e continuamente louvo a Deus e a Maria Santíssima.

Capítulo IX

Chamado a Madri

585. Jesus disse aos que iam prendê-lo, no horto: *Haec est hora vestra et potestas tenebrarum* (esta é a vossa hora e o poder das trevas). 87 O mesmo deveria dizer eu, pois aquela era a hora em que Deus dava permissão aos maus e aos demônios para que me ferissem. No instante em que fui ferido, vi o próprio demônio que o ajudava e dava forças para desferir o golpe. Ocorreu-me a idéia sobre aquelas palavras que dizemos Cânones: *Si quis suadente diabolo*. 88 Pensei: Este infeliz homem, *cooperante diabolo* (com a cooperação do diabo), põe suas mãos violentas sobre tua miserável pessoa. É bem verdade que és um pobre pecador, um indigno sacerdote, contudo, sacerdote, um bispo da Igreja, um ministro de Jesus Cristo. 89 Meu Pai!, perdoa-lhe pois não sabe o que faz. 90

586. Assim que me restabeleci, dirigi-me à igreja para dar graças a Deus. 91 Ministrei o sacramento da crisma a todos os que deveriam ser crismados e depois iniciei a caminhada de regresso a Santiago de Cuba. Administrava a crisma em todas as paróquias que estavam no caminho. Pernoitamos em uma fazenda chamada Santo Domingo. Acreditando os inimigos que estivéssemos em outra fazenda chamada Altagracia, durante a noite a incendiaram. 92 Ao anoitecer do dia seguinte, chegamos a Santiago. 93 A cidade inteira saiu para nos receber, com grande demonstração de alegria ao ver-me, pois julgavam que estivesse morto. O dia seguinte à minha chegada era sexta-feira das Dores. Fui à igreja da Virgem das Dores para agradecer. Celebrei missa e distribuí comunhão a muitas pessoas; também assisti à missa solene e ao sermão; depois fiz a celebração da bênção do Domingo de Ramos e presidi todas as celebrações da Semana Santa e Páscoa.

587. Em consequência do atentado, meu rosto ficou muito desfigurado; a voz não muito clara e a articulação comprometida. Nos primeiros meses depois do retorno a Santiago, não podia pregar como de costume. Dedicava a práticas particulares o tempo que o confessor e demais ocupações do ministério me deixavam livre. Depois de alguns meses, porém, já trabalhava como antes e, na Quaresma do ano seguinte, iniciei uma missão na igreja de São Francisco, de Santiago. Já havia pregado alguns dias de missão quando recebi um decreto real para regressar a Madri, pois havia falecido o arcebispo de Toledo, que era confessor da rainha, e sua majestade me havia escolhido para substituí-lo. 94

588. No dia 18 de março recebi o Decreto Real e, no dia 20 95 do mesmo mês, saí de Santiago para Havana, onde embarquei no navio-correio que ia para Cádiz. Todo o povo veio se despedir no porto, manifestando tristeza e sentimento. Com a minha saída, os meus companheiros de comunidade ficaram dispersos. Contudo, deixei o padre Dionísio González, como meu representante, para que continuasse até receber nova ordem, e aos padres Antônio Barjau e Galdácano que continuassem à frente do seminário até que chegasse meu sucessor, a fim de que não ficasse no abandono.

589. Desde o dia em que cheguei a Havana até 12 de abril, dia da minha partida, preguei diariamente e ouvi confissões de pessoas importantes da cidade. Dei a primeira comunhão à filha do capitão-geral e à sua esposa, no mesmo ato. 96

590. Na viagem arrostamos grandes perigos que nos punham em risco a vida, porém o Senhor nos salvou a todos. 97 Fizemos escala nas Ilhas Terceiras que são portuguesas e fomos muito bem tratados. Contristou-nos a morte acidental de dois artilheiros, ao retribuir as saudações recebidas, na cidade de Fayal. Desembarcamos todos e fizemos as exéquias. 98 Continuamos a viagem e, nos últimos dias de maio, chegamos a Cádiz. 99

Capítulo X

Breve biografia dos sacerdotes colaboradores

591. Padre João Nepomuceno Lobo: Conheci-o quando estive na Corte (Madri), de passagem para as Ilhas Canárias. Gostei muito dele por seu saber e virtude. Quando fui nomeado arcebispo, convidei-o para o cargo de provedor. Depois de ter-se encomendado a Deus, aceitou o cargo de tesoureiro e decano. Era encarregado responsável pelo cabido, cargo que cumpriu muito bem. Desempenhou igualmente a função de provedor e, na minha ausência, substituía-me. É um sacerdote de muita virtude, saber e zelo, e me ajudou muito. Pouco depois, renunciou a tudo que possuía e entrou para a Companhia de Jesus. 100 Substituiu-o o Pe. Dionísio González, pessoa de agradável convivência; tendo ele passado à península por causa da saúde, nomeei-o vice-presidente do Escorial. 101

592. Padre Manuel Vilaró: Este sacerdote me acompanhava e me ajudava nas missões na diocese de Tarragona. Ingressou na Congregação do Imaculado Coração de Maria. Quando fui para Cuba, teve a bondade de acompanhar-me. Nomeei-o secretário; desempenhou muito bem o seu cargo. Além de trabalhar na secretaria, pregava e confessava sempre. Bastante culto, virtuoso e zeloso. Trabalhou muitíssimo. Adoecendo em Cuba, e não tendo esperança de cura, foi enviado à península, morreu em Vic, sua terra natal. 102

593. Padre Manuel Subirana: Nascido em Manresa, meu colega; ordenamo-nos juntos, ainda que com alguma diferença. Muito virtuoso, sábio e zeloso, primeiro na Catalunha, depois em Cuba. Foi depois para a Guatemala e Honduras, onde se encontra atualmente e faz maravilhas, sempre pregando de um povoado a outro como fazia na minha diocese. 103

594. Padre Francisco Coca: Nascido em Capellades, diocese de Barcelona. Conheci este sacerdote quando fui pregar o mês de Maria em Villanueva, onde trabalhava como vigário coadjutor. Ao saber de minha nomeação, ofereceu-se. Aceitei-o e veio comigo. Era um sacerdote muito bom, simples como uma criança, muito zeloso e fervoroso. Sempre acompanhava o padre. Manuel Subirana, pois entre ambos havia grande e boa simpatia. Os dois eram muito zelosos e fervorosos e pregavam continuamente, passando de uma povoação a outra, sem jamais descansar. Os dois possuíam vozes harmoniosas. Todos iam à missão, mesmo que fosse só para ouvir seus cantos. O sermão, que vinha depois do canto, pegava-os na armadilha. É inexplicável o fruto que produziram. Depois foi a Guatemala, entrou na Companhia de Jesus e morreu jesuíta. 104

595. Padre Estêvão (de) Adoain: Capuchinho, este padre, logo que cheguei a Santiago, procurou-me. Estava fugindo de Havana, por causadas perseguições, pelo muito que pregava. Ficou em meu palácio e, com outro sacerdote, em dupla, iam às missões. O primeiro que o acompanhou foi o padre Paládio Curríus, e o segundo, o padre Lourenço San Martí. Era muito zeloso e prático em organizar missões e sabia, com arte, tirar os amancebados da vida irregular. Seguiu depois para um convento de capuchinhos, na Guatemala. 105

596. Padre Felipe Rovira: Logo que chegou a Cuba, destinei-o ao seminário como professor de latinidade, uma vez que isso era o que fazia quando se juntou a mim, para irmos para a América. Com a saída do padre Manuel Vilaró, nomeei-o secretário, acompanhando-me sempre nas visitas e missões da diocese, até vir comigo para Madri. Foi depois para Porto Rico, com o novo bispo, d. Benigno Carrión. Também era muito zeloso e trabalhava muito, principalmente no combate aos concubinatos e outros escândalos. 106

597. Padre João Pladebella: Era um padre da diocese e Gerona; grande teólogo. Coloquei-o no seminário para as aulas de teologia moral. Desempenhou muito bem o seu cargo. Era muito virtuoso e aplicado. Morreu de febre amarela; os médicos só descobriram após a morte dele, por que ficou amarelo, como aconteceu com os que morriam dessa doença. 107

598. Padre Paládio Curríus: Natural de Riudaura, diocese de Gerona. Sacerdote muito piedoso e zeloso. No começo pregava missões com o padre Estêvão, capuchinho. Nas missões ficou doente. Chegou ao palácio mais morto que vivo. Logo que se restabeleceu, coloquei-o no seminário para que ensinasse teologia moral em lugar de Pladebella, que havia falecido. Depois enviei-o a Porto Príncipe, a fim de dirigir a Casa de Beneficência, em construção. Quando Felipe Rovira veio comigo à Europa, ele ficou como secretário em Santiago. Depois de algum tempo chamei-o a Madri, onde me ajudou nas obras do hospital e igreja de Montserrat. Finalmente, enviei-o ao Mosteiro do Escorial. 108

599. Padre Lourenço San Martí: Natural de Curríu, diocese de Solsona. Iniciou as missões com o Pe. Antônio Barjau. Depois, coloquei-o em companhia do Pe. Estêvão Adoain e, finalmente, enviei-o a Porto Príncipe como vigário forâneo, tarefa que desempenhou muito bem. Foi sempre muito fervoroso e desprendido de tudo. Por fim, ingressou na Companhia de Jesus. Atualmente se encontra em Fernando Pó. 109

600. Padre Antônio Barjau: Natural de Manresa, diocese de Vic; iniciou pregando missões com o padre Lourenço San Martí. Como possui um dom especial para instruir e educar crianças, coloquei-o como reitor do seminário. Desempenhou muito bem o seu cargo. Ficou ali até a chegada do meu sucessor. Voltou, então, e nomeei-o reitor do Colégio do Real Mosteiro do Escorial. É um sacerdote muito desprendido das coisas terrenas e muito zeloso pela glória de Deus e da salvação das almas. 110

601. Padre Antônio de Galdácano: Capuchinho, dos países bascos. Juntou-se a mim após dois anos de minha estada em Cuba. Exclaustrado pela revolução, foi para os Estados Unidos. Esteve depois em Porto Rico como pároco. Como ali não se deu muito bem, veio para Cuba, onde se adaptou melhor. É um religioso muito instruído e muito zeloso. Acompanhou-me algumas vezes nas missões, ajudando-me nas confissões. Nomeei-o depois catedrático no

seminário. Logo que chegou meu sucessor, veio (à Espanha) e destinei-o para o cargo professor de teologia no seminário do Escorial. 111

602. Telésforo Hernández: Jovem trazido pelo padre João Lobo. Destinei-o a trabalhar na secretaria como escrevente. Morreu de febre amarela. 112

603. Gregório Bonet: Foi cozinheiro, porém não se deu bem com o clima. Como fora soldado e ferido, com o calor, os ferimentos pioraram e teve de voltar para Majorca, de onde era natural. 113

604. Felipe Vila: Jovem, natural da cidade de Vic. Levei-o como meu criado. Cuidava muito bem dos doentes e dos pobres, a quem dava esmola e ensinava a doutrina cristã e os exortava à virtude. Fazia reflexões tão belas, oportunas e enérgicas que os párocos do país, ouvindo-o, ficavam admirados. Diziam-lhe que melhor seria que estudasse para padre e não fosse simples criado. Ele lhes deu ouvido e quis estudar. Eu, porém, dizia-lhe que não fizesse isso, pois Deus não o tinha destinado ao sacerdócio, embora tivesse ótimos costumes. Apesar disso, quis estudar. Pouco tempo depois, porém, acometido de angina, voltou à Europa e morreu. 114

605. Ignácio Betrú: Jovem, natural de Arreu, diocese de Seo. Foi o mais perseverante. De bons costumes, muito amigo dos pobres e bastante zeloso. Ensinava catecismo aos pobres e, nas missões, catequizava as outras pessoas, a quem distribuía livros, medalhas, santinhos e terços mandados por mim. Veio comigo da América e atualmente ainda está comigo. 115

606. Estes são os colaboradores que me acompanharam nos trabalhos apostólicos naquela diocese, tão cheia de ervas daninhas e espinhos. Devo agradecer muitíssimo a Deus por ter colocado ao meu lado companheiros tão bons. Todos tiveram exímia conduta. Jamais me causaram desgosto. Ao contrário, todos me serviam de grande consolo e alívio. Todos tinham bom caráter e eram de virtude muito sólida. Desprendidos de tudo o que era terreno, não falavam nem pensavam em interesses nem distinções honrosas. Seu único desejo era a maior glória de Deus e salvação de todos.

607. De todos eles eu tinha muito a aprender; davam-me exemplos de todas as virtudes, particularmente de humildade, obediência, fervor e desejo de estar sempre trabalhando. Nunca se percebeu em nenhum deles displicência na hora de serem enviados. Todos estavam sempre dispostos a trabalhar; com prazer se ocupavam nas tarefas às quais eram enviados, seja nas missões, que era o mais comum, ou cuidar de alguma paróquia ou vigararia forânea, para eles era indiferente. Jamais pediram ou recusaram qualquer tipo de ocupação.

608. Nossa casa era motivo de admiração por parte dos hóspedes que a visitavam. Digo isto porque dei ordens a todos os sacerdotes que viessem à cidade, que se hospedassem na minha residência pelo tempo que desejassem, estando eu presente ou não. 116 Houve um cônego da Ilha de Santo Domingo, chamado Gaspar Hernández que, tendo que abandonar seu destino por causa da revolução, veio a Cuba e permaneceu três anos em minha residência, comendo conosco. Vinham eclesiásticos dos Estados Unidos e de outros pontos e todos encontravam lugar em minha casa e à minha mesa. Parece que Deus os trazia para que vissem aquele espetáculo tão encantador. Notavam que nossa casa era como que uma colméia: alguns saíam

e outros entravam, segundo as tarefas que lhes eram atribuídas, e todos sempre contentes e alegres. Assim, os hóspedes ficavam admirados com o que viam e louvavam a Deus.

609. Às vezes eu ficava imaginando como era possível que reinasse tanta paz, tanta alegria, tão bela harmonia entre tantas pessoas e por tanto tempo. Eu não podia dar outra explicação senão dizer: *Digitus Dei est hic* (o dedo de Deus está aqui). 117 Esta é uma graça singular que Deus nos dispensa por sua infinita bondade e misericórdia. Reconhecia que o Senhor abençoava os meios que de nossa parte colocávamos para obter esta graça especialíssima. Os meios utilizados eram os seguintes:

610. Primeiro meio: Diariamente nos levantássemos a uma hora fixa e determinada, e, em comunidade, sem faltar ninguém, tínhamos meia hora de oração mental. As refeições eram em comum e havia sempre leitura durante a refeição, a qual era feita por turno. Depois do almoço e jantar, todos juntos tínhamos um tempo de recreação, assim todos nos víamos, conversávamos igualmente, e encerrávamos as atividades do dia com o santo rosário e demais devoções. 118

611. Segundo meio: Anualmente, em determinada época, nos reuníamos na residência episcopal e fazíamos dez dias de exercícios espirituais sem interrupção, observando absoluto silêncio, sem admitir visitas, nem cartas, nem outros assuntos. Por turno, cada dia um servia à mesa, outro lia, começando por mim. Durante os dias de retiro, por vontade deles, era eu que pregava. No último ato dos exercícios, eu beijava os pés de todos eles; depois me pediam permissão para beijar os meus e dos demais. Este gesto expressava ternura, muito imponente e de ótimos resultados.

612. Terceiro meio: Ninguém nutria amizades particulares. Todos nos amávamos igualmente uns aos outros. Ninguém tinha amizade fora de casa. Na residência, tínhamos de tudo. Sendo assim, não fazíamos visitas, nem éramos visitados pelos de fora. A experiência nos mostrava a utilidade deste meio necessário para conservar a paz, evitar desgostos, ciúmes, invejas, suspeitas e murmurações e outros males maiores.

613. Quarto meio: Proibi-lhes, com toda a força da minha autoridade, e lhes pedi com toda a amabilidade e carinho que lhes dedicava, que jamais lessem cartas anônimas. Estes são os meios dos quais nos valíamos. O Senhor dignou-se abençoá-los e foram para nós muito bons. Sempre e por tudo seja o Senhor louvado.

Capítulo XI

O desconforto de estar em Madri 119

614. Chegamos a Madri nos primeiros dias de junho de 1857. 120 Apresentei-me a Sua Majestade e, no dia cinco do mesmo mês, passou-me e entregou-me o Decreto Real, nomeando-me seu confessor. 121 Poucos dias depois, encarregou-me da instrução religiosa da infanta Isabel. Ela tinha então uns cinco anos. Ministrei-lhe sempre as lições. No dia onze de abril de 1862, com dez anos de idade, fez sua primeira comunhão em companhia de sua mãe, a rainha, tendo-se confessado sempre comigo a partir dos sete anos em diante. E agora, além da instrução e preparação, participou de dez dias de exercícios espirituais. 122

615. A rainha, desde o primeiro ano em que fez os exercícios espirituais, repetia-os anualmente com muito gosto; concluía-os contentíssima e exortava outras pessoas que também os fizessem. Manifesta especial apreço pelo livro de exercícios de minha autoria; pede exemplares, pois ela tem imenso prazer com ele presentear as pessoas e pede que ao menos o leiam.

616. Todas as camareiras e as criadas da rainha possuem o Caminho reto e o livro de exercícios. Quem gostou muito do Caminho reto foram suas majestades. Para ambos foram feitas impressões de luxo pela casa Aguado, de Madri. 123 Cotidianamente suas majestades, as camareiras e criadas comportam-se de modo edificante. Participam da santa missa. Diariamente lêem a vida do respectivo santo, recitam o rosário e participam dos santos sacramentos. A rainha e a infanta confessam-se comigo e confesso também muitas criadas. Todas estão sempre ocupadas.

617. A rainha, além de suas devoções e atendimento dos assuntos do governo e de conceder audiências a muitas pessoas durante o dia, ocupa-se também com trabalhos manuais, como pintar alguma tela, bordar, etc. Nos bordados é que regularmente mais se ocupa. No ano passado 124 fez uma almofada de tricô, muito bonita, com flores lindas, para meu genuflexório. Às vezes ocupa-se também em fazer colchas de tricô.

618. A infanta Isabel está também sempre ocupada: além de suas devoções e leituras espirituais diárias, passa muito tempo nas várias lições que lhe são pedidas. No tempo de descanso, mais se distrai com passatempos masculinos que femininos; assim, nos cinco anos que tenho contato freqüente com ela, nunca a vi com brinquedos femininos, mas sempre com brinquedos próprios de meninos. O brinquedo que mais aprecia é um chapéu em ponta e uma espada. Além de bordar e costurar muito bem, às vezes entretém-se na confecção de rosários, com alicates e arames.

619. As amas dos quartos de sua majestade e das princesas estão sem preocupadas, tanto no cumprimento de suas respectivas obrigações, quanto na leitura de algum bom livro, seja em fazer tricô com as agulhas ou outras coisas.

620. Mesmo vendo que sua majestade porta-se muito bem na moralidade, na piedade e na caridade, além de outras virtudes e, a seu exemplo, as demais pessoas do palácio, não me conformo nem sossego em ter de permanecer em Madri. Percebo que não tenho temperamento cortesão nem de nobre palaciano. O fato de ter que viver na corte e estar continuamente no palácio é para mim um contínuo martírio.

621. Disse algumas vezes que Deus me deu este destino para que seja meu purgatório, para pagar e purificar os pecados de minha vida passada. Outras vezes tenho dito que em minha vida passada não padei tanto como no tempo em que me encontro na corte. Sempre estou suspirando por sair. Sou como um pássaro engaiolado que percorre todos os cantos da gaiola, procurando por onde escapar. Assim sou eu, que ando de cá para lá, procurando como sair. Quase me alegraria se estourasse uma revolução, para ser mandado embora.

622. Algumas vezes me pergunto: Que motivo tens para andar tão desgostoso? No palácio todos te respeitam. Toda a família real te estima e te elogia. Sua majestade, a rainha, gosta muitíssimo de ti e te quer até o extremo. Então, que motivos tens para andar tão violento? Nenhum. Eu mesmo não saberia dizer o porquê. Só explico o enigma, dizendo que a repugnância que sinto é uma graça que Deus me concede para que não me apegue às grandezas, honras e riquezas do mundo. Estou claramente convencido de que o sentir continuamente esta repugnância pelas coisas da corte e o desejo perene de fugir me preservam da inveja e de colocar o coração nas coisas que o mundo aprecia.

623. Vejo que o Senhor fez em mim o que contemplo e se passa nos planetas. Neles observo duas forças: a centrífuga e a centrípeta. A centrífuga que os força a escapar para longe, e a centrípeta que os dirige para o centro. Equilibradas estas duas forças, mantêm-se em órbita. É assim que me contemplo. Sinto em mim uma força que chamarei de centrífuga, a qual me obriga a sair de Madri e de sua corte. Mas sinto que há outra força, que é a vontade de Deus, que quer no momento que permaneça na corte, mas da qual com o tempo sairei. Esta vontade de Deus é para mim a força centrípeta que me detém amarrado como um cão a um poste. 125 Misturadas estas duas forças, a saber, o desejo de sair e o amor que tenho em cumprir a vontade de Deus, que no momento quer que eu esteja na corte, estas duas forças assim combinadas, me fazem descrever o círculo que estou fazendo.

624. Nas orações de todos os dias tenho de fazer atos de resignação à vontade de Deus. Dia e noite tenho de fazer atos de sacrifícios para permanecer em Madri. Porém, dou graças a Deus por esta repugnância. Reconheço que é um grande bem para mim. Ai de mim se a corte e o mundo me agradassem! Só isto me agrada: o ver que nada me agrada. Bendito sejas, meu Deus e Pai, que cuidais tanto de mim! Estou convencido, Senhor, de que, assim formastes a água salobra e amarga do mar para que se conserve pura, o mesmo concedestes a mim, o sal do desgosto e da amargura entediante da corte, para que me conserve limpo do mundo. Graças, muitas graças vou dou, Senhor!

Capítulo XII

Disponibilidade missionária e indiferença diante da política

625. Como sua majestade me estima e me ama muito, sei que seria de seu agrado que lhe pedisse favores. No entanto, até o momento não lhe fiz nenhum pedido, nem desejo fazê-lo no futuro. 126 Porém, que estou dizendo? Não me expresso bem. Sim, pedi um favor, muitas vezes com muita insistência: a permissão para retirar-me de Madri e da corte. Este é o único favor, que até agora não me foi concedido. O pior de tudo é que, mesmo que tenha alguma esperança, por enquanto não posso conseguir o que desejo.

626. Aqueles que têm sede e fome, não de justiça por seus méritos, mas sim, de empregos, cargos e dignidades, assediam minha casa todos os dias e me incomodam com suas insistências e pretensões. Digo-lhes que sinto profundamente em minha alma não poder atendê-los, porque fiz um propósito de não me meter nisto. Mesmo depois de estar cinco anos aqui em Madri e ter observado a mesma conduta, ainda não se desenganaram, pois a cada dia a cena se repete. A maioria das pessoas que me procura na hora da audiência diária, das onze às doze horas, é para pedir empregos, favores e dignidades. Isto sem falar das inúmeras cartas

que recebo todos os dias, com o mesmo pedido. Coitado de mim se me tivesse metido nesse enredo.

627. Por outro lado, vejo que os que tanto insistem, procuram ou solicitam empregos, favores e dignidades, sem falar nos presentes e outros meios, são os mais indignos de tais empregos. Deus me livre de cooperar com um mal tão grande que daí resulta: cargos mal desempenhados, o mérito e a virtude desatendidos, a ignorância, o pedantismo, o vício e a imoralidade seriam introduzidos através do favor. Sim, digo-o, e o digo bem alto e quisera que todos me ouvissem e assim me deixassem em paz. Não me ocupo com isto.

628. Mesmo tendo agido com toda a precaução nesse campo, nem por isso escapei das más línguas: uns por despeito, porque não quis ser instrumento de suas injustas pretensões, e outros por inveja; uns pelo temor de perder os bens, outros, por malícia e, não poucos, por ignorância, só pelo que ouviram dizer. Falaram de mim todas as vilezas que se possa imaginar, levantaram contra mim as mais sórdidas calúnias. Eu me calei, sofri e alegrei-me no Senhor, por me ter presenteado com um pouco do cálice amargo de sua Paixão. Recomendéi a Deus os caluniadores depois de tê-los perdoado e amado de todo o meu coração.

629. Em matéria de política jamais quis meter-me, nem quando era simples sacerdote, tampouco agora, apesar de ter sido várias vezes provocado. 127 Certa pessoa influente, um dia disse-me que deveria falar à rainha a favor deste ou daquele. Respondi-lhe, então: Saiba, senhor, que considero a Espanha atual como uma mesa de jogo. Os jogadores são os dois partidos. 128 Como seria repreensível que um mero espectador fizesse a menor insinuação a favor de alguém; assim também eu, que sou mero espectador, seria merecedor de censura, se fizesse alguma indicação a sua majestade a favor deste ou daquele partido. No final das contas, todos os partidos não passam de jogadores que querem ganhar o jogo e ter o orgulho de mandar nos demais ou o benefício de maiores vencimentos. De modo que a mola da política e dos partidos nada mais é do que a ambição, o orgulho e a cobiça. 129

630. Por insistência de sua majestade, minha ocupação maior era a nomeação de bispos. Direi, pois, como isto acontecia. O ministro de graça de justiça pede, de vez em quando, aos bispos e a cada um em particular, se sua diocese há algum sacerdote que reúna as qualidades para ser bispo quando conviesse, e o bispo responde afirmativa ou negativamente. Se considera que há algum, dá as informações que pode: idade, carreira, virtude, desempenho do ministério e demais qualidades... O ministro recolhe e guarda essas notícias e quando alguma diocese fica vacante, reúnem-se esses currículos e são apresentados a sua majestade. Ela faz a leitura e escuta a inspiração interior e pede a Deus o discernimento para saber a quem deve escolher. Depois de se formar uma terna, passa-se a informação aos interessados, são encomendados a Deus e se pede que também se encomendem. Finalmente, é realizada a escolha, sem considerar outra coisa que a maior glória de Deus e o bem da Igreja. Posso assegurar que, se alguma vez algum sacerdote insinuou o desejo de ser eleito, o mesmo gesto foi mais que suficiente para que jamais tenha sido nomeado bispo. E eu dizia a mim mesmo certa vez: Quando alguém pede ou procura ser bispo, por si só esse desejo o desqualifica. Talvez em nenhuma coisa na Espanha se proceda com mais equidade e justiça do que nas nomeações de bispos, e tampouco em nenhuma se age com mais acerto. 130

631. Quanto aos canonicatos, já não se procede com tanto cuidado. Não direi que sua majestade ou o ministro façam simonias. Mas só Deus sabe se os pretendentes que rodeiam sua majestade e o ministro não farão alguns pactos, presentes, etc., etc., que não são bem-vistos por Deus. Por isso jamais quis meter-me nesse setor de pretensões para o canonicato. Oxalá todos os sacerdotes procurassem ser os últimos entre seus companheiros, como ensinava o divino Mestre! O melhor canonicato é amar muito a Deus e salvar almas, a fim de obter um lugar de distinção na glória do céu. Certamente mais validade terá a vida de um sacerdote ter sido missionário que cônego. Que escolha agora, pois, o que iria escolher na hora da morte. 131

Capítulo XIII

Desprendimento total 132

632. Há um provérbio popular que diz uma grande verdade: “Abana o rabo o cão, não para ti, e sim para o pão”. Vejo todos os dias homens e mulheres que fazem mil festas, bajulações e outras coisas para os reis, só que não para os reis, e sim, para receberem favores... pois eu não quero nem pretendo nada. Só pretendo sair da corte. Se alguém disser: – Tens as duas grandes cruzes. – É verdade, mas como as tenho? A grã-cruz de Isabel a católica, não a pedi, nem a queria quando ma ofereceram. Disseram-me que, pelo fato de ir a Cuba, seria uma necessidade possuir um título e a designação de excelência, por ser a primeira dignidade da Igreja, e porque tinha de manter relações amistosas com o general daquela Ilha. 133

633. A outra de Carlos III não a pedi, nem a desejei. Foi com pesar que a recebi, e desta maneira: Após o nascimento do príncipe de Astúrias, no mesmo dia em que suas majestades iam a Atocha, chamaram-me ao palácio. Logo que cheguei, saíram a rainha e o rei do aposento onde me esperavam e, sem dizer nada, os dois juntos, impuseram-me a cruz com faixa. 134 Eu não disse nenhuma palavra, porque os dois estavam juntos, e como naquela época o rei 135 não me inspirava a confiança de agora, pois também me estima muito, calei-me. Interiormente, porém, experimentei muita aflição. Outro dia em que me encontrei só com a rainha, disse-lhe que não podia deixar de agradecer a distinção com que me haviam condecorado, com a cruz de Carlos III, mas que para mim fora motivo de grande aflição e pesar. E, como prova dessa aflição, por muito tempo não usava nenhuma, só depois de muito tempo comecei a usá-las e, mesmo agora, somente as uso em dias que exigem uniforme a rigor e grande etiqueta.

634. Além disso, nada mais tenho. Não há prelado na Espanha que não tenha algum peitoral, ou cálice, ou outros objetos de sua majestade, seja por razão de um batizado, ou visita à sua catedral, etc., etc. Eu, porém, não tenho nem quero ter nada. Quando batizei a infanta Conceição, deveriam presentear-me com alguma coisa, como é costume. Porém pedi com insistência que não me dessem nada, e para não me contrariar, não me deram nada. 136 Minha satisfação consistirá, ao me retirar do palácio, em poder dizer que nada tenho de sua majestade, sequer um alfinete.

635. Existem pessoas que, ao lado de suas majestades, procuram graduações, honorarias, maiores ordenados. No entanto eu, como já disse, nada lucrei, ao contrário, perdi. Sua majestade insistiu para que eu assumisse o cargo de protetor de Montserrat, da igreja e

hospital. Eu resisti. O intendente, muitas vezes, me pediu e insistiu. Finalmente, aceitei porque constatei que as casas já haviam sido postas à venda através de publicação no Boletim Oficial. Então, para salvá-las da desamortização, acabei aceitando. Porém, com que lucro? Desembolsando do meu próprio bolso cinco mil duros para consertar a igreja e o estabelecimento. 137

636. O mesmo digo do real mosteiro do Escorial, que não me deu e nem me dá lucro nenhum a não ser desgosto e aflição, acarretando-me perseguições, calúnias e gastos. Por três vezes desejei renunciar à presidência, em nenhuma foi possível. 138 Seja tudo por Deus, já que o Senhor quer que eu carregue esta cruz, só me resta conformar-me com a vontade do Senhor. Ó meu Deus! Nada quero deste mundo. Só quero vossa divina graça, vosso santo amor e a glória do céu.

Capítulo XIV

Ocupações ordinárias e extraordinárias

637. Todos os dias de inverno comumente costumo despertar-me às três horas, e às vezes antes, porque me levanto logo quando não consigo dormir, pois nunca permaneço acordado na cama. 139 Logo inicio a recitação do Ofício divino. Rezo Matinas e Laudes, o santíssimo triságio. Em seguida, leio a Sagrada Escritura. Preparo-me para a santa missa, celebro-a e permaneço em ação de graças. 140 Depois vou ao confessionário até as onze horas; inicio as audiências, atendendo aos que desejam falar comigo. A hora mais pesada é a das onze às doze, porque vêm os pedidos pretensiosos que não posso atender, como solicitações para empregos, promoções e coisas semelhantes. Das doze às doze e quinze faço o exame particular. Às doze e quinze, nos dirigimos ao almoço. Depois rezo Vésperas e Completas. De tarde e à noite me ocupo visitando doentes, presos e outros estabelecimentos caritativos. Prego às religiosas contemplativas e a outras irmãs. Ocupo-me em estudar e escrever opúsculos e folhetos.

638. Além das ocupações ordinárias de cada dia, surgem também as extraordinárias: exercícios ao clero, a homens e mulheres das Conferências de São Vicente de Paulo, às irmãs contemplativas e ativas, além de pregar missões ao povo. 141 Estas ocupações não me esgotam. Todo o meu desejo seria missionar pelos lugares e aldeias. Este é meu sonho dourado. Tenho uma santa emulação e quase inveja dos missionários que têm a ditosa sorte de poder ir de uma povoação a outra, pregando o santo Evangelho. 142

639. Em meio às minhas aflições, tenho algum consolo. Quando com suas majestades e altezas saímos, então tenho oportunidade de pregar ao povo na parte da manhã antes que suas majestades saiam de casa. 143 Depois prego nos conventos, às irmãs contemplativas e ativas, aos sacerdotes, aos estudantes, a homens e mulheres das conferências, etc., etc. Deste modo, passo o dia todo pregando, com exceção do tempo estrito em que devo estar no palácio com a família real.

640. Uma das maiores ocupações minhas desde que estou em Madri é escrever e imprimir livros, folhetos; comprar estes e outros livros e fazê-los circular por meio da Academia de São Miguel: no confessionário, nas ruas, nas escolas e demais estabelecimentos. 144

641. Ó Deus, quem me dera que ninguém o ofendesse! Antes, que todas as criaturas o conhecessem, o amassem e o servissem! Esse é o meu único desejo. O restante não tem importância! Ó Sumo Bem, como sois bom! Eu vos amo com todo o afeto do meu coração.

Capítulo XV

Regra de vida e propósitos 145

642. 1. Jesus e Maria são todo o meu amparo e guia, e os modelos que me proponho seguir e imitar. Além disso, tenho como protetores e exemplos os gloriosos São Francisco de Sales, São Carlos Borromeu, Santo Tomás de Villanueva e São Martinho.

643. 2. Lembrarei das palavras do Apóstolo escrevendo a Timóteo: *Attende tibi et doctrinae*, olha por ti e pela instrução dos outros. Sobre o que diz Cornélio: *Haec duo munia sunt episcopi... qui aliter faciunt... nec sibi nec aliis prosunt*. 146

644. 3. Todo ano farei os santos exercícios espirituais. 4. Todo mês farei um dia de retiro espiritual. 5. Toda semana, pelo menos uma vez, me confessarei. 6. Três dias por semana tomarei disciplina e nos demais dias me porei o cilício ou outra coisa equivalente. 7. Jejuarei toda sexta-feira do ano e na vigília das festas do Senhor e da santíssima virgem.

645. 8. Levantarei diariamente às três horas, ou antes, se não conseguir dormir; irei dormir às vinte e duas horas. Assim que me levante, rezarei Matinas, Laudes e lerei a santa Bíblia até a hora da meditação. 9. Farei uma hora de meditação. 10. Celebrarei a santa missa e empregarei meia hora para ação de graças e para pedir graças para mim e para os outros.

646. 11. Em seguida me dirigirei ao confessionário até as oito horas. Nessa hora tomarei café da manhã e, em seguida, voltarei ao confessionário. Se não houver penitentes, ocuparei o tempo com outra coisa até as onze, quando iniciarei a audiência pelo espaço de uma hora. Às doze horas rezarei Ângelus e farei o exame (de consciência). 12. Às doze e quinze, almoçarei, ouvindo uma leitura espiritual. 13. Descanso até as treze e trinta. 14. Trabalharei até às oito e meia, quando rezarei o rosário e outras devoções. 15. Às nove horas janto e, às dez, descanso.

647. 16. Proponho jamais perder um instante de tempo. Por isso estarei sempre ocupado, estudando, rezando, pregando ou ministrando os sacramentos, etc.

648. 17. Proponho-me estar sempre na presença de Deus e dirigir a ele todas as coisas, não buscando jamais elogios, e sim, unicamente a maior glória de Deus, à imitação de Jesus, a quem procurarei sempre imitar, pensando como ele se portaria em tais ocasiões.

649. 18. Proponho executar bem, e do modo que me parecer melhor, as coisas comuns. Diante de duas alternativas, procurarei escolher sempre a melhor, mesmo que custe sacrifício à vontade própria, e particularmente escolherei o que for mais pobre, humilde e doloroso.

650. 19. Proponho conservar sempre um mesmo humor equilibrado, sem jamais me deixar dominar pela ira, impaciência, tristeza, nem por demasiada alegria, lembrando-me sempre de Jesus, de Maria e de José, que também tiveram suas aflições, e maiores que as minhas. Pensarei que Deus assim o dispôs para o meu bem. Por isso mesmo, não me queixarei, mas direi: Faça-se a vontade de Deus. Lembrarei do que diz santo Agostinho: *Aut facies quod Deus vult, aut patieris quod tu non vis* (ou fazes o que Deus quer ou padecerás o que tu não queres). 147 Também recordarei o que Deus recomendou a santa Maria Madalena de Pazzi: Que sempre mantivesse o mesmo humor inalterável, uma grande bondade no trato com qualquer tipo de pessoa e que jamais pronunciasse uma palavra de lisonja. 148 Lê-se que são Martinho nunca foi visto irritado, nem triste, nem dando risadas, e sim, sempre com a mesma disposição, com celestial alegria. Tamanha era sua paciência que, mesmo sendo bispo, se algum clérigo o ofendesse, podia ter a certeza de que não seria castigado. 149

Textos escolhidos

651. A perfeição consiste em amar muito a Deus e em desprezar-se a si mesmo (santa Maria Madalena de Pazzi). 150 *Spernere se, spernere nullum, spernere mundum, et spernere sperni* (desprezar-se a si mesmo, não desprezar a ninguém, desprezar o mundo e desprezar o ser desprezado) (san Luis Bertrán). 151 Faze o que deves e aconteça o que acontecer. Há grande valor sofrer sem murmurar, e grande sabedoria em ouvir com paciência. *In silentio et spe erit fortitudo vestra* (no silêncio e na esperança estará vossa fortaleza). 152

652. O homem forte não deve temer coisa alguma, nem a própria morte, quando se trata de cumprir o seu dever. Devemos manter o lugar ou profissão que Deus nos designou, lutando até morrer, sem temer as conseqüências. A única coisa que devemos temer é agir injustamente.

653. Se quereis atingir alto grau de virtude, não vos enalteçais sobremodo a vós mesmos. Crede que nada fazeis e que tudo fareis (são João Crisóstomo). *Abstine et sustine. Abstine*: Abstém-te da gula, comodismo e de todo prazer, ainda que lícito. *Sustine* = Suporta o trabalho, a enfermidade, as perseguições e calúnias. 153 *Spiritus Sanctus docet: Pauca loqui cum discretione; multa operari cum fervore, ac jugiter laudare Deum* (o Espírito Santo ensina: falar pouco e com devoção, fazer muito e com fervor, e louvar a Deus continuamente). 154

Capítulo XVI

Algumas devoções particulares

654. *Ladainhas* 155

Santa Maria, são José, são Joaquim, sant'Ana, santo Antônio, santos Serafim, santos Querubins, santos Tronos, santas Dominações, santas Virtudes, santas Potestades, santos Principados, santos Arcanjos, santos Anjos, santos Patriarcas e Profetas, são João Batista, são Pedro, são Paulo, são Tiago, são João; todos os santos apóstolos e evangelistas, são Francisco de Sales, são Carlos Borromeu, santo Tomás de Vilanova, santo Antonino, são João Crisóstomo, santo Ambrósio, santo Agostinho, santo Aloísio, são Gregório, santo Atanásio, são Jerônimo, são Paulino, são Martinho, são Juliano, são Lourenço Justiniano,

santo Ildefonso, santo Afonso de Ligório, são Bernardo Calvó, 156 são Bernardo doutor, são Francisco Xavier, são Francisco de Assis, são Francisco de Borja, são Francisco de Paulo, santo Tomás Doutor, são Domingos, santo Estêvão, são Lourenço, são Vicente, são Sebastião Mártir, são Sebastião Balfre, 157 são Filipe Néri, santo Inácio Mártir, santo Inácio, são Luís, santa Teresa, santa Catarina Mártir, santa Catarina Virgem, santa Maria Madalena, santa Maria Madalena de Pazzi, santa Eulália, santa Tecla, santa Inês, santa Filomena; todos os santos e santas de Deus.

Petitiones pro me (Preces por mim.) 158

655. *Credo, Domine, sed credam firmitus. Spero, Domine, sed speram securius. Amo, Domine, sed amem ardentius. Doleo, domine, sed doleam vehementius* (Creio, Senhor, porém que eu creia com mais firmeza. Espero, porém que espere com mais segurança. Amo, Senhor, porém que eu ame com mais ardor. Arrependo-me, Senhor, porém que me arrependa com mais veemência).

656. *O, Domine, quia ego servus tuus, et filius ancillae tuae. Ecce servus tuus, fiat mihi secundum voluntatem tuam. Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu. Dabis ergo servo tuo cor docile, ut populum judicare possit et discernere inter bonum et malum* (Ó Senhor, eu sou teu servo, filho de tua serva. Eis aqui teu servo, faça-se em mim segundo a tua vontade. Senhor, que queres que eu faça? Ensina-me a fazer tua vontade, pois tu és meu o Deus. Concede, pois, ao teu servo um coração dócil, capaz de fazer justiça ao teu povo e discernir entre o bem e o mal).

657. *Pater, da mihi humilitatem, mansuetudinem, castitatem, patientiam et charitatem. Pater, bonitatem, et disciplinam et scientiam doce me. Pater, da mihi amorem tuum cum gratia tua et dives sum satis. Deus meus, Jesus meus et omnia* (Ó Pai, dá-me humildade, mansidão, castidade, paciência e caridade. Ó Pai, ensina-me a bondade, a disciplina e a ciência. Ó Pai, dá-me teu amor com tua graça e já serei bastante rico. Meu Deus, meu Jesus, meu tudo).

658. *In cruce vivo, et in cruce cupio mori; et non a meis manibus, sed ab alienis spero descendere a cruce, postquam consummatum fuerit sacrificium. Absit mihi gloriari nisi in cruce Domini mei Jesu christi, per quem mihi mundus crucifixus est et ego mundo* (Vivo na cruz e na cruz quero morrer; espero descer da cruz, não por minhas mãos, mas por mãos alheias, depois de ter consumado o meu sacrifício. Livra-me Deus de gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está morto e crucificado para mim, como eu o estou para o mundo).

Petitiones pro populo: Pedidos em favor do povo 159

659. *Pater, respice in faciem Christi tui. Pater, respice in faciem Ancillae tuae. Pater, respice in me, et miserere mei quia unicus et pauper sum ego. Respice in me et miserere mei, da imperium tuum puero tuo, et salvum fac filium ancillae tuae* (Salmo 85). *O Domine, quia ego servus tuus, ego servus tuus et filius ancillae tuae. Parce Domine, parce populo tuo, per humilitatem, et patientiam Jesus Christus Deus noster et Beatae Virginis Mariae* (Ó Pai, volta a olhar a face de teu Cristo. Ó Pai, volta a olhar a face de tua Serva. Olha para mim e

tem misericórdia de mim, concede a teu servo a tua força, eu que sou teu servo e filho de tua serva. Senhor, eu sou teu servo; teu servo e filho de tua serva. Perdoa, Senhor, perdoa teu povo, pela humildade e a paciência de Jesus Cristo nosso Senhor e da bem-aventurada virgem Maria).

660. *Parce Domine, parce populo tuo per amorem et merita Jesus Christus Deus noster et Beatae Virginis Mariae. Parce, Domine, Jesu fili David, miserere nostri* (Perdoa, Senhor, perdoa teu povo pelo amor e pelos méritos de Jesus Cristo nosso Deus e da bem-aventurada virgem Maria. Perdoa, Senhor, Jesus filho de Davi, tem compaixão de nós).

661. *Te ergo quaesumus tuis famulis subveni, quos pretioso sanguine redemisti. Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic hereditati tuae. Et rege eos, et extolle illos usque in aeternum. Dignare, Domine, die isto sine peccato nos custodire. Miserere nostri, Domine, miserere nostri. Fiat misericordia tua, Domine, super nos quemadmodum speravimus in te. In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum* (Nós te rogamos, pois, que te lembres de teus servos, aos quais remiste com teu precioso Sangue. Salva teu povo, Senhor, e bendize tua herança. Governa-os e exalta-os para sempre. Digna-te, Senhor, guardar-nos neste dia sem pecado. Tem misericórdia de nós, pois em ti depositamos nossa esperança. Em ti, Senhor, esperei, nunca serei decepcionado).

662. Ah! meu Deus! Não quisera eu que dissésseis de mim o que dissestes dos sacerdotes de Israel: Não fizestes frente, não vos colocastes como muro com vossas orações a favor da casa de Israel para sustentar a luta no dia do Senhor (cf. Ez 13,5). Vós dizeis, meu Deus: Busquei entre eles um homem justo que se interpusesse entre mim e o povo como um vale, e que permanecesse no muro diante de mim, com suas orações, a favor da terra, a fim de prevenir sua destruição, mas não encontrei nenhum (Ez 22,30).

663. Eu nada sou, Senhor, contudo, como Moisés, quero suplicar. *Dimite, obsecro, peccatum populi hujus, secundum multitudinem misericordiae tuae* (perdoa, te suplico, o pecado deste povo segundo a grandeza de tua misericórdia). 160 Peço-vos, ó Pai, pelos méritos de Jesus Cristo, Filho vosso e redentor nosso, e pelos méritos de Maria santíssima, mãe de vosso santíssimo filho e mãe nossa. Sim, eu que sou o primeiro e o maior dos pecadores, peço-vos em nome de todos os que vós quereis que vos peça e sabeis que temos necessidade.

Capítulo XVII

Exemplos de animais domésticos e a prática das virtudes 161

O galo

664. O Espírito Santo me diz: Preguiçoso, aprende da formiga a prudência. 162 Eu aprenderei, não somente da formiga, mas também do galo, do burro e do cachorro. *Quis dedit gallo intelligentiam?* (Quem deu inteligência ao galo? [Jó 38,36]). 163 *Gallus cantavit* (O galo cantou [Mc 14,68]). 164

1º. O galo me chama, e eu, como Pedro, devo lembrar meus pecados para chorá-los.

2º. O galo canta em diversas horas do dia e da noite. Eu devo louvar Deus em todas as horas do dia e da noite. Devo também exortar a todos para que façam o mesmo.

3º. O galo vigia sua família dia e noite. Eu devo cuidar noite e dia das almas que o Senhor me confiou.

4º. O galo, ao menor ruído ou ameaça de perigo, dá alarme. Eu devo fazer o mesmo: exortar as almas ao menor perigo de pecar.

665. 5º. O galo defende seu terreiro quando o gavião ou outro animal ou ave de rapina vem para atacar. Eu devo defender as almas que o Senhor me confiou, contra os gaviões dos vícios, erros e pecados. 6º. O galo é muito generoso quando, apenas encontre algo que sirva de alimento, priva-se dele e chama as galinhas para que comam. Eu devo abster-me de comodidades e conveniências e ser mais caridoso e generoso com os pobres e necessitados. 7º. O galo, antes de cantar, bate as asas. Eu, antes da pregação, devo agitar e bater as asas do estudo e da oração. 8º. O galo é muito fecundo. Eu devo sê-lo espiritualmente, a tal ponto que possa dizer com o Apóstolo: *Per evangelium ego vos genui* (Eu vos gerei em Cristo Jesus pelo Evangelho). 165

O burrinho

666. *Ut jumentum factus sum apud te, et ego semper tecum* (como burro estou diante de ti; e eu estive sempre contigo). 166 1. O burro é o animal mais humilde por natureza. Seu próprio nome denota desprezo. Sua habitação é o lugar mais humilde: debaixo da casa. Sua comida é pobre e pobres são todos os seus arreios. Também eu devo ser pobre na moradia, na roupa e na comida, a fim de procurar humilhações e até mesmo o desprezo dos homens, para alcançar a virtude da humildade, uma vez que pela natureza corrompida, sou soberbo e orgulhoso.

667. 2. O burro é um animal muito paciente; carrega pessoas e carga, sofre pancadas sem queixar-se. Também eu devo ser paciente no cumprimento de minhas obrigações, sofrer com resignação e mansidão as aflições, trabalhos, perseguições e calúnias.

668. 3. A santíssima virgem Maria valeu-se do burrinho quando foi para Belém dar à luz seu filho Jesus e ao fugir para o Egito na perseguição de Herodes. Eu também me ofereço a Maria santíssima para praticar prazer e alegria a devoção para com ela e pregar suas excelências em suas alegrias e dores. Meditarei dia e noite sobre estes santos e adoráveis mistérios.

669. 4. Jesus montou num burrinho ao entrar triunfalmente em Jerusalém. Também eu me ofereço alegremente a Jesus a fim de que se valha de mim para entrar nas almas convertidas e nos povoados, triunfando dos inimigos: mundo, demônio e carne. Que fique bem claro: as honras e os louvores que me forem tributados não serão para mim, que sou o burrinho, mas para Jesus, cuja dignidade levo, ainda que indigno. 167

O cachorro

670. *Canes muti qui non valuerunt latrare* (cachorros mudos, que não podem latir). 168 1. É um animal tão fiel e tão constante companheiro de seu dono, que nem a miséria, nem a pobreza, nem os trabalhos nem coisa alguma é capaz de separá-lo de seu dono. O mesmo devo fazer eu. Hei de ser tão fiel, tão constante no serviço e amor a Deus, que possa dizer

com o apóstolo Paulo: Nem a morte, nem a vida, nem outra coisa qualquer poderá separar-me dele (Rm 8,37-39).

671. 2. O cachorro é mais leal que um filho, mais obediente que um criado, mais dócil que uma criança. Não só faz voluntariamente o que seu dono manda, mas olha a fisionomia do seu senhor para conhecer a sua intenção e vontade, a fim de cumpri-las sem esperar que o mande, e o faz com a maior prontidão e alegria e ainda se faz participante dos afetos do dono. De tal maneira que é amigo dos amigos do amo e inimigo dos seus inimigos. Devo praticar todas estas belas qualidades no serviço de Deus, meu querido Senhor. Sim, com satisfação farei tudo o que ele me mandar. Procurarei descobrir sua vontade para cumpri-la, sem esperar que me mande. Cumprirei, com prontidão e alegria, tudo o que ele dispuser por seus representantes que são os meus superiores. Serei amigo dos amigos de Deus e tratarei os inimigos de Deus como ele me indicar, ladrando contra suas maldades para que desistam delas.

672. 3. O cachorro vigia durante o dia e à noite dobra sua vigilância. É guarda da pessoa do amo e de todas as coisas que lhe pertencem. Late e avança sobre aqueles que ele acha possam prejudicar seu amo e seus interesses. Devo procurar vigiar continuamente e clamar contra os vícios, culpas e pecados e contra os inimigos da alma.

673. 4. O maior prazer do cachorro é estar e andar na presença de seu dono. Procurarei andar sempre com prazer e alegria na presença de Deus, meu querido Amo, e assim não pecarei nunca e serei perfeito, segundo aquela palavra: *Ambula coram me, et esto perfectus* (anda em minha presença e sê perfeito). 169

Capítulo XVIII

Conhecimento de Deus e da Virgem Maria 170

674. 1855. No dia 12 de julho de 1855, às cinco e meia da tarde, quando eu concluía a Carta Pastoral sobre a Imaculada Conceição, ajoelhei-me diante da imagem de Maria para agradecer por me ter ajudado a escrever aquela carta. Para minha surpresa, ouvi uma voz clara da imagem que me disse: *Bene scripsisti* (escreveste bem). 171 Aquelas ditas palavras impressionaram-me profundamente, fiquei com grande desejo de ser perfeito.

675. 1857. No dia 15 de janeiro, às cinco da tarde de 1857, estando em contemplação, disse a Jesus: Que quereis de mim, Senhor? E Jesus me respondeu: Trabalharás logo, Antônio; a hora ainda não chegou! Nesse aspecto, em alguns dias tenho muita consolação, especialmente na missa e na meditação.

676. 1857. No dia 8 de outubro, às doze e trinta horas, a santíssima virgem Maria disse-me o que deveria fazer para ser muito bom: Já sabes: arrepende-te das faltas da vida passada e vigilância para o futuro... Ouves, Antônio? Repetiu-me: Vigilância para o futuro. Sim, sim, eu to digo.

677. No dia 9 do mesmo mês, às quatro da madrugada, a santíssima virgem Maria me repetiu o que dissera outras vezes: que eu deveria ser o são Domingos destes tempos, na propagação do rosário.

678. No dia 21 de dezembro do mesmo ano recebi quatro avisos: 1º -Mais oração; 2º - Escrever livros; 3º - Orientar almas; 4º - Ser mais tranqüilo diante do fato de ter de estar em Madri. Deus assim o dispôs.

679. No dia 25, Deus me infundiu amor às perseguições e calúnias. O Senhor favoreceu-me com um sonho na noite seguinte. Sonhei que estava preso inocentemente. Eu não disse nada, julgando ser um presente do céu, por me tratarem como Jesus; por isso, calei-me também como Jesus. Todos os amigos me abandonaram como a Jesus. E a um que queria defender-me, como são Pedro a Jesus, eu lhe disse: Não queres que eu beba o cálice que meu Pai me enviou? 172

680. 1859. No dia 6 de janeiro de 1859, o Senhor revelou-me que sou como a terra. Efetivamente, sou terra. A terra é pisada e permanece calada. Eu devo ser pisado e ficar calado. A terra sofre o cultivo: eu devo sofrer a mortificação. A terra tem necessidade de água para produzir: eu necessito da graça para produzir boas obras.

681. No dia 21 de março, enquanto meditava nas palavras de Cristo dirigidas à samaritana: *Ego sum qui loquor tecum* (sou eu que falo contigo), 173 entendi grandes coisas. À samaritana comunicou a fé e ela acreditou. Deu-lhe pesar por seus pecados e ela se arrependeu. Deu-lhe a graça para pregar sobre Jesus. Assim para mim: fé, arrependimento e a missão de pregar.

682. Disse a Moisés: *Ego sum* (Eu sou aquele que sou). 174 e enviou-o para o Egito. Jesus disse aos apóstolos à beira do mar: *Ego sum* (Sou eu!), 175 e animaram-se. Jesus disse a Saulo: *Ego sum* (Eu sou Jesus) 176 e ele converteu-se, tornando-se grande pregador. E assim por diante...

683. No dia 27 de abril, prometeu-me o divino amor e me chamou de *Antoñito mio*: (meu Toninho).

684. No dia 4 de setembro, às quatro e vinte e cinco minutos da madrugada, disse-me Jesus Cristo: Ensinarás a mortificação aos missionários, Antônio. Passados alguns minutos, me disse a santíssima virgem: Assim produzirás fruto, Antônio.

685. No dia 23 de setembro, às sete e meia da manhã, disse-me o senhor: Voarás pela terra ou andarás com grande velocidade e pregarás os grandes castigos que se aproximam. O Senhor deu-me a conhecer grandes coisas sobre aquelas palavras do Apocalipse: *Et vidi et Audivi vocem unius aquilae* (então olhei e ouvi a voz de uma águia), 177 que voava nos altos céus e dizia em alta e clara voz: Ai! Ai! Ai! Dos habitantes da terra por causa dos três castigos que devem vir. Estes castigos são: 1º O protestantismo, comunismo... 2º Os quatro arquidemônios, que promoverão de um modo espantoso o amor aos prazeres – o amor ao dinheiro – a independência da razão – a independência da vontade. 3º As grandes guerras e suas conseqüências.

686. No dia 24 de setembro, dia de nossa Senhora das Mercês, às onze e meia do dia, o Senhor fez com que eu entendesse o texto do Apocalipse 10,1: Vi também outro anjo forte descer do céu, revestido de uma nuvem e sobre sua cabeça o arco-íris; seu rosto brilhava como o sol, seus pés eram como colunas de fogo. 178 Ele trazia em sua mão um livro aberto, e pôs seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra (primeiro em sua diocese da Ilha de Cuba e depois nas demais dioceses). Soltou um grande grito como o leão quando rugiu. E, depois de gritar, sete trovões articularam suas vozes. Aqui vêm os filhos da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Disse sete; o número é indefinido, pois quer dizer todos. Chama-os de trovões porque, como trovões, gritarão e farão ouvir suas vozes; também por seu amor e zelo, como são Tiago e são João, que foram chamados filhos do trovão. E o Senhor quer que eu e meus companheiros imitemos os apóstolos Tiago e João no zelo, na castidade e no amor a Jesus e a Maria.

687. O Senhor disse a mim e a todos esses missionários meus companheiros: *Non vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, et Matris vestrae qui loquitur in vobis* (não sois vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai (e de vossa Mãe), o qual fala por vós). 179 De tal modo que cada um de nós poderá dizer: *Spiritus Domini super me, propter quod unxit me, evangelizare pauperibus misit me, sanare contritos corde* (o Espírito do Senhor repousa sobre mim, pois me consagrou com sua unção divina e me enviou a evangelizar ou proclamara boa nova aos pobres, a curar os que têm coração contrito). 180

688. No dia 15 de outubro de 1859, dia de santa Teresa, eu seria assassinado. O assassino entrou na igreja de São José, em Madri, na Rua Alcalá, para passar o tempo, e com má intenção. Mas acabou se convertendo por intercessão de São José, segundo o Senhor me revelou. O assassino veio encontrar-se comigo, disse-me que era de uma organização secreta, mantido por ela, e que fora escolhido para assassinar-me. E que, se não me assassinasse, dentro de quarenta dias ele seria assassinado, como ele mesmo havia assassinado outros por não terem cumprido a tarefa. Ele, que tinha de me assassinar, chorou, abraçou-me e me beijou e foi ocultar-se para que não o matassem por não ter cumprido sua tarefa.

689. Passei por grandes padecimentos, calúnias e perseguições. Todo o inferno se havia conjurado contra mim.

690. 1860. Dia 7 de junho, às onze e meia, dia de Corpus Christi, após a missa em Santa Maria, antes da procissão que eu deveria presidir, estando em oração, diante do Santíssimo Sacramento, com muito fervor e devoção, de repente, Jesus me disse: É bom e gostei do livro que escreveste. Refere-se ao primeiro volume do livro do Colegial ou Seminarista, que eu terminara no dia anterior; percebi nitidamente que se referia a esse livro. Ao terminar o segundo volume, dignou-se aprová-lo também.

691. No dia 22 de novembro de 1860, estava muito agoniado por ter de arcar com toda a responsabilidade do Escorial. A preocupação não me deixava descansar durante o dia, nem dormir à noite. Vendo que não podia dormir, levantei-me, vesti-me e comecei a rezar, colocando diante de Deus minhas aflições. Ouvi com voz espiritual muito clara e inteligível o Senhor que dizia: Ânimo, não desanimes, eu te ajudarei.

692. 1861. No dia 2 de março, Jesus dignou-se aprovar o folheto escrito sobre a Paixão.

693. No dia 6 de abril de 1861, recebi um aviso para não perder acalma; que fizesse cada coisa como se não tivesse nada mais que fazer, sem perder a mansidão. No dia 15 de junho de 1861 disse-me Jesus: *Pren paciencia* (Tem paciência, já trabalharás). 181

694. No dia 26 de agosto de 1861, enquanto rezava na igreja do Rosário, na Granja, 182 às dezenove horas, o Senhor concedeu-me a grande graça da conservação das espécies sacramentais e de ter sempre, dia e noite, o Santíssimo Sacramento no peito. Por isso, eu devo estar sempre muito recolhido e devoto interiormente e devo orar e enfrentar todos os males da Espanha como o disse o Senhor. Com efeito, fez-me recordar uma porção de coisas: como, sem mérito, sem talento, sem apadrinhamento de pessoas, de plebeu me elevou até os altos cumes, ao lado dos reis da terra e agora ao lado do Rei do Céu... *Glorificate et portate Deum in corpore vestro* (glorificai a Deus e levai-o sempre em vosso corpo). 183

695. Dia 27 de agosto de 1861, na mesma igreja, durante a bênção do Santíssimo Sacramento, dada após a missa, o Senhor fez-me conhecer os três grandes males que ameaçam a Espanha: o protestantismo, melhor, a descatoalização; a república e o comunismo. Deu-me a conhecer que se devem praticar três devoções para combater estes mesmos males: o Triságio, o Santíssimo Sacramento e o Rosário.

696. O triságio, rezado diariamente; o Santíssimo Sacramento, na missa, recebendo-o freqüentemente e com devoção, sacramental e espiritualmente; o rosário completo diariamente, ou pelo menos um terço, meditando os mistérios, aplicando-os aos costumes próprios.

697. No dia da conversão de são Pedro, o Senhor fez-me saber o que aí se passou: Pedro falhou, negou a Jesus. O galo cantou, mas Pedro não se converteu. O galo cantou de novo, e Pedro converte-se, porque Jesus olhou para ele. Jesus é aquele que olha para a terra e a faz tremer, *qui respicit terram et facit eam tremere* (o que olha a terra e a faz tremer). 184 Entendi que deveria pregar uma, duas vezes e, ao mesmo tempo orar, a fim de que o Senhor se dignasse olhar com piedade e clemência para os homens terrenos e os fizesse tremer, estremecer e se converter.

698. 1862. Dia 11 de maio, achando-me na capela do palácio de Aranjuez, 185 às seis e meia da tarde, ao fazer a reserva do Santíssimo Sacramento, ofereci-me a Jesus e a Maria para pregar, exortar, sofrer dificuldades e a própria morte, e o Senhor se dignou aceitar-me.

699. Sinto-me chamado a escolher entre duas coisas de igual glória de Deus: o mais pobre, o mais humilhante e o mais doloroso. 186

700. No dia 16 de maio de 1862, às quatro e quinze da madrugada, estando em oração, lembrei do que tinha escrito no dia anterior a respeito do Santíssimo Sacramento, referente ao dia 26 de agosto do ano passado. Eu estava disposto, e também hoje, a apagar o que havia escrito. A Santíssima Virgem disse-me que não apagasse. Após a missa, disse-me Jesus Cristo que me havia concedido esta graça de permanecerem meu interior sacramentalmente.

Capítulo XIX

701. **Etapas mais importantes da vida** 187
- 1807 Fui batizado no dia 25 de dezembro de 1807 3
- 1813 5 anos Pensava muitíssimo na eternidade 6
- 1816 9 anos Gostava muito de rezar 25
- 1818 10 anos Recebi a primeira comunhão 22
- 1820 12 anos Deus me chamou, eu ouvi e me ofereci 23
- 1826 18 anos O mar me arrastou, e Maria santíssima me salvou 42
- 1828 20 anos Maria santíssima livrou-me de uma mulher mal-intencionada 42
- 1829 21 anos A virgem santíssima livrou-me de uma grande tentação 57
- 1835 28 anos Fui ordenado sacerdote 62
- 1838 30 anos Fui nomeado administrador paroquial de Sallent 66
- 1839 31 anos Fui a Roma para oferecer-me à Propaganda Fide 73
- 1840 32 anos Voltei de Roma e iniciei as missões 109
- 1845 37 anos Fundei a Congregação contra a blasfêmia ...
- 1848 40 anos Fui às Ilhas Canárias 283
- 1848 40 anos Fundei a Livraria Religiosa 204
- 1849 41 anos Voltei das Ilhas Canárias 287
- 1849 41 anos Foi dado início à Congregação dos Missionários 290
- 1849 41 anos Dia 4 de agosto, fui eleito arcebispo 293
- 1849 41 anos Dia 4 de outubro, aceitei ser arcebispo 294
- 1850 42 anos Dia 6 de outubro, fui consagrado 297
- 1850 42 anos Fui agraciado com a grã-cruz de Isabel, a Católica 381
- 1850 42 anos Partimos de Barcelona para Cuba 299
- 1851 43 anos Dia 16 de fevereiro, chegamos a Cuba 303
- 1856 48 anos Dia 1º de fevereiro, fui ferido em Holguín 345
- 1856 48 anos Desenhei a estampa da Academia de São Miguel 351
- 1857 49 anos Dia 12 de março, saí de Havana 188 356
- 1857 49 anos Dia 5 de junho, fui nomeado confessor de sua majestade 369
- 1859 51 anos Fui nomeado presidente do Escorial 384
- 1860 52 anos Dia 13 de julho, fui nomeado arcebispo de Trajanópolis ...

Índice 189

Quarta parte

CONTINUAÇÃO DA BIOGRAFIA

Capítulo I

Viagem com suas majestades e altezas por Andaluzia 1

702. No dia 12 de setembro de 1862 saí com suas majestades e altezas da corte de Madri para Mudela; no dia 13, estivemos em Andújar; no dia 14 em Córdoba, ali permanecemos nos dias 15 e 16; no dia 17 chegamos a Sevilha e nela permanecemos de 18 a 25; no dia 26 nos dirigimos a Cádiz, lá permanecemos até o dia 2 de outubro; no dia 3, voltamos para Sevilla; no dia 5 estivemos em Córdoba; no dia 6, em Bailén; no dia 7, em Jaén; no dia 9, em Granada; no dia 14 em Loja; no dia 15 em Antequera; no dia 16 em Málaga; no dia 19 em Almería; no dia 20 em Cartagena; no dia 23 em Múrcia; no dia 25 em Orihuela; no dia 27 em Novelda; no dia 28 em Aranjuez e no dia 29, às cinco da tarde, entramos em Madrid.

703. Bendito seja o Senhor, que se dignou valer-se desta miserável criatura para fazer grandes coisas; a Deus nosso Senhor seja a glória, e a mim a confusão, como mereço. Tudo é de Deus; ele me deu saúde, forças, palavras e tudo o mais. Sempre reconheci que o Senhor era muito pródigo comigo, porém nessa viagem, não somente eu reconheci, mas também os demais. Eles viam que mal comia e bebia; somente provava alguma batata e um copo de água durante todo o dia. Jamais comia carne, peixe ou ovos. Não bebia vinho. Sempre estava contente e alegre. Jamais me viram cansado, não obstante em alguns dias ter pregado doze sermões.

704. Não posso dizer a quantidade de sermões que Deus pregou através deste indigno ministro e servo inútil durante os 48 dias de viagem. Um membro da comitiva teve a curiosidade de anotá-los. Diz ele que são 16 ao clero, 9 aos seminaristas, 95 às religiosas, 28 às irmãs da Caridade, 35 aos pobres dos estabelecimentos de beneficência, 8 aos homens das Conferências de São Vicente de Paula e 14 ao povo em geral nas catedrais e igrejas grandes.

2

705. Além das pregações, distribuímos muitos milhares de folhetos, opúsculos e livros. Efetivamente, em cada lugar que chegávamos já havia uma caixa grande de material que havíamos pedido antecipadamente. Não é possível explicar o afã com que todas as pessoas buscam ouvir a divina palavra, o efeito que lhes causava, a avidez com que pediam alguma lembrança, e o amor com que guardavam o que lhe dávamos, ainda que não fosse mais que uma folha avulsa.

706. Houve grandes conversões, ainda que não tenham conseguido confessar comigo por falta de tempo. Escreveram-me, depois, os mesmos penitentes convertidos. Cito apenas um dos muitos que poderia referir. Através de carta, dizia: “Excelentíssimo e ilustríssimo senhor e padre: O que se atreve a escrever a vossa excelência é um grande pecador, esquecido dos sábios princípios que me haviam transmitido os meus pais, meus mestres e que eu havia adquirido na longa carreira de meus estudos científicos. Lancei-me com todo o furor de um coração corrompido à revolução do ano de 1835, e do ano anterior, 1834. Não me havia aproximado do santo tribunal da penitência, não obstante meus horríveis temores e devoradores remorsos de minha consciência; graças a Deus e a Maria santíssima, acabo de

me confessar. Ontem, primeiro de setembro de 1862, fiz minha confissão geral. Meu coração está cheio de júbilo”.

707. “Os males que causei com meus escritos são incalculáveis e os excessos cometidos por minha posição são indizíveis. Desprezei meu Redentor e ele abandonou-me às minhas paixões e assim tenho vivido até este momento em que o Senhor teve piedade de mim. O primeiro chamado de meu Senhor foi o seguinte: Embarquei em Barcelona, no mesmo vapor em que estava um sacerdote. Este me presenteou com uma estampa da Puríssima com algumas máximas cristãs. Aceitei e, mesmo não fazendo caso, guardei-a em minha carteira e lhe recitei uma Salve Rainha. Não sei o que se passou no meu interior. Chega sua majestade a Andaluzia e vossa excelência com ela. Ao ver vossa excelência, lembrei-me da estampa de Maria santíssima. Porém, como? Pedindo justiça contra mim! Disseram-me que vossa excelência pregava. Correndo vou ouvi-lo. Ouço apalavra divina. Saio aterrorizado. Entro em minha casa e digo: Já tudo está acabado...”.

708. Louvemos todos a Deus e cantemos eternamente suas divinas misericórdias e, ao mesmo tempo, animemo-nos cada dia mais em colocarem prática os meios de que Deus se vale para converter os pecadores: como os folhetos, livretes e pregação. Oh! Como é bom hoje em dia fazer circular bons escritos, a fim de fazer frente à multidão dos maus.

Capítulo II

Trabalho com as Monjas de Andaluzia

709. Por todos os povoados por onde passávamos, nos quais havia monjas, aproveitava para pregar, a fim de não perder tempo. Enquanto pregava num convento, mandava um sacerdote a outro para que convocasse as irmãs diante da grade do altar mor. Assim que chegasse, podia iniciar a pregação e, logo depois de concluída, saía para outro convento. Desse modo, estando elas do lado de dentro e eu do lado de fora, não podiam deter-me, como me deteriam se tivesse entrado na clausura, como elas pretendiam sempre. Eu, porém, mesmo com a permissão dos respectivos bispos, nunca queria entrar para não ter que falar e perder tempo, coisas contrárias ao silêncio e à ocupação que sempre lhes inculcava. Não poucas vezes dizia-lhes que, se todas as monjas fossem mudas, seriam mais santas do que são. 4

710. Em todas as povoações observei que na maioria dos conventos não havia vida comum e sim particular. Por exemplo: em Sevilha há atualmente vinte conventos de monjas; em cinco, se observa a vida comum e, em quinze, se vive uma vida particular, nessa mesma proporção encontram-se os conventos de outras povoações de Andaluzia.

711. Os que conviveram com monjas sabem que é impossível que haja perfeição em uma comunidade na qual não se guarda a referida vida comum. Não direi eu o que acontece; deixo que o diga uma noviça de um convento que acaba de me escrever, com data de 18 de dezembro de 1862:

712. “Encontro-me neste convento e, por amor a Deus e pelo sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, suplico-lhe que me tire deste inferno. Isto não é um convento, mas uma casa de vizinhos. Aqui não há sossego. Tudo é um puro labirinto. Nada do que aqui existe é do meu

agrado. Se o nosso bispo soubesse o que se passa neste convento, já o teria fechado. Estou próxima da profissão e serei uma monja para o inferno. Não posso confiar em ninguém. Somente em vossa excelência espero encontrar remédio e salvação para minha alma, pois como confessor da rainha, deverá aconselhá-la a expedir uma ordem real para que não professe nenhuma noviça nos conventos em que não se observa a vida comum. Ai Senhor! Quanto lhe diga é pouco. Oh! Que vida tão triste! É uma morte. Eu somente sofro e calo. Espero de vossa excelência algum “remédio” antes que chegue o dia de minha profissão. Todas as que estão em conventos de vida particular encontram-se na mesma situação que eu estou. Somente Deus sabe o que se passa nestes conventos de vida particular. Remédio imediato; o tempo passa, a profissão se aproxima, sinto-me sem forças para remediar a situação, por compromissos muito grandes de...”.

713. Esta pobre monja está dizendo em geral o que já sabemos em minúcias e que se passa em semelhantes conventos. Por isso, em todos os conventos de vida particular, pregava-lhes com tanta energia e com tantas e tão poderosas razões, que se percebia claramente que Deus nosso Senhor, de um modo muito particular, me inspirava.

714. Fazia-lhes ver a necessidade que tinham de aspirar à perfeição, se desejassem mesmo a salvação. Não basta que sejam monjas para se salvarem, pois muitas devem ouvir de Jesus, seu esposo, aquelas palavras: Nescio vos, 5 não vos conheço, como às virgens imprudentes do evangelho. Pregava-lhes sobre o quanto é necessária a vida comum para a perfeição. Além disso, fazia-lhes um paralelo entre a vida comum e a vida particular, fazendo-lhes ver todas as vantagens corporais, espirituais e econômicas da vida comum sobre a particular e, para confirmar os argumentos, apresentava-lhes os exemplos da vida de Jesus, dos apóstolos, dos discípulos e de todas as comunidades nas quais existe vida de perfeição, pois são todas de vida comum.

715. Também lançava mão de outro argumento que, em verdade dava muita força; era uma oferta de pelo menos dois mil reais que sua majestade dava aos conventos. Dizia-lhe que o desejo de sua majestade era que todos os conventos tivessem vida comum. Não era uma ordem, mas um desejo. A oferta era de dois mil reais (em moeda da época) para cada convento da povoação, depositada nas mãos do bispo, com a obrigação de que fosse entregue às comunidades de vida comum e, às demais, quando a alcançassem.

716. Também dizia aos bispos e às comunidades que não deixassem entrar noviças nos conventos onde não houvesse vida comum e, se em alguns já tivessem entrado, que não professassem até que se houvesse restabelecido a vida em comum. Se não houvesse consenso de toda a comunidade, bastava que duas ou três comesçassem, e que as noviças que ingressaram, todas assumissem este compromisso. E assim, as velhas iriam entrando no esquema da vida comum. As mais velhas iriam morrendo e assim ficaria a comunidade reformada. A estas somente se lhe pedia que não fizessem como os fariseus, que não entravam no céu nem deixavam os outros entrar, como dizia Jesus. 6

Capítulo III

Danos e erros de protestantes e socialistas em Andaluzia

717. Faz alguns anos que nessa parte da Espanha se tem instalado muita apatia, tanto da parte dos governantes, como de parte dos eclesiásticos. Os socialistas e protestantes souberam aproveitar bem a ocasião. Enquanto alguns dormiram, outros semearam a cizânia naquele maravilhoso campo. É conhecida de todos a sublevação de Loja e a multidão de afiliados: não menos de oitenta mil. Também sabemos que, para sufocá-la foi preciso derramar sangue e desterrar a muitíssimos. Graças à viagem de sua majestade e ao indulto geral concedido, puderam retornar ao seio de suas famílias. Através de documentos oficiais sabe-se que os processados em consequência de tais acontecimentos de Loja foram 1.183, dos quais 387 eram solteiros, 720 casados, 76 viúvos. 7

718. Os meios de que se valeram foram muitos. Os principais, porém, foram: dinheiro, livros, panfletos e charlatões propagandistas. Valiam-se também da violência, pois os que não se alistavam eram perseguidos e impedidos de trabalhar, além de fazê-los padecer fome. Durante o tempo de nossa passagem e permanência, tive a curiosidade denotar alguns dos erros que por aquelas terras se havia disseminado. Anotarei aqui brevemente. 8 Diziam:

719. 1. “Que o homem não deve reconhecer a outro como pai, nem a outra como mãe na terra, porque os homens são como fungos e cogumelos, etc. sem contar com Deus para nada”. 2. “Que os filhos nada devem a seus pais, porque eles somente pretendiam divertir-se e, se de seu prazer veio o filho, talvez tenha sido contra a sua vontade, talvez tenham sentido desgosto por isso e, quem sabe se não tentaram abortar?” Essa forma de linguagem era falada, não somente no seio das famílias, mas também nas ruas, praças, caminhos e também nos tribunais.

720. 3. “Os reis, os ministros, são uns tiranos. Eles não têm nenhum direito de mandar sobre os demais homens. Todos são iguais”. 4. “A política é um jogo com a finalidade de apoderar-se do poder, da riqueza, dos homens, dos interesses e tudo mais na sociedade”. 5. “Não há outra lei senão a do mais forte”.

721. 6. “A terra não é de ninguém. Dela saem todas as coisas. As coisas são para todos e de todos”. 7. “Os ricos são uns velhacos, zangões, que não fazem mais que folgar, comer e viver de excessos; que, assim como as abelhas, insurgem-se e tiram a vida a quantos podem; assim os trabalhadores devem levantar-se e acabar com todos esses zangões da sociedade”.

722. 8. “Irmãos, somos iguais, todos somos da mesma natureza; porém os ricos nos tratam como se fossemos de natureza diferente e inferior à sua. Sim, tratam-nos como se somente eles fossem homens e nós como se fôssemos seus animais de carga e de trabalho. Eles não trabalham nunca, estão continuamente folgando; andam e se divertem pelos cafés, teatros, bailes e passeios, enquanto nós estamos continuamente trabalhando. Nem sequer nos deixam descansar nos dias de festa. Eles escolhem e reservam os lugares mais cômodos, e assim se livram do calor do verão e do frio no inverno. Nós, além da fadiga do trabalho, temos que padecer o calor, o frio, os ventos e as chuvas nas intempéries, ou metidos nas fábricas, porões e minas, respirando ar contaminado, e assim morremos antes do tempo. Eles, a cada dia colocam em suas mesas muitos e fartos pratos; nós apenas podemos comer um pedaço de pão velho, que nos fazem pagar muito caro, por causa do monopólio que detêm...”.

723. “Eles vestem roupas bonitas e finas; cada dia trocam de traje e cada vez mais luxuoso. Nós, mal podemos trocar nossas camisas miseráveis, molhadas do suor de nossas fadigas”.

724. “Eles vivem em grandes e magníficas casas, adornadas com um luxo asiático. Nós já não podemos viver senão em porões e sótãos, porque subiram o preço dos aluguéis, e já não conseguimos pagá-los. Nós edificamos as casas, construímos os móveis, confeccionamos suas roupas, preparamos suas refeições; porém, eles não nos retribuem, antes, nos roubam o que ganhamos e nos sugam o sangue com aluguéis, impostos e contribuições. Até quando vão durar esses roubos e injustiças? Levantemo-nos todos contra eles”.

725. 9. Até agora os ricos desfrutaram das terras. Já é tempo de nós também desfrutá-las e assim dividi-las entre nós. Esta divisão não é só um direito de equidade e justiça, como também de grande utilidade e proveito, pois os terrenos acumulados pelos ricos ladrões são infrutíferos, porém se divididos em pequenos lotes entre nós e cultivados por nossas próprias mãos, darão abundantes colheitas”.

726. 10. Além disso, dizia e repetia com muita freqüência o ferrador de Loja, Pérez del Olmo, o caudilho dos socialistas: “Antes os hospitais, casas de beneficência, as comunidades religiosas, os cabidos, os beneficiados, etc., etc., tinham fazendas, posses e rendas, e esses boas-vidas apropriaram-se de tudo e até do que é próprio dos povoados. E de todas essas coisas não nos deram nada. É justo que reclamemos a parte que nos toca; nós temos o mesmo direito que eles; e como eles não nos darão nada, estamos a ponto de tomar posse do que nos pertence. Unamo-nos, pois, todos, e levantemo-nos:mãos à obra”.

727. Com esses discursos e com os demais meios adulatários, ameaças e insultos aos que não cediam prontamente, e dessa forma rapidamente foi tomando grandes proporções. Ao mesmo tempo, foram semeadas doutrinas perversas e destruidoras: disseminava-se a imoralidade, apartando as pessoas do bem e conduzindo-as para o mal. Já não mais se recebiam os sacramentos da penitência, eucaristia e matrimônio; nem mesmo se participava da missa. Nos dias de festa, trabalhava-se até o meio-dia; à tarde e à noite, jogo, baile, teatro, café, taberna, passeio. Nada de religião. Tudo mundano. Os ministros da religião, desprezados, caluniados, murmurava-se contra eles, etc., etc.

728. Estando em Madri, ao tomar conhecimento de todas essas iniquidades, meu coração partia-se de dor. Desejava dirigir-me até lá para pregar. Porém, sua majestade disse-me que esperasse, que pregaria quando fôssemos para lá. E foi o que aconteceu. Mas isto não é suficiente. É necessária a presença de missionários. Conversei com os bispos daquelas regiões. O senhor núncio apostólico e a rainha falaram e escreveram cartas para que os missionários fossem para lá. Espero que alguém vá, certamente poucos, pois são poucos ao todo. Ó pai celestial, enviai missionários!!! 9

Capítulo IV

Calúnias contra sacerdotes católicos

729. Sabem os protestantes, os socialistas e os comunistas que os sacerdotes católicos são seus maiores inimigos, pois desfazem seus planos. Pois, sendo trevas seus erros, basta os

sacerdotes católicos apresentarem a luz da doutrina católica para que as trevas por si mesmas desapareçam. Por isso, o remédio mais oportuno que encontraram foi falar mal dos sacerdotes. Eles sabem muito bem que o que falam são invenções, calúnias e mentiras. Não importa, pois algo fica. Desprezados e desprestigiados os mestres, imediatamente é desprezada a doutrina, apaga-se a luz da verdade, fica o povo à mercê das trevas e de seus erros. É inexplicável o quanto propalaram com palavras e por escritos. Transcreverei aqui um dos muitos impressos que tenho à vista e que circulam em todas as direções, e procuram fazer chegar às mãos de todos. Diz assim:

Religião e moral

730. “Que seria da Igreja Católica se tivéssemos de julgá-la pelo procedimento da maior parte, para não dizer de todos os seus ministros? A degradação moral do clero vai chegando ao seu auge. Aumenta de um ano a outro, de um dia a outro e de uma hora a outra. Vejam como esses ministros da religião estão engolfados nos prazeres mundanos; metidos em intrigas políticas e feitos uns egoístas e comerciantes, completamente esquecidos das palavras de seu divino Mestre, que diz: “Meu reino não é deste mundo”. 10

731. “Eles não estudam nem ensinam a moral e se entregam à satisfação das suas ambições e apetites desenfreados. Não pregam o Evangelho e se preocupam incessantemente com os interesses dos partidos políticos, sendo eles os primeiros urdidores das tramas mais escandalosas e dos ardis mais iníquos. Quando perceberem alguma intriga infame, uma calúnia atroz, um vil manejo, digam, sem medo de errar: Isto é obra de um ministro católico”.

732. “Os párocos abusam de tudo; nada lhes é sagrado. A tudo, profanaram e aviltaram: o púlpito, o confessionário, a consciência, a família e a sociedade inteira. Puseram tudo a perder. Alguns parecem austeros, porém cuidado, carregam escondido debaixo da batina o punhal envenenado para lhes tirar a vida, e o que é mais assombroso, nem mesmo entre si se perdoam. Esquecidos das palavras de Jesus Cristo: Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, 11 com as quais se pode deduzir a separação entre a política e a religião, delas não fazem caso, misturam tudo, confundem tudo e com tudo fazem comércio”.

733. “Os sacerdotes católicos traem a si mesmos, a religião e a pátria. Chamam-se ministros do Deus da paz e são os primeiros a provocar a guerra, às vezes com palavras e, em outras, com exemplos. Deveriam ser a luz do mundo; porém, enchem-no de trevas, com sua ignorância e imoralidade. Seduzem as solteiras, enganam as casadas e corrompem as viúvas. São odiados de todo mundo por causa da vaidade, da ambição e de outras picardias. Conclusão: Foge, afasta-te deles. São duplamente impostores: são lobos devoradores em vez de bons pastores”.

734. É inexplicável o prejuízo que os ímpios e socialistas acarretam com as calúnias que levantam, com as ações que praticam e com o desprezo com que olham e tratam os sacerdotes, a missa, os sacramentos e as demais funções da religião. A tudo isto, acrescentam o desprezo, as caçadas e a mofa que fazem dos fiéis que professam a religião. Deste modo, cada dia arrebanham novos prosélitos e a sociedade, a passos acelerados, caminha para a perdição.

735. Algumas vezes, digo melhor, continuamente, penso no remédio que se poderia aplicar a tão grande mal. Depois de muito refletir, vejo que o remédio reside, de um lado, na formação de um bom clero, sábio, virtuoso, zeloso e de oração; de outro, catequizar e pregar às crianças, a todo o povo e distribuir bons livros e folhetos. Trabalhando, ainda há fé em Israel, o terreno ainda produz. Coragem, digo a mim mesmo; é preciso não desfalecer. Diante da virtude e firmeza dos bons sacerdotes, os ímpios perdem sua ousadia e atrevimento. 12

Capítulo V

Realizações desde a chegada a Madri

736. Ao chegar a esta corte, senti-me tão alegre e descansado de todas as minhas fadigas como se tivesse retornado de uma temporada de folga. Assim é que não duvidei em vir ao Escorial para dar início a uma novena-missão em honra de Nossa Senhora do Patrocínio. Preguei, graças a Deus. Muitas pessoas participaram e foram inúmeros os frutos, graças a Deus. 13

737. Terminada a novena, iniciei os exercícios espirituais à comunidade de sacerdotes e estudantes do seminário e a alguns sacerdotes de fora; na verdade os resultados foram muito felizes. 14

738. De volta a Madri, dediquei-me aos exercícios espirituais às Adoradoras; todas aproveitaram muitíssimo. Todas quiseram fazer confissão geral e ficaram muito fervorosas. 15

739. Durante as festas natalinas preguei exercício às Monjas ou Irmãs Francesas. Por se ocuparem com o ensino das meninas, que nessa época estão com os familiares para as festas natalinas, as irmãs ficam desocupadas e todos os anos dedicam-se aos exercícios espirituais; desde que me encontro em Madri, repetem o mesmo. 16

740. Propósitos dos exercícios espirituais que preguei no Escorial, do dia 10 a 19 de novembro de 1862: 1º Anualmente farei os santos exercícios. 2º Cada mês farei um dia de rigoroso retiro, sem conversar com ninguém. 3º Confessarei semanalmente. 4º Jejuarei três dias por semana, a saber: quarta, sexta e sábado e, em alguns dias, me absterei de sobremesa. Na segunda, quarta e sexta-feira aplicarei disciplina ou outra penitência equivalente. Na terça, quinta e sábado usarei o cilício.

741. 5º Durante a oração pensarei nos mistérios do rosário e na Paixão de Cristo. Evitarei a pressa. Recordarei a repreensão dirigida a santa Catarina de Sena. 17

742. 6º Praticarei o exame particular sobre a mansidão. A experiência diz que mais vale fazer poucas coisas com mansidão do que fazer muitas precipitadamente e com aborrecimento, pois as pessoas se escandalizam ao presenciarem tais atitudes, por isso tenho feito o propósito de jamais aborrecer-me, nem de queixar-me de coisa alguma. Serei sempre amável com todos, mesmo para com aqueles que me são incômodos. Farei freqüentemente as meditações dos capítulos 20 e 28 do livro Exercícios. 18

743. 7º Pedirei continuamente a Deus nosso Senhor que faça com que eu o conheça e o torne conhecido, que o ame e o torne amado, que o sirva e o faça servir. Direi: Senhor, se vós quereis servir-vos de mim para a conversão dos pecadores, etc., aqui me tendes.

744. 8º Antes do almoço, direi: Senhor, alimento-me para ter forças e para melhor vos servir. Antes das horas de estudo, direi: Senhor, estudo para melhor conhecer-vos, amar-vos e servir-vos, e para ajudar meu próximo. Antes de deitar direi: Senhor, faço-o para recobrar as forças desgastadas e servir-vos melhor; faço-o porque vós, Senhor, meu Pai, assim ordenastes.

745. 9º - Máximas que me propus guardar: 1ª. Comer pouco e trabalhar muito. 2ª. Dormir pouco e rezar muito. 3ª. Falar pouco e padecer muitas dores e calúnias, sem queixar-me nem defender-me; antes alegrar-me.

746. 4ª. Mortificação interna e externa. 5ª. Leitura espiritual pelo texto de Rodríguez. 19 6ª. Oração mental pelo texto de “La Puente”. 20 7ª. Exame particular sobre a mansidão.

747. 8ª. Agirei em tudo com retidão de intenção, com atenção e com força de vontade para fazer bem cada coisa.

748. 9ª. Andarei sempre na presença de Deus e lhe direi com freqüência: *Domine, pati aut mori* (Senhor, ou morrer ou padecer). 21 *Pati non mori* (Padecer, não morrer). 22 *Pati, et contemni pro te* (Padecer por vós e que eu seja desprezado). 23 *Absit mihi gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi* (Livra-me, ó Deus, de gloriar-me anão ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo). 24

Lembretes

749. 1. Pedirei a Maria santíssima uma caridade abrasada e uma perfeita união com Deus, humildade profundíssima e desejos de sofrer desprezo.

750. 2. Terei grande estima pela virtude de todos. A todos terei como meus superiores, julgando o melhor possível todas as suas obras, repreendendo-me, censurando-me e julgando somente a mim. Isto servirá para meu proveito; o resto não.

751. 3. Lembrarei o que o Senhor disse a um missionário: que o havia preservado de cair no inferno a fim de que procurasse a salvação das almas. Recordarei que me salvou das águas do mar e de outros perigos para que eu buscasse sua maior honra e glória e a salvação das almas que, com tanto custo, ele redimiu.

752. 4. Que não fez Jesus para a glória de seu Pai e para a salvação das almas? Ah! Contemplo-o em uma cruz, morto e desprezado. Pois eu, ajudado por sua graça, estou resolvido a sofrer aborrecimentos, trabalhos, desprezos, mofas, murmurações, calúnias, perseguições e até mesmo a morte. Já estou sofrendo, graças a Deus, muitas destas coisas; mas, animado, digo com o apóstolo Paulo: *Omnia sustineo propter electos, ut et ipsi salutem consequantur* (Tudo soffro por amor aos escolhidos, a fim de que consigam também eles a salvação). 25

753. 5. Sei que não posso oferecer a Deus bocado mais saboroso, nem bebida mais suave e delicada do que almas arrependidas, desde o púlpito e o confessionário. Jesus me convida e me dá seu corpo em comida e seu sangue em bebida e quer que eu o convide em companhia de almas convertidas. Sei que é a comida de que mais gosta, como disse aos apóstolos. Para os reis da terra providenciam-se frutos deliciosos, mesmo que sejam difíceis de conseguir. Que não devo eu fazer então para o rei celestial?

754. 6. Depois da missa, por meia hora, sinto-me como que aniquilado. Não desejo outra coisa senão sua santíssima vontade. Vivo com a vida de Jesus Cristo. Ele, possuindo-me, possui um nada, ao passo que eu, possuindo-o, tudo possuo. Eu lhe digo: Ó Senhor, vós sois meu amor! Vós sois minha honra, minha esperança e meu refúgio. Vós sois minha glória e meu fim. Ó meu amor! Bem-aventurança minha! Protetor meu! Alegria minha! Restaurador meu! Meu mestre! Meu Pai! Esposo de minha vida e de minha alma!

755. Não procuro, Senhor, nem quero saber outra coisa, senão vossa santíssima vontade, a fim de cumpri-la. Nada mais desejo senão a vós e, unicamente por vós e para vós, as demais coisas. Vós sois para mim sufficientíssimo. Eu vos amo, ó minha fortaleza, meu refúgio e meu consolo. Sim, vós sois meu Pai, meu irmão, meu esposo, meu amigo e meu tudo. Fazei que vos ame, como vós me amais e como quereis que vos ame.

756. Ó meu Pai, aceitai este meu pobre coração; devorai-o, assim como eu faço de vós meu alimento, para que eu me converta inteiro a vós. Com as palavras da consagração, a substância do pão e do vinho se converte na substância do vosso corpo e sangue. Ó Senhor onipotente! Consagrai-me, falai para mim e convertei-me todo em vós.

Capítulo VI

Prestação de contas ao meu diretor espiritual: 1862

757. Diariamente, tanto no inverno como no verão, levanto-me às três horas. Enquanto me visto, vou rezando, apesar de gastar poucos minutos para me vestir. Desejo muito a permissão para descansar sobre uma tábua e não me deitar na cama. Na cama sinto a cabeça pesada. 26

758. Logo de manhã, aplico forte disciplina e, quanto mais forte, mais alegria me dá, pois penso em meus pecados e nos açoites de Jesus e em seu amor. Parece-me ouvir: *Da mihi sanguinem, et dabo tibi spiritum* (Dá-me sangue e eu te darei espírito). 27 Segundo meus propósitos, um dia aplico-me a disciplina, outro dia o cilício. Este me incomoda mais que a disciplina, mas não o abandono nunca, por mais que repugne ao corpo.

759. A minha maior luta é com a comida. 28 Meu corpo é como o de um péssimo burro, que muitas vezes me engana e ri-se de mim: sente fome quando à mesa vê a comida. Faço-o jejuar três dias por semana: quarta, sexta e sábado. Em todos os dias do ano, mesmo nas festas principais, não me permito comer carne ou peixe. Quero, porém, que se prepare para os demais da casa para que eles comam, não eu. Para o corpo, isto é um verdadeiro sofrimento de Tântalo. O mesmo acontece com o vinho. Gosto de carne e de vinho, porém não quero nem comer nem beber e assim meu corpo e minha alma se sentem melhor.

760. Quanto à abstinência de carne, peixe e vinho, eu me conformo, embora me custe um pouco. O mais difícil é abster-me das demais comidas. Meu corpo deseja mais do que eu quero dar-lhe. No entanto, faz-me cometer falta servir mais do que o projetado. Cometo, porém, outra falta maior: comer mais apressado do que me proponho. Como eu me sirvo primeiro e não mais que batata ou verdura, etc., etc., e depois os outros se servem o que querem; naturalmente, eles necessitam mais tempo para comer o que colocam no prato. Eu quero esperá-los comendo devagar, a fim de concluir ao mesmo tempo, pois aqui está o meu desafio. Como me sirvo antes e não me detenho em trincar e, além disso, como tenho um apetite muito bom, não consigo conter o burrinho do meu corpo; ele me escapa, e como mais rapidamente do que desejo. Fora das refeições nada como nem bebo.

761. A abstinência em minha vida tem muitas finalidades: 1) Mortificar o corpo; 2) Edificar o próximo, o que cada dia me convence que convém; 3) Importunar o menos possível o próximo, sobretudo quando dele sou hóspede; 4) Economizando, terei mais o que dar. Ainda mais, especialmente para imitar a Jesus e a Maria. De um tempo para cá, Deus nosso Senhor, por sua infinita bondade, me revela muitas coisas quando estou em oração. Sinto profundo desejo de agir e de sofrer para sua maior honra e glória e para o bem das almas. 29

762. Desejo ardentemente sair de Madri para pregar pelo mundo inteiro. Não posso explicar meu sofrimento ao perceber que não me deixam sair. Só Deus o sabe. Diariamente tenho de resignar-me, conformando-me com a vontade de Deus, que no momento eu permaneça neste lugar. Faço propósitos de calar-me, no entanto, não escondo meu desejo de sair. 30

763. Sendo obrigado a permanecer nesta corte, atendo confissões todos os dias até as onze horas. Dois terços dos penitentes são pessoas que nunca se confessaram comigo e vêm para fazer uma confissão geral. 31

764. Das onze às doze horas, dou audiência. É a pior hora para mim, porque vêm com exigências relativas ao palácio e com as quais não posso concordar. Na parte da tarde, dedico-me a pregar, estudar e a escrever ou em alguma outra coisa; o mesmo acontece à noite. Procuro em momento algum estar desocupado.

765. Às três horas da manhã, antes da oração mental, rezo o santíssimo Triságio; às doze horas, antes do almoço, faço o exame de consciência e via-sacra breve. À noite rezo três partes do rosário, sete pai-nossos e ave-marias a nossa Senhora do Carmo e das Dores e mais a dezena e o rosário de antífonas marianas. 32

766. Para mim, a oração vocal me satisfaz mais do que a puramente mental, graças a Deus. Em cada palavra do Pai-nosso, Ave-Maria e Glória, vejo um abismo de bondade e misericórdia. Deus me concede a graça especial de estar muito atento e fervoroso durante tais orações. Também na oração mental, na sua bondade e misericórdia, o Senhor me concede muitas graças, porém na oração vocal o reconhecimento mais. 33

767. Diante do Santíssimo Sacramento, sinto uma fé tão viva que nem sei explicar. Sinto-a (sua presença) de modo quase sensível. Continuamente beijo suas chagas. Finalmente fico abraçado com ele. Custa e tenho que usar de violência sempre que tenho de separar-me de sua divina presença, sempre que chega a hora. 34

Capítulo VII

Prestação de contas da minha missão no Palácio

768. Já não sei o que dizer sobre este particular. Deus é quem sabe se cumpri minha obrigação. É bem verdade que sua majestade me estima e aprecia muito meus conselhos. Porém, em vista de sua posição, às vezes não se arrisca a fazer tudo o que sabe ser o melhor, principalmente no que concerne a atos públicos e exteriores; o que ela pode fazer, por si e privadamente, sempre se mostra disposta. Assim é que cotidianamente lê a vida do santo do dia, reza o santo rosário, participa da missa, visita a imagem da santíssima Virgem, frequenta os sacramentos com muito fervor e devoção. Anualmente faz os exercícios espirituais, quando estamos na Granja, pois ali dispõe de mais tempo livre. Nunca se cansa das coisas boas. É muito caridosa, faz donativos de boa vontade e generosamente. É muito compassiva. Interessa-se por todos os sofrimentos que presencia e conhece. O que mais lhe custa é o que se refere ao exterior, seja pela educação recebida, ou porque não quer provocar atritos com pessoas mundanas; mesmo assim, aos poucos vai se corrigindo naquelas coisas que, se bem é verdade que não são faltas graves, porém reconhece que seria melhor se as fizesse de outro modo. As principais são as seguintes:

769. 1º Os teatros - Quando cheguei a Madrid, a rainha todas as noites ia ao teatro e dava bons presentes aos artistas. Atualmente, comparece só por formalidade, dando preferência aos espetáculos que não ferem a moral, ainda assim, cansa-se, sente sono, precisa esforçar-se para não dormir, como ela mesma me confidenciou.

770. 2º Os bailes - Antes, eram freqüentes no palácio. Hoje em dia são poucos e realizados com muita ordem, segundo as informações dos que neles estiveram presentes, pois jamais vou vê-los e desaconselho os que estão ao meu alcance. Porém, os referidos bailes são mais um pretexto para encontros políticos do que para dançar e por outros fins. Vistos sob este ponto de vista, devem ser tolerados. E pode até ter havido ocasiões em que, por motivos estritamente políticos, se tenham tornado necessários.

771. 3º - Os banquetes - Antes eram muitos os banquetes. Hoje são poucos e só se aceitam os indispensáveis. Nesse mês, por motivos especiais, deveria haver três: por ser a comemoração do santo onomástico do príncipe, pela comemoração do santo onomástico da infanta Paz e por outro motivo; estes três convites, no entanto, foram reduzidos a um. Eu prefiro que se gaste em esmolas aos pobres do que em banquetes, bailes, etc. 35

772. 4º - As reuniões de etiqueta (beija-mãos) - Este é meu principal trabalho, porque desejo que as senhoras usem vestidos longos e com mais recato. Elas dizem que é o vestido da moda; que é costume vestir assim em tais cerimônias; que em todas as cortes do mundo, em tais funções, se vai assim, etc., etc. Não me impressiono com tais queixas, digo e faço o que entendo ser o meu dever. É verdade que atualmente a rainha é a senhora que se veste com mais recato e modéstia, mesmo assim não estou satisfeito. Queixo-me e manifesto o desgosto que sinto pelo fato de estar no palácio; por isso mesmo meu desejo é retirar-me.

773. Castigo contra os blasfemadores – Muitos são os castigos que poderia referir, cito apenas dois: 36 l. Na corte de Madri, Rua dos Relatores, no ano de 1862, realizavam-se obras numa casa e a passagem estava um tanto quanto obstruída. Um carroceiro, com a carroça carregada, devia passar por ali e, tendo encalhado a carroça no meio dos entulhos, começou a blasfemar contra Deus, chicoteando impiedosamente os animais e, simultaneamente, blasfemando. Eis senão quando um dos animais deu-lhe forte coice nas têmporas. O carroceiro caiu morto com a blasfêmia na boca.

774. 2. No mesmo ano de 1862, no mesmo povoado da cidade de Madri, na “Calle del Viento”, alguns pedreiros e serventes abriam valetas para fazer a ligação de um poço de esgoto de uma casa para a rede central, no centro da rua. Um deles, enquanto trabalhava com a picareta, soltava blasfêmias e, entre outras, dizia que se sujava com Deus; porém, como castigo Deus fez com que ele mesmo se sujasse. O muro de proteção rompeu-se antes do tempo e, asfixiado pelo forte odor e pela grande avalanche de água suja de esgoto, morreu com a boca cheia e todo o corpo coberto de sujeira.

Capítulo VIII

Prestação de contas ao meu diretor espiritual: 1863

775. No corrente ano (1863), suas majestades não realizaram nenhuma expedição. Permaneceram sempre em Madri e nas localidades de Aranjuez e na Granja. Assim tive mais tempo para dedicar-me à pregação, confessar, escrever livretes, mensagens e produzir estampas. 37

776. No tocante ao anúncio, preguei os santos exercícios espirituais a todas as senhoras e senhores da corte, isto tudo com grande fruto. Foi obra de Deus. Na igreja de Montserrat preguei também a novena de São José, a quem se dedicou um altar novo à nova imagem. A novena foi muito concorrida e fecundos os frutos. Preguei também retiro às Adoradoras, às Escolápias e às Terciárias, às meninas e empregadas. 38

777. Em Madri confesso todos os dias, das sete às onze horas, quando me levanto para dar audiência às pessoas que querem falar comigo. Para mim essa é a hora mais enfadonha, pois me pedem coisas nas quais não posso me meter.

778. Neste ano, nos Sítios, logo após a missa, atendia confissões todos os dias, pois se confessam comigo todas as camareiras e servidores mais próximos de suas majestades e altezas, e como todas freqüentam os sacramentos, todos os dias há gente para confessar. Em Madri, cada uma tem seu confessor e diretor espiritual; nos Sítios, porém, todas confessam comigo e todas têm uma conduta muito conveniente. Praticam meditação e leitura espiritual todos os dias, seja por um desejo espontâneo, mas também pelo bom exemplo de sua majestade que, além das práticas ordinárias de cada dia, a cada ano, no Real Sítio da Granja, faz os exercícios espirituais de Santo Inácio. As demais fazem seu retiro em Madri.

779. Em Aranjuez escrevi o segundo volume de O Colegial Instruído e produzi também várias estampas. Na Granja escrevi o livro A Colegial Instruída. Presenteei todos os seminários da Espanha com duzentos exemplares de O Colegial Instruído e mais cinco bíblias

para serem distribuídas entre os seminaristas mais aplicados. Doei também muitíssimos livros, estampas e rosários. 39

Capítulo IX

Propósitos por ocasião dos exercícios espirituais

780. Nos últimos dez dias do mês de outubro de 1863, fui ao Escorial para fazer exercícios espirituais, que duraram de 23 de outubro a 1º de novembro inclusive, nos quais fiz os seguintes propósitos: 1. Anualmente, farei os santos exercícios. 2. Mensalmente, um dia de retiro rigoroso. 3. Confessarei uma vez por semana. 4. Jejuarei três dias por semana: quarta-feira, sexta-feira e sábado. Nesses dias, à noite, me absterei da sobremesa. 5. Na segunda, quarta e sexta-feira me aplicarei disciplina ou outra prática semelhante. Usarei cilício na terça, quinta e sábados.

781. 6. Na oração pensarei na repreensão que santa Catarina de Sena recebeu. 40 Lembrarei de são Luís Gonzaga, que só na recitação das matinas gastava uma hora. 41

782. 7. Farei o exame particular sobre a virtude da mansidão. Recordarei da mansidão de Jesus, modelo e mestre que disse: Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. 42

783. Lembrarei da mansidão de Maria santíssima, que por nada se deixou levar pela ira, nem perdeu a perfeitíssima mansidão, com imutável e inimitável igualdade interior e exterior, sem que jamais se notasse variação no semblante, nem alteração na voz, nem expressões que indicassem alguma mudança interior. 43 “Considerarei sua utilidade, porque com humildade se agrada a Deus e com a mansidão ao próximo”. 44

784. “Melhor é fazer pouco com paciência, mansidão e amabilidade, do que fazer muito com precipitação, ira, enfado e resmungando. Diante deste modo de proceder, as pessoas se escandalizam e se afastam”.

785. 8. Jamais me mostrarei indisposto. Calarei e oferecerei a Deus tudo que me fizer sofrer. 9. Nunca me queixarei. Procurarei resignar-me à vontade de Deus, que assim tudo dispôs para meu bem: pobreza, humilhações, dores, desprezos, etc.

786. 10. Serei sempre amável com todos, principalmente com aqueles que mais me importunam.

787. 11. Nunca falarei de mim mesmo, nem sobre minhas obras, nem bem nem mal.

788. 12. Direi ao meu bom Deus: Senhor, se vos quereis servir de mim, miserável instrumento, para a conversão dos pecadores, aqui me tendes.

789. 13. Antes das refeições, direi: Senhor, é para ter forças e servir-vos melhor que me alimento; não por prazer, pois não desejo nenhum, mas sim por necessidade. 14. Antes de deitar, direi: Senhor, faço-o para recuperar as forças gastas e para melhor vos servir. Durmo porque vós, meu Senhor, o ordenais. 15. Antes de estudar, direi: Senhor, estudo para melhor

vos conhecer, amar, servir e para ajudar meu próximo. As devoções para os dias da semana serão as mesmas dos propósitos realizados nos outros anos. 45

790. 16. Em todas as coisas vou procurar: em primeiro lugar, pureza e retidão de intenção; em segundo, grande atenção e cuidado; em terceiro, força de vontade.

791. 17. Terei o máximo cuidado em fazer bem cada coisa, como se não tivesse mais nada para fazer. Com ajuda de Deus, tenho procurado cumprir estes propósitos.

792. A minha maior dificuldade tem sido a mansidão, devido à multidão de pessoas que vinham falar comigo a respeito de assuntos relacionados com o palácio e com interesses por cargos públicos. Por mais que lhes explicasse, não se convenciam e isto me torturava. Na hora de receber essas pessoas, das onze às doze horas, pedia antes a ajuda da graça de Deus para não me enervar. Enquanto saía uma pessoa e aguardava a seguinte, elevava os olhos e o coração para uma imagem de Maria santíssima, pedia-lhe a graça e os auxílios necessários, e assim suportava melhor e oferecia tudo a Deus. Aos que me procuravam dava uma palavra de ânimo ou um livro espiritual e assim saíam menos desesperados.

Capítulo X

Capítulo importante para a Congregação 46

793. No dia 14 de novembro de 1863, dia em que devia pregar sobre Maria santíssima nos santos exercícios espirituais que estava pregando no noviciado das Irmãs Terciárias do Carmo de Madri, Comunidade de Irmãs, Colégio de meninas e criadas, dia de sábado, no qual faço a leitura espiritual mariana, dia do patrocínio de Maria santíssima, por ter sido impossível celebrá-la no domingo anterior por ser a oitava de Todos os Santos. Nesse dia, pois, estava lendo “que a Ordem dos Cartuxos, angustiada pela falta de quem quisesse professar sob seu hábito em um instituto de vida de tanta austeridade, solidão, silêncio, não encontrou melhor solução que consagrar-se a Maria santíssima, com voto público de rezar diariamente seu ofício (o ofício parvo), e com isto alcançou tão perfeitamente sua perpetuidade que, desde o ano de 1804, perdura inviolada essa severíssima regra, para vergonha do tempo que, destruindo todo poder, não pode destruir o que se põe sob a proteção de Maria”. Este conselho de que se rezasse o ofício parvo foi dado por são Pedro, que lhes apareceu sob o aspecto de um ancião.

794. Nesse dia, veio-me o pensamento de que, se a Congregação rezasse diariamente, além do ofício divino, o ofício parvo de Maria santíssima, ela nos proveria de pessoas que aumentariam, dilatariam e conservariam a Congregação.

795. Durante a oração da manhã do mesmo dia parecia que a imagem da Virgem que está no altar me dizia que assim se fizesse, mas com discrição, bastando que um só membro o rezasse: um por obrigação e os demais por devoção, se o desejassem e julgassem oportuno. Porém, os que estivessem nas missões estariam dispensados, pois teriam ocupação suficiente com a pregação e no atendimento às confissões. Também se poderia dispor que este ofício parvo fosse rezado pelos que estivessem no noviciado e que não possuem ainda as ordens sagradas.

Capítulo XI

Relato espiritual de 1864

796. Oriento-me pelos propósitos que fiz nos últimos exercícios, cumpridos com algumas imperfeições permitidas por Deus nosso Senhor para mais me humilhar e reconhecer na prática que eu não sou mais do que miséria e que, se algo de bom existe em mim, tudo é de Deus; eu não sou mais que um puro nada. No corrente ano, o Senhor concedeu-me conhecer claramente a necessidade e utilidade desta preciosíssima virtude. Nunca a havia entendido tão bem. 47

797. Neste mesmo ano li novamente as obras de santa Teresa de Jesus. Através dessa leitura o Senhor me comunicou grandes conhecimentos. Oh! Como o Senhor é bom! Como sabia de antemão das grandes provas pelas quais deveria passar, preveniu-me com profundos conhecimentos e auxílios espirituais.

798. Neste ano tenho sido muito caluniado e perseguido por toda classe de pessoas: pelos jornais, folhetos, livros plagiados, por fotografias e por muitas outras coisas e até pelos próprios demônios. Em alguns momentos minha natureza se ressentia, mas logo me tranqüilizava e me conformava com a vontade de Deus. Contemplava Jesus Cristo e via como estava longe de sofrer o que ele sofreu por mim. Assim me tranqüilizava. Neste mesmo ano escrevi um livrete intitulado: O consolo de uma alma caluniada. 48

799. Neste mesmo ano, escrevi o Catecismo para uso em toda Espanha; Avocação das crianças. Fiz que se reimprimisse o Regulamento dos estudantes, em latim; As Regras dos Clérigos de vida comunitária; As tardes de verão na Granja e Regulamento das Bibliotecas populares. Esperam-se ótimos resultados através deste livrinho.

800. Neste mesmo ano, preguei missões aos Servitas em San Andrés e nas Salesas Reais. Nelas o Senhor e a santíssima Virgem fizeram que houvesse muito fruto. Preguei os exercícios espirituais às Desamparadas, às Escolápias, às Terciárias e às meninas do Colégio e às criadas. Preguei na corte outros diferentes sermões e, no Escorial, exercícios espirituais.

801. Diariamente, às três horas da manhã, o despertador me acorda. Comumente, porém, já estou acordado a essa hora. Faço logo minhas orações e devoções. Dedico-me à leitura espiritual até às quatro e meia, hora em que desperto os empregados. Depois me preparo para a celebração da missa. Às cinco horas começamos a meditação que dura uma hora. Imediatamente celebro a missa no mesmo oratório; depois permaneço em ação de graças até as sete horas. Vou para o confessionário até as onze. Em seguida, inicio as audiências que se estendem até as doze horas, quando então me retiro. Rezo a via-sacra e outras orações, faço o exame particular sobre o amor de Deus; em seguida, almoço, etc. 49 Ocupo-me com a oração, estudo, pregação, visita ao Santíssimo nas quarenta horas, até as oito e meia da noite, quando juntos rezamos o terço.

Capítulo XII

Acontecimentos úteis a pregadores, confessores e demais pessoas

802. Desde que sou sacerdote, ainda que indigno, muitos casos aconteceram comigo, os quais não foram registrados por estar sempre muito ocupado. Porém, com a indicação do meu diretor espiritual de que seria para a glória de Deus e o bem das almas, relatarei alguns casos, com singeleza e brevidade, tais quais presenciei ou se passaram comigo.

803. Hoje, 15 de abril de 1864, disseram-me que na paróquia de San Andrés, onde eu pregara missões na Quaresma, haviam cumprido o preceito pascal quatro mil pessoas a mais que nos anos anteriores. Bendito seja Deus. Glória seja a Deus. Confessaram-se homens que não se confessavam há quarenta e mulheres há trinta anos. *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam* (Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória). 50

804. Males causados pelo pecado de impureza: Hoje, 30 de abril de 1864, chamaram-me para atender a um doente. Fui. Era um jovem de dezenove anos. A princípio, quando me encontrava em Madri, confessava-se comigo, ia muito bem; freqüentava os sacramentos, encomendava-se a Maria santíssima e seguia em tudo os meus conselhos. Depois começou a freqüentar más companhias e já não vinha confessar-se comigo. Antes de morrer, porém, chamou-me. Eu fui e ele me disse: “Morro tísico por ter-me entregado ao vício da masturbação, por ter abandonado os sacramentos e não mais me ter encomendado a Maria santíssima”. Morreu poucas horas após ter-se despedido de mim.

805. Relatarei aqui alguns casos bastante escabrosos que tive de resolver e remediar. Somente poderão lê-los sacerdotes da prudência e tino para precaverem-se e temer. 806-810. 51

Capítulo XIII

Continuação dos relatos que podem servir de correção

811. Madri, 31 de março de 1864. Um senhor recentemente casado disse à esposa, uma senhora muito virtuosa: “Nada te proíbo; apenas desejo que te abstenhas de uma coisa: da confissão, pois não quero que um sacerdote governe minha casa, como a governaria se te confessasses freqüentemente, pois te deixarias levar pelos conselhos dele”.

812. Acrescentou, para afastá-la dos sacramentos: “Não creio que Deus tenha confiado seus tesouros e suas graças aos sacerdotes. Sei por experiência própria que, quando um senhor rico, poderoso, sábio e prudente nomeia um mordomo a quem deseja confiar seus tesouros e através do qual os quer distribuir, procura alguém que seja probo, instruído e educado, e nunca alguém que seja imoral, bobo e grosseiro. Isto o diz a razão e o evidencia a experiência de todos os dias. Como, pois, se pode crer que Deus tenha escolhido servidores de seus dons, graças e ministros de sua igreja a sacerdotes, homens grosseiros, sem ciência, sem educação e sem costumes?” Assim falava este ímpio, linguagem antiga dos hereges, mil vezes refutada pelos santos Padres e doutores da Igreja. É bem verdade que a graça e os efeitos dos sacramentos não dependem da santidade do sacerdote, embora tenhamos o dever de ser instruídos, bem educados e de santos costumes.

813. Madri, 1o de abril de 1864. Uma senhora, diretora de um colégio, disse-me: “O mais bobo de cada casa é que se mete na igreja e se torna padre”.

814. Madri, 15 de abril de 1864. Uma senhora muito piedosa e zelosa, disse-me: “Há muita ignorância nos clérigos. Seria preferível que em algumas paróquias da zona rural não houvesse sacerdote e os fiéis rezassem o terço em lugar de ter missa, para não acontecer que algum sacerdote, atrasado e imoral, não faça mais que escandalizar”.

815. No mesmo dia comentava uma senhora sobre a última vez que fora comungar. O sacerdote que lhe deu a sagrada comunhão estava com os dedos tão sujos e com cheiro tão forte de fumo que teve nojo e ânsia. Estando já com a hóstia já na boca, não pôde engoli-la: sentia o estômago revoltado em ânsias de vômito, tudo por causa do nauseabundo sacerdote. Ai de nós se, em lugar de atrair os fiéis com bons hábitos, os afastamos com modos grosseiros e paixões não mortificadas! Ai de nós se, em lugar de sermos o bom odor de Cristo em todo lugar, como diz o Apóstolo, 52 somos a peste que os espanta!...

816. No ano de 1864, Carmelo Sala e Atanásio López foram pregar uma missão em uma povoação chamada Oche. 53 Uma mulher, ao vê-los chegar, pôs-se a gritar: Menina, prenda as galinhas, que os missionários estão chegando. Os próprios missionários ouviram-na e me contaram. A mulher, durante a missão, arrependeu-se e justificou-se aos missionários: o que havia dito era por causa de outros que haviam passado antes e por causa da boa vida que levavam. Como convém que os missionários sejam mortificados, muito virtuosos e exemplares!

817. Primeiro de fevereiro de 1865. Os padres Mon e Sáenz de Cenzano, jesuítas, passaram da missão de Pamplona para a missão de Zaragoza; tomaram o trem e se sentaram nas poltronas de primeira classe. De imediato, os ímpios viram ou souberam e comentaram em conversas e pelos jornais. O que os missionários devem fazer é não viajar de trem, se alguma vez for necessário, o melhor é ir de segunda ou de terceira classe e, melhor ainda, ir a pé, como Jesus, montado num jumento.

Capítulo XIV

Castigos advindos por causa de maldições

818. No dia 18 de maio de 1864, encontrando-me, em Madri, aproximou-se de mim uma mulher de um povoado próximo, muito aflita, pedindo-me consolo e conselho sobre a forma como deveria agir. Tinha ela um filho de 25 anos, habituado a sair à noite em companhia de outros. A mãe não queria que saísse de casa à noite; porém, ele não fazia caso das admoestações da mãe. Certa noite, percebendo que perdera o controle, cansada, disse-lhe: Já que não posso te sujeitar, a justiça te sujeitará. Com a maldição da mãe, saiu em companhia dos oito colegas, como de costume. Aconteceu insultarem uma mulher; a polícia prendeu a todos e foram parar na cadeia. Ao relatar-me o fato, haviam transcorrido oito meses; nesse tempo todos foram soltos, menos seu filho, condenado a quinze anos de prisão. A mãe dizia que isso foi castigo de Deus, por dois motivos: primeiro, pela desobediência do filho e, segundo, pela maldição que lhe lançara.

819. Dia 25 de novembro de 1864, em Madri, uma mãe me disse que tinha uma filha de oito anos e meio, bastante esperta. Certa ocasião, a menina fez uma travessura própria da idade e

vivacidade; a mãe, encolerizada, disse-lhe: Que morras já! A própria mãe disse que amenina, bastante sadia, a partir do momento da maldição, adoeceu e morreu. A própria mãe reconhecia que sua maldição lhe havia causado a morte, por isso estava inconsolável.

820. Madri, 10 de janeiro de 1865. Uma mãe disse-me que tinha duas filhas: uma de vinte anos e outra de catorze. A mais velha morreu, e ela disse: Seria melhor que tivesse morrido a mais nova. E esta foi morta. O fato aconteceu assim: um homem raptou-a, levou-a consigo, estuprou-a, apertou-lhe a garganta para que não gritasse, acabou afogando-a, jogou-a em um escoadouro e se foi. Este fato foi muito notório em Madri. Eu o ouvi pelo testemunho da própria mãe.

821. Madri, 25 de março de 1865. Uma moça solteira disse-me que vivera amigada, com promessa de casamento com três, um após o outro. E que os três a haviam enganado e abandonado; ela, indignada, amaldiçoara os três e desejara-lhes mal; aos três aconteceu exatamente o mal que ela lhes havia desejado, conforme a própria maldição que lhes lançara.

822. Muitos exemplos deste tipo, com maldições que se verificaram, poderiam ser referidos. Fiquei sabendo e também vi muitos casos cujos desejos do maldizente se cumpriram nos termos e tempo da predição. Vi-os em todos os estados de vida, porém, os mais comuns foram os verificados entre mães e filhos, entre pais e filhos, entre maridos e mulheres; patrões, empregados e empregadas, bem como entre amantes que se enganaram mutuamente, faltando com a palavra dada.

Capítulo XV

Alguns exemplos de pecados castigados

823 - 826. 54 (Este capítulo não foi publicado por expressa vontade de Claret. Porém, pode ser lido em seus manuscritos, Mss. Claret, I, 497-499).

Capítulo XVI

Fatos que testemunhei

827. No dia 25 de dezembro, do ano..., às quatro da manhã, começou a nevar e continuou por dois dias seguidos. Foi tanta a neve como jamais fora visto em Madri. No entanto, uma mulher, com toda aquela neve, veio de uma cidadezinha a dezoito quilômetros para fazer sua confissão.

828. Uma senhora de 64 anos veio confessar-se comigo. Durante sua vida não se confessara mais do que duas vezes. A primeira vez que em que se confessou tinha dez anos e a segunda, vinte anos, por ocasião de seu casamento. Desde muito pequena sempre foi muito má. Porém, piorou depois de casada; foi muito escandalosa. Esteve em lugares diferentes e em todas as partes teve comportamento péssimo. Finalmente regressou a Madri, sua pátria, e sentiu desejos de confessar-se, pois fazia 44 anos que não se confessava e as duas únicas confissões não foram bem-feitas. Eu, ao ouvir sua longa e péssima vida e, ao vê-la tão arrependida e desejosa de iniciar uma vida penitente, perguntei-lhe se praticava alguma devoção.

Respondeu-me que, não obstante sua vida errada, cada dia rezava sete pai-nossos e sete ave-marias à santíssima Virgem do Carmo, pois desde pequena ouvira dizer que era uma boa devoção. No mês de novembro de 1864 confessou-se e passou a viver cada vez melhor. Não duvido que conseguirá a salvação.

829. Madri, 21 de março de 1865. Converteu-se e confessou-se aquele que fazia caricaturas e fotografias contra mim. Eram muitas, extremamente caluniosas e também foram vendidas e propagadas por toda parte.

830. Nesse mesmo ano converteu-se uma mulher muito má, que havia cometido toda espécie de pecados. Converteu-se através da oração Ó Virgem e Mãe de Deus, etc., que recitávamos depois do sermão. Não obstante sua má vida, todos os dias rezava e, finalmente, a virgem santíssima tocou-lhe o coração. Ela fez uma boa confissão geral. Nunca se havia confessado bem. Reservadamente direi que havia feito toda sorte de pecados. Havia cometido especialmente o pecado de torpeza consigo mesma, com mulheres, com homens solteiros, viúvos e casados, com seu próprio pai, com seu próprio filho, com animais e de todas as maneiras. Envenenou o marido, tentou suicídio muitas vezes, mas não conseguiu acabar com a vida por mais que o procurasse. Ficava semimorta e era curada. Invocara o demônio muitas vezes e entregara-se a ele para que a levasse, etc., etc. Devido a esta pequena devoção que todos os dias rezava a Maria santíssima, o Senhor a preservou. Finalmente o Senhor a converteu. Ó Maria santíssima, como és misericordiosa! Esta conversão ocorreu durante a novena do Imaculado Coração de Maria, em 1865.

Capítulo XVII 55

Capítulo XVIII Saída da Corte 56

831. Às três horas e trinta minutos da tarde do dia sete de maio de 1865, dia do Patrocínio de São José, Jesus me disse que fosse muito devoto de São José e recorresse a ele com confiança.

832. No dia 17 de julho de 1865, às sete horas da manhã, estava rezando diante da imagem de Cristo do Perdão na igreja da Granja, quando Jesus me disse: Antônio, retira-te. Isto foi consequência do ato de sua majestade ter aprovando o chamado Reino da Itália. Já se suspeitava desta aprovação. Os bispos começaram a enviar seus relatórios, começando pelo arcebispo de Burgos. 57 A rainha perguntou o que eu achava da posição dos bispos. Respondi-lhe que me parecia muito boa. Disse que eu faria o mesmo se estivesse no lugar deles. Eles escrevem porque estão ausentes. Eu não escrevo porque me encontro diante de vossa majestade e falo pessoalmente, frente a frente. Eles escreveram em nome próprio e dos seus rebanhos, ao passo que eu não preciso, pois não tenho senão uma ovelha, que o lobo vai devorá-la. Aludia a sua majestade, que entendeu muito bem e disse-me: Deus nos livre...

833. Como isto era previsto que iria acontecer, eu a exortava para que fugisse de tal aprovação, que se afastasse dessa questão. A rainha me prometia que jamais se posicionaria contra o santo Padre, pois iria contrariar também o rei de Nápoles, seu parente muito próximo. 58 Algumas vezes chegara a me dizer que antes preferia deixar de ser rainha, que

aprovar tal coisa; outras vezes assegurava que preferia perder a própria vida. Como eu via que, finalmente, aconteceria a ela o mesmo que ao rei de Nápoles, e dizia isso a ela, exortava-a a morrer honrada, sem macular-se com tão feia mancha. Além de todas as exortações que lhe fiz, cheguei até a ameaçá-la, dizendo duas vezes que, se aprovasse o reino da Itália, sairia da corte. Era o modo de sensibilizá-la porque muito me estimava.

834. Finalmente, a 14 de julho, dia de São Boaventura, data funesta para a rainha e para todos os católicos. Às nove horas da noite chegaram todos os ministros à Granja. O presidente O'Donnell foi sozinho ao palácio e falou com sua majestade das nove às onze horas da noite. Disse que o caso do Reino não é como pensam, que o leão não é tão feroz como se pinta. Disse ainda que aqui não se trata de aprovar o direito, mas sim meramente o fato, e isto da parte de Nápoles; porém sem atingir, de nenhum modo, o que pertence ao pontífice. Além deste engano artificioso, falou-lhe ainda da conveniência econômica, sobretudo porque o exército poderia se revoltar e forçar a aprovação do chamado reino da Itália. Dessa maneira, pode-se dizer que ela foi ludibriada e ameaçada. 59

835. No dia seguinte, na hora pré-determinada, apresentaram-se todos os ministros no palácio. Todos juntos aprovaram o que havia dito o presidente, na noite anterior.

836. Este acordo provocou em mim um sentimento de morte. Apresentei-me a sua majestade e mostrei-lhe o mal que cometera. Ela não fazia outra coisa a não ser chorar. Disse-me que desde o momento em que consentiu não a havia deixado a febre.

837. Este acontecimento causou-me tamanho desgosto, que fui acometido de um terrível desarranjo e, como na Granja são fatais as diarreias por causa da água, pois a cada ano, por esse motivo morrem alguns da comitiva. Aproveitei este motivo para ir até a Catalunha e separar-me da corte, apresentando como pretexto a viagem para não causar maior impacto à rainha, pois ela estava no quarto mês de gravidez e poderia abortar. Suplicava-me e pedia com gemidos e lágrimas que eu não me retirasse. Eu dizia ser necessário para salvar minha vida, que havia feito muitos sacrifícios nos oito anos e alguns meses que havia estado ao seu lado e que, finalmente, não me exigisse o sacrifício da própria vida. 60

838. Saí da Granja e fui a Madri, em seguida a Zaragoza e depois a Barcelona e, finalmente, a Vic. Ao retirar-me do ambiente da corte, já me sentia um pouco melhor, porém continuava o desarranjo, que ainda continuou uma porção de dias, mesmo depois de ter chegado a Vic. 61

839. No dia 14 de agosto deste mesmo ano, às nove e trinta da noite, encontrava-me na igreja de São Domingos, em Vic, onde se realizavam as Quarenta Horas. Fui visitar o Santíssimo e o Senhor me disse lá do Santíssimo Sacramento do Altar: Irás a Roma.

840. Carta a mim escrita por sua Majestade a Rainha: Santo Ildefonso, 20 de julho de 1865. Senhor Claret, meu Pai: A finalidade destas linhas é suplicar-lhe, pelo carinho que nos tem, que esteja no dia dois do próximo mês, em Valladolid, a fim de nos acompanhar até Zarauz. O senhor bem compreende o que me aconteceria e o que diriam se me vissem as pessoas sem a sua presença. Se o senhor, após ter estado em Zarauz, precisar de mais banhos, poderá daí mesmo afastar-se alguns dias, e voltar em seguida. Faça mais este sacrifício por sua filha de

confissão que tanto lhe deve. Peço-lhe, caso atenda meus pedidos, que me escreva, e minha alegria será imensa. Peça a Deus e à virgem Maria que a todos nos conserve a saúde. O rei está enfermo. Conto com suas preces para que não seja nada. Confiamos todos nas suas orações, e tudo delas esperamos. Sua respeitosa filha que o ama, Isabel. 62

Capítulo XIX

A carta de sua Santidade

841. Uma vez reconhecido o reino da Itália, sua majestade a rainha consultou o santo padre, pedindo conselho para saber como deveria proceder. 63 O santo padre lhe respondeu dizendo: Majestade: A carta que vossa majestade me dirigiu ultimamente e, através da qual me pede conselho, se vossa majestade deve ou não reconhecer o estado atual da Itália, encerra em si graves dificuldades da parte da que pede conselho e, de minha parte, uma verdadeira impossibilidade de poder dar-lhe uma resposta afirmativa. Não desconsidero a difícil situação em que se encontra vossa majestade e reconheço que no sistema parlamentarista o soberano se encontra muitas vezes impedido de executar as resoluções que sabe deveriam ser tomadas. Contudo, estas resoluções jamais devem nem podem ser admitidas, se elas são contra a justiça. Por esta razão compreenderá facilmente vossa majestade que meu conselho será sempre contrário ao reconhecimento de uma usurpação sempre injusta aos príncipes italianos, pois foram prejudicados, e muito mais ainda pelo que tange à santa Sé, cujo patrimônio me foi confiado para que o deixe íntegro aos meus sucessores.

842. Parece impossível à nação espanhola, tão famosa pelo amor à fé católica, e que em 1849 deu ao mundo todo um brilhante exemplo de amor a esta santa cátedra, e mesmo à minha pobre pessoa, 64 pretenda agora obrigar vossa majestade a dar um exemplo completamente contrário! Espero que isso não aconteça.

843. Verdade é que o desejo por mim manifestado de preencher as sedes episcopais vagas na Itália, foi motivo para supor por parte de alguns, que esta santa Sé continue as tentativas de entrar em contato com o rei Vítorio Manuel e seu governo a ponto de reconhecer o estado atual da Península. Porém, os que pensaram assim caíram em grande equívoco, pois uma coisa é satisfazer a um dever de consciência imposto por Jesus Cristo, qual seja o de ponderar todos os meios possíveis para poder prover às necessidades da Igreja, e outra coisa é reconhecer as usurpações e sancionar, assim, a falsa doutrina dos fatos consumados. Busquei o modo de poder cumprir com meu dever e, direi até com esperança de feliz resultado, nas primeiras tentativas feitas com o negociador piemontês; porém, após sua volta a Roma, tendo recebido instruções completamente diferentes, essas mesmas esperanças se desvaneceram completamente, e as coisas voltaram ao seu estado inicial.

844. Quanto ao mais, rogo para que Deus sustente vossa majestade e lhe dê as luzes necessárias para que acerte fazer o bem que lhe seja possível em seu reino e salvar a sociedade, exposta em nossos tempos a grandes danos e evidentes perigos. Concedo-lhe a bênção do fundo do coração e à sua majestade o rei, o príncipe de Astúrias, à augusta família e a todos os seus súditos. Dada no Vaticano, aos 15 de junho de 1865. Pio IX. Não obstante a leitura da carta por sua majestade e pelos ministros, o reconhecimento do chamado reino da Itália acabou acontecendo. 65

Capítulo XX

Carta do Núncio, enquanto eu estava na Catalunha

845. Ao perceber o rumo que as coisas tinham tomado, pedi ao senhor núncio apostólico que consultasse Roma sobre a maneira de eu devia proceder. 66 A resposta que veio de Roma, de parte do núncio, constitui-se na seguinte carta: Excelentíssimo e Ilustríssimo Senhor Dom Antônio Maria Claret Arcebispo de Trajanópolis Estimado Senhor e querido Irmão Recebi ultimamente a resposta de Roma sobre sua consulta, que é a seguinte: “Não estranho, escreve-me o senhor Cardeal Antonelli, que o senhor Claret esteja angustiado e busque sábios conselhos para tomar uma resolução e tranquilizar seu ânimo. Considerando, porém, o bem que o mesmo poderia prestar em relação aos interesses religiosos e à boa causa, mesmo depois do reconhecimento do reino da Itália, não se pode persuadi-lo de que deixe o posto que tem na Corte, porém tampouco se lhe pode sugerir que continue no mesmo, se isto lhe ocasiona problemas de ordem espiritual e contraria a sua consciência. Portanto, não resta outro recurso senão encomendar-se ao Senhor, implorar as luzes divinas, fazer o que Deus lhe inspire para o bem da Igreja e das almas. Esta é a melhor solução e este o conselho que o senhor deverá dar ao senhor Claret em nome também do Santo Padre”.

846. Procurei traduzir literalmente a dita resposta, a fim de que o senhor conheça com toda a exatidão a opinião do santo Padre. Esta se reduz ao seguinte: rogue a Deus que o ilumine e, então, conforme a inspiração do Senhor, continue, ou não, no cargo de confessor de sua majestade. O santo Padre, sem impor nenhum desses dois extremos, não desaprová a resolução tomada à luz da especial assistência do Senhor.

847. Permita-me uma observação sobre a resposta do santo Padre. Ele não disse, é verdade, que o senhor continue no cargo de confessor, porém tampouco diz que o deixe. Portanto, o Senhor não agiria contra seus deveres, nem desgostaria o santo Padre. Se não houvesse ambas as possibilidades, o santo padre teria dito para o senhor não continuar no cargo. O motivo pelo qual não chegou a afirmar a conveniência do senhor continuar no cargo, não é por ter certeza de que o senhor faria uma ação censurável, mas só porque não deseja que o senhor a faça se a julga contrária à sua consciência.

848. De tudo isso, o que mais importa é resolver a questão, por isso imploro do Senhor as santas luzes de sabedoria e prudência para decidir se deve ou não, de acordo com a sua consciência, continuar por mais tempo na Corte. Bem sei que suas aspirações, suas tendências, seus desejos, seriam de deixar a corte o mais rápido possível e com razões de sobra para ficar tranqüilo com a decisão. Porém, o senhor me indica que as aspirações, as tendências, os desejos não são a consciência, e aqui única e exclusivamente se trata da consciência.

849. A franca e clara declaração publicada tirou toda dúvida sobre seu modo de pensar a respeito do reconhecimento do reino da Itália. 67 Ninguém, a partir de agora, poderá suspeitar que o senhor não esteja em conformidade com os bispos e com o sentimento católico, tão expressivamente manifestado; ou que oculta ou dissimula sua opinião para não deixar o palácio. Seu afastamento tornaria difícil a prestação de inúmeros serviços à Igreja,

especialmente na eleição de bispos. O fato ocasionaria também, segundo a opinião do povo fiel e do clero, grave dano à rainha. Estas duas últimas reflexões são de máxima importância e merecem a mais séria meditação. Quanto à primeira, creio não ser necessário nenhuma recomendação ao senhor; quanto à segunda, somente recordar-lhe a conspiração revolucionária contra sua majestade, especialmente porque no fundo de seu coração é católica e fiel ao papa. E que será se os bons também se tornam inimigos de sua causa como imprudentemente se procura? Quais serão as consequências, seja para o Reino, seja para a Igreja?

850. O santo padre professa todo afeto à sua majestade; deplora profundamente o reconhecimento da Itália; porém, como sabe que também a rainha o deplora, se compadece afetuosamente dela, se não soube ou não pôde dominar as circunstâncias.

851. Espero que, com a graça de Deus sua saúde tenha dado sinais de melhora; que mande notícias, especialmente sua resolução. Não se esqueça, em suas orações, daquele que sempre lhe devota especial carinho. Seu caro irmão, Lourenço, arcebispo de Tiana. Madri, 29 de julho de 1865.

852. Vic, 23 de agosto de 1865. Não sabendo o que fazer com relação a voltar para a Corte, ou não, comuniquei-o ao superior-geral da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Ele confiou o problema aos quatro consultores da Congregação, para que todos o recomendassem a Deus até que chegasse o dia marcado para uma reunião. 68 Realmente, encontramos-nos no dia marcado, e os cinco votos foram assim distribuídos: três para que não voltasse à corte e dois para que retornasse. Em vista disso, resolvi não voltar, mas dispus-me a continuar pregando retiros espirituais e outras atividades semelhantes. 69

Capítulo XXI

Em minha defesa 70

853. O senhor Claret, arcebispo de Trajanópolis, confessor de sua majestade, estava resolvido a escutar em silêncio, por tempo indeterminado, as conjecturas, ora errôneas, ora caluniosas dirigidas a ele há anos, na espera de Deus, a quem orava por seus autores para que lhes iluminasse o entendimento ou apaziguasse a malícia de seus detratores.

854. Atendendo, porém, a insistentes pedidos de pessoas que, além de respeitá-lo e amá-lo como merece, julgam importante para a Igreja desmentir ou retificar tais manifestações, ousamos publicar a seguinte resenha de suas obras; resenha redigida por pessoa fidedigna e bem informada dos acontecimentos. De nossa parte, somente tomamos a liberdade de acrescentar uma coisa: que Claret deveria, a todo custo, fugir de tudo que tivesse caráter político, pois correria o risco de deixar de fazer o bem em favor dos interesses da Igreja, enquanto apolítica os fere e despreza.

855. Nasceu o excelentíssimo senhor Arcebispo Claret, na vila de Sallent, província de Barcelona, diocese de Vic; ali mesmo cursou as primeiras letras, sendo depois enviado pelos pais a Barcelona, onde aprendeu desenho na Lonja, pela qual foi várias vezes premiado. Estudou química, ciências, francês e, como se sentisse chamado para a carreira eclesiástica,

estudou latim. O bispo, d. Pablo de Jesus de Corcuera, enviou-o para o seminário de Vic, em cujos livros de matrícula consta sua aprovação com elogios em todos os anos da carreira.

856. Em 1834, com título de Benefício, foi ordenado *in sacris* com o senhor Balmes, sendo este o primeiro dos diáconos e Claret o primeiro dos subdiáconos. Na missa solene de ordenação, Balmes cantou o evangelho e Claret a epístola. Ambos foram sempre muito amigos e passavam juntos muitas horas na biblioteca episcopal estudando em uma mesma mesa.

857. Aos 13 de junho de 1835, foi ordenado presbítero e, no dia 21 cantou a primeira missa em sua própria pátria por ser ali a sede do benefício em vista do qual fora ordenado.

858. De 1835 a 1839, anos em que ali morou, seu superior eclesiástico pediu-lhe que assumisse o cargo de pároco da mesma paróquia, na qual trabalhou dois anos e mais dois de ecônomo. Deve-se salientar que a vila de Sallent, naqueles anos, estava a favor de Isabel II. Estando o padre Claret à frente da paróquia e, ainda mais como superior da comunidade de beneficiados do lugar, tornou-se muito conhecido e respeitado por todas as autoridades. Pertenciam a essa mesma corte de Madri o excelentíssimo senhor barão de Meer, então capitão-geral de Catalunha, e o excelentíssimo senhor marquês de Novaliches, com quem sempre andava junto, os dois são testemunhas oculares, pois no decurso de quatro anos estiveram muitas vezes naquela povoação. O capitão-geral hospedava-se na casa Claret, que é a principal da povoação. Claret ia visitá-lo como autoridade eclesiástica. Encontravam-se, tanto na casa paroquial na qual vivia, como na que o general se hospedava. Assim, estas duas autorizadas testemunhas servem de solene desmentido aos que, por finalidades escusas, dizem que foi faccioso.

859. No início de outubro de 1839, desejoso de entregar-se às missões estrangeiras, foi a Roma, onde permaneceu até meados do mês de março do ano seguinte, época em que foi acometido de reumatismo, por causada muita chuva e intensa umidade. Como remédio para a cura, os médicos o aconselharam a voltar para a Espanha.

860. Há pouco tempo de haver voltado restabeleceu-se completamente, e o superior eclesiástico enviou-o para a paróquia de Viladrau. Daí começou a pregar missões por toda a Catalunha. Era conhecido por Mosén Claret, nome normalmente dado aos sacerdotes em toda Catalunha. Porém, em 1846, durante a pregação do mês de Maria em Lérida, começaram a chamá-lo de Padre Claret. Vendo-o constantemente em missão, talvez tenham pensado tratar-se de algum dos religiosos franciscanos do convento de Escornalbou, homens apostólicos consagrados às missões. Daí vem, sem dúvida, o nome, atribuído pelos que ignoravam sua história.

861. No começo de 1848, encontrava-se de passagem pela corte. Nela pregou a convite de d. Buenaventura Codina, bispo das Canárias. Depois levou-o consigo e esteve pregando missões naquelas Ilhas até meados de 1849.

862. No dia quatro de agosto do mesmo ano, foi nomeado bispo de Cuba, dignidade que quis a todo custo renunciar, até que, por ordem do bispo de Vic e de seu diretor espiritual, aceitou, no dia quatro de outubro. Foi sagrado bispo em Vic, no dia seis do mesmo mês do ano

seguinte. Quando d. Brunelli, núncio de sua santidade naqueles anos, chegou a esta corte, lhe impôs o púlpito. Imediatamente dirigiu-se à sua diocese. Em março de 1857, foi nomeado confessor de sua majestade.

863. Foi caluniado em três pontos, nesses últimos anos: 1o - que fora faccioso “trabucaire” (antigo rebelde catalão, armado de trabuco) o que se demonstrou ser totalmente falso.

864. 2o - Foi caluniado supondo que se tivesse comprometido com apolítica. Que se pergunte a todos os ministros desde o ano de 1857 até o presente. Jamais, oralmente ou por escrito, se comprometeu com política, por seja lá o que fosse. 71

865. 3o - Foi atrocemente caluniado em seus piedosos e instrutivos escritos, chegando-se à vileza e infâmia extremas de adulterar seus livros, entre os muitos que o senhor Claret escreveu. Entre eles, encontra-se El Ramillete (O Ramalhete): este opúsculo contém uma seleção de orações de ação de graças, intercessão e orações com atos de amor; os inimigos o substituíram por outro com o mesmo título, mas com ilustrações e figuras tão libidinosas e obscenas jamais vistas, tudo atribuído ao senhor Claret. 72

866. O mesmo fizeram com o folheto chamado Chave de ouro. Estando em sua diocese de Cuba, dirigindo ele mesmo as conferências aos sacerdotes recém ordenados, a fim de instruí-los teórica e praticamente na administração dos sacramentos, escreveu um livro com esse título que, com a maior rapidez, se estendeu por todas as dioceses da Espanha; era motivo de felicitação por parte dos prelados. Pois bem, que fizeram os inimigos? Escreveram um opúsculo com esse mesmo nome, com figuras obscenas e as explicações mais repugnantes, atribuindo a autoria também ao padre Claret. Há mais de dez anos o livro era usado pelos sacerdotes. No último ano apareceu esta coisa infernal, com o mesmo nome, para manchar, como se o pudessem, aquele livro e seu autor. 73

867. Os amigos, por várias vezes, disseram ao padre Claret que se defendesse; porém, ele sempre se negou a fazer isso, dizendo que a melhor maneira de se defender era não fazer caso e, ao mesmo tempo, rezar por eles, como fez Jesus do alto da cruz, dizendo: Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem nem o que dizem, 74 pois esses desventurados não sabem o que fazem nem o que dizem a si mesmos.

868. Respeitamos seu silêncio e sua oração, no entanto, a caridade e a justiça exigem que se publiquem estas verdades, por dois motivos: primeiramente para confusão dos maus, tirando-lhes a máscara atrás da qual se escondem; em segundo lugar, para avisar os incautos, a fim de que não se deixem enganar por semelhantes calúnias e imposturas que continuamente inventam contra o padre Claret, como fizeram os judeus contra Jesus. 75 Tirado do jornal La Esperanza, do dia 24 de janeiro de 1865, e é verdade o que diz.

Capítulo XXII

1865: Le Monde publica notícias do Escorial 76

869. A revolução e seus “condottieri”, disciplinados sob o nome de franco-maçons, esforçam-se para apagar o ensino religioso e a fé católica da Espanha e subordinar a política nacional

aos interesses comerciais da Inglaterra. 77 A Igreja espanhola, despojada dos seus bens e do auxílio valioso das ordens religiosas, demonstrou, no entanto, mediante a adesão unânime ao soberano pontífice, e por seus perseverantes esforços contra a imprensa irreligiosa, fortalecer-se e revigorar-se para os combates decisivos que afirmarão a liberdade soberana da Igreja de Jesus Cristo. Uma das obras mais notáveis do episcopado espanhol é a reestruturação do seminário do Escorial, levada a efeito pelo excelentíssimo e ilustríssimo d. Claret, arcebispo de Trajanópolis, sob os auspícios de sua majestade a rainha Isabel II.

870. Foi este prelado heróico quem, apoiando a rainha em meio à debilidade de seus ministros constitucionais, resolveu formar um estabelecimento que fosse modelo de ensino eclesiástico e, através de seus esforços e dos de d. Dionísio González Mendoza, vice-presidente, o seminário do Escorial oferece as mais brilhantes esperanças. Adotou o plano de estudos de outros seminários, destinando dois anos à filosofia, um à física e sete à teologia.

871. O senhor González, versado nas ciências modernas e homem de espírito eminentemente prático, tendo em conta que os jovens teólogos teriam necessidade de fazer frente aos erros vindos do exterior e, sobretudo, à filosofia alemã de Strauss, Hegel e Schelling, a fim de combatê-los, determinou que os jovens alunos de teologia dominassem a língua alemã. E já setenta alunos lêem com notável facilidade as obras escritas nesta língua. Estuda-se também, de uma maneira completa, o Francês e o Inglês. Além disso, o Hebraico e o Grego, por constar no programa. Muitos estudam também o Árabe. Um sábio professor deste seminário fez uma compilação das gramáticas grega, alemã e inglesa para uso do próprio seminário. Os teólogos terão, em breve, um curso de arqueologia eclesiástica e demais ciências afins às ciências sagradas.

872. As excelentes disposições e as notáveis faculdades intelectuais dos estudantes prometem notáveis frutos do seminário do Escorial regenerado. No caderno chamado “Apuntes” (anotações) encontram-se notícias mais extensas a respeito do Escorial. 78